COLLECÇÃO

DE

NOTICIAS PARA A HISTORIA DAS NAÇÕES ULTRAMARINAS,

QUE VIVEM

NOS

DOMINIOS PORTUGUEZES,

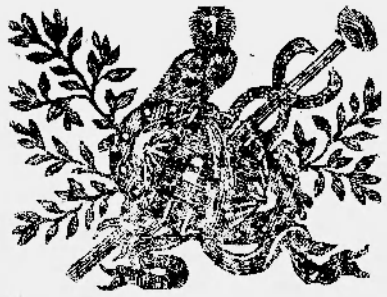
OU LHES SÃO VISINHAS:

PUBLICADA

PELA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS.

TOMO III. PARTE II.



LISBOA

NA TYPOGRAFIA DA MESMA ACADEMIA.

1826.

Com licença de SUA MAGESTADE.

BIBLIOTECA NACIONAL
S. L. R.
9.270
53

N.º I.

NOTICIA
DO
BRAZIL,
DESCRIPÇÃO VERDADEIRA
DA
COSTA DAQUELLE ESTADO,
QUE PERTENCE A' COROA
DO
REINO DE PORTUGAL,
SITIO DA BAHIA DE TODOS OS SANTOS.

EPISTOLA
DO
AUTOR
A D. CHRISTOVÃO DE MOURA
Do Conselho de Estado.

OBrigado de minha curiozidade fiz por espaço de 17 annos, que rezidi no estado do Brazil, muitas lembranças por escrito, do que me pareceo digno de notar, as quaes tirei a limpo nesta corte em este caderno, emquanto a dilação de meus requerimentos me deo para isso lugar, ao que me dispuz entendendo convir ao serviço de El-Rey nosso Senhor. E compadecendo-me da pouca noticia, que nestes Reinos se tem das grandezas, e estranhezas desta provincia, no que anteparei algumas vezes movido do conhecimento de mim mesmo; e entendendo, que as obras, que se escrevem, não tem mais valor que o da reputação dos autores dellas; como minha tenção não foi escrever historia, que deleitasse com estilo e boa linguagem, não espero tirar louvor desta escritura, e breve relação, em que se contém, o que pude alcançar da cosmographia, e descripção deste estado, que a V. S. offereço, me fará merce aceitalo, como está merecendo a vontade, com que o offereço, passando pelos desconcertos della, pois a confiança disso me fez suave o trabalho, e tempo, que em o escrever gastei, de cuja substancia se podem fazer muitas lembranças a S. Magestade, paraque folgue de as ter deste seu estado para o engrandecer como está merecendo, a quem V. S. faça dar a valia, que lhe he devida, paraque os moradores delle roguem a N. Snr. guarde a mui illustre pessoa de V. S., e lhe accrescente a vida por muitos annos. Em Madrid o 1.º de Março de 1589.

DECLARAÇÃO,

E RESOLUÇÃO DO QUE SE CONTEM NESTE CADERNO.

COmo todas as couzas tem fim, convem que tenhão principio, e como o de minha pertenção he manifestar a grandeza, fertilidade, e outras grandes partes que tem a Bahia de todos os Santos, e o mais estado do Brazil, do que se os Reis passados tanto se descuidárão, a ElRey nosso Senhor convém, e ao bem de seu serviço, que lhe mostre por estas lembranças os grandes merecimentos deste seu estado. As qualidades e estranhezas delle he, paraque lhe ponha os olhos, e bafeje com seu poder, com o qual se engrandeça e estenda a felicidade, com que se engrandecerão todos os estados, que reinão debaixo da sua protecção; porque está muito desamparado, depoisque ElRey D. João III passou desta vida para a eterna, a qual principiou com tanto zelo, que para o engrandecer meteo nisso tanto cabedal, como he notorio, o qual se vivera mais dez annos, deixara nelle edificadas muitas cidades, villas, e fortalezas mui populozas, o que se não efeituou depois do seu falecimento, antes se arruinárão algũas povoações, que em seu tempo se fizerão. Em seu reparo, e acrescentamento estará bem empregado todo o cuidado, que S. Magestade mandar ter deste novo Reino; pois está capaz para se edificar nelle hum grande Imperio, o qual com pouca despeza destes Reinos se fará tão soberano, que seja hum dos estados do mundo, porque tem de costa mais de mil legoas, como se verá por este Tratado no tocante a cosmographia delle. Sua terra he quasi toda muito fertil, mui sadia, fresca, lavada de bons ares, e regada de frescas e frias agoas, pela qual costa tem muitos, mui seguros e grandes portos para nelles entrarem grandes armadas com muita facilidade, para as quaes tem mais quantidade de madeira que nenhuma parte do mundo, e outros muitos aparelhos para se poderem fazer. He esta provincia mui abastada de mantimentos de muita

substancia e menos trabalhozos que os de Espanha, dáo-se muitas carnes assim naturaes della como das de Portugal, e maravilhozos pescados, onde se dáo melhores algodões que em outra parte sabida, e muitos assucares tambem como na ilha Madeira, tem muito páo, de que se fazem as tintas, em algumas partes delle se dá trigo, cevada, e vinho muito bom, e em todas os frutos e sementes de Espanha, do que haverá muita quantidade, se S. Magestade mandar prover nisso com muita instancia, e no descobrimento dos metaes, que nesta terra ha, porque lhe não falta ferro, aço, cobre, ouro, esmeraldas, cristal, e muito salitre, em cuja costa sae do mar todos os annos muito e bom ambar, e de todas estas e outras podião vir todos os annos a estes Reinos em tanta abundancia, que se escuzem os que vem a elles dos estrangeiros, o que se pode facilitar sem S. Magestade meter mais cabedal neste estado que o rendimento delle nos primeiros annos; com o que o pode mandar fortificar e prover do necessario a sua defensão, o qual está hoje em tamanho perigo, que se nisso cahirem os cossarios, com muito pequena armada se senhorearão desta provincia por rasão de não estarem as povoações della fortificadas, nem terem ordem, com que possão resistir a qualquer afronta, que se offerecer, do que vivem os moradores della tão temorizados, que estão sempre com o fato entrouxado para se recolherem para o mato, como fazem com a vista de qualquer náo grande, temendo-se serem cossarios, a cuja afronta S. Magestade deve mandar acudir com muita brevidade, pois ha perigo na tardança, o que não convem que haja, porque se os estrangeiros se apoderarem desta terra custará muito lançalos fóra della, pelo grande aparelho que tem para nella se fortificarem, com o que se inquietará toda Espanha, e custava a vida de muitos capitães e soldados, e muitos milhões de ouro em armadas, e no aparelho dellas, ao que agora se pode atalhar acudindo-lhe com a presteza devida. Não se cre, que S. Magestade não tenha acudido a isto por falta de providencia, pois lhe sobeja para as maiores emprezas do mundo, mas de informação do sobredito, que lhe não tem dado quem disso tem obrigação. E como a eu tambem tenho de seu leal vassallo, satisfaço da minha parte, com o que se contem neste memorial, que ordenei pela maneira seguinte.

NO,

NOTICIA DO BRAZIL,

DESCRIPÇÃO VERDADEIRA DA COSTA DAQUELLE ESTADO, QUE PERTENCE A' COROA DO REYNO DE PORTUGAL, SITIO DA BAHIA DE TODOS OS SANTOS.

CAPITULO I.

Em que se declara quem forão os primeiros descobridores da provincia do Brazil, e como está arrumada.

A PROVINCIA do Brazil está situada além da linha equinocial da parte do sul, debaixo da qual começa ella a correr junto do rio, que se diz das Amazonas, onde se principia o norte da linha da demarcação e repartição, e vai correndo esta linha pelo certão desta provincia até 45 gráos pouco mais ou menos. Esta terra se descubrio a 25 dias do mez de Abril de 1500 annos por Pedro Alvares Cabral, que neste tempo hía por capitão mór para a India por mandado d'ElRey D. Manoel, em cujo nome tomou posse desta provincia, onde agora he a capitania do Porroseguro no lugar, onde já esteve a villa de santa Cruz, que assim se chamou por se aqui arvorar huma muito grande por mandado de Pedro Alvares Cabral, ao pé da qual mandou dizer em seu dia a tres de Maio huma solemne missa com muita festa, pelo qual respeito se chama a villa do mesmo nome, e a provincia muitos annos foi nomeada por de santa Cruz, e de muitos nova Lusitania, e para solemnidade desta posse plantou este capitão no mesmo lugar hum padrão com armas de Por-

tu-

cugal, dos que trazia para o descobrimento da India, para onde levava sua derrota. A estas partes foi depois mandado por S. A. Gonsalo Coelho com tres caravelas da armada, paraque descubrisse esta costa, com as quaes andou por ellas muitos mezes buscando-lhe os portos e rios, em muitos dos quaes entrou, e assentou marcos dos que para este descobrimento levava; no que passou grandes trabalhos pela pouca esperança e informação, que se até então tinha de como a costa corria, e do curso dos ventos com que se navegava. Recolhendo-se Gonsalo Coelho com perda de dois navios com as informações, que pôde alcançar, as veio dar a ElRey D. João o III, que já neste tempo reinava, o qual logo ordenou outra armada de caravelas que mandou a estas conquistas, a qual entregou a Christovão Jaques fidalgo da sua casa, que nella foi por capitão mór, o qual foi continuando no descobrimento desta costa, e trabalhou hum bom pedaço por achar a navegação della, e prantou em muitas partes padrões que para isso levava. Contestando com a obrigação do seu regimento, e andando correndo a costa foi dar com a boca da Bahia, a que poz o nome de todos os Santos, pela qual entrou dentro, e andou especulando por ella todos os seus reconcavos em hum dos quaes, a que chamão o rio do Paragoasu, achou duas náos Francezas que estavão ancoradas resgatando com o gentio, com as quaes se poz ás bombardas, e as meteo no fundo, com o que se satisfez, e recolheo-se para o Reino, onde deu suas informações a S. A., que com ellas, e com as primeiras, e outras, que lhe tinha dado Pedro Lopes de Souza, que por esta costa tambem tinha andado com outra armada, ordenou de fazer povoar esta provincia, e repartir a terra della por capitães e pessoas que se offerecêrão a meter nisso todo o cabedal de suas fazendas, do que faremos particular menção em seu lugar.

CAPITULO II.

Em que se declara a repartição que fizerão os Reis Catholicos de Castella com ElRey D. Joao II de Portugal.

PAra se ficar bem entendendo aonde demora, e se estende o estado do Brazil, convem que em summa declaremos como se houverão os Reis na repartição de suas conquistas, o que se fez por esta maneira. Os Reys Catholicos de Castella D. Fernando e D. Izabel sua mulher, tinhão começado de entender no descobrimento das Indias occidentaes, e algumas ilhas, e porque esperavão de hir este descobrimento em tanto crescimento como foi, para atalharem as differenças que sobre isso se podião offerecer, concertarão-se com ElRey D. João o II de Portugal, se fizesse huma repartição liquida para cada hum mandar conquistar para a sua parte livremente sem escrupulo de se prejudicarem. Acordados os Reis desta maneira derão conta ao Papa Clemente VII, que além de o approvar o louvou muito. E como tiverão o consentimento de S. Santidade ordenárão a repartição desta concordancia fazendo balança na ilha das do cabo verde de barlavento mais occidental, que se entende a de Santo Antão, e contando della vinte e hum gráo e meio equinocial de dezasete legoas e meia cada gráo, e lançada daqui huma linha meridiana de norte sul, que ficassem as terras e ilhas, que estavão por descobrir, para a parte do oriente da coroa de Portugal, e lançada esta linha mental como está declarado, fica o estado do Brazil da dita coroa, o qual se começa além da ponta do rio das Amazonas da banda de oeste pela terra das Charibas donde se principia o norte desta provincia, e indo correndo esta linha pelo certão della ao sul parte o Brazil e conquistas delle alem da bahia de S. Mathias por 45 gráos pouco mais ou menos, distantes da linha equinocial e altura do pólo antartico, e por esta conta tem de costa mil e cincoenta legoas, como pelas cartas se pode ver segundo a opinião de Pedro Nunes, que nesta arte atinou melhor que todos os do seu tempo.

CAPITULO III.

Em que se declara o principio donde começa a correr a costa do estado do Brazil.

MOstra-se claramente, segundo o que se contem neste capitulo atraz, que se começa a costa do Brazil além do rio das Amazonas, da banda de oeste pela terra que se diz Charibas do rio de Vicente Pinson, que demora debaixo da linha, deste rio de Vicente Pinson á ponta do rio das Amazonas, a que chamão o cabo Cortozão, 15 legoas, a qual ponta está debaixo da linha equinocial; desta ponta do rio á outra ponta da banda de leste são 36 legoas, e ao mar 12 legoas da boca deste rio estão 17 ilhas, as quaes demorão em altura de hum terço de grão de banda do sul. Estas ilhas se mostrão na carta mais chegadas á terra, o que he erro manifesto. Nestas ilhas ha bons portos para surgirem navios, mas para bem hão se de buscar de baixamar, nordeste sudoeste, porque nesta conjunção se descobre melhor o canal. E este rio chamão o gentio mar doce por ser hum dos maiores do mundo, o qual he muito povoado de gentio domestico, e bem acondicionado; e segundo a informação, que se deste rio tem, vem do certão mais de mil legoas até o mar, pelo qual ha muitas ilhas grandes e pequenas quasi todas povoadas de gentio de differentes nações e costumes, e muito delle costuma pelejar com settas ervadas. Toda a gente, que por estas ilhas vive, anda despida ao modo do mais gentio do Brazil, e uzão dos mesmos mantimentos, e muita parte dos seus costumes; e na boca deste rio, e por elle acima algumas legoas com parte da costa da banda de leste, he povoado de Tapuias, gente branda, e mais tratavel, e domestica que o mais gentio que ha na costa do Brazil, de cujos costumes diremos ao diante em seu lugar.

CA-

CAPITULO IV.

Em que se dão em summa algumas informações, que se tem deste rio das Amazonas.

COmo não ha couza que se encubra aos homens, que querem cometter grandes emprezas, não pôde estar encuberto este rio dó mar doce ou das Amazonas ao capitão Francisco de Arelhana, que, andando na conquista do Peru em companhia do governador Francisco Pissarro, e indo por seu mandado com certa gente de cavallo descobrindo a terra, entrou por ella dentro tanto espaço, que se achou perto do nascimento deste rio. Vendo-o tão caudaloso fez junto delle embarcações segundo o costume daquellas partes, em as quaes se embarcou com a gente que trazia, e se veio por este rio abaixo, em o qual se houvera de perder por levar grande furia a correnteza, e com muito trabalho tornou a tomar porto em povoado; na qual jornada teve muitos encontros de guerra com o gentio, e com hum grande exercito de mulheres, que com elle pelejárão com arcos e flexas, donde o rio tomou o nome das Amazonas. Livrando-se este capitão deste perigo, e dos mais, poronde passou, veio tanto por este rio abaixo, atéque chegou ao mar, e delle chegou a huma ilha que se chama a Margarita, donde se passou a Espanha. Dando suas informações ao Imperador Carlos V, que está em gloria, lhe ordenou huma armada de quatro náos para cometter esta empreza, em a qual partio do porto de São Lucar com sua mulher para hir povoar a boca deste rio, e o hir conquistando por elle acima, o que não houve effeito por na mesma boca deste rio falecer este capitão de sua doença, donde sua mulher se tornou com a mesma armada para Espanha. Neste tempo pouco mais ou menos andava correndo a costa do Brazil em huma caravella como aventureiro Luiz de Mello da Silva, filho do alcaide mór de Elvas, o qual querendo passar a Pernambuco desgarrou com o tempo e as aguas por esta costa abaixo, e vindo correndo a ribeira, entrou no rio do Maranhão, e neste das Amazonas, de cuja grandeza se contentou muito, e tomou lingoa do gentio, de cuja facilidade ficou satisfeito, e muito mais das gran-

grandes informações, que na ilha da Margarita lhe derão alguns soldados que ali achou, que ficarão do capitão Francisco de Arelhana, os quaes facilitárão a Luiz de Mello a navegação deste rio, e que com pouco cabedal e trabalho adquirisse por elle acima muito ouro e prata, Do que movido Luiz de Mello se veio a Espanha, e alcançou licença de ElRey D. João III de Portugal para armar á sua custa, e cometter esta empreza, para o que se fez prestes da cidade de Lisboa, e partiu do porto della com tres náos, e duas caravelas, com as quaes se perdeu nos baixos do Maranhão com a maior parte da gente, que levava; e elle com algumas pessoas escapárão nos bateis, e huma caravella, em que foi ter ás Antilhas. E depois de este fidalgo ser em Portugal se passou á India, onde acabou valerosos feitos, e vindo-se para o Reino muito rico, e com tenção de tornar a cometter esta jornada, acabou no caminho em a náo S. Francisco, que desappareceo sem até hoje se saber novas delle.

CAPITULO V.

Que declara a costa da ponta do rio das Amazonas até o do Maranhão.

A Ponta do leste deste rio das Amazonas está em hum gráo da banda do sul; desta ponta ao rio da Lama são 35 legoas, a qual está em altura de hum grao e tres quartos, e indaque este rio se chame da Lama, podem entrar por elle dentro, e estarem muito seguras de todo o tempo náos de 200 toneis, o qual rio entra pela terra dentro muitas legoas. Deste rio á ponta dos baixos são nove legoas, a qual está na mesma altura de hum gráo e $\frac{1}{4}$. Nesta ponta ha abrigada para os barcos da costa poderem ancorar. Da ponta dos baixos á ponta do rio do Maranhão são dez legoas, onde chega a serra escalvada, e entre ponta e ponta tem a costa algumas abrigadas, onde podem ancorar navios da costa, a qual ponta está em dois gráos da banda do sul, e atequi se corre a costa noroeste, sueste, e tomada quarta de leste, oeste; e desta ponta do rio á outra parte são 17 legoas, a qual está em altura de dois gráos e tres quartos. Tem este rio

do

do Maranhão na boca entre ponta e ponta dellas para dentro huma ilha, que he chamada das Vacas, que será de tres legoas, onde esteve Aires da Cunha, quando se perdeu com sua armada nestes baixos; e aqui nesta ilha estiverão tambem os filhos de João de Barros, e a riverão povoada, quando se tambem perdêrão nos baixos deste rio, onde fizerão pazes com o gentio Tapuia, que tem povoado parte desta costa e por este rio acima, onde mandavão resgatar mantimentos, e outras cousas para remedio de sua mantença. Por este rio entrou tambem logo hum piloto da costa com hum caravelão, e foi por elle acima algumas 20 legoas, onde achou muitas ilhas cheias de arvoredo, e a terra dellas alcantilada com sofrivel fundo, o qual faz muitos braços, em que entrão muitos rios, que se metem neste, o qual afirmou ser toda a terra fresca, cheia de arvoredo, e povoada de gentio, e as ilhas tambem. Neste rio entra o de Pinare, que vem de muito longe. Para se entrar neste rio do Maranhão vindo do mar em fora ha se de chegar bem a terra da banda de leste por fugir dos baixos, e do aparcelado; e quem entrar por entre ella e a ilha entra seguro. Quem houver de hir deste rio do Maranhão para o da Lama, ou para o das Amazonas ha-se de lançar por fora dos baixos com a sonda na mão, e não vá por menos de doze braças, porque esta costa até quasi dez legoas ao mar vaza, e enche nella a maré muito depressa, e em conjunção de lua tem grandes macareos; mas para bem não se ha-de cometter o canal de nenhum destes rios senão de baixamar na costa, o que se pode saber pela lua, seja pelos grandes perigos, que nesta entrada se offerecem assi de macareos como por espraiar, e espalhar o mar oito ou dez legoas da terra, pelo que he forçado chegar-se a terra de baixamar, pois então se descobre o canal muito bem, e neste rio do Maranhão não podem entrar por este respeito navios grandes.

CAPITULO VI.

Em que se declara a costa do rio do Maranhão até o Rio grande.

ATraz fica dito como a ponta do sueste do rio do Maranhão, que se chama esparcelada está em dois gráos e 4. Desta ponta á bahia dos Santos são 13 legoas, a qual está na mesma altura, e esta bahia he muito suja, e tem alguns ilheos, mas tambem entrão nella muitos navios da costa, onde tem surgidouro, e boa abrigada, e maneira para se fazer agoada nella. Desta bahia dos Santos ao rio de João de Lisboa são quatro legoas, a qual está em dois gráos: nesta bahia estão algumas ilhas alagadas da maré de agoas vivas por entre as quaes entrão caravelões, e surgem á vontade. Desta bahia ao rio do meio são 17 legoas, a qual está na mesma altura de dois gráos, onde tambem entrão caravelões. Entre este rio ou bahia dos Reis entra outro rio, que se chama do Parcel, onde tambem os navios da costa tem boa colheita. Deste rio do meio á bahia de anno bom são 11 legoas, a qual costa está na mesma altura de dois gráos, aonde entrão navios da costa, e tem muito boa colheita, a qual bahia tem huma grande baixa no meio, e dentro nella se vem meter no mar o rio grande dos Tapuias, e se navega hum grande espaço pela terra dentro, e vem de muito longe; o qual se chama dos Tapuias por elles virem por elle abaixo em canoas a mariscar ao mar desta bahia, da qual á bahia da Coroa são 10 legoas, e está na mesma altura onde entrão e surgem caravelões da costa. Da bahia da Coroa até o rio grande são tres legoas, onde começaremos o Capitulo seguinte, e corre-se a costa atéqui leste oeste.

CAPITULO VII.

Em que se declara a costa do rio grande até o de Tagoarive.

COmo fica dito o rio grande está em dois gráos da parte do sul, o qual vem de muito longe, e traz muita agua, por se meterem nelle muitos rios: e segundo a in-

informação do gentio nasce de huma alagoa, em que se afirma acharem-se muitas perolas. Perdendo-se haverá 16 annos hum navio nos baixos do Maranhão, da gente que escapou delle vinda por terra, afirmou hum Nicoláo de Rezende desta companhia, que a terra toda ao longo do mar até este rio grande era escalvada a mor parte della, e outra cheia de palmares bravos, e que achára huma alagoa muito grande, que seria de 20 legoas pouco mais ou menos, e que ao longo della era a terra fresca e coberta de arvoredo, e que mais adiante achára outra muito maior, a que não vira o fim, mas que a terra, que vezinhava com ella, era fresca, e escalvada, e que em huma e em outra havia grandes pescarias, de que se aproveitavão os Tapuias, que vivião por esta costa, até este rio grande; dos quaes disse, que recebêra com os mais companheiros bom tratamento. Neste rio grande entrão navios da costa, e tem nelle boa colheita, o qual se navega com barcos algumas legoas. Deste rio grande ao dos Negros são sete legoas, o qual está em altura de dous gráos e hum quarto; e do rio dos Negros ás barreiras vermelhas são seis legoas, que estão na mesma altura, e em huma parte e outra tem os navios da costa surgidouro, e abrigada. Das barreiras vermelhas á ponta dos fumos são 4 legoas a qual está dois gráos e meio, em que tambem tem colheita os navios da costa. Afirma o gentio, que nasce este rio de huma alagoa, ou de junto della, onde tambem se crião perolas, e chama-se este rio da Cruz, porque se metem nelle perto do mar dois riachos em direito hum do outro, com que fica a agua em cruz. Deste rio ao do Parcel são oito legoas, o qual está em dois gráos e meio, e faz-se na boca deste rio huma bahia toda esparcellada. Do rio do Parcel á enseada do Macorive são 11 legoas, e está na mesma altura, a qual enseada he muito grande, e ao longo della navegão navios da costa, mas dentro em toda tem bom surgidouro e abrigo; e no rio das outras, que fica entre esta enseada, e a do Parcel, o tem tambem. Da enseada do Macorive ao monte de Li são 15 legoas, e está em altura de dois gráos e dois terços, aonde ha porto e abrigada para os navios da costa, e entre este porto e a enseada de Macorive tem os mesmos navios surgidouro e abrigada no porto que se diz dos Parceis. Do monte de Li ao rio de Jagoative são dez legoas, o qual está em dois gráos e ½, e

e junto da barra deste rio se mete outro nelle, que se chama o rio grande, que he extremo entre os Tapuias, e os Pitigoares. Neste rio entrão navios de honesto porte, até onde se corre a costa leste oeste; a terra daqui até o Maranhão he quasi toda escalvada, e quem quizer navegar por ella, e entrar em qualquer porto dos nomeados, hade entrar neste rio de Jagoarive por entre os baixos, e a terra, porque tudo até o Maranhão, e defronte da costa são baixos, e pode navegar sempre por entre elles e a terra, por fundo de tres braças, e duas e meia, achando tudo limpo, e quanto se chegar mais á terra achará mais fundo. Nesta boca do Jagoarive está huma enseada, onde navios de todo o porte podem ancorar, e estar seguros.

CAPITULO VIII.

Em que se declara a costa do rio de Jagoarive até o cabo de S. Roque.

DO rio de Jagoarive, de que se trata acima, até á bahia dos Arrecifes são oito legoas, a qual demora em altura de tres gráos. Nesta bahia se descobrem de baixamar muitas fontes de agua doce muito boa, onde bebem os peixes bois, de que aqui ha muitos, que se matão arpoando-os, assim o gentio que aqui vinha pitigoar, como dos caravelões da costa, que poraqui passão desgarrados, onde achão bom surgidouro, e abrigada. Desta bahia ao rio de S. Miguel são sete legoas, a qual está em tres gráos e hum quarto. Na barra deste rio está hum ilheo de arvoredo, que lhe faz duas barras, e na ponta delle he o cabo corço, em o qual entrão e surgem por qualquer destas barras os navios á vontade. Deste rio á barra das Tartarugas são 8 legoas, a qual está em altura de 3 gráos e $\frac{2}{3}$, em a qual os navios da costa surgem por acharem nella boa abrigada. Desta barra ao rio grande são 4 legoas, o qual está em altura de 4 graos. Este rio tem duas pontas sahidas ao mar, e entre huma e outra ha huma ilhota, que lhe faz duas barras, pelas quaes entrão navios da costa. Defronte deste rio se começão os baixos de S. Roque, e deste rio grande ao cabo de S. Roque são dez legoas, o qual está em altura de quatro graos e hum seismo: entre este cabo e a ponta do rio grande se

faz

faz de huma ponta a outra grande bahia, cuja terra he boa, e cheia de mato, em cuja ribeira ao longo do mar se acha muito sal feito. Defronte desta bahia estão os baixos de S. Roque, os quaes arrebentão em tres ordens, e entra-se nesta bahia por cinco canaes, que vem ter ao canal, que está entre hum arrecife e o outro, pelos quaes se acha fundo de dúas, tres, quatro, e cinco braças, por onde entrão os navios da costa á vontade.

CAPITULO IX.

Em que se declara a costa do cabo de S. Roque até o porto do Brazil.

DO cabo de S. Roque á ponta de Jagoarive são 6 legoas, a qual está em 4 graos e $\frac{1}{3}$, onde a costa he limpa, e a terra escalvada, de pouco arvoredo, e sem gentio. De Goaripari á enseada da Itapitanga são sete legoas, a qual está em 4 graos e $\frac{1}{4}$; da ponta desta enseada á ponta de Goaripari são tudo arrecifes, e entre elles e a terra entrão náos francezas, e surgem nesta enseada á vontade, sobre a qual está hum grande medão de area, a terra por aqui ao longo do mar está despovoada do gentio, por ser esteril e fraca. Da Itapitanga ao rio pequeno, a que os Indios chamão Baquipe, são 8 legoas, a qual está em 5 graos e hum seismo. Neste rio entrão chalupas francezas a resgatar com o gentio a carregá do páo da tinta, as quaes são das náos, que se recolhem na enseada da Itapitanga. Andando os filhos de Joáo de Barros correndo esta costa, depoisque se perdêrão, lhes matárão neste lugar os pitaguares com favor dos francezes induzidos delles certos homens. Deste rio pequeno ao outro rio grande são tres legoas, o qual está em altura de 5 graos e $\frac{1}{4}$; neste rio grande entrão, e podem entrar muitos navios de todo o porte, porque tem a barra funda de dezoito até seis braças, e entra-se nelle como pelo arrecife de Pernambuco, por ser da mesma feição. Tem este rio hum baixo á entrada da banda do norte, onde corre agua muito á vazante, e tem dentro algumas ilhas de Mangues, pelo qual vão barcos por elle acima, quinze ou vinte legoas, e vem de muito longe. Esta terra do rio grande he muito sofrivel, para es-

te rio se haver de povoar, em o qual se metem muitas ribeiras, em que se podem fazer engenhos de açucar pelo certão: neste rio ha muito páo de tinta, onde os francezes o vão carregar muitas vezes. Do rio grande ao porto dos Buzios são dez legoas, e está em altura de 5 gráos e $\frac{2}{3}$, entre este porto e o rio estão huns lençóes de area como os de Tapoam junto da Bahia de todos os Santos. Neste rio grande achou Diogo Paes de Pernambuco, lingoa do gentio, hum Castelhano entre os Pirigoares, os beiços furados como elles, entre os quaes andava havia muito tempo, o qual se embarcou em huma náo para França, porque servia de lingoa aos francezes entre o gentio nos seus resgates: neste porto dos Buzios entrão caravelões da costa em hum riacho, que neste lugar se vem meter no mar.

CAPITULO X.

Em que se declara a terra e costa do porto dos Buzios até a bahia de Treição, e como João de Barros mandou povoar a sua capitania.

DOs Buzios a Itacoatajara são nove legoas, e este rio se chama deste nome por estar em huma ponta delle huma pedra da feição de pipa como ilha, a que o gentio por este respeito poz este nome, que quer dizer, porto da pipa, mas o proprio nome do rio he Garatui, o qual está em altura de 6 gráos. Entre esta ponta e o porto dos Buzios está a enseada Tobatinga, onde tambem ha surgidouro, e abrigada para navios, em que de traz da ponta costumavão ancorar náos francezas, e fazer sua carga de páo da tinta. De Itacoatajara ao rio de Goaramatai são duas legoas, o qual está em 6 gráos esforçados; do Goaramatai ao rio de Caramative são duas legoas, o qual está em 6 gráos e $\frac{1}{4}$, e entre hum e outro rio está a enseada Aretipicaba, onde dos arrecifes para dentro entrão náos francezas, e fazem sua carga. Deste porto para baixo pouco mais ou menos se entende a capitania de João de Barros, feitor que foi da Caza da India, a quem ElRey D. João III de Portugal fez merce de cincoenta legoas de costa partindo com a capitania de Pedro Lopes de Souza de Tamaraqua. Dezejoso João de Barros de se aproveitar desta merce, fez á sua custa huma armada de na-

navios, em que embarcou muitos moradores com todo o necessario para se poder povoar esta sua capitania, e em a qual mandou dois filhos seus, que partirão com ella, e proseguindo logo sua viagem em busca da costa do Brazil forão tomar terra junto do rio do Maranhão, em cujos baixos se perdêrão. Deste naufragio escapou muita gente, com a qual os filhos de João de Barros se recolhêrão em huma ilha, que está na boca deste rio do Maranhão, aonde passárão muitos trabalhos por se não poderem communicar desta ilha com os moradores da capitania de Pernambuco, e das mais capitanias, os quaes depois de gastarem alguns annos despovoárão, e se vierão para este Reino. Nesta armada, e em outros navios, que João de Barros depois mandou por sua conta em soccorro de seus filhos, gastou muita soma de mil cruzados sem desta despeza lhe resultar nenhum proveito, como fica dito atraz. Tambem lhe matárão os Pitagoares muita gente, aonde se chama o rio pequeno.

CAPITULO XI.

Em que se declara a costa da bahia da Traição até a Paraiba.

DO rio de Camaratibe até á bahia da Traição são duas legoas, a qual está em cinco gráos e ⅓, onde ancorão náos francezas, e entrão dos arrecifes para dentro; chama-se esta bahia pelo gentio Pitagoar Acajutibiro, e os portuguezes da Traição, por com ella matarem huns poucos de castelhanos e portuguezes, que se nesta costa perdêrão. Nesta bahia fazem cada anno os francezes muito páo de tinta, e carregão delle muitas náos: e desta bahia de Traição ao rio Magoape são tres legoas, o qual está em 6 gráos e meio. Do rio do Magoape ao da Parahiba são cinco legoas, o qual está em seis gráos e ⅓, a este rio chamão na carta de marear de São Domingos, onde entrão náos de duzentos toneis, e no rio de Magoape entrão caravelas da costa, mas o rio de São Domingos se navega muito pela terra dentro, donde elle vem de bem longe. Tem este rio hum ilheo da boca para dentro, que lhe faz duas barras, e pela que está da banda do norte entrão caravelões, que navegão por entre a terra e os ar-

recifices até Tamaraqua, e pela outra banda entrão as náos grandes, e porque entrão cada anno neste rio náos francezas a carregar o páo da tinta, com que abatia o que hia para o reino das mais capitanias por conta dos portuguezes, e porque o gentio Pitagoar andava mui alevantado contra os moradores da capitania de Tamaraqua, e Pernambuco com o favor dos francezes, com os quaes fizerão nestas capitanias grandes damnos queimando engenhos, e outras muitas fazendas, em que matárão muitos homens brancos, e escravos; assentou S. Magestade de o mandar povoar e fortificar, para o que mandou a isso Fructuozo Barboza com muitos moradores, o que se começou a fazer com muito grande alvoroço dos moradores destas duas capitanias, mas foi Deos servido, que lhe sucedesse mal com lhe matarem os Piragoares, em cuja companhia andavão dos francezes trinta e seis homens, e alguns escravos em huma silada, com o qual sucesso se descontentárão muito os moradores de Pernambuco; e se desavierão com Fructuozo Barboza de feição, que se tornárão para suas cazas, e elle ficou impossibilitado para poder pôr em effeito o que lhe era encomendado, o que se depois effeituou com o favor e ajuda, que para isso deu Diogo Flores de Baldez general da armada, que foi ao estreito de Magalhães.

CAPITULO XII.

Em que se trata de como se tornou a cometer a povoação do rio da Paraiba.

NEsta Bahia de todos os Santos soube o general Diogo Flores vindo ahi do estreito de Magalhães com seis náos, que lhe ficárão da armada que levou, como os moradores de Pernambuco, e Tamaraqua pedião muito afincadamente ao governador Manoel Telles Barreto que então era do estado do Brazil, que os fosse socorrer contra o gentio Pitagoar, que os hia destruindo, com o favor e ajuda dos francezes, os quaes tinhão neste rio da Paraiba quatro navios para carregar do páo da tinta, e posto este negocio em conselho se assentou, que o governador naquella conjunção não era bem que sahisse da Bahia, pois não havia mais de seis mezes que era a elle chegado, onde tinha por prover em grandes negocios convenientes ao ser-

serviço de Deos e de ElRey, e do bem commum, mas que, pois naquelle porto estava o general Diogo Flores com aquella armada, e Diogo Vaz da Veiga com duas náos portuguezas da armada, em que do reino fôra o governador, das quaes vinha por capitão para o reino, que hum capitão, e outro fossem fazer este socorro indo por cabeça principal o capitão Diogo Flores de Baldez, o qual chegou a Pernambuco com a armada toda junta, com que veio o Ouvidor geral Martim Leitão, e o Provedor mór Martim Carvalho para em Pernambuco a favorecerem com gente, e mantimentos, como o fizerão, a qual gente foi por terra, e o general por mar com esta armada, com a qual ancorou fora da barra, e não entrou dentro com mais que com a sua fragata, e huma náo das de Diogo Vaz da Veiga, de que era capitão Pedro Correa de Lacerda, em a qual o mesmo Diogo Vaz hia, e com todos os bateis das outras náos. Em os francezes vendo esta armada pozerão fogo ás suas náos, e lançarão-se com o gentio, com o qual fizerão mostras de quererem impedir a desembarcação, o que lhe não servio de nada, que o general desembarcou a pé enxuto sem lho poderem impedir, e chegou a gente de Pernambuco, e Tamaraqua por terra com muitos escravos, e todos juntos ordenárão hum forte de terra e faxina onde se recolhêrão, no qual Diogo Flores deixou cento e tantos homens dos seus soldados com hum capitão para os caudilhar, que se chamava Francisco Castrejão, que se amaçou tão mal com Fructuozo Barboza não o querendo conhecer por governador, que foi forçado deixa-lo neste forte só, e ir-se para Pernambuco, donde se queixou a S. Magestade, paraque provesse sobre o caso como lhe pareceo mais seu serviço. E sendo auzente Fructuozo Barboza veio o gentio por algumas vezes afrontar este forte, e pollo em cerco, o qual sofreo mal o capitão Francisco Castrejão, e apertado dos trabalhos desamparou este forte, e o largou aos contrarios passando-se por terra á capitania de Tamaraqua, que he dahi 18 legoas, e pelo caminho lhe matou o gentio alguma gente que lhe ficou atraz, como forão mulheres, e outra gente fraca, mas sabendo os moradores de Pernambuco este destroço se ajuntárão, e tornárão a este rio da Paraiba com Fructuozo Barboza, e se tornarão a apoderar deste forte, o qual S. Magestade tem agora socorrido com gente

e munições e mantimentos necessarios; a quem se ajuntou huma aldea de gentio Tupinamba, que se apartou dos Pitagoares, e se veio viver á borda da agua para ajudar a favorecer este forte. Este rio da Paraiba he mui necessario fortificar-se, á huma por tirar esta ladroeira dos francezes delle, á outra por se povoar, pois he a terra capaz para isso, onde se podem fazer muitos engenhos de assucar. E povoado este rio, como convem, ficão seguros os engenhos da capitania de Tamaraqua, e alguns da de Pernambuco, que não lavrão com temor dos Pitagoares, e outros se tornão a reformar, que elles queimavão e destruirão, dos quaes Pitagoares he bem, que façamos este capitulo, que se segue, antesque saiamos do seu limite.

CAPITULO XIII.

Que trata da vida e costumes do gentio Pitagoar.

NÃo he bem, que passemos do rio da Paraiba, onde se acaba o limite poronde rezide o gentio Pitagoar, que tanto mal tem feito aos moradores das capitanias de Pernambuco, e Tamaraqua, e a gente dos navios, que se perdêrão pela costa da Paraiba até o rio do Maranhão; este gentio senhorea esta costa do rio grande até o da Paraiba, onde confinárão antigamente com outro gentio, que chamão os Caytes, que são seus contrarios, e se fazião cruelissima guerra huns aos outros, e se fazem ainda agora pela banda do sertão, onde agora vivem os Caytes, e pela banda do rio grande são fronteiros dos Tapuias, que he gente mais domestica com quem estão ás vezes de guerra, e ás vezes de paz: e se ajudão huns aos outros contra os Tabajaras, que vezinhão com elles pela parte do sertão. Costumão estes Pitagoares não perdoarem a nenhum dos contrarios que cativão, porque os matão e comem logo. Este gentio he de má estatura, bassos de côr, como todo o outro gentio, não deixão cahir nenhuns cabelos no corpo senão os da cabeça, porque em elles nascendo os arrancão logo, falão a lingoa dos Tupinambas e Caytes, tem os mesmos costumes e gentilidades, o que declaramos ao diante no titulo dos Tupinambas. Este gentio he muito belicozo, guerreiro,

e

e atrevido, e amigo dos francezes, a quem fazem sempre boa companhia, e industriados dos inimigos dos portuguezes. São grandes lavradores dos seus mantimentos, de que estão sempre mui providos, e são caçadores bons, e taes frecheiros que não errão frechada que atirem. São grandes pescadores de linha assim no mar como nos rios de agua doce. Cantão, bailão, correm, e bebem pela ordem dos Tupinambas, onde se declarará meudamente sua vida e costumes, que he quasi o geral do gentio da costa do Brazil.

CAPITULO XIV.

Em que se declara a costa do rio da Paraiba até Tamaraqua, e quem foi o primeiro capitão.

DO rio da Paraiba, que se diz tambem o rio de S. Domingos, ao rio de Tagoarife são duas legoas, em o qual entrão barcos. Do rio de Tagoarife ao da Aramama são duas legoas, o qual está em altura de sete gráos, onde entrão caravellões, dos que navegão entre a terra e o arrecife. Deste rio ao da Abionabiaia são duas legoas, cuja terra he alagadiça quasi toda, e entre hum rio e outro ancoravão os tempos passados náos francezas, e daqui entravão para dentro. Deste rio ao da Capivarimirim são seis legoas, o qual está em altura de seis gráos e meio, cuja terra he toda chãa. De Capivarimirim a Tamaraqua são seis legoas, e está em sete gráos e $\frac{1}{3}$. Tamaraqua he huma ilha de duas legoas, onde está a cabeça desta capitania, e a villa de nossa Senhora da Conceição. Do redor desta ilha entrão no salgado cinco ribeiras, em tres das quaes estão tres engenhos, onde se fizerão mais, senão forão os Pitagoares, que vem correndo a terra por cima e assolando. Atéqui, como já fica dito, tem o rio de Tamaraqua humas barreiras vermelhas na ponta da barra; e quem houver de entrar por ella dentro ponha-se nordeste sudueste com as barreiras, e entrará a barra á vontade, e dahi para dentro o rio ensinará, paraonde ha de ir. Por esta barra entrão navios de cem toneis e mais, a qual fica da banda do sul da ilha, e a outra barra da banda do norte se entra ao sueste, pela qual se servem caravellões da costa. De Tamaraqua ao rio de Igarosu são duas legoas, aonde

de se estrema esta capitania da de Pernambuco; desta capitania fez ElRey D. João terceiro de Portugal mercê a Pedro Lopes de Sousa, que foi hum fidalgo muito honrado, o qual sendo mancebo andou por esta costa com armada a sua custa, e em pessoa foi povoar esta capitania com moradores que para isso levou do porto de Lisboa, donde partio; no que gastou alguns annos, e muitos mil cruzados com muitos trabalhos e perígos, em que se vio assim no mar pelejando com algumas náos francezas, que encontrava (do que os francezes nunca sahírão bem) como em terra em brigas, que com elles teve de mistura com os Pitagoares, de quem foi por vezes cercado, e offendido, atéque os fez afastar desta ilha de Tamaraqua, e vezinhança della: e esta capitania não tem da costa mais de vinte e cinco, ou trinta legoas, por Pedro Lopes de Sousa não tomar as cincoenta legoas de costa, que lhe fez mercê S. A. todas juntas, mas tomou aqui ametade, e a outra demazia junto á capitania de S. Vicente, onde chamão Santo Amaro.

CAPITULO XV.

Que declara a costa do rio de Igarosu até Pernambuco.

A Villa dos Cosmos está junto ao rio de Igarosu, que he marco entre a capitania de Tamaraqua e a de Pernambuco, a qual villa será de duzentos vizinhos, pouco mais ou menos, em cujo termo ha tres engenhos de assucar muito bons. Do rio de Igarosu ao porto da villa de Olinda são quatro legoas, a qual está em altura de oito graos; neste porto de Olinda se entra pela boca de hum arrecife de pedra ao susudueste, e depois norte sul, e entrando para dentro ao longo do arrecife fica o Rio morto, pelo qual entrão até acima navios de cem toneis até duzentos, tomão meia carga em cima, e acabão de carregar onde chamão o poço defronte da boca do arrecife, onde convem que os navios esrejão bem amarrados, porque trabalha aqui muito por andar neste porto sempre o mar de levadio: por esta boca entra o salgado pela terra dentro huma legoa ao pé da villa, e defronte do surgidouro dos navios faz este rio outra volta deixando no meio huma ponta de area, onde está huma ermida do Corpo san-

santo: neste lugar vivem alguns pescadores e officiaes da ribeira, e estão alguns armazens, em que os mercadores agazalhão os assucares, e outras mercadorias, e desta ponta da area da banda de dentro se navega este rio até o varadouro, que está ao pé da villa, com caravellões e barcos, e do varadouro para cima se navega com barcos de navios obra de meia legoa, onde se faz aguada fresca para as náos da ribeira, que vem do engenho de Jeronymo de Albuquerque: tambem se mettem neste rio outras ribeiras, poronde vão os barcos dos navios a buscar os assucares aos passos, onde os trazem encaixados, e em carros: este esteiro e limite do arrecife he muito farto de peixe de redes, que por aqui pescão, e do marisco: perto de huma legoa da boca deste arrecife está outro boqueirão, que chamão a Barreta, poronde podem entrar barcos pequenos estando o mar bonançoso: desta barreta por diante corre este arrecife ao longo da terra duas legoas, e entre ella e elle se navega com barcos pequenos, quem vem do mar em fora, e quem puzer os olhos na terra, em que está situada esta villa, parecer-lhe-ha que he o cabo de Santo Agostinho por ser muito semelhante a elle.

CAPITULO XVI.

Do tamanho da villa de Olinda, e da grandeza de seu termo, e quem foi o primeiro povoador della.

A Villa de Olinda he cabeça da capitania de Pernambuco, a qual povoou Duarte Coelho, que foi hum fidalgo, de cujo esforço e cavallaria escuzaremos tratar aqui em particular por não escurecer o muito, que delle dizem os livros da India, de cujos feitos estão cheios. Depois que Duarte Coelho veio da India a Portugal a buscar satisfação de seus serviços, pedio a S. A., que lhe fizesse mercê de huma capitania nesta costa, que lhe logo concedeo, abalizando-lha da boca do rio de S. Francisco da banda do noroeste, e correndo della pela costa cincoenta legoss contra Tamaraqua, que se acabão no rio de Igarosu, como já fica dito; e como a este valeroso capitão sobravão sempre espiritos para commetter grandes feitos, não lhe faltárão para vir em pessoa povoar, e conquistar esta sua ca-

capirania, onde veio com huma frota de navios, que armou á sua custa, em a qual trouxe sua mulher e filhos, e muitos parentes de ambos, e outros moradores, com a qual tomou este porto, que se diz de Pernambuco por huma pedra, que junto delle está furada no mar, que quer dizer pela língoa do gentio mar furado. Chegando Duarte Coelho a este porto desembarcou nelle, e fortificou-se, onde agora está a villa, em hum alto livre de padrastos, da melhor maneira, que foi possivel, onde fez huma torre de pedra e cal, que ainda agora está na praça da villa, onde muitos annos teve grandes trabalhos de guerra com o gentio, e francezes que em sua companhia andavão, dos quaes foi cercado muitas vezes, mal ferido, e mui apertado, onde lhe matárão muita gente; mas elle com a constancia de seu esforço não desistio nunca da sua pretenção; e não tão somente se defendeo valorosamente, mas offendeo, e resistio aos inimigos, de maneira que os fez afastar da povoação, e despejar as terras vizinhas aos moradores dellas, donde depois seu filho do mesmo nome lhe fez tal guerra, matando, e cativando neste gentio, que he o que se chama Caita, que o fez despejar a costa toda, como esta o he hoje em dia, e afastar mais de cincoenta legoas pelo certão. Nestes trabalhos gastou Duarte Coelho o velho muitos mil cruzados, que adquirio na India, a qual despeza foi bem empregada, pois della resultou ter hoje seu filho Jorge de Albuquerque Coelho dez mil cruzados de renda, que tanto lhe importa a sua redizima e dizima do pescado, e os foros que lhe pagão os engenhos, dos quaes estão feitos em Pernambuco cincoenta, que fazem tanto assucar, que estão os dizimos delles arrendados em dezenove mil cruzados cada anno. Esta villa de Olinda terá setecentos vizinhos pouco mais ou menos, mas tem muitos mais no seu termo, porque em cada hum destes engenhos vivem vinte, e trinta vizinhos, fóra os que vivem nas casas afastados delles, que he muita gente, de maneira que quando for necessario ajuntar-se esta gente com armas, pôr-se-hão em campo mais de tres mil homens de peleja com os moradores da villa de Cosmos, entre os quaes haverá quatrocentos homens de cavallo: esta gente pode fazer de suas fazendas quatro ou cinco mil escravos de Guiné, e muitos do gentio da terra. He tão poderosa esta capitania que ha nella mais de cem homens, que tem de mil até cinco mil cruza-

zados de renda, e alguns de oito, dez mil cruzados de renda, desta terra sahirão muitos homens ricos para estes reinos, que forão a elles muito pobres, em os quaes entrão cada anno desta capitania quarenta e cinco navios carregados de assucar e páo Brazil, o qual he o mais fino que se acha em toda a costa; importa tanto este páo a S. Magestade, que o tem agora novamente arrendado por tempo de dez annos por 20$. rs. cada anno, e parece que será tão rica e tão poderoza donde saem tantos provimentos para estes reinos, que se devia ter mais conta com a fortificação della e não consentir que esteja arriscada a hum corsario a saquear e destruir, o que se póde atalhar com pouca despeza e menos trabalho.

CAPITULO XVII.

Em que se declara a terra e costa, que ha do porto de Olinda, até o cabo de Santo Agostinho.

DO porto de Olinda á ponta do Pero Cavarim são quatro legoas; da ponta de Pero Cavarim ao rio de Jaboatão he huma legoa, em o qual entrão barcos; do rio de Jaboatão ao cabo de Santo Agostinho são quatro legoas, o qual cabo está em oito gráos e meio; ao socairo deste cabo da banda do norte podem surgir náos grandes quando cumprir, onde tem boa abrigada; do cabo até Pernambuco corre-se a costa norte e sul, que vem do mar em fóra; para conhecer este cabo de Santo Agostinho se verá por cima delle huma serra cellada, que he boa de conhecer, porque por aquella parte não ha outra serra da sua altura e feição, a qual está quasi leste oeste com o cabo, e toma huma quarta de nordeste sudueste, e para quem vem ao longo da costa bota o cabo fóra com pouco mato, e em manchas e ver-lhe-hão que tem da banda do sul afastado delle a ilha de Santo Aleixo, que he baixa e pequena, até este cabo he terra povoada de engenhos de assucar, e por junto della passa hum rio que, se diz do cabo, onde tambem estão alguns o qual sahe ao mar duas legoas do cabo a misturar-se ao entrar do salgado com o rio de Ipojuqua o qual está duas legoas da banda do sul; neste rio entrão e sahem caravelões do serviço dos engenhos, que estão no mesmo rio, onde se recolhem sem tempo barcos da costa.

CAPITULO XVIII.

Em que se declara a costa do cabo e rio do Ipojuqua, até o rio de S. Francisco.

JA' fica dito como se mette o rio de Ipojuqua com o do cabo ao entrar do salgado, agora digamos como delle ao rio das Gallinhas são duas legoas; a terra que ha entre este porto, e o rio de Ipojuqua he toda alagadiça, e neste porto e rio das Gallinhas entrão barcos da costa: do rio das Gallinhas á ilha de Santo Aleixo he huma legoa, em a qual ha surgidouro e abrigo para as náos, está afastada da terra firme huma legoa, da ilha de Santo Aleixo ao rio de Maracaipe são seis legoas; onde entrão caravelões, o qual tem huns ilhéos na boca. De Maracaipe ao rio Formoso são duas legoas, o qual tem hum arrecife ao mar defronte de si, que tem hum boqueirão, por onde entrão navios da costa, o qual está em 9 gráos, cuja terra he escalvada mas bem provida de caça (1). Do rio Formoso, ao de Una são tres legoas, o qual tem na boca huma ilha de Mangues da banda do norte a qual se alaga com a maré, e mais diante chegadas á terra tem sete ilhetas de mato. Deste rio Una (2) ao porto das Pedras são quatro legoas, o qual está em 9 gráos $\frac{1}{2}$, entre este, e o rio Una se faz huma enseada muito grande, onde podem surgir e balravéntar náos, que nadem em fundo de cinco até sete braças, porque tanto tem de fundo, e corre a costa de Santo Agostinho até este porto das pedras nordes-

(1) Neste rio Formoso por elle arriba quatro legoas está o lugar de Serinhaim. Foi Simdalla Andres Marim Tenente de Artilharia com pilotos o anno de 1632. A melhor entrada da barra he pela banda do sul, pela qual entra por sete, e seis braças, e pela banda do norte entra por cinco, e quatro, e não se hade entrar pelo meio, porque tem de fundo braça e meia. O porto está da banda do sul.

(2) Tamanduaré he huma enseada oito legoas ao sul do cabo de Santo Agostinho e huma legoa ao sul do rio Formoso, e duas ao norte do rio de Una, desembarca nelle o rio das Ilhotas, ou Mambucabá, está cercado da banda do mar com arricife, e huma barra de sete braças de fundo na boca, em baxamar de aguas vivas, e logo mais dentro seis, na maior parte della cinco e bem junto a terra quatro tem bom fundo, cabem nesta enseada cem navios, e mais.

deste, sudueste ; deste porto ao rio Camaragipe são tres legoas, cuja fronteira he de hum banco de arrecifes, que tem algumas abertas, poronde entrão barcos da costa e ficão seguros de todo o tempo entre os arrecifes e a terra. Neste rio de Camaragipe entrão navios de honesto porte, e na ponta da barra delle da banda do sul tem humas barreiras vermelhas, cuja terra ao longo do mar he escalvada até o rio de Santo Antonio Morim, que está delle duas legoas, onde tambem entrão caravelões da costa. Do rio de Santo Antonio Morim ao porto velho dos francezes são tres legoas, onde elles costumão a ancorar com suas náos, e resgatar com o gentio : do porto velho dos francezes ao rio de S. Miguel são quatro legoas, que está em dez gráos, em o qual entrão navios da costa, e entre hum e outro entra no mar o rio da Alagôa, onde tambem entrão caravelões, o qual se diz da Alagôa por nascer de huma que está afastada da costa, ao qual rio chamão os indios o porto Jaragoá. Do rio de S. Miguel ao porto novo dos francezes são duas legoas, defronte do qual fazem os arrecifes, que vão correndo a costa, huma aberta, poronde os francezes costumavão entrar com suas náos, e ancoravão entre o arrecife e a terra por ter fundo para isso, onde estavão muito seguros, e daqui fazião seu resgate com o gentio. Do porto novo dos francezes ao de Ipotiba he huma legoa, do qual ao rio de Currurupe são tres legoas, em o qual entrão navios da costa, cuja terra ao longo do mar he fraca, mas para dentro duas legoas he arresoada. Deste rio do Currurupe, ou arrecife de D. Francisco até o rio de S. Francisco são seis legoas, e da ponta da barra de Currurupe contra o rio de S. Francisco se vai armando huma enseada de duas legoas, em a qual bem chegado a terra estão os arrecifes de D. Francisco, onde tambem se chama o porto dos Francezes, por se elles costumarem acolher aqui com suas náos á abrigada, e hião por entre os arrecifes e a terra com suas lanchas tomar carga de páo da tinta no rio de Currurupe. Aqui se perdeo o Bispo do Brazil D. Pedro Fernandes Sardinha com huma sua náo vindo da Bahia para Lisboa, em a qual vinha Antonio Cardozo de Barros, Provedor mór, que fora do Brazil, e dois Conegos, e duas mulheres honradas e cazadas, muitos homens nobres, e outra muita gente, que serião mais de cem pessoas brancas fóra escravos, a qual escapou toda deste naufragio, mas não do gentio Caite, que então se-

senhoreava esta costa da boca deste rio de S. Francisco até o da Parahiba: depois que estes Caites roubárão este Bispo, e gente de quanto levavão, os despirão, e amarrarão a bom recado, e poucos, e poucos os forão matando e comendo sem escapar mais, que dois indios da Bahia com hum portuguez, que sabia a lingoa, filho do meirinho da correição. A terra que ha por cima desta enseada até perto do rio de S. Francisco he a cerca toda alagadiça, cuja agua se ajunta toda em huma ribeira que se della faz, a qual vai sahir ou entrar no rio de S. Francisco, duas legoas da Bahia para cima, corre-se a costa do rio de S. Francisco até o porto das Pedras nordeste sudueste, e tomada quarta de norte sul.

CAPITULO XIX.

Que trata de quem são estes Caites, que forão moradores na costa de Pernambuco.

PArece que não he bem que passemos avante da costa do rio de S. Francisco sem dizermos, que gentio he este Caite, que tanto mal tem feito aos portuguezes nesta costa. Este gentio nos primeiros annos da conquista deste estado do Brazil senhoreou desta costa da boca do rio de S. Francisco até o rio da Paraiba, onde sempre teve guerra cruel com os Pitagoares, e se matavão, e comião huns aos outros em vingança de seus odios, para execução da qual entravão muitas vezes pela terra dos Pitagoares, e lhe fazião muito damno da banda do rio de S. Francisco, guerreavão estes Pitagoares em suas embarcações com os Tupinambas, que vivião da outra banda do rio, em cuja terra entravão a fazer seus saltos, onde cativavão muitos, que comião sem lhes perdoar; as embarcações, de que este gentio uzava, erão de huma palha comprida como das esteiras de tabua, que fazem em Santarem, a que elles chamão periperi, a qual palha fazem em molhos muito apertados com humas varas como vimes, a que elles chamão timbos, que são muito brandas e rijas, e com estes molhos atados em humas varas grossas fazião huma feição de embarcações, em que cabião dez ou doze indios, que se remavão muito bem, e nellas guerreavão com os Tupinambas neste rio de S. Francisco, e se fazião huns aos outros muito damno: e aconteceo por muitas vezes fazerem os Caites desta palha tama-

manhas embarcações, que vinhão nellas ao longo da costa fazer seu salto aos Tupinambas junto da Bahia, que são cincoenta legoas, pela parte do certão. Confinava este gentio com os Tapuias e Tupiaes, e se fazião cruel guerra, para cujas aldeas ordinariamente havia fronteiras, que as corrião e salteavão, e quando os Caites matavão, ou cativavão alguns contrarios destes, tinhão no por mór honra, que não quando fazião outro tanto aos Pitagoares nem aos Tupinambas. Este gentio he da mesma côr baça, e tem a vida e costumes dos Pitagoares, e a mesma lingoa que he tudo como a dos Tupinambas, em cujo titulo se dirá muito, e de suas gentilidades. São estes Caites mui belicosos e guerreiros, mas mui atreiçoados, sem nenhuma fé nem verdade, o que fez o dano, que fica declarado, á gente da náo do Bispo, a Duarte Coelho, e a muitos e muitos navios e caravelões, que se perdêrão nesta costa, dos quaes não escapou pessoa nenhuma, que não matassem e comessem, cujos danos Deos não permittio, que durassem muito tempo; mas ordenou Deos destruir esta maneira confederando-se os Tupinambas seus vizinhos com os Tapuias pelo certão, e ajuntárão-se huns com os outros pela banda de cima, donde os Tapuias tambem apertavão estes Caites, e derão-lhe nas costas, e de tal feição os apertárão, que os fizerão decer todos para baixo junto do mar, onde os acabárão de desbaratar, e os que não puderão fugir para a serra do Aquetibanão escapárão de mortos ou feridos e cativos; destes cativos hião comendo os vencedores quando queriáo fazer suas festas, e vendêrão delles aos moradores de Pernambuco, e aos da Bahia infinidade de escravos a troco de qualquer coisa, ao que hião ordinariamente caravelões ao resgate, e todos vinhão carregados desta gente, a qual Duarte Coelho de Albuquerque por sua parte acabou de desbaratar; e desta maneira se consumio este gentio, do qual não ha agora senão o que se lançou muito pela terra dentro, ou se misturou com seus contrarios sendo seus escravos, e se liárão por ordem de seus casamentos. Por natureza são estes Caites grandes musicos e amigos de cantar, e bailar, são grandes pescadores de linha e nadadores, tambem são mui crueis huns para os outros para se venderem, o pai aos filhos, os irmãos e parentes huns aos outros: de tal maneira são crueis, que aconteceo o anno de 1571 no rio de S. Francisco estando nelle algumas embarcações da Bahia resgatando com es-

este gentio, e huma de hum Rodrigo Martins, estando alguns escravos resgatados, em que entrava huma india Caita, a qual enfadada de lhe chorar huma criança sua filha a lançou no rio, onde andou debaixo para cima hum pedaço sem se afogar, atéque de outra embarcação se lançou hum indio a nado por mandado de seu senhor que a foi buscar, onde a baptizárão e durou depois alguns dias, e como no titulo dos Tupinambas se conta por extenso a vida e costumes, que toca á mor parte do gentio, que vive na costa do Brazil, temos, que basta poragora o que está dito dos Caites.

CAPITULO XX.

Que trata da grandeza do rio de S. Francisco e seu nascimento.

MUito havia que dizer do rio de S. Francisco, se coubera neste lugar, do qual se não póde escrever aqui o que se deve dizer delle, porque seria escrever tudo o que temos dito, e se não poderá cumprir com o que está dito, e promettido, que he tratar toda a costa em geral, e em particular da Bahia de todos os Santos, a quem he necessario satisfazer com o devido; assim este rio contente-se por ora de se dizer delle em summa o que for possivel neste capitulo para com brevidade chegar-mos, a quem está esperando por toda a costa. Está o rio de S. Francisco em altura de dez gráos e hum quarto, o qual tem na boca da barra duas legoas de largo, poronde entra a maré com o salgado para cima duas legoas sómente, e daqui para cima he agua doce, que a maré faz recuar outras duas legoas, não havendo agua do monte: a este rio chama o gentio o Pará, o qual he mui nomeado entre todas as nações, das quaes foi sempre mui povoado, e tiverão humas com outras sobre os sitios grandes guerras por ser a terra muito fertil pelas suas ribeiras, e por acharem nelle grandes pescarias. Ao longo deste rio vivem agora alguns Caites de huma banda, e da outra vivem Tupinambas, mais acima vivem Tapuias de diferentes castas, e Tupiáes, Amorpiras, Ubirajaras, e Amazonas, e além dellas vive outro gentio, não tratando dos que communicão com os portuguezes, que se atavião com joias de ouro, de que ha certas informações. Este gentio se affirma viver á vista da

Ala-

Alagôa grande, afamada, e desejada de se descobrir, da qual este rio nasce, e he tão requestado este rio de todo o gentio por ser muito farto de pescado e caça, e por a terra delle ser muito fertil (como já fica dito), onde se dão mui bem toda a sorte de mantimentos naturaes da terra. Quem navega por esta costa conhece este rio quatro ou cinco legoas ao mar por as aguagens, que delle sahem furiozas e barrentas. Navega-se este rio com caravelões até a cachoeira, que está da barra vinte legoas pouco mais ou menos, aonde tem muitas ilhas, que fazem espraiar muito mais que na barra, poronde entrão navios de cincoenta toneis pelo canal do sudueste, que he mais fundo que o do nordeste; da barra deste rio até a primeira cachoeira ha mais trinta ilhas; no inverno não traz este rio agua do monte como os outros, nem corre muito, e no verão cresce de dez até quinze palmos, e começa a vir esta agua do monte de Outubro por diante até Janeiro, que he a força do vérão nestas partes, e neste tempo se alagão a mór parte destas ilhas, pelo que não criáo nenhum arvoredo nem mais que canas bravas, de que se fazem flexas. Por cima desta cachoeira, que he de pedra viva, se póde tambem navegar este rio em barcos, se lá os fizerem, até o sumidouro, que póde estar da cachoeira oitenta ou noventa legoas, poronde tambem tem muitas ilhas. Este sumidouro se entende no lugar, onde este rio sahe debaixo da terra, poronde vem escondido dez, ou doze legoas, no cabo das quaes arrebenta atéonde se póde navegar, e faz seu caminho até o mar. Por cima deste sumidouro está a terra cheia de mato sem se sentir que vai o rio por baixo, e deste sumidouro para cima se póde tambem navegar em barcos, se os fizerem lá; os indios se servem por elle em canoas, que para isso fazem. Está capaz este rio para se perto da barra delle fazer povoações valentes de huma banda e da outra para segurança dos navios da costa, e dos que o tempo alli faz chegar, onde se perdem muitas vezes, e podem os moradores, que nelle vivem, fazer grandes fazendas e engenhos até a cachoeira, do redor da qual ha muito páo Brazil, que com pouco trabalho se póde carregar. Depois que este estado se descobrio por ordem dos Reis passados, se trabalhou muito por se acabar de descobrir este rio por todo o gentio, que nelle viveo, e por elle andou, e affirmar, que pelo seu certão havia serras de ouro e prata; á conta da qual informação se fizerão muitas entradas de todas

as

as capitanias sem poder ninguem chegar ao cabo. Com este desengano, e sobre esta pretenção veio Duarte Coelho de Albuquerque a Portugal da sua capitania de Pernambuco a primeira vez, e da segunda tambem teve este designio, mas desconcertou-se com S. A. pelo não fartar das honras, que pedia. O segundo governador deste estado Luiz de Brito de Almeida mandou entrar por este rio acima a hum Sebastião Alvares, que se dizia do porto Seguro, o qual trabalhou por descobrir, e nisso gastou quatro annos, e hum grande pedaço de fazenda de elRei sem poder chegar ao sumidouro, e por derradeiro veio acabar com quinze ou vinte homens entre o gentio Tupinambas, em cujas mãos forão mortos, o que lhe aconteceo por não ter cabedal de gente para se fazer temer, e por querer fazer jornada contra a agua; o que não aconteceo a João Coelho de Souza, porque chegou acima do sumidouro mais de cem legoas, como se verá no roteiro, que se fez da sua jornada. A' boca da barra deste rio corta o salgado a terra da banda do sudueste, e faz ficar aquella ponta de area e mato em ilha, que será de tres legoas em comprido, e quando este rio enche com agua do monte não entra o salgado com a maré por elle acima, mas até á barra he agua doce, e traz nesse tempo grande correnteza.

CAPITULO XXI.

Em que se declara a costa do rio de S. Francisco, até o de Seregipe.

DO rio de S. Francisco ao de Goaratibe são duas legoas, em o qual entrão barcos da costa, e tem este rio na boca huma ilha, que he a que vem da ponta da barra do rio de S. Francisco: este rio se navega pela terra dentro tres legoas, e faz hum braço na entrada junto do arrecife, poronde entra o salgado até entrar no rio de S. Francisco huma legoa da barra, poronde vão barcos de hum rio a outro, o qual braço faz a ilha declarada. Do rio de Goaratibe sete legoas está hum riacho, que se chama de Aguaboa, pelo ella ser, o qual como chega perto do salgado faz huma volta ao longo delle fazendo huma lingoa de terra estreita entre ella e o mar de huma legoa de comprido, e no cabo desta legoa se mette o mar entre hum rio e outro, e he tudo praia de area, onde se chama a en-

enseada de Vazabarris, a qual tem diante de si tudo arrecifes de pedra com alguns boqueirões para barcos pequenos, poronde podem entrar com bonança. Deste riacho de Aguaboa a huma legoa está o rio de Ubirapatiba, por cuja barra podem entrar barcos e caravelões da costa com a prôa ao lesnoroeste, a este vem o gentio Tupinamba mariscar, por achar por aquelles arrecifes muitos polvos, lagostins, e caranguejos, onde matão á linha muito peixe, o qual se navega pela terra dentro mais de tres legoas. Deste rio Ubirapatiba a seis legoas está o rio de Seregipe em altura de onze gráos e dois terços, por cuja barra com bateis diante costumavão entrar os francezes com suas náos de toneis de porte para baixo, mas não tomavão dentro mais que meia carga, e fóra da barra acabavão de carregar com as suas lanchas, em que acabavão de acarretar o páo, o que alli resgatavão com os Tupinambas, onde tambem resgatavão com os mesmos algodão e pimenta da terra. Tem este rio duas legoas, por elle acima ha terra fraca, mas d'alli avante he muito boa para se poder povoar, onde convem muito, que se faça huma povoação, assim por atalhar, que não entrem alli francezes, como para assegurar aquella costa do gentio, que vive por este rio acima, o qual todos os annos faz muito dano, assim nos barcos, que entrão nella e no rio Real no inverno com tempo, como em homens, que comettem este caminho para Pernambuco fugindo á justiça, e nos que pelo mesmo respeito fogem de Pernambuco para a Bahia; os quaes de maravilha escapão, que os não matem e comão. Tem este rio de Seregipe na barra de baixamar tres braças, e dentro cinco e seis braças, cuja barra se entra lessueste, e oesnoroeste, e quem quer entrar pelo boqueirão debaixo vai com a prôa ao norte, e como está dentro ao lesnoroeste vão demandar a ponta do sul, e d'ella para dentro se vai ao norte; e quem de mar em fóra vê já por cima deste rio hum monte mais alto que os outros, da feição de hum ovo, que está afastado da barra algumas seis legoas, pelo qual he a terra bem conhecida; a este monte chamão os indios Manhana, que quer dizer espia, por se vêr de todas as partes de muito longe, e corre-se a costa deste rio ao de S. Francisco nordeste susudueste.

CAPITULO XXII.

Em que se declara a costa do rio Seregipe até o rio Real.

DEste rio de Seragipe, de que acima dissemos, a quatro legoas está outro rio, que se diz do Cotigipe, cuja boca he de meia legoa, em meio do qual tem huma ilha, em que tem humas moitas verdes, aqual ilha faz duas barras. Neste rio pela parte do sul podem entrar navios de oitenta toneis, porque no mais baixo tem de fundo duas braças de baixamar, e mais para dentro tem cinco braças: pela barra do norte entrão caravelões da costa, tem este rio á boca da barra huns bancos de area que botão meia legoa ao mar, por este rio acima se navega tres legoas, que tantas entra a maré por elle acima, o qual he muito farto de peixe e marisco, cuja terra he sofrivel para se povoar, e no certão della tem grandes matas de páo do Brazil. Deste rio de Cotigipe ao rio de Pereira, a que outros chamão de Canafistola, são quatro legoas, do qual até Segeripe faz a terra outra entrada, a que tambem chamão de Vazabarris, no ceio da qual está o rio de Cotigipe, de que já fallamos, a que muitos chamão do nome da enseada. Do rio de Pereira a duas legoas está a ponta do rio Real, donde se corre a costa ate Seregipe, nornordeste susudueste.

CAPITULO XXIII.

Que trata do rio Real e de seus merecimentos.

PArece que quem tem tamanho nome como o rio Real; que deve ter merecimentos capazes d'elle, os quaes convem que venhão ao terreiro, paraque cheguem á noticia de todos, e comecemos na altura, em que está, que são doze gráos escaços, a barra deste rio terá de ponta meia legoa, em a qual tem dois canaes, poronde entrão navios da costa de quarenta toneladas, e pela barra do sueste podem entrar navios de sessenta toneladas, estando com as balizas necessarias, porque tem dois mares em flor da barra para dentro; tem o rio muito fundo, onde se faz huma bahia de mais de huma legoa, onde os navios

tem

tem grande abrigada com todos os tempos, em a qual ha grandes pescarias de peixe boi, e de toda a outra sorte de pescado, e muito marisco: entra a maré por este rio acima seis ou sete legoas, e devidem-se em tres ou quatro esteiros onde se vem meter outras ribeiras de agua doce, até onde chega a salgada, he a terra fraca e pouca della servirá de mais que de criações de gado: mas donde se acaba a maré para cima he terra muito boa e capaz para dar todas as novidades, do que lhe prantarem, em o qual se podem fazer engenhos de assucar, por se darem nella as canas muito bem. Pelo certão deste rio ha muito páo do Brazil, que com pouco trabalho todo póde vir ao mar para se poder carregar para estes reinos; e paraque esta costa esteja segura do gentio, e os francezes desenganados de não poderem vir resgatar com o gentio entre a Bahia, e Pernambuco, convem ao serviço de S. Magestade, que mande povoar e fortificar este rio, o que se póde fazer com pouca despeza de sua fazenda, do que ja elRei D. Sebastião, que está em gloria foi informado; e mandou mui afincadamente a Luiz de Brito, que neste tempo governava este estado, que ordenasse com muita brevidade, como se povoasse este rio, no que elle meteo todo o cabedal, mandando a isso Garcia de Avilla, que he hum dos principaes moradores da Bahia, com muitos homens das ilhas e da terra, paraque assentassem huma povoação, onde parecesse melhor, o que se fez, pelo o que se fez pelo rio acima tres legoas, onde o mesmo governador foi em pessoa com a força de gente, que havia na Bahia, quando foi dar guerra ao gentio d'aquella parte, o qual passou por esta nova povoação, de cujo sitio elle e toda a companhia se descontentárão, e com razão, porque estava longe do mar, para se valerem da fartura d'elle, he longe da terra boa, que lhe pudesse responder com as novidades costumadas, donde se afastavão por temerem ao gentio, que por elle andava; ao qual Luiz de Brito deo castigo naquelle tempo, que se nunca deo naquellas partes, porque mandou destruir os mais valorosos e maiores dois cossarios capitães d'aquelle gentio, que nunca houve naquella costa, sem lhe custar a vida mais que a dois escravos, os quaes principaes do gentio forão mortos, e os seus, que escapárão com a vida forão, cativos, e quando o governador se recolheo, se despovoou este principio de povoação sem se tornar mais a bulir n'isso, por se entender

der ser necessario fazer-se huma casa forte á custa de S. A., a qual Luiz de Brito não ordenou por ser chegado o cabo do seu tempo, e succeder logo nelle Lourenço da Veiga, que não bulio neste negocio pelos respeitos, que não são sabidos, para aqui se declararem.

CAPITULO XXIV.

Em que se declara a terra que ha do rio Real, até o rio de Tapocuru.

DO rio Real ao de Tapocuru são quatro legoas sem de hum rio a outro haver na costa poronde entre hum barquinho, por tudo serem arrecifes ao longo da costa, cuja terra ao longo d'ella he mui fraca, que não serve senão para criações de gado: a boca deste rio he mui suja de pedras, mas podem-se quebrar humas pontas de baixamar de aguas vivas, com que lhe fique canal aberto para poderem por elle entrar caravelões da costa de meia agua-da cheia: por diante da boca deste rio para dentro faz huma maneira de bahia, onde de baixamar podem nadar náos de duzentos toneis: entra a maré por este rio acima cinco legoas ou seis, as quaes se podem navegar com barcas, e donde se mistura o salgado com agua doce; para cima dez, ou doze legoas se póde tambem navegar com barquinhos pequenos, e poraqui acima he terra muito boa para se poder povoar, porque dá muito bem todos os mantimentos, que lhe plantão, e dará muitos bons canaviaes de assucar, porque quando Luiz de Brito foi dar guerra ao gentio do rio Real, se achárão pelas roças destes indios, que vivião ao longo deste rio, mui grossas e mui formosas canas de assucar, peloque povoando-se este rio, se podem fazer nelle engenhos de assucar, porque tem ribeiras, que se nelle metem muito acommodadas para isso; neste mesmo tempo se achou entre este rio, e o Real cincoenta ou sessenta legoas pelo certão huma alagôa de quinhentas braças de comprido, e cem de largo, pouco mais ou menos, cuja agua he mais salgada que a do mar, a qual alagôa estava cercada de hum campo todo cheio de perrexil muito mais viçoso, que o que nasce ao longo do mar, e tocado por fóra nos beiços era tão salgado como se lhe déra o rocio do mar: neste mesmo campo afastado desta alagôa quinhentas ou seiscentas braças, estava ou-

tra alagôa, ambas em hum andar, cuja agua era muito doce, e o peixe, que ambas tinhão, era da mesma sorte, e em ambas havia muitos porcos d'agua, dos quaes o gentio matou muita quantidade d'elles, e este rio perto do mar he muito farto de peixe e marisco, e para cima de peixe de agua doce, e pela terra ao longo d'elle tem muita casa de toda a sorte, o qual no verão traz mais agua que o Mondego, e está em doze gráos, cujo nascimento he para a banda de leste mais de cem legoas de mar, e está povoado do gentio Tupinamba.

CAPITULO XXV.

Em que se declara a terra, que ha do Itapocuru até Tatuapara.

DO rio Itapocuru até Tatuapara são oito legoas ou nove, cuja terra ao longo do mar he mui fraca e baixa, e não serve senão para criações de gado, mas duas legoas pela terra dentro he sofrivel para mantimentos, pela qual atravessão cinco rios, e outras muitas ribeiras, que vem sahir ao mar; nestas oito legoas, de que não ha que tratar, porque se metem no mar por cima dos arrecifes sem fazer barra, poronde possa entrar hum barquinho, porque toda esta costa do rio até Tatuapara ao longo do mar he cheia de arrecifes de pedra, que se espraião muito, poronde não he possivel lançar-se gente em terra, nem chegar nenhum barco senão no Itapocuru, como fica dito. Tatuapara he huma enseada, onde se mete hum riacho deste nome, em o qual entrão caravelões da costa com preamar: nesta enseada tem os navios muito boa abrigada, e surgidouro, de que se aproveitão, os que andão pela costa, aqui tem Garcia de Avilla, que he hum dos principaes, e mais ricos moradores da cidade do Salvador, huma povoação com grandes edificios de casas de sua vivenda, e huma igreja de nossa Senhora, mui ornada, toda de abobada, em a qual tem hum capellão, que lhe ministra os Sacramentos. Este Garcia de Avilla tem toda a sua fazenda em criações de vaccas e egoas, e terá alguns dez curraes por esta terra, e ao diante: e os padres da Companhia tem neste direito huma aldeia de indios fôrros Tupinambas, a qual se chama de Santo Antonio, onde haverá mais de trezentos homens de peleja, e perto desta aldeia tem os padres

dres tres curraes de vaccas, que grangeão, os quaes tem na aldeia huma formosa igreja de Santo Antonio, e hum recolhimento, onde está sempre hum padre de missa, e hum irmão, que doutrinão estes ind[illegible] na nossa santa fé Catholica, no que os padres trabalhão todo o possivel, mas por demais, porque he este gentio tão barbaro, que até hoje não ha nenhum, que viva como christão, tantoque se aparta da conversação dos padres oito dias: esta enseada de Tatuapara está em altura de doze gráos esforçados, e corre-se a costa d'aqui até o rio Real nornordeste sususdueste.

CAPITULO XXVI.

Em que se declara a terra, e costa de Tatuapara até o rio do Joanne.

DE Tatuapara ao rio de Jacoipe são quatro legoas, as quaes ao longo do mar estão occupadas em curraes de gado, por serem de terra baixa e fraca, os quaes curraes são de Garcia de Avilla, e de outras pessoas chegadas a sua casa. De Tatuapara até este rio não ha onde, possa entrar hum barco senão neste rio de Jacoipe, e aqui com bonança ainda com trabalho; mas atraz huma legoa, onde se chama o porto de Braz Affonso, onde os arrecifes, que vem de Tatuapara, fazem huma aberta, podem entrar caravelões, e do arrecife para dentro ficão seguros com todo o tempo. Este rio de Jacoipe se passa de baixamar acima huma legoa a váo, ao longo do qual tem o mesmo Garcia de Avilla hum curral de vaccas. Deste rio Jacoipe ao de Joanne são cinco legoas, até são tudo arrecifes sem haver, aonde possa entrar hum barco senão, onde chamão o porto de Arambepe, onde os arrecifes fazem outra aberta, poronde com bonança podem entrar barcos, e ficarem de dentro dos arrecifes seguros. De Jacoipe a Arambepe são duas legoas, onde se perdeo a náo Santa Clara, que hia para a India, estando sobre amarra, e foi tanto tempo que sobreveio, que a fez hir a estado, que foi forçado cortarem-lhe o mastro grande, o que não bastou para se remediar, e os officiaes da náo desconfiados da salvação sendo meia noite derão a vella do traquete para ancorarem em terra e salvarem as vidas, que lhe succedeo pelo contrario, porque sendo esta costa toda limpa afastada dos arre-

recifes forão varar por cima de huma lage não se sabendo outra de Pernambuco até a Bahia, a qual lage está hum tiro de falcão ao mar dos arrecifes, onde se esta náo tez em pedaços, e morrêrão neste naufragio passante de trezentos homens, com Luiz de Alter de Andrada, que hia por capitão desta náo para a India. Toda esta terra até o rio de Joanne tres legoas do mar para o certão está povoada de curraes de vaccas de diversas pessoas; e nesta comarca tres legoas do mar, tem os padres da Companhia duas aldeias de indios fôrros Tupinambas, e de outras nações, em as quaes terão setecentos homens de peleja pelo menos, os quaes os padres doutrinão, como fica dito. Da aldeia de Santo Antonio estoutras se dizem, huma de Santo Espirito, outra de S. João, onde tem grandes igrejas da mesma educação, e recolhimento para os padres, que nellas rezidem, e para outros, que lá vão muitas vezes a recrear-se; e a sombra e circuito d'estas aldeias tem quatro ou cinco curraes de vaccas ou mais, que grangeão, de que se ajudão a sustentar: poronde estas aldeias estão, he a terra boa, aonde se dão todos os mantimentos da terra mui bem por ser muito fresca com muitas ribeiras de agua: neste limite lança o mar de si muito ambar pelo inverno, que estes indios vão buscar, o qual dão aos padres; e corre-se esta costa de Tatuapara até este rio de Joanne nornordeste susudueste.

CAPITULO XXVII.

Em que se declara a costa do rio de Joanne até a Bahia.

O Rio de Joanne traz tanta agua, quando se mete no mar, como o Zezere quando se mete no Téjo, o qual entra no mar por cima dos arrecifes, aonde espraia muito, o qual se passa de maré vazia a vão por junto da barra; mas não póde entrar por ella nenhuma jangada por ser tudo pedra viva, e de preiamar não tem sobre si tres palmos de agua, a qual anda alli sempre mui alevantada. Este rio está em altura de doze gráos e dois terços. Deste rio até Tampoam são tres legoas, cuja terra he baixa, e fraca, e não serve ao longo demais que para gado; e até quatro legoas pela terra dentro está este limite, e a terra delle occupado com curraes de vaccas. Esta terra e ou-

outra tanta além do rio de Joanne he do concelho da cidade. Do Salvador a Tampoam ha huma ponta sahida ao mar com huma pedra no cabo cercada d'elle, aque o gentio chama deste nome, que quer dizer pedra baixa: defronte desta ponta em hum alto está huma fazenda de Sebastião Luiz, com huma hermida de S. Francisco. Este ponto, he o que na carta de marear se chama os Lençóes de area, poronde se conhece a entrada da Bahia; e para o certão duas legoas está huma grossa fazenda de Garcia de Avilla com outra hermida de S. Francisco mui concertada e limpa. D'esta ponta de Tapoam a duas legoas está o rio Vermelho, que he huma ribeira assim chamada, que se aqui vem meter no mar, até onde são tudo arrecifes cerrados sem entrada nenhuma. Neste rio Vermelho póde desembarcar gente com bonança, e estarem barcos da costa ancorados nesta boca d'elle, não sendo travessia na costa nem ventos mareiros: até aqui está toda a terra ao longo do mar occupada com criações de gado vaccum, e pela terra dentro duas legoas tem os padres da Companhia huma grossa fazenda com dois curraes de vaccas, em a qual tem humas casas de refrigerio, onde se vão recrear, e convalecer das enfermidades, e levão a folgar os governadores, onde tem hum jardim muito fresco com hum formoso tanque de agua, e huma hermida muito bem concertada, onde os padres, quando lá estão, dizem missa. D'este rio Vermelho até a ponta do Padrão he huma legoa, e corre-se a costa do rio de Joanne á ponta do Padrão nordeste sudueste.

CAPITULO XXVIII.

Em que se declara como Francisco Pereira Coutinho foi povoar a Bahia de todos os Santos, e os trabalhos, que nisso teve.

QUem quizer saber, quem foi Francisco Pereira Coutinho, veja os livros da India, e sabe-lo-há, e verão se o grande valor, e heroicos feitos dignos de diferente descanço, do que teve na conquista do Brazil, onde lhe coube por sorte a capitania da Bahia de todos os Santos, de que elRei D. João III. de gloriosa memoria lhe fez mercê. Por a primeira vez, da terra que há da ponta do Padrão até o rio de S. Francisco ao longo do mar, e para o cer-

certão toda a terra que couber na demarcação deste estado, depois fez-lhe mercê da terra da Bahia com seus reconcavos, e como este esforçado capitão tinha animo incansavel não receou de hir povoar esta sua capitania em pessoa, e fez-se prestes com muitos moradores cazados e outros soldados, que embarcou em huma armada, que fez á sua custa, com a qual partio do porto de Lisboa, e com bom vento fez a sua viagem até entrar na Bahia, e desembarcou d'aponta do padrão d'ella para dentro, e fortificou-se, onde agora chamão a villa Velha, em o qual sitio fez huma povoação e fortaleza sobre o mar, onde esteve depois com o gentio os primeiros annos, em o qual tempo os moradores fizerão suas roças e lavouras. D'esta povoação para dentro fizerão huns homens poderosos, que com elle forão, dois engenhos de assucar, que depois forão queimados pelo gentio, que se alevantou, e destruio todas as roças e fazendas, pelas quaes matárão muitos homens, e nos engenhos, quando derão nelles. E por este alevantamento poz a Francisco Pereira em grande aperto, porque lhe cercárão a villa e fortaleza, tomando-lhe a agua e mais mantimentos, os quaes neste tempo lhe vinhão por mar da capitania dos Ilheos, os quaes hião buscar da villa as embarcações com grande risco dos cercados, que estiverão nestes trabalhos, ora cercados, ora com tregoas sete ou oito annos, nos quaes passárão grandes fomes, doenças, e mil infortunios, a quem este gentio Tupinamba matava gente cada dia, com o que se hia apoquentando muito, onde lhe matárão hum filho bastardo, e alguns parentes, e outros homens de fama, com que a gente, que estava com Francisco Pereira desesperada de poder resistir tantos annos a tamanha e tão apertada guerra, se determinou com elle apertando-o, que os puzesse em salvo, antesque se acaba-se de consumir em poder de inimigos tão crueis, que ainda não acabavão de matar hum homem, quando o espedaçavão, e comião, e vendo este capitão a sua gente, que era já mui pouca, tão determinada, ordenou de a pôr em salvo, e passou-se por mar com ella em huns caravelões, que tinha no porto para a capitania dos Ilheos, do que se espantou o gentio muito, e arrependido da ruim visinhança, que lhe tinha feito, movido tambem do seu interesse vendo, que como se forão os Portuguezes lhe hia faltando o resgate, que elles davão a troco de mantimentos, ordenou de mandar chamar Francisco Pereira pro-

metendo-lhe toda a paz e boa amizade, o qual recado foi d'elle festejado, e embarcou-se logo com alguma gente em hum caravelão, que tinha, e em outro, em que vinha Diogo Alvares de alcunha o Caramaru grande lingua do gentio, e partio-se para Bahia, e querendo entrar pela barra dentro lhe sobreveio muito vento tormentoso, que o lançou sobre os baixos da ilha de Taparica, onde deo á costa. Salvou-se a gente toda d'este naufragio, mas não das mãos dos Tupinambas, que os vião nesta ilha, os quaes se ajuntárão, e á traição matárão a Francisco Pereira, e a gente do seu caravelão, de que escapou Diogo Alvares com seus com boa lingoagem. Desta maneira acabou ás mãos dos Tupinambas o esforçado cavaleiro Francisco Pereira Coutinho, cujo esforço não poderão render os Rumes, e Malabares da India, e foi rendido destes barbaros; o qual não sómente gastou a vida nesta pertenção, mas quanto em muitos annos ganhou na India com tantas lançadas e espingardadas, e o que tinha em Portugal, com o que deixou sua mulher e filhos postos no hospital.

CAPITULO XXIX.

Em que se torna a correr a costa, e explicar a terra d'ella da ponta do Padrão até o rio Canami.

NÃo tratamos da Bahia mais particularmente porora, porque lhe não cabe neste lugar dizer mais, para no seu se dizer o prometido, pois á sua conta se fez este memorial, de que pegaremos, como acabarmos de correr a costa, e far-lhe-hemos seu officio da melhor maneira, que soubermos. E tornando á ponta do padrão d'ella, que está em altura de treze gráos esforçados, diremos, que d'esta ponta á do morro de São Paulo na ilha de Tinhare são nove legoas ou dez, a qual ponta está em treze gráos e meio, e corre-se com a ponta do padrão nordeste sudueste. Faz esta ilha de Tinhare da banda do sul hum morro escalvado, que se diz de São Paulo, em cuja abrigada ancorão náos de todo o porte, e quem quizer entrar desta ponta para dentro, póde ir bem chegado ao morro, e achará fundo de cinco, e seis braças. Nesta ilha de Tinhare junto do morro esteve a primeira povoação da capitania dos Ilheos, donde despoárão logo por não contentar a terra aos primeiros povoadores, a qual ilha está tão chega-

gada a terra firme, que no mais estreito não ha mais canal, que hum tiro de espingarda de terra a terra. De Tinhare á ilha de Boipoba são quatro legoas, esta ilha possuem os padres da companhia do collegio da Bahia, a qual e a de Tinhare estão povoadas de Portuguezes, que despejárão a terra firme com medo dos Aimores, que lhe destruião as fazendas e matárão muitos escravos. Do Bispado ao rio de Camamú são tres legoas, o qual está em quatro gráos. Tem este rio de Camamú huma boca grande e nella huma ilha pequena perto da ponta da banda do norte, e tem bom canal, para poderem entrar nella náos grandes, as quaes hão de entrar chegadas a ponta do sul, onde tem seis, e sete braças de fundo. Da barra d'este rio para dentro tem huma formoza bahia com muitas ribeiras, que se nella metem, onde se podem fazer muitos engenhos. Este rio he mui notavel e grande, e vem de muito longe, o qual se navega do salgado para cima cinco ou seis legoas até a cachoeira, que lhe impede não se navegar muitas legoas; porém pelo certão se póde navegar, porque traz sempre muita agua, cuja terra com dez legoas de costa possuem os padres da Companhia por lhe fazer d'ella doação Mem de Sá; os quaes padres começárão a povoar, e alguns moradores, e outros mais todos despejárão por mandado dos Aimores, que lhes deo tal trato, que os fez passar alli para as ilhas de Boipoba, e Tinhare, e corre-se a costa desta ilha a Camamú norte sul.

CAPITULO XXX.

Em que se declara a terra que ha do rio de Camamú até os Ilheos.

ESte rio de Camamú está em altura de quatorze gráos; e d'elle ao das Contas são seis legoas, cuja costa se corre norte sul. Tem este rio das Contas, a que os indios chamão Insiape, para o conhecer quem vem de mar em fóra, sobre a boca huns campinhos descubertos de matto, e ao mar huma pedra como ilheo, que está na mesma boca, pelo qual entrão navios de honesto porte, porque tem fundo, e canal para isso bem chegado a esta pedra. Este rio vem de muito longe, e traz mais agua sempre que o Téjo, o qual se navega da barra para dentro sete ou oi-

oito legoas até á cachoeira, e d'ella para cima se póde tambem navegar por ter fundo para isso. E he muito farto de pescado e marisco de muita casta, cuja terra he boa, e grossa, e tem muitas ribeiras para engenhos, que se vem meter nestes rios, os quaes se deixão de fazer por respeitos dos Aimores, peloque não está povoado, o qual está em quatorze gráos, e hum quarto. Deste rio das Contas a duas legoas está o rio, que se chama Amemoão, e d'elle a huma legoa está outro rio, que se chama Japarape, os quaes se passão a váo ao longo do mar, e tambem estão despovoados. De Japarape ao rio de Taipe são tres legoas, este rio de Taipe vem de muito longe, em o qual se metem muitas ribeiras, que o fazem caudaloso, cujo nascimento he de huma alagôa, que tem em si duas ilhas. Da alagôa para baixo, e perto do mar tem outra ilha hum engenho mui possante de Luiz Alvares de Espinha, junto do qual engenho está huma alagôa grande de agua doce, em que se tomão muitas arraias e outro peixe do mar, e muitos peixes bois, que he cousa, que faz grande espanto por se não achar peixe do mar em nenhumas alagôas. De Taipe ao rio de S. Jorge, que he o dos Ilheos, são duas legoas, a qual terra he toda boa, e está muita d'ella aproveitada com engenhos de assucar, aindaque estão muito apertados com esta praga dos Aimores, e para se conhecer a barra dos Ilheos ha se de vir correr a costa á vista da praia, para se poderem ver os Ilheos, que são pequenos, e tres; e entre a terra e o Ilheo grande há bom surgidouro, e os navios, que houverem de entrar no rio, vão pelo canal, que está norte sul como o Ilheo grande, onde os navios estão seguros com todo o tempo e tambem estão á sombra do Ilheo grande. Este rio tem alguns braços, que se navegão com caravelões e barcas para serviço dos engenhos, que tem; cuja terra he muito fertil e grossa, e de muita caça, e o rio tem grandes pescarias e muito marisco, o qual está em altura de quinze gráos escaços, e corre-se a costa d'elle ao rio das Contas norte sul.

CAPITULO XXXI.

Em que se contem como se começou de povoar a capitania dos Ilheos por ordem de Jorge de Figueiredo Correa.

QUando elRei D. João III. de Portugal repartio parte da serra da costa do Brazil em capitanias, fez mercê de huma d'ellas em cincoenta legoas da costa a Jorge de Figueiredo Correa escrivão da sua fazenda, a qual se começa da parte da Bahia do Salvador da banda do sul, que se entende da ilha de Tinhare, como está julgado por sentença, que sobre este caso deu Mem de Sá sendo governador, e Braz Fragoso sendo ouvidor geral, e provedor mór do Brazil, e vai correndo ao longo da costa cincoenta legoas: e como Jorge de Figueiredo por respeito do seu cargo não podia hir povoar esta sua capitania em pessoa, ordenou de o mandar fazer por outrem, para o que fez prestes á custa de sua fazenda huma frota de navios com muitos moradores providos do necessario para a dita povoação. E mandou por seu lugar-tenente a hum castelhano muito esforçado e experimentado e prudente, que se chamou Francisco Romeiro: o qual partio do porto de Lisboa com a frota, e fez a sua viagem para esta costa do Brazil, e foi ancorar, e desembarcar no porto de Tinhare, e começou a povoar em cima no morro de São Paulo, do qual sitio se não satisfez, e como foi bem visto e descuberto do rio dos Ilheos, que assim se chama, pelos que tem defronte da barra, donde a capitania tomou o nome, se passou com toda a gente para este rio, donde se fortificou e assentou a villa de S. Jorge, onde agora está, em a qual teve os primeiros annos muitos trabalhos de guerra com os gentios; mas como erão Tupiniquins, e gente melhor acondicionada, que o outro gentio, fez pazes com elles, e fez-lhe tal companhia, que com seu favor foi a capitania em grande crescimento, onde homens ricos de Lisboa mandavão fazer engenhos de assucar, com que se a terra ennobreceo muito; a qual capitania Jeronymo de Alarcão, filho de Gonsalo Jorge de Figueiredo com licença de S. A. vendeo a Lucas Giraldes, que nella meteo grande cabedal, com que a engrandeceo de maneira, que veio a ter oito engenhos ou nove.

Mas

Mas deo tanta praga dos Aimores nesta terra de feição, quẽ não ha já mais que seis engenhos, e estes não fazem assucar, nem ha morador, que ouse prantar canas, porque em indo os escravos, ou homens ao campo não escapão a estes alarves com medo, dos quaes foge agente dos Ilheos para a Bahia, e tem a terra quasi despovoada, a qual se despovoará de todo, se S. Magestade com muita instancia lhe não valer. Esta villa foi muito abastada e rica, teve quatrocentos até quinhentos visinhos, em a qual está hum mosteiro de padres da Companhia e outro, que se agora começa de São Bento, e não tem nenhuma fortificação, nem modo para se defender, de quem a quizer afrontar.

CAPITULO XXXII.

Em que se declara, quem são os Aimores, e sua vida e costumes.

PArece razão, que não passemos avante sem declarar, que gentio he este, a quem chamão Aimores, que tanto dano tem feito a esta capitania dos Ilheos. Segundo fica dito, esta costa era povoada de Tupiniquins, os quaes a despovoárão com medo destes brutos, e se forão viver ao certão; dos quaes Tupiniquins não ha já nesta capitania senão duas aldeas, que estão juntas dos engenhos de Henrique Luiz, que tem já muito pouca gente. Descendem estes Aimores de outros gentios, que chamão os Tapuias, dos quaes no tempo atraz se ausentárão certos cazaes, e se forão para humas terras mui asperas fugindo a hum desbarate, em que a puzérão seus contrarios, onde rezidírão muitos annos sem verem outra gente; e os que destes descendêrão, vierão a perder a lingoagem, e fizerão outra nova, que se não entende de nenhuma outra nação do gentio de todo este estado do Brazil, e são estes Aimores tão salvagens, que dos outros barbaros são ouvidos por mais que barbaros, e alguns se tomárão já vivos em Porto seguro e nos Ilheos, que se deixárão morrer de bravos sem quererem comer. Começou este gentio a cahir ao mar no rio das Caravelas junto do Porto seguro, e corre estes matos, e praias até o rio de Camamú, e d'ahi veio a dar assaltos perto de Tinhare, e não descem á praia, senão quando vem dar assaltos: este gentio tem a côr do outro, mas são de maiores corpos, e mais robustos, e forço-

çosos, não tem barbas nem mais cabellos no corpo que os da cabeça, porque os arrancão todos; pelejão com arcos e flexas muito grandes, e são tamanhos flexeiros, que não errão nunca tiro; são mui ligeiros a maravilha, e grandes corredores. Não vivem estes barbaros em aldeias, nem em casas, como o outro gentio, nem ha quem lhas visse, nem saiba, nem désse com ellas pelos matos até hoje; andão sempre de huma parte para a outra pelos campos e matos, e dormem no chão sobre folhas; se lhe chove, arrimão-se ao pé de huma arvore, onde engenhão humas folhas por cima, quanto os cobre, assentando-se em coiras. Não costumão estes alarves fazer roças, nem plantar nenhuns mantimentos, mantem-se das frutas silvestres e da caça, que matão, a qual comem crua, ou mal assada, quando tem fogo; machos e femeas todos andão rosquiados, e tosquião-se com humas canas, que cortão muito; a sua falla he rouca da voz, a qual arrancão da garganta com muita força, e não se poderá escrever como Vasconço. Vivem estes barbaros de saltear toda a sorte de gentio que encontrão, e nunca se virão juntos mais que vinte até cincoenta flexeiros; não pelejão com ninguem de rosto a rosto, toda a sua briga he á traição; dão assaltos pelas roças e caminhos, poronde andão esperando o outro gentio, e toda a sorte de creatura em ciladas de traz das arvores cada hum por si, donde não errão tiro, e todas as suas flexas empregão, e se lhe fazem rosto logo fogem cada hum para sua parte; mas como vem a gente desmandada, fazem parada, buscão, aonde fiquem escondidos, atéque passem, os que os seguem, e dão lhe nas costas suas flexadas. Estes barbaros não sabem nadar, e qualquer rio, que se não passa a váo, basta para defensão d'elles: mas para o passarem vão buscar o váo muitas legoas pelo rio acima. Comem estes salvagens carne humana por mantimento, o que não tem o outro gentio senão por vingança de suas brigas, e antiguidade de seus odios. A capitania de Porto seguro, e a dos Ilheos estão destruidas, e quasi despovoadas com o temor destes barbaros, cujos engenhos não lavrão assucar por lhe terem morto todos os escravos e gente d'elles, e das mais fazendas, e os que escapárão das suas mãos. lhe romárão tamanho medo, que em se dizendo Aimores, despejão as fazendas, e cada hum trabalha por se pôr em salvo, o que tambem fazem os homens brancos, dos quaes tem morto estes alarves de vinte

e

e cinco annos a esta parte, que esta praga persegue estas duas capitanias mais de trezentos homens Portuguezes, e de tres mil escravos. Costumavão-se ordinariamente cartear os moradores da Bahia com os dos Ilheos, e atravessavão os homens este caminho ao longo da praia, como lhe convinha sem haver perigo nenhum, o que estes Aimores vierão a sentir, e determinárão-se de vir vigiar estas praias, e esperar a gente, que por ellas passava, e são estes salteadores tamanhos corredores, que lhes não escapava ninguem por pés, salvo os que se lhes metião no mar, aonde se elles não atrevem entrar: mas andão-nos esperando que saião a terra até á noite que se recolhem, peloque este caminho está vedado, e não atravessa ninguem por elle senão com muito risco da sua pessoa; e se se não busca algum remedio para destruir estes alarves, destruirão as fazendas da Bahia, paraonde vão caminhando de seu vagar, e como elles são tão exquisitos, e agrestes, e inimigos de todo o genero humano, não foi possivel saber mais de sua vida e costumes, e o que está dito, deve bastar poragora, e tornemos a pegar da costa começada dos Ilheos por diante.

CAPITULO XXXIII.

Em que se declara a costa do rio dos Ilheos, até o rio Grande.

PAra satisfazermos com o prometido, convem, que digamos, que terra corre do rio de S. Jorge dos Ilheos por diante, do qual a duas legoas está o rio Cururupe. Deste rio a cinco legoas está outro rio, que se chama Patife, e em nenhum d'elles podem entrar barcos, por não terem barra para isso, cuja costa he de praia e limpa, e a terra por dentro baixa. Ao longo do mar deste rio ao rio Grande são sete legoas, o qual está em quinze gráos e meio, e tem na boca tres moitas de mato, que do mar parecem ilhas, poronde he muito bom de conhecer. Na ponta da barra do norte da parte de fóra tem bom abrigo, para ancorarem navios da costa, os quaes entrão neste rio se querem; em cujo canal na barra tem duas braças, depois huma, e d'ahi por diante tres, quatro, e cinco braças. Este rio se navega por elle acima em barcos oito, dez legoas, neste rio será huma povoação de muito proveito por ser muito gran-

grande, e ter grandes pescarias, e muito marisco, e caça, cuja terra he muito boa, onde se darão todos os mantimentos, que lhe prantarem, e corre-se a costa deste rio grande aos Ilheos norte, sul; vem de muito longe e traz sempre muita agua, e grande corrente, pelo qual vierão abaixo alguns homens, dos que forão a serra das esmeraldas com Antotio Dias Adorno, os quaes vierão em suas embarcações, a que chamão canoas, que são de hum páo, e que tem a casca muito dura, e o mais muito mole, o qual acavacão com qualquer ferramenta de maneira, que lhe deitão todo o miolo fóra, e fica sómente a casca, e ha destas arvores algumas tamanhas, que fazem dellas canoas, que levão de vinte pessoas para cima. Sebastião Fernandes Tourinho morador em Porto seguro com certos companheiros entrou pelo certão, onde andou alguns mezes á ventura sem saber, poronde caminhava, e meteo-se tanto pela terra dentro, que se achou em direito do rio de Janeiro, o que souberão pela altura do sol, que este Sebastião Fernandes sabia muito bem tomar, e por conhecerem a serra dos Orgãos, que cahe sobre o rio de Janeiro; e chegando ao campo grande acharão alagôas, e riachos, que se metem neste rio Grande, e indo com rosto ao noroeste, derão em humas serras de pedra, poronde caminhárão obra de trinta legoas, e tornando a leste alguns dias derão em huma aldeia de Tupiniquins junto de hum rio, que se chama Razo Aguipe; e forão por elle abaixo com o rosto ao norte vinte oito dias em canoas, em as quaes andarão oitenta legoas. Este rio tem grande corrente, e entrão nelle dois rios, hum da banda do leste, outro da banda do sueste, com os quaes se vem meter este rio Razo Aguipe no rio Grande, e depoisque entrárão nelle navegárão nas suas canoas por elle abaixo vinte quatro dias, em os quaes chegárão ao mar, vindo sempre com a proa a leste; e fazendo esta gente sua viagem, achou no certão deste rio, no mais largo delle, que serão em meio caminho do mar, vinte ilhas afastadas humas das outras a huma legoa e a duas, e tres, e mais; e achárão quarenta legoas de barra pouco mais ou menos hum sumidouro, que vai por baixo da terra mais de huma legoa, quando he verão, que no inverno traz tanta agua, que alaga tudo. Do sumidouro para cima tem este rio grande fundo, e a partes tem pocos, que tem seis e sete braças, poronde se póde nave-

gar em grandes embarcações, e quasi toda a terra de longo d'elle he muito boa.

CAPITULO XXXIV.

Em que se declara a costa do rio Grande até o de Santa Cruz.

DO rio Grande ao seu braço são duas legoas, pelo qual braço entrão caravelões, que por elle vão entrar no mesmo rio Grande, meia legoa da barra para cima. Do braço do rio Grande ao rio Boiquisape são tres legoas, e de Boiquisape á ponta dos baixos de Santo Antonio são quatro legoas, e da ponta de Santo Antonio ao de Cernãodecibe estão huns baixos com canal entre elles e a costa, poronde entrão barcos pequenos pela ponta de Santo Antonio; e mais ao mar ficão huns arrecifes do mesmo tamanho com canal entre huns e outros, e defronte do rio de Santo Antonio tem estes arrecifes do mar hum boqueirão, poronde póde entrar huma não e ancorar pelo canal, que abre entre hum arrecife e outro, onde estará segura; no mesmo arrecife do mar está outro boqueirão, poronde podem entrar caravelões da costa defronte do rio de Cernãodecibe, pelo qual se póde hir buscar o porto. Do rio de Cernãodecibe ao de Santa Cruz são duas legoas onde esteve hum engenho de assucar. Neste porto de Santa Cruz entrão náos da India de todo o porte, as quaes entrão com a proa ao leste, e surgem em huma enseada como concha, onde entrão muito seguras de todo o tempo. Este rio de Santa Cruz está em dezaseis gráos e meio, e corre a costa do rio grande até esta de Santa Cruz, nordeste sudueste, o que se hade fazer afastado da terra duas legoas por amor dos baixos. Neste porto de Santa Cruz esteve Pedro Alvares Cabral, quando hia para a India, e descubrio esta terra, e aqui tomou posse d'ella, onde esteve a villa de Santa Cruz, a qual terra esteve povoada então de Tupiniquins, que senhoreavão esta costa do rio de Camamú até o de Cricare, de cuja vida e feitos diremos ao diante. Esta villa de Santa Cruz se despovoou, donde esteve, e a passárão para junto do rio de Cernãodecibe, pela terra ser mais sadia e acommodada para os moradores viverem.

CAPITULO XXXV.

Em que se declara a costa e terra d'ella ao rio de Santa Cruz até o de Porto seguro.

DO rio de Santa Cruz ao de Itacomerim he meia legoa, onde esteve o engenho de João da Rocha. Do rio de Itacomerim ao de Porto seguro he meia legoa, e entre hum e outro está hum riacho, que se diz de S. Francisco junto das barreiras vermelhas. Defronte do rio de Itacomerim até o de Santa Cruz vai huma ordem de arrecifes, que tem quatro boqueirões, poronde entrão barcos pequenos, e fazem outra ordem de arrecifes baixos mais ao mar, que se começão defronte do engenho de João da Rocha, e por entre huns arrecifes, e os outros he a barra do Porto seguro, poronde entrão náos de sessenta toneis, e se he muito grande, toma meia carga em Porto seguro, e vai acabar de carregar em Santa Cruz. Porto seguro está dezaseis gráos e dois terços, e quem vem de mar em fóra com boa vigia, por amor dos baixos, e para conhecer bem a terra, olhe para o pé da villa, que está em hum alto, e verá humas barreiras vermelhas, que he bom aivo, ou balliza, para por elle a conhecer; entra-se este rio leste oeste com a proa nestas barreiras vermelhas até entrar dentro do arrecife, e como estiver dentro vá com a proa ao sul, e ficará dentro do rio. Da outra banda dos baixos contra o sul está outra barra, poronde entrão navios do mesmo porte: quem entrar por esta barra, como estiver dentro d'ella, descobrirá hum riacho, que se diz de S. Francisco, e como o descubrir vá andando para dentro até chegar ao porto. De Porto seguro á villa de S. Amaro he huma legoa, onde está hum pico mui alto e huma hermida de nossa Senhora d'Ajuda de grandes miiagres. De Santo Amaro ao rio de Teroram he huma legoa, onde está hum engenho, que foi de Manoel Rodrigues Magalhães, e junto a este engenho está huma povoação, que se diz de S. Tiago do alto, em o qual rio entrão caravelões. Deste rio de Teroram ao de Maniape são duas legoas, e antes de chegar a elle estão as barreiras vermelhas, que parecem, a quem vem do mar, rochas de pedra. Do rio de Maniape ao de Viubugapa he huma legoa, onde está o engenho de Gonsalo Pires. Do rio de Viubu-

gapa ao rio dos Frades he huma legoa, onde entrão barcos, e chama-se dos Frades por se nelle afogar hum nos tempos atraz. Do rio dos Frades ao de Insuacoma são duas legoas, onde esteve huma villa, que se despovoou o anno de 1564 pela grande guerra, que tinhão os moradores della com os Aimores, e neste lugar esteve hum engenho, onde chamão a ponta de Cururumbabo.

CAPITULO XXXVI.

Em que se declara, quem povoou a capitania de Porto seguro.

NÃo he bem, que passemos mais avante sem declararmos, cuja he esta capitania do Porto seguro, e quem foi o povoador della, da qual fez elRei D. João III. de Portugal mercê a Pedro de Campo Tourinho, que foi hum cavalleiro natural da villa de Vianna da foz de Lima homem nobre, esforçado, prudente, e muito visto na arte de marear, cuja doação foi de cincoenta legoas de costa com as mais, que ficão declaradas. Para Pedro de Campos poder povoar esta capitania vendeo toda a sua fazenda, e ordenou á sua custa huma frota de navios, que fez prestes, em a qual se embarcou com sua mulher e filhos, e muitos moradores cazados seus parentes e amigos, e outra muita gente, com a qual se partio do porto de Vianna, e com bom tempo foi demandar a terra do Brazil, e foi tomar porto no rio de Porto seguro, onde desembarcou com sua gente, e se fortificou no mesmo lugar, onde agora está a villa cabeça d'esta capitania, a qual em tempo de Pedro do Campo floreceo, e foi mui povoada de gente; o qual edificou mais a villa de Santa Cruz, e a de Santo Amaro, de que já fallamos, e em seu tempo se ordenarão alguns engenhos de assucar, no que teve nos primeiros annos muito trabalho com a guerra, que lhe fez o gentio Tupiniquis, que vivia naquella terra, o qual lha fez tão cruel, que o teve cercado por muitas vezes, e posto em grande aperto, com o que lhe matárão muita gente, mas como assentarão pazes ficou o gentio quieto, e d'ahi por diante ajudou aos moradores a fazer suas roças, fazendo-as a troco do resgate, que por isso lhe davão. Por morte de Pedro de Campo ficou esta capitania mal governada com seu filho, que traz elle durou pouco, a

qual

qual começou logo a desbaratar : esta herdou huma filha de Pedro de Campo, que se chamava Leonor do Campo que nunca cazou. Esta Leonor do Campo com licença d'elRei vendeo esta capitania a D. João de Alencastro, primeiro Duque de Aveiro por cem mil réis de juro, o qual a favoreceo muito com gente e capitão, que a governasse, e com navios, que a ella todos os annos mandava, e com mercadorias : onde mandou fazer á sua custa engenho de assucar, e provocou a muitas pessoas de Lisboa, a que fizessem outros engenhos, em cujo tempo os padres da Companhia edificárão em villa de Porto seguro, hum mosteiro, onde residem sempre dez ou doze religiosos, que governão ainda agora algumas aldeias de Tupiniquins christãos, que estão nesta capitania. Nella houve em tempo do Duque sete ou oito engenhos de assucar, onde se lavrava cada anno muito, que se trazia a este reino, e muito páo de tinta, de que na terra ha muito. Nesta capitania se não deu nunca gado vaccum por respeito de certa herva, que lhe faz camaras, de que vem a morrer ; mas dá-se a outra criação de egoas, jumentos, e cabras muito bem, e de jumentos ha tanta quantidade na terra, que andão bravos pelo mato em bandos, e fazem nôjo ás novidades ; os que ficarão no campo dos moradores, que desta capitania se passárão para as outras, fugindo dos Aimores, em o qual tem feito tamanha destruição, que já não tem mais que hum engenho, que faça assucar, por terem mortos todos os escravos dos outros e muitos Portuguezes, pelo que estão despovoados, e postos por terra, e a villa de Santo Amaro, e a de Santa Cruz quasi despovoada de todo, e a villa de Porro seguro está mais danificada, e falta de moradores, em a qual se dão as canas de assucar muito bem, e muitas uvas, figos, romãs, e todas as frutas de espinho, onde a agua de flor he finissima, e se leva á Bahia a vender por tal. Esta capitania parte com a dos Ilheos pelo rio grande pouco mais ou menos, e pela outra parte com a do Espirito Santo de Vasco Fernandes Coutinho, paraonde himos caminhando.

CAPITULO XXXVII.

Em que se declara a terra, e costa de Porto seguro, até o rio das Caravelas.

DA villa de Porto seguro a ponta Corurumbabo são oito legoas, cuja costa se corre norte sul: esta ponta he baixa, e de area, apparece no cabo do arrecife, e demora ao noroeste, e está em altura de dezasete gráos e hum quarto. Este arrecife he perigoso e corre afastado da terra legoa e meia. Da ponta de Corurumbabo ao cabo das barreiras brancas são seis legoas, até onde corre este arrecife, que começa da ponta de Corurumbabo, porque até ao cabo d'estas barreiras brancas se corre esta costa por aqui, afastado legoa e meia. Do cabo das barreiras brancas ao rio das Caravelas são cinco ou seis legoas, em o qual caminho ha alguns baixos, que rebentão em frol, dos quaes se hão-de agoardar com boa vigia, os que por aqui passarem. Defronte de Jucuru está huma rodella de baixos, que não arrebentão, que he necessario de serem bem vigiados, e corre-se a costa de Corurumbabo até rio das Caravelas norte sul, o qual está em dezoito gráos. Tem este rio na boca huma ilha de huma legoa, que lhe faz duas barras, a qual está povoada com fazendas, e criações de vaccas, que se dão nella muito bem. Por este rio acima entrão caravelões da costa, mas tem na boca da barra muitas cabeças ruins, pelo qual entra a maré tres ou quatro legoas, que se navegão com barcos. A terra por este rio acima he muito boa, em que se dão todos os mantimentos, que se plantão, muito bem, e póde-se fazer aqui huma povoação, onde os moradores d'ella estão muito providos de pescados e mariscos, e muita caça, que por toda aquella terra há. Este rio vem de muito longe e pelo certão he povoado do gentio bem acondicionado, que não faz mal aos homens brancos, que vão por elle acima para o certão. Aqui neste rio foi desembarcar Antonio Dias Adorno com a gente, que trouxe da Bahia, quando por mandado do governador Luiz de Brito de Almeida foi ao certão no descobrimento das esmeraldas, e foi por este rio acima com cento cincoenta homens, e quatrocentos indios de paz e escravos, e todos forão bem tratados e recebidos dos gentios, que achárão pelo certão deste rio das Caravelas.

CAPITULO XXXVIII.

Em que se declara a terra, que ha do rio das Caravelas até Cricare.

DO rio das Caravelas até o rio de Peruipe são tres legoas, as quaes se navegão pelo canal indo correndo a costa, e neste rio entrão caravelões da costa, junto da qual terra faz huma ponta grossa ao mar de grande arvoredo, e toda a mais terra he baixa. Do direito desta ponta se começão os abrolhos, e seus baixos, mas entre os baixos e a terra ha fundo de seis ou sete braças huma legoa ao mar sómente, poronde vai o canal. Deste rio Peruipe ao de Maruipe são cinco legoas, o qual tem na boca huma barreira branca como lençol, poronde he bom de conhecer, o qual está dezoito gráos e meio: por este rio de Maruipe entrão caravelões da costa á vontade e ha maré por elle acima muito grande espaço, cuja terra he boa, e para se fazer conta della para se povoar, porque ha nella grandes pescarias, muito marisco, e caça. Deste rio Maruipe ao de Cricare são dez legoas, e corre-se a costa do rio das Caravelas até Cricare norte sul, e toma da quarta de nordeste, sudueste, e está em dezoito gráos e tres quartos, pelo qual entrão navios de honesto porte, e he muito capaz para se poder povoar por a terra ser muito boa e de muita caça, e o rio de muito pescado e marisco, onde se podem fazer engenhos de assucar, por se metterem nelle muitas ribeiras de aguas boas para elles. Este rio vem de muito longe, e navega-se quatro ou cinco legoas por elle acima, o qual tem na barra da banda do sul quatro abertas huma legoa, e mais huma da outra, as quaes estão na terra firme por cima da costa, que he baixa, e sem arvoredo, e de campinas, e quem vem do mar em fóra parecem-lhe estas abertas bocas de rios, poronde a terra he boa de conhecer, e atéqui senhoreárão a costa os Tupiniquins, de quem he bem, que digamos neste Capitulo que sesegue, antesque cheguemos á terra dos Gaizacazes.

CAPITULO XXXIX.

Em que se declara, quem são os Tupiniquins, e sda vida e costumes.

JA fica dito, como o gentio Tupiniquim senhoreou e possuio a terra da costa do Brazil ao longo do mar, do rio de Camamú, até o rio de Cricare, o qual tem agora despovoado toda esta comarca fugindo aos Tupinambas seus contrarios, que os apertárão por huma banda, e aos Aimores, que os offendião por todas: peloque se afastárão do mar, e fugindo ao máo tratamento, que lhes alguns homens brancos fazião, por serem pouco tementes a Deos; peloque não vivem agora junto ao mar mais que os christãos, de que só faremos menção. Com estes gentios tiverão os primeiros povoadores das capitanias dos Iheos, e Porto seguro, e da do Espirito Santo nos primeiros annos grandes guerras e trabalhos, de quem recebêrão grandes danos, mas pouco tempo adiante vierão a fazer pazes, que se cumprirão bem, e guardárão de parte a parte, e desde então forão os Tupiniquins muito fiéis e verdadeiros aos Portuguezes. Este gentio e Tupinaes descendem todos de hum tronco, e não se tem por contrarios verdadeiros, aindaque muitas vezes tivessem diferenças, e guerras, os quaes Tupinaes lhe ficavão nas cabeceiras pela banda do certão, com quem a maior parte dos Tupiniquins agora estão misturados, e este gentio he da mesma côr baça e estatura que o outro gentio, de que fallamos, o qual tem a lingoagem, vida, e costumes, e gentilidades dos Tupinambas, aindaque são seus contrarios, em cujo titulo se declarará mui particularmente todo o que se póde alcançar. Aindaque são contrarios os Tupiniquins dos Tupinambas, não ha entre elles na lingoa, e costumes mais diferença, da que tem os moradores de Lisboa dos da Beira, mas este gentio he mais domestico, e verdadeiro que todo o outro da costa deste estado, he gente de grande trabalho, e serviço, e sempre nas guerras ajudárão aos Portuguezes contra os Aimores, Tapuias, e Tamoios, como ainda hoje fazem esses poucos, que se deixárão ficar junto do mar, e das nossas povoações, com quem visinhão muito bem, os quaes são grandes pescadores de linha, caçadores, e marinheiros, são valentes homens,

mens, cação, pescão, cantão, bailão, como os Tupinambas, e nas coizas da guerra são mui industriosos, e homens para muito, de quem se faz muita conta a seu modo entre o gentio.

CAPITULO XL.

Em que se declara a costa de Cricare até o rio Doce, e do que se descobrio por elle acima; e pelo arrecife.

DO rio de Cricare até o rio Doce são dezasete legoas, as quaes se correm pela costa norte sul, o qual rio Doce está em altura de dezanove gráos. A terra d'este rio ao longo do mar he baixa, e afastada da costa por ella dentro tem arrumada huma serra, que parece, a quem vem do mar em fóra, que he a mesma costa. A boca deste rio he esparcelada bem huma legoa e meia ao mar, mas tem seu canal, poronde entrão navios de quarenta toneis, o qual rio se navega pela terra dentro algumas legoas, cuja terra ao longo do rio por alli acima he muito boa, que dá todos os mantimentos acostumados muito bem, onde se darão muito bons canaveaes de assucar, se os plantarem e podem fazer alguns engenhos por ter ribeiras mui acommodadas para isso. Este rio Doce vem de muito longe, e corre até o mar quasi leste oeste, pelo qual hum Sebastião Fernandes Tourinho, de que fallamos, fez huma entrada navegando por elle acima, até onde o ajudou a maré com certos companheiros, e entrando por hum braço acima, que se chama Mandi, onde elle desembarcou, e caminhou por terra obra de vinte legoas com o rosto ao lessudueste, onde foi dar com huma alagôa, a que o gentio chama boca do mar por ser muito grande e funda, da qual nasce este rio Doce, que leva muita agua. Esta alagôa corre ás vezes tanto, que faz grande enchente neste rio Doce, d'esta alagôa corre este rio ao leste, e della a quarenta legoas tem huma cachoeira; e andando esta gente ao longo do rio, que sahe da alagôa mais de trinta legoas, se detiverão alli alguns dias; tornando a caminhar andárão quarenta dias com o rosto ao leste, no cabo delles chegárão, aonde chamão rio Doce, e andárão nestes quarenta dias setenta legoas pouco mais ou menos, e como esta gente chegou a este rio Doce, e o achárão

tão possante, fizerão nelle canoas de casca, em que se embarçárão, e forão por alli acima, até onde se mete neste rio outro a que chamão o Ceci, pelo qual entrárão e forão quatro legoas, e no cabo dellas desembarcárão, e forão por terra com o rosto ao noroeste, onze dias e atravessárão o Ceci, e andarão cincoenta legoas ao longo delle da banda ao sul trinta legoas. Aqui achou esta gente humas pedreiras, que tem humas pedras verduengas, e tomão de azul, que parecem turquesquas, e afirmou o gentio aqui vizinho, que no cimo d'este monte se tirárão pedras muito azuis, e que havia outras, que segundo sua informação tem ouro muito descuberto, e quando esta gente passou o Ceci a derradeira vez d'alli cinco ou seis legoas da banda do norte, achou hum Sebastião Fernandes humas pedrinhas de esmeraldas, e outras de safiras, as quaes estão ao pé de huma serra cheia de arvoredo do tamanho de huma legoa; e quando esta gente hia do mar por este rio Doce acima sessenta ou setenta legoas da barra, achárão humas serras ao longo do rio de arvoredo, e quasi todas de pedra, em que tambem achárão pedras verdes, e indo mais acima quatro ou cinco legoas da banda do sul está outra serra, em que afirma o gentio haver pedras verdes, e vermelhas tão compridas como dedos, e outras azuis todas mui resplandecentes. D'esta serra a banda do leste pouco mais de huma legoa está huma serra, que he quasi toda de cristal muito fino, a qual cria em si muitas esmeraldas, e outras pedras azuis. Com estas informações, que Sebastião Fernandes deu a Luiz de Brito sendo governador, mandou Antonio Dias Adorno, como já fica dito atraz, o qual achou ao pé desta serra da banda de norte as esmeraldas, e da de leste as safiras, humas e outras nascem no cristal, donde trouxerão muitas e algumas muito grandes, mas todas baixas: mas presume-se, que debaixo da terra as deve haver finas, porque estas estavão á flor da terra, e em muitas partes achou esta gente pedras desacostumadas de grande pezo, que afirmão terem ouro, e prata, do que não trouxerão amostras, por não poderem trazer mais que as primeiras e com trabalho, a qual gente se tornou para o mar pelo rio grande abaixo, como já fica dito: e Antonio Dias Adorno, quando foi a estas pedras, se recolheo por terra atravessando por este Tupinais, e por entre os Tupinambas, e com huns e outros teve grandes escaramuças, e com muito trabalho, e

risco de sua pessoa chegou á Bahia á fazenda de Gabriel Soares de Sousa.

CAPITULO XLI.

Em que se declara a costa do rio Doce até o do Espirito Santo.

DO rio Doce ao dos Reis magos são oito legoas, e faz a terra de hum rio a outro huma enseada grande, o qual rio Grande está em dezanove gráos e meio, e corre-se a costa de hum a outro nordeste sudueste. Na boca d'este rio dos Reis magos estão tres ilhas redondas, poronde he bom de conhecer, em o qual entrão navios da costa, cuja terra he muito fertil, e boa para se poder povoar, onde se podem fazer alguns engenhos de assucar por ter ribeiras, que nelle se metem, mui acommodadas para isso. Navega-se neste rio da barra para dentro quatro ou cinco legoas, em o qual ha grandes pescarias e muito marisco, e no tempo, que estava povoado do gentio, havia nelle muitos mantimentos, que aqui hião resgatar os moradores do Espirito Santo, o que causava grande fertilidade. Da terra dos Reis magos ao rio das Barreiras são oito legoas, do qual rio se faz pouca conta; do rio das Barreiras á ponta do Imbaram são quatro legoas, sobre o qual está a serra do Mestre Alvaro; da ponta do Tubarão á ponta do morro de João Moreno são duas legoas, onde está a villa de nossa Senhora da Victoria: entre huma ponta e outra está o rio do Espirito Santo, o qual tem defronte da barra meia legoa ao mar huma alagôa, de que se hão de guardar em direito desta ponta da banda do norte. Duas legoas pela serra dentro está a serra do Mestre Alvaro, que he grande e redonda, a qual está afastada das outras serras: esta serra apparece, a quem vem do mar em fóra, muito longe, que he poronde se conhece a barra: esta barra faz huma enseada grande, a qual tem humas ilhas dentro, e corre-se esta barra para dentro, nordeste sudueste. A primeira ilha, que está nesta barra, se chama de D. Jorge, e mais para dentro está outra, que se diz de Valentim Nunes. D'esta ilha para a villa Velha estão quatro penedos grandes descubertos, e mais para cima está a ilha de Anna Vaz: mais avante está o ilheo

da viuva, e no cabo d'esta bahia está a ilha de Duarte de Lemos, onde está assentada a villa do Espirito Santo, a qual se edificou no tempo da guerra pelos Goiazacazes; que apertárão muito com os povoadores da villa Velha. Defronte da villa do Espirito Santo, da banda da villa Velha está hum penedo mui alto apique sobre o rio ao pé do qual se não acha fundo, he capaz este penedo para se edificar sobre elle huma fortaleza, o que se póde fazer com pouca despeza, da qual se póde defender este rio ao poder do mundo todo, este rio do Espirito Santo está em altura de vinte gráos e hum terço.

CAPITULO XLII.

Em que se declara como elRei fez mercê da capitania do Espirito Santo a Vasco Fernandes Coutinho, e como a foi povoar em pessoa.

Razão tinha Vasco Fernandes Coutinho de se contentar com os grandes, e heroicos feitos, que tinha com as armas acabado nas partes da India, onde nos primeiros tempos da sua conquista se achou, no que gastou o melhor de sua idade, e passando-se para estes reinos em busca do galardão de seus trabalhos, pedio em satisfação delles a S. Magestade licença para entrar em outros maiores, pedindo, que lhe fizesse mercê de huma capitania na costa do Brazil, porque a queria hir povoar, e conquistar o certão della, a cujo requerimento elRei D. João III. de Portugal satisfez fazendo-lhe mercê de cincoenta legoas de terra ao longo da costa em o dito estado com toda a terra para o certão, que coubesse na sua demarcação, começando aonde acabasse Pedro de Campo capitão do Porto seguro. E logo este fidalgo com a mercê, que pedio para satisfazer á grandeza de seus pensamentos, ordenou á sua custa huma frota de navios mui provida de moradores, e das munições de guerra necessarias com tudo o que mais convinha a esta empreza, em a qual se embarcárão entre fidalgos e criados d'elRei sessenta pessoas de feito, entre as quaes foi D. Jorge de Menezes, o de Maluco, e D. Simão de Castello Branco, que por mandado de S. Magestade hião cumprir suas penitencias a estas partes. Embarcado este valoroso capitão com sua gente na frota, que estava prestes, partio

do

do porto de Lisboa com bom tempo, e fez sua viagem para o Brazil, aonde chegou a salvamento á sua capitania, em a qual desembarcou, e povoou a villa de nossa Senhora da Victoria, a que agora chamão a villa Velha, onde se logo fortificou, a qual em breve tempo se fez huma nobre villa, para naquellas partes do redor della se fazerem logo quatro engenhos de assucar mui bem providos e acabados, os quaes começárão de lavrar assucar, como tiverão canas para isso, que se na terra derão muito bem. Nestes primeiros tempos teve Vasco Fernandes Coutinho algumas escaramuças com o gentio seu visinho, com o qual se houve de feição, que entendendo estes Indios, que não podião ficar bem do partido, se afastárão da visinhança do mar por aquella parte por escusarem brigas, que da visinhança se seguião. A este gentio chamão Goainazes, de quem diremos adiante. Como Vasco Fernandes vio o gentio quieto, e a sua capitania tanto avante, e em termos de florecer de bem em melhor, ordenou de vir para Portugal para se fazer prestes do necessario, para hir conquistando a terra pelo certão até descubrir ouro e prata, e a outros negocios, que lhe convinhão; e consertando suas coizas, como relevava, se partio, e deixou a D. Jorge de Menezes para em sua auzencia a governar. Mas os Tupiniquins de huma banda, e os Goainazes da outra fizerão tão crua guerra, que lhe queimárão os engenhos e muitas fazendas, e desbaratárão e matárão ás flexadas, o que tambem fizerão depois a D. Simão de Castello Branco, que lhe succedeo na capitania, e a outra muita gente; e puzerão a villa em cerco, e em tal aperto, que não podendo os moradores della resistir ao poder do gentio, se passárão para outra capitania. Tornando-se Vasco Fernandes para a sua capitania, e vendo-a tão desbaratada trabalhou todo o possivel por tomar satisfação deste gentio, o que não foi em sua mão por estar impossibilitado de gente, e munições de guerra, e o gentio mui soberbo com as victorias, que tinha alcançado antes. Viveo muitos annos afrontado delle naquella ilha, onde a seu requerimento o mandou Mendo de Sá, que naquelle tempo governava este estado, o qual ordenou na Bahia huma armada bem guarnecida de gente e armas, que era de navios da costa maniaveis, do qual mandou por capitão mór a seu filho Fernão de Sá, que com ella foi entrar no rio de Cricare, onde se ajuntou com

elle

elle a gente do Espirito Santo, que elle Vasco Coutinho mandou, e sendo a gente toda junta desembarcou Fernão de Sá em terra, e deo sobre o gentio de maneira, que o poz logo em desbarate nos primeiros encontros, o qual gentio se reformou e ajuntou logo, e apertou com Fernão de Sá de maneira, que o fez recolher para o mar, o que fez com tamanha desordem dos seus, que antes de poder chegar as embarcações matárão a Fernão de Sá com muita da sua gente ao embarcar; mas já agora esta capitania está reformada com duas villas, em huma das quaes está hum mosteiro dos padres da Companhia, e tem seus engenhos de assucar, e outras muitas fazendas. No povoar desta capitania gastou Vasco Fernandes o que adquirio na India, e todo o patrimonio, que tinha em Portugal, que todo para isso vendeo, o qual acabou nella tão pobremente, que chegou a darem-lhe de comer pelo amor de Deos, e não sei se teve hum lançol seu, em que o amortalhassem. E seu filho do mesmo nome vive hoje na mesma capitania tão necessitado, que não tem mais de seu, que o titulo de capitão e governador della.

CAPITULO XLIII.

Em que se vai declarando a costa do Espirito Santo, até o cabo de S. Thomé.

DO rio do Espirito Santo ao de Goarapira são oito legoas, e faz-se entre hum e outro rio huma enseada. A' chegada a este rio de Goarapira estão as serras, que se dizem de Jerocão, e corre-se a costa do morro de João Moreno até este rio norte sul, e defronte do morro de João Moreno está a ilha escalvada de Goarapira á ponta de Liretibe, que são sete legoas, e corre-se a costa nordeste sudueste, cuja terra he muito alta: esta ponta tem da banda do norte tres ilhas obra de duas legoas ao mar, a primeira está meia legoa da terra firme com bom surgidouro. Estão estas ilhas defronte de Goarapira, a terra deste rio Liretibe he muito grossa e boa para se poder povoar como melhor do Brazil, a qual foi povoada dos Goaizacazes; esta ponta de Liretibe tem hum arrecife ao mar, que bota bem huma legoa e meia, a qual ponta he de terra baixa. Ao longo do mar de Liretibe até Tapomerim são quatro ou cinco legoas, cuja costa se corre

re nordeste sudueste, em vinte gráos e tres quartos. De Tapomerim a Manage são cinco legoas, a qual está em vinte hum gráos: de Manage ao rio da Paraiba são cinco legoas, e corre-se a costa nordeste sudueste, e toma da quarta do norte sul, o qual rio da Paraiba, está em vinte hum gráos e dous terços. Este rio da Paraiba tem barra, e fundo, poronde entrão navios de honesto porte, o qual se póde tornar a povoar, porque ao redor delle ao longo do mar não ha gentio que recear, porque tudo vive afastado do mar. Da Paraiba ao cabo de S. Thomé são sete legoas, cuja costa se corre nordeste sudueste, o qual cabo está em vinte e dous gráos, pelo nome deste cabo o tomou a capitania tambem de S. Thomé, até onde corre o limite dos Goaizacazes, de que diremos em seu lugar.

CAPITULO XLIV.

Em que se trata de como Pedro de Gois foi povoar a sua capitania da Paraiba ou de S. Thomé.

PEdro de Gois foi hum fidalgo muito honrado, cavalleiro experimentado, o qual andou na costa do Brazil com Pedro Lopez de Sousa, e se perdeo com elle no rio da Prata, e pela afeição, que tomou d'este tempo a terra do Brazil, pedio a el Rei D. João, quando repartio as capitanias da costa, que lhe fizesse mercê de huma, da qual lhe fez S. Magestade mercê, dando-lhe treze legoas de terra ao longo da costa, que se começarião, onde se acabava a capitania de Vasco Fernandes Coutinho, e d'ahi até onde acabava Martim Antonio de Souza; e que não as havendo entre huma capitania e outra lhe dava sómente o que houvesse, o que não passaria dos baixos dos Pargos; da qual capitania foi tomar posse em pessoa em huma frota de navios, que á sua custa para isso fez, que proveo de moradores, armas, e o mais necessario para a tal empreza, com a qual frota se partio do porto de Lisboa, e fez sua viagem com prospero tempo, e foi tomar terra e porto na sua capitania, e desembarcou no rio da Paraiba, onde se fortificou, e fez huma povoação, em que esteve pacificamente os primeiros dous annos em paz com o gentio Goaizacazes seu visinho, com quem teve depois guerra cinco ou seis annos, dos quaes se defendeo com muito trabalho, e risco de sua pessoa, com lhe armarem cada

dia

dia traições. Fazendo pazes, que logo quebrárão, lhe forão matando muita gente, assim nestas traições como em cercos, que lhe puzerão mui prolongados, com o que padeceo crueis fomes, o que não podendo os moradores sofrer, apertárão com Pedro de Gois rijamente, que a despovoasse, no que elle se determinou obrigado destes requerimentos e das necessidades, em que o tinhão posto os trabalhos, e vêr que não era soccorrido do reino como devera. E vendo-se já sem remedio foi forçado despovoar a terra, e passar-se para a capitania do Espirito Santo, onde estava a este tempo Vasco Fernandes Coutinho, que lhe mandou para isso algumas embarcações, e como Pedro de Gois teve embarcações se tornou para estes reinos mui desbaratado, dos quaes tornou a hir ao Brazil por capitão mór do mar com Thomé de Souza, que neste estado foi o primeiro governador geral, que ajudou a povoar e fortificar a cidade do Salvador na Bahia de todos os Santos. Nesta povoação, que Pedro de Gois fez na sua capitania gastou toda a sua fazenda, que tinha no reino, e muitos mil cruzados de Martim Ferreira, que o favoreceo muito sem pretenção de fazerem por conta de companhia grandes engenhos, o que não houve effeito por os respeitos declarados neste capitulo.

CAPITULO XLV.

Em que se diz, quem são os Goaizacazes, e de sua vida, e costumes.

POisque temos declarado quasi toda a costa, que senhoreárão os Goaizacazes, não he bem, que nos despidamos della passando por elles, pois temos dito parte dos danos, que fizerão aos povoadores do Espirito Santo e aos da Paraiba, os quaes antigamente partião pela banda da costa do mar da banda do sul com os Tamoyos, e da do norte com os Tapanazes, que vivião entre elles e os Tupiniquins, e como erão seus contrarios, vierão a ter com elles tão cruel guerra, que os fizerão despejar a ribeira do mar, e iremse para o certão, com o que ficárão senhores da costa, até confinar com os Tupiniquins, cujos contrarios tambem são, e se matão e comem huns aos outros, entre os quaes estão tendo por marco o rio de Cricare. Este gentio foi o que fez despovoar a Pedro de Gois, e que deo tan-

tantos trabalhos a Vasco Fernandes Coutinho. Estes indios tem a côr mais branca, que os que dissemos atraz, e tem differente lingoagem, e são muito barbaros. Não grangeão muita lavoura de mantimentos, plantão sómente legumes, de que se mantem, e da caça, que matão ás flexadas, porque são grandes flexeiros. Não costuma esta gente a pelejar no matto, mas em campo descuberto, nem são muito amigos de comer carne humana como o gentio atraz, não dormem em redes, mas no chão com folhas debaixo de si. Costumão estes barbaros por não terem outro remedio, no mar nadando, esperar os tubarões com hum páo muito agudo na mão, e em remetendo o tubarão a elles, lhe davão com o páo, que lhe metião pela garganta com tanta força, que o afogavão e matavão, e trazião a terra para o comerem, para o que se não punhão em tamanho perigo senão para lhe tirar os dentes, para os engastarem nas pontas de flexas. Tem este gentio muita parte dos costumes dos Tupinambas assim no cantar, bailar, tingir-se de genipapo, a feição do cabello da cabeça, e o arrancar os mais cabellos do corpo, e outras gentilidades, muitas que por escusar proluxidades as guardamos para se dizerem huma só vez.

CAPITULO XLVI.

Em que se declara em summa, quem são os Papanazes e seus costumes.

PArece conveniente a este lugar para se brevemente dizer, quem são os Papanazes, de quem atraz fallámos, e por passarmos o limite de sua vivenda nos tempos antigos não he bem, que os guardemos para mais longe. Este gentio, como fica dito, viveo ao longo do mar, entre a capitania de porto Seguro e da do Espirito Santo; donde foi lançado pelos Tupiniquins seus contrarios, e pelos Goaizacazes, que tambem erão e são hoje seus inimigos, e huns e outros lhe fizerão tão cruel guerra, que os fizerão hir para o certão aonde agora tem sua vivenda, cuja lingoagem entendem os Tupiniquins, e Goaizacazes ainda mal. Estes gentios dormem no chão sobre folhas, como os Goaizacazes, tambem se não occupão em grandes lavouras, mantem-se de caça, e peixe do rio: são grandes flexeiros, e pelejão com arcos e flexas, andão nús co-

como o mais gentio, e não consentem cabello nenhum do corpo senão os da cabeça, e pintão-se, e enfeitão-se com pennas de côres de passaros, cantão e bailão, tem muitas gentilidades, das que uzão os Tupinambas; mas entre si tem costumes particulares. Hum que não he tão barbaro como todos os outros, que todo o gentio costuma, he, se hum indio d'estes mata outro da mesma geração em briga, ou por dezastre, são obrigados os parentes do matador a entrega-lo aos parentes do morto, que logo o afogão, e o enterrão, estando huns e outros presentes, e todos neste ajuntamento fazem grande pranto comendo, e bebendo todos juntos por muitos dias, e assim ficão todos amigos; e sendo cazo, que o matador fuja de maneira, que os parentes o não possão tomar, lhe tomão hum filho ou filha, se o tem, ou irmão e senão tem, hum nem outro, entregão pelo matador hum parente mais chegado, o qual não matão, mas fica cativo do mais chegado parente do morto, e com isso ficão todos contentes, e amigos como erão d'antes do acontecimento do morto.

CAPITULO XLVII.

Em que se torna a dizer, de como corre a costa do cabo de S. Thomé, até o cabo Frio.

DO cabo de S. Thomé á ilha de Santa Anna são oito legoas, e corre-se a costa nordeste sudueste. A terra firme d'esta costa he muito fertil e boa. Esta ilha de Santa Anna está em vinte e dous gráos, e tres quartos, a qual está afastada da terra firme duas legoas para o mar, e tem dous ilheos junto de si; e quem vem do mar em fóra, parece-lhe tudo huma cousa. Tem esta ilha da banda da costa bom surgidouro, e abrigada por ser muito limpo tudo, onde tem fundo cinco ou seis braças, e na terra firme defronte da ilha tem boa aguada, e na mesma ilha ha boa agua de huma alagôa. Poraqui não ha de que guardar senão, do que virem sobre a agua, e quem vem do mar em fóra, para saber, se está tanto avante como esta ilha; olhe para a terra firme, e verá no meio da serra hum pico, que parece frade, com capêllo sobre as costas, o qual demora ao leste noroeste, e podem os navios entrar por qualquer das bandas da ilha, como lhe mais ser-

servir o vento, e ancorar afouto e lá e a terra firme. Da ilha de Santa Anna á bahia do Salvador são tres legoas, e d'esta bahia a bahia Formosa são sete legoas, e da bahia Formosa ao cabo Frio, são duas legoas, e corre se a costa norte sul, e até esta bahia Formosa corrião os Goaizacazes no seu tempo, mas vivem já mais afastados do mar, peloque não ha a recear para se povoar qualquer parte d'esta costa do Espirito Santo até o cabo Frio.

CAPITULO XLVIII.

Em que se explicão os reconcavos do cabo Frio.

O Cabo Frio está em vinte e tres gráos, o qual párece, a quem vem do mar em fóra, ilha redonda com huma forcada no meio, porque a terra, que está entre o cabo e as serras, he mui baixa, e quando se vem chegando a elle apparece huma rocha com riscos brancos, poronde he boa de conhecer; aindaque peloque se julga do mar a terra do cabo parece ilha, e o não seja, poronde apparece na verdade o cabo a ilha, porque a costa e mar, poronde se não enxerga de fóra, mas he de maneira, que póde passar hum navio por entre elle, e a terra firme á vontade, e tem hum baixo neste canal bem no meio de duas braças de fundo, o mais he alto, que basta para huma náo. Perto do cabo estão as ilhas, no meio das quaes he limpo e bom o porto, para surgirem náos de todo o porte, e não ha senão guardar do que virem. Duas legoas do cabo da banda do norte está a bahia Formosa, e defronte della ficão as ilhas, e entre esta bahia e ilhas ha bom surgidouro. No fim d'esta bahia para o norte está a caza da pedra, perto da qual está hum rio pequeno; que tem de fóra bom surgidouro, e de dez até quinze braças de fundo, afastado hum pouco de huma ilha, que está na boca da bahia, e perto d'esta ilha, he alto para ancorar náos, porém perigoso, porque se venta sudueste oeste, faz aqui dano no primeiro impeto, porque vem com muita furia como trovoada de Guiné, a qual trovoada he de vento seco e claro. Costumavão os francezes a entrar por este rio pequeno a carregar o páo Brazil, que trazião para as náos, surtas na bahia ao abrigo das ilhas. Por esta bahia entra a maré muito pela terra dentro, que he muito baixa, onde de vinte de Janeiro até todo o Fevereiro

reiro se coalha a agua muito depressa, e sem haver marinhas, tirão os indios o sal coalhado e duro muito alvo, e ás mãoscheias debaixo da agua, e chegando-lhe sempre a maré sem ficar nunca em seco.

CAPITULO XLIX.

Em que se declara a terra, que ha do cabo Frio até o rio de Janeiro

DO cabo Frio ao rio de Janeiro são dezoito legoas, que se repartem nesta maneira: do cabo Frio ao rio de Sacorema são oito legoas, e de Sacorema ás ilhas de Maricá são quatro legoas, e de Maricá ao rio de Janeiro são seis legoas, cuja costa se corre leste oeste, o qual rio está em vinte e tres gráos, e tem sobre si humas serras mui altas, que se vêem de muito longe vindo do mar em fóra, a que chamão os Orgãos, e huma d'estas serras parece do mar gavia de náo, poronde se conhece a terra bem. Este rio tem a boca de ponta á ponta perto de meia legoa, e na de lessueste tem hum pico de pedra mui alto sobre a barra, na outra ponta tem outro padrasto, mas não he tão alto, nem tão aspero, de hum ao outro se defenderá a barra valorosamente. No meio d'esta barra entre ponta e ponta criou a natureza huma lagôa de cincoenta braças de comprido, e vinte e cinco de largo, onde se póde fazer huma fortaleza, que seja huma das melhores do mundo, e que se fará com pouca despeza, com o que se defenderá este rio a todo o poder que quizer entrar por elle, porque o fundo da barra he por junto d'esta lagôa a tiro de espingarda della, e he forçado ás náos, que quizerem entrar dentro, hir á falla della, e não lhe ficará outro padrasto mais que o do pico de pedra, donde lhe podem chegar com artilharia grossa; mas he este pico tão aspero, que parece impossivel poder-se levar a cima artilharia grossa, e segurando-se este pico ficará a fortaleza inexpugnavel, e huma couza e outra se póde fortificar com pouca despeza, pela muita pedra que para isso tem ao longo do mar, bem defronte, assim para cantaria, como para alvenaria, e grande aparelho para se fazer muita cal de ostras, de que neste rio ha infinidade.

CAPITULO L.

Em que se declara a entrada do rio de Janeiro, e as ilhas, que tem defronte.

DEfronte da barra do rio de Janeiro, e ao sul della quatro legoas ou cinco, estão duas ilhas baixas, e ao noroeste dellas está hum porto de area bem chegado á terra, onde ha abrigada do vento sul, sueste, leste, e noroeste, e como for outro vento, convem fugir na volta de leste, ou norte, que serve para quem vem para o reino; e quem houver de ancorar aqui, põe-se á terra quatro ou cinco braças de fundo para ficar bem, e quem houver de entrar no rio dando-lhe o vento lugar, entre pela banda de leste, e sendo vento oeste, vá pela barra do éste pelo meio do canal, que está entre a ponta de Cara de cão, e a lagea; mas a barra de leste he melhor por ser mais larga, e por cada huma dellas tem grande fundo oito até doze braças até á ilha da Viragalham, e quanto mais forem ao loeste, tanto menos fundo acharão, depois que passarem a ilha, e para a banda de leste acharão mais fundo, e passando a ilha do Viragalham, que se chama assim, por ser este nome do Capitão Francez, que esteve com huma fortaleza nesta ilha, que aqui tomou Mem de Sá e a arrazou. Defronte da barra d'este rio ao mar della está huma ilha, a que chamão Maria redonda, e afastada della para a banda do leste está outra ilha, a que chamão ilha Raza, e defronte d'estas ilhetas e á ponta da lagôa estão tres ilhas no meio, e chegado a terra e á ponta da lagea está outra ilha, a que chamão Liribituba, e ao redor da qual estão quatro ilhetas

CAPITULO LI.

Em que particularmente se explica a bahia do rio de Janeiro da ponta do páo de assucar para dentro.

HE tamanha couza o rio de Janeiro da boca para dentro, que se deve gastar o tempo em o declarar neste lugar, paraque se veja como he capaz de se fazer mais conta delle doque se faz; e comecemos do páo de assucar, que está da banda de fóra da barra, que he hum pico de pedra

dra mui alto da feição do nome, que tem, do qual á ponta da barra, que se diz de Cara de cão ha pouco espaço, e a terra, que fica entre esta ponta, e o páo de assucar, he baixa e chá, e virando d'esta ponta para dentro da barra se chama a cidade Velha, onde se ella fundou primeiro. Aqui se faz huma enseada, em que podem surgir navios, se quizerem, porque o fundo he de vara, e tem tres, seis, até sete braças. Esta enseada se chama de Francisco Velho, por ser aqui sua vivenda, e grangearia, a qual he afeiçoada em compasso até outra ponta adiante, junto da qual entra huma ribeira, donde bebe a cidade. Da ponta de Cara de cão á cidade póde ser meia legoa, esta ponta de Cara de cão fica quasi em padrasto da lagea, mas não he muito grande por ella não ser muito alta. A cidade se chama de S. Sebastião, a qual edificou Mem de Sá em hum alto, em huma ponta de terra, que está defronte da ilha de Viragalham, a qual está lançada d'este alto por huma ladeira abaixo, e tem em cima no alto hum nobre mosteiro, e collegio de padres da Companhia, e ao pé della está huma estancia com artilharia para huma banda, e para a outra hum modo de fortaleza em huma ponta, que defende o porto, mas não há barra por lá não chegar bem a artilharia. Ao pé d'esta cidade defronte da ponta do arrecife della tem bom surgidouro, que de fundo tem cinco, a seis braças, e chegando-se mais á terra tem tres, e quatro braças, onde os navios tem abrigo para os ventos geraes do inverno, que são o sul, e sueste, e quem quizer hir para dentro ha-de passar por hum banco, que tem de preamar até vinte palmos de agua, e passado este banco virando para detraz da ponta da cidade acharáõ bom fundo, onde os navios estão seguros de todo o tempo, por a terra fazer aqui huma enseada, e quando os navios quizerem sahir d'este porto carregados, háo-de botar fóra para entre a ilha, e a ponta da terra firme pela banda do norte, e hão de rodeár a ilha em redondo para tornarem a surgir defronte da cidade, e surgindo defronte da ilha de Viragalham entre ella e a cidade, no qual lugar acharáõ de fundo tres braças, e tres e meia, onde tem porto morto, e defronte d'este porto he o desembarcadouro da cidade, onde se diz as cazas de Manoel de Brito.

CA-

CAPITULO LII.

Em que se explica a terra da Bahia do rio de Janeiro da ponta da cidade para dentro.

NA ponta d'esta cidade e ancoradouro dos navios, que está detraz da cidade, está huma ilheta, que se diz a da Madeira, por se tirar d'ella muita, a qual serve aos navios, que aqui se recolhem de concertar as vellas; e d'esta ponta a huma legoa está outra ponta fazendo a terra, em meio huma enseada, onde está o porto, que se diz, de Martim Affonso, onde entra nesta bahia hum riacho, que se diz Yabiboraciqua. Defronte d'este porto de Martim Affonso estão espalhados seis ilheos de arvoredo, e d'esta ponta, para dentro se torna a terra a recolher á maneira de enseada, e d'alli a meia legoa faz outra ponta e antes della entra outro riacho no salgado, que se chama Unhauma, e a ponta, se chama braço pequeno. D'esta ponta que se diz braço pequeno, por diante foge a terra para traz muito, onde se faz hum esteiro, poronde entra a maré tres legoas, e fica a terra na boca d'este esteiro de ponta á ponta hum tiro de berço, donde começa a terra a fazer outra enseada, que de ponta á ponta são duas legoas, a qual terra he alta até á ponta. Defronte d'esta enseada está a ilha de Salvador Correia, que se chama Pernapico, que tem tres legoas de comprido, e huma de largo, em a qual está hum engenho de assucar, que lavra com bois, que elle fez. Atravessando esta ilha por mar á cidade são duas legoas, a qual ilha tem de redor de si oito ou nove ilhas, que dão páo Brazil. Do cabo d'esta enseada grande da ponta da terra alta se faz outra enseada apertada na boca, em a qual se mete hum rio, que nasce ao pé da serra dos Orgãos, que está cinco legoas pela terra dentro, o qual se chama Magipe, e mais adiante legoa e meia entra outro riacho nesta bahia, que se chama Sururuy; e d'este a duas legoas entra outro nesta bahia, que se chama Macocu, que se navega pela terra dentro quatro legoas, em o qual se mete outro rio, que se chama dos Goaizacazes, que vem de muito longe. Defronte do rio de Macocu está huma ilha, que se chama Cuciata, e d'esta ilha a huma legoa está outra, que se chama Pacata, e d'esta á de Salvador Correia

reia he legoa e meia: e estão estas ilhas todas tres les-teoeste humas das outras, e d'esta ilha Pacata direito ao Sul estão seis ilheos, e para o sueste estão cinco. Em duas carreiras da ponta do rio Macocu para a banda do leste se recolhe a terra, e faz huma enseada até a outra ponta da terra, sahida para fóra para o mar, em que entra hum riacho, que se chama Maxcindiba, e da ponta d'este riacho á de Macocu he legoa e meia. Defronte de Maxcindiba se torna a afastar a terra para dentro, está outra ilha, cheia de arvoredo; de Maxcindiba se torna a afastar a terra para dentro fazendo outra enseada, com muitos manges no meio, em a qual se mete outro rio, que se diz Suasunhao, e haverá de ponta á ponta duas legoas. No meio bem em direito das pontas está outra ilha cheia de arvoredo, e a outra ponta d'esta enseada se diz Mutungabo. Da ponta de Mutungabo se esconde a terra para dentro bem dous terços de legoa, onde se mete hum rio, que se chama Páo doce, e faz huma volta tornando a terra a sahir para fóra bem meia legoa, onde faz outra ponta, que se chama Verumare. D'esta ponta á de Mutungabo he huma legoa, e bem em direito d'estas pontas, em meio d'esta enseada, está outra ilha de arvoredo. D'esta ponta de Mutungabo, á de Macocu são quatro legoas; daponta de Virumare a dous terços de legoa está outra ponta, aonde se começão as barreiras vermelhas, que ficão defronte da cidade, aonde bate o mar da bahia, e defronte d'esta ponta para o norte está huma ilha, que se diz de João Fernandes, diante da qual está outra mais pequena. Das barreiras vermelhas se vai afeiçoando a terra ao longo da agua como cabeça de cajado, onde se faz huma enseada, que se chama Piratininga, e a ponta da lingoa de terra d'ella vem quasi em direito de Viragalham, a qual ponta se chama de Leiriy, e o cotovelo d'esta lingoa de terra faz huma ponta defronte da de Cara de cão, que fica em padrasto sobre a lagea da barra, na qual ponta está outra lagea, que o salgado aparta da terra qualquer couza, a qual fica ao pé do pico do padrasto, que está sobre a barra. Entrão por esta barra do rio de Janeiro náos de todo o porte, as quaes podem estar seguras neste rio, como fica dito, de maneira, que terá esta bahia do rio de Janeiro em redondo da ponta de Cara de cão andando por dentro até o mar, á outra ponta da lagea vinte legoas pouco mais ou menos

que

que se navegão em barcos, e pelo mais largo haverá de terra a terra seis legoas.

CAPITULO LIII.

Que trata de como o governador Mem de Sá foi ao rio de Janeiro.

NÃO he bem, que passemos adiante sem primeiro se dar conta da muita, que os annos passados se teve com o rio de Janeiro. Como elRei D. João o III. de Portugal fosse informado como os francezes tinhão feito neste rio huma fortaleza na ilha de Viragalham, que foi o capitão que nella residia, que assim se chamava, mandou a D. Duarte da Costa, que neste tempo era governador d'este estado, que ordenasse de espiar esta fortaleza, e barra do rio, o que D. Duarte fez com muita deligencia, e avisou d'isso a S. Magestade a tempo, que tinha eleito para governador geral d'este estado a Mem de Sá, a quem encomendou particularmente, que trabalhasse por lançar esta ladroeira fóra d'este rio. Falecendo elRei neste conflito succedeo no governo a Rainha D. Catharina sua mulher, que está em gloria; sabendo da vontade de S. Magestade escreveo ao mesmo Mem de Sá, que com a brevidade possivel fosse a este rio, e lançasse os francezes delle, ao que obedecendo o governador fez partir a armada, que do reino para isso lhe fôra, de que hia por capitão mór Bartholomeu de Vasconcellos, á qual ajuntou outros navios de elRei, que na Bahia havia, e dez ou doze caraveloes, e feita a frota prestes mandou embarcar nella as armas e munições de guerra, e mantimentos necessarios, em a qual se embarcou a maior parte da gente nobre da Bahia, e os homens de armas, que se pudérão juntar com muitos escravos e indios fôrros. E indo o governador com esta armada correndo a costa, de todas as capitanias levou gente por sua vontade, que o quizerão acompanhar nesta empreza, e seguindo a sua viagem chegou ao rio de Janeiro com toda a armada junta, aonde vierão ajudar muitos moradores de S. Vicente, onde foi recebido da fortaleza de Viragalham, que neste tempo era hido de França, com muitas bombardadas, o que não foi bastante para Mem de Sá deixar de se chegar á fortaleza com os navios de maior porte a varejar com artilharia grossa, e com os navios pe-

pequenos. Mandou desembarcar a gente em huma ponta da ilha, aonde mandou assentar a artilharia, donde batêrão a fortaleza rijamente. E como os francezes se vírão apertados despejárão o castello e fortaleza huma noite; lançarão-se na terra firme com o gentio Tamoyo, que os favorecia muito; e entrada a fortaleza, mandou o governador recolher a artilharia, e munições de guerra, que nelle havia; e mandou-a desfazer, e arrazar por terra, e avisou logo do succedido a Rainha em huma náo, que neste rio tomou, e como houve monção se recolheo o governador para a Bahia visitando as capitanias todas, aonde chegou a salvamento. Mas não alcançou esta victoria tanto a seu salvo, que lhe não custasse primeiro a vida de muitos portuguezes, e indios Tupinambas, que os francezes matárão a bombardadas, e espingardadas; mas como a Rainha soube d'esta victoria, e entendendo, quanto convinha á coroa de Portugal povoar-se, e fortificar-se o rio de Janeiro, estranhou muito a Mem de Sá arrazar a fortaleza, que tomou aos francezes, e não deixar gente nella, que a guardasse e defendesse, para se povoar este rio, que elle não fez por não ter gente que bastasse para poder defender esta fortaleza; e que logo se fizesse, e fosse povoar este rio, e o fortificasse, e edificando nelle huma cidade, que se chamasse de S. Sebastião: e paraque isto podesse fazer com mais facilidade, lhe mandou huma armada de tres galeões, de que hia por capitão mór Christovão de Barros com dois navios de elRei, que andavão na costa, e outros seis caravelões, se partio o governador da Bahia com muitos moradores della, que levavão muitos escravos comsigo, e partio-se para o rio de Janeiro, onde lhe succedeo o que neste capitulo se segue.

CAPITULO LIV.

Que trata, como Mem de Sá foi povoar o rio de Janeiro.

PArtindo Mem de Sá para o rio de Janeiro foi visitando as capitanias dos Ilheos, porto Seguro, e a do Espirito Santo, das quaes levou muitos moradores, que como aventureiros os forão acompanhando com seus escravos nesta jornada; e como chegou ao rio de Janeiro vio, que lhe havia de custar mais doque cuidava, como lhe acon-

teceo; porque achou-o fortificado dos francezes na terra firme onde tinhão feito cercas mui grandes, e fortes de madeira com seus baluartes, e artilharia, que lhe deixárão humas náos, que alli forão carregar de páo, com muitas espingardas. Nestas cercas estavão recolhidos com os francezes os indios Tamoyos, que estavão já tão adestrados delles, que pelejávão muito bem com suas espingardas, para o que lhe não faltava polvora nem o necessario, por estarem de tudo bem providos das náos acima ditas. Desembarcando o governador em terra tiverão os portuguezes grandes escaramuças com os francezes, e Tamoyos; mas huns e outros se recolhêrão contra sua vontade para as suas cercas, que logo forão cercadas e postas em grande aperto, mas primeiro que fossem entradas custou a vida a Estacio de Sá sobrinho do governador, e a Gaspar Barboza, pessoa mui principal e de grande estima, e outros muitos homens e escravos, e com tudo forão as cercas entradas e muitos dos contrarios mortos, e os mais cativos; e como os Tamoyos não tiverão entre si francezes, se recolhêrão pela terra dentro, donde vinhão muitas vezes fazer seus assaltos, do que nunca sahírão bem. E como Mem de Sá vio, que tinha lançado os inimigos da porta, ordenou de fortificar este rio fazendo-lhe huma estancia ao longo d'agua para defender a barra, a qual reedificou Christovão de Barros sendo capitão d'este rio, e assentou a cidade, que murou de muros de taipa com suas cercas, em que pôz artilharia necessaria, onde edificou algumas igrejas com sua caza de misericordia, e hospital, e hum mosteiro de padres da Companhia, que agora he collegio, onde os padres ensinão latim, para o que lhe faz S. Magestade mercê cada anno de dois mil cruzados, e acabada de fortificar, e povoar esta cidade ordenou o governador de se tornar da Bahia deixando nella por capitão a seu sobrinho Salvador Correa de Sá com muitos moradores, e officiaes de justiça, e de fazenda convenientes ao serviço d'elRei, e ao bem da terra, o qual Salvador Correa defendeo esta cidade alguns annos valorosamente fazendo guerra ao gentio, de que alcançou grandes victorias, e dos francezes, que do cabo Frio os vinhão ajudar, e favorecer, aos quaes foi tomar dentro no cabo Frio huma náo, que passava de duzentos toneis com canoas, que levou do rio de Janeiro, com as quaes a abairoou, e tomou á força de armas. A esta cidade depois man-

mandou elRei D. Sebastião o governador Christovão de Barros, que a acrescentou fazendo nella em seu tempo muitos serviços a S. Magestade, que se não podem particularizar em tão pequeno espaço.

CAPITULO LV.

Em que se trata de como foi governador do rio de Janeiro Antonio Salema.

INformado elRei D. Sebastião, que gloria haja, do rio de Janeiro, e de muito, para que estava disposto, ordenou de partir este estado do Brazil em duas governanças, e deu huma dellas ao Doutor Antonio Salema, que estava na capitania de Pernambuco com alçada, a qual se estendia da capitania de porto Seguro até S. Vicente. Esta repartição se fez no anno 1572, começava no limite, em que partem as duas capitanias dos Ilheos, e do porto Seguro, e d'alli tudo para o sul. E a outra do dito limite até tudo o que ha para o norte, deu a Luiz de Brito de Almeida, e era cabeça d'esta governança a cidade de S. Sebastião do rio de Janeiro, onde o governador assistio, e começou hum engenho, que S. Magestade lhe mandou fazer, para o que lhe mandou dar quatro mil contos, o qual se não acabou sendo mui necessario para os moradores fazerem suas cazas, e para a terra hir em grande crescimento. No tempo que Antonio Salema governou o rio de Janeiro, hião cada anno náos francezas resgatar com o gentio ao cabo Frio, onde ancorávão as suas náos na bahia, que atraz fica declarado, e carregavão de páo da tinta á sua vontade: e vendo Antonio Salema tamanho desaforo determinou de tirar esta ladroeira d'este lugar, e fez-se prestes para hir fazer guerra ao gentio de cabo Frio, para o que assentou quatrocentos homens brancos, e setecentos indios, com os quaes por conselho de Christovão de Barros forão ambos em pessoa ao cabo Frio, que está dezoito legoas do rio, onde acharão os Tamoyos com cercas mui fortes recolhidos nellas com alguns francezes dentro, onde huns e outros se defendêrão valorosamente ás espingardadas e flexadas, e não podendo os francezes sofrer o aperto, em que estavão, se lançárão com o governador, que lhe deu a vida, com o que os Tamoyos forão entrados e mortos infinitos, e cativas oito ou dez mil almas, e com

esta victoria, que os portuguezes alcançárão ficarão os Tamoyos tão atemorisados, que despejárão a ribeira do mar, e se forão para o certão, pelo que não tornarão mais náos francezas a cabo Frio a resgatar, e porque d'este sucesso fez Antonio Salema hum tratado, havemos por escusado tratar mais d'este caso neste capitulo.

CAPITULO LVI.

Em que se conclue com o rio de Janeiro com a tornada de Salvador Correa.

VEndo elRei D. Sebastião, que gloria haja, o pouco de que lhe servia dividir o estado do Brazil em duas governanças, assentou de a tornar a juntar, como d'antes andava, e de mandar por capitão e governador ao rio de Janeiro sómente a Salvador Correa de Sá, e que viessem as appellações á Bahia como d'antes era; onde o dito Salvador Correa foi com provisão de dez de Setembro de 1577, e está hoje em dia, onde tem feito muitos serviços a S. Magestade, no modo como procede na governança, e defensão d'esta cidade, e no fazer da guerra ao gentio, de que tem alcançado grandes victorias, e tambem servio a S. Magestade em pelejar com tres navios francezes, que querião entrar pela barra do rio de Janeiro; e se defendeo ás bombardas, e não quiz consentir, que comunicassem com gente da terra por se dizer trazerem cartas do Senhor D. Antonio. Foi esta cidade em tanto crescimento no seu tempo, que pela engrandecer ordenou hum engenho de assucar na sua ilha, fez muito assucar, e favoreceo Christovão de Barros para mandar fazer outro, que tambem está moente e corrente, com os quaes esta cidade está muito avante, e com hum formoso collegio dos padres da Companhia, cujas obras Salvador Correa ajudou e favoreceo muito. Neste rio de Janeiro se podem fazer muitos engenhos por ter terras, e aguas para isso, em o qual se dão as vaccas muito bem, e todo o gado de Hespenha, onde se dá trigo, cevada, vinho, marmelos, romãs, figos, e todas as frutas de espinho, e he muito farto de pescado marisco, e de todos os mantimentos, que se dão na costa do Brazil, onde há muito páo Brazil e muito bom.

CAPITULO LVII.

Em que se declara a costa do rio de Janeiro até S. Vicente.

DA ponta de Cara de cão do rio de Janeiro á ponta do rio de Marambaya são nove legoas, onde se faz huma enseada, e defronte d'esta enseada está huma ilha de arvoredo, que se chama a ilha Grande, a qual faz de cada banda duas barras com a terra firme, porque tem em cada boca hum penedo no meio, que lhe faz duas abertas; e navega-se por entre esta ilha, e a terra firme com muito grandes náos de todo o porte, e ao mar d'esta ilha está hum ilheo, que se chama João Grego. Esta ilha Grande está em vinte e cinco gráos, e tres quartos, a qual tem sete ou oito legoas de comprido, cuja terra he muita boa toda cheia de arvoredo com aguas boas para engenhos. Quem vem do mar em fóra parece-lhe esta ilha cabo de terra firme por estar chegada á terra. Esta ilha se deu de sesmaria a hum Desembargador que he falecido, e não a povoou sendo ella tanto para se fazer muita conta, na qual ha muito bom porto para surgirem navios. Defronte d'esta ilha está na ponta della da banda de leste a angra dos Reis, e corre-se esta ilha leste oeste, e quem navegar por entre ella e a terra firme não tem que recear, porque tudo he limpo e sem baixa nenhuma. Da ilha grande ao morro de Carabaçu são nove legoas, o qual morro está em vinte e tres gráos e hum quarto, e tem hum ilheo na ponta, e entre ella e a ilha Grande na enseada junto á terra firme tem duas ou tres ilhas de arvoredo. Do morro de Carabaçu á ilha das Couves são quatro legoas, a qual está chegada á terra; da ilha das Couves ao porto dos Porcos são duas legoas, o qual porto he muito bom e tem defronte huma ilha do mesmo nome. Do porto dos Porcos á ilha de S. Sebastião são cinco legoas, a qual está em vinte e quatro gráos, e tem cinco ou seis legoas de comprido, cuja terra he boa para se poder povoar, e para boa navegação; ha-se navegar entre esta ilha e a terra firme, mas acostar antes á banda da ilha, por ter mais fundo. A sudueste d'esta ilha está outra ilha, que se chama dos Alcatrazes, a qual tem tres picos de pedra e hum delles muito mais comprido, que os outros. Por dentro d'es-

d'esta ilha de S. Sebastião duas ou tres legoas ao sudueste della estão duas ilheras, huma se diz da Victoria, e a outra dos Buzios. Da ilha de S. Sebastião ao monte do Trigo são quatro legoas, do monte do Trigo a barra de S. Vicente são quatro legoas, e corre-se esta costa da ilha Grande até S. Vicente lesnordeste, e oessudueste.

CAPITULO LVIII.

Em que se declara, quem he o gentio Tamoyo, de que tanto fallámos

Ainda que pareca ser já fóra do seu lugar tratar aqui do gentio Tamoyo, não lhe cabia outro, pela costa da terra, que elles senhoreão, passar além do rio de Janeiro até angra dos Reis; assim se não podia dizer delles em outra parte mais acommodado. Estes Tamoyos ao tempo, que os portuguezes descobrirão esta provinciia do Brazil, senhoreavão a costa delle desde o rio do cabo de S. Thomé até a angra dos Reis, do qual limite forão lançados para o certão, onde agora vivem. E este gentio he grande de corpo, e mui robusto, são valentes homens, e mui belicosos e contrarios de todo o gentio senão dos Tupinambas, de quem se fazem parentes, cuja falla se parece muito huma a outra, e tem as mesmas gentilidades, vida, e costumes, e são amigos huns dos outros. São estes Tamoyos mui inimigos dos Gaizacazes, de quem já fallámos, com quem partem, e cada dia se matão, e comem huns aos outros. Por est'outra parte de S. Vicente partem com os Goaizes, com quem tambem tem continua guerra, sem se perdoarem. Pelejão com arcos e flexas, no que são muito destros, e grandes caçadores, pescadores de linha, grandes mergulhadores, e á flexa matão tambem muito peixe, de que se aproveitavão, quando não tinhão anzoes. São suas cazas mais fortes, que as dos Tupinambas, e as do outro gentio, e tem as suas aldeias muito fortificadas com grandes cercas de madeira. São havidos estes Tamoyos por grandes musicos, e bailadores entre todo o gentio, os quaes são grandes compositores de cantigas de improviso, pelo que são muito estimados do gentio, poronde quer que vão. Trazem o beiço de baixo furado, e nelle humas pontas de osso compridas com huma cabeça como prego, em que se tem esta ponta, paraque

não

não caia, a qual cabeça lhe fica dentro do beiço, por onde a metem. Costumão mais em suas festas enfeitarem-se com capas e carapuças de pennas de côres de passaros. Com este gentio tiverão grande entrada os francezes, de que forão bem recebidos no cabo Frio, e no rio de Janeiro, onde os deixárão fortificar, e viver, atéque o governador Mem de Sá os foi lançar fóra, e depois Antonio Salema no cabo Frio. Nestes dois rios costumavão os francezes resgatar cada anno muitos mil quintaes de páo Brazil, aonde carregavão delle muitas náos, que trazião para França.

CAPITULO LIX.

Em que se declara a barra, e povoações da capitania de S. Vicente.

ESTá o rio, e barra de S. Vicente em altura de vinte e quatro gráos e meio, o qual rio tem a boca grande, e muito aberta, onde se diz a barra de Estevão da Costa. E quem vem do mar em fóra para conhecer a barra, verá sobre huma ilha com hum monte de feição de moela de gallinha, com tres mamilhões. Por esta barra entrão náos de todo o porte, as quaes ficão dentro do rio mui seguras de todo o tempo, pela qual entra a maré cercando a terra em maneira, que fica em ilha mui chegada á terra firme, e faz este braço do rio muitos meandros. Na ponta d'esta barra da banda do leste está a villa de nossa Senhora da Conceição, e d'esta ponta á outra, que se diz de Estevão da Costa se estende a barra de S. Vicente, e entrando por este rio acima está a terra toda povoada, de huma banda e da outra, de fazendas muito frescas, e antesque cheguem á Villa estão os engenhos de José Adorno, e no rio está huma ilheta, além da qual á mão direita está a villa de S. Vicente, e he cabeça d'esta capitania. Pelo certão d'esta capitania nove legoas está a villa de S. Paulo, onde geralmente se diz o campo, em a qual villa está hum mosteiro dos padres da Companhia, e ao redor della quatro ou cinco legoas estão quatro aldeias de indios fórros christãos, que os padres doutrinão, e servem-se d'esta villa para o mar pelo estreito do Ramalho. Tem esta villa dois ou tres engenhos de assucar na ilha em terra firme, mas todos fazem

zem pouco assucar por não hirem lá navios, que o tragão; e aparta-se esta capitania de S. Vicente de Martim Affonso de Souza com a de seu irmão Pedro Lopes pelo estreito da villa de Santos, donde se começa a capitania da villa de S. Amaro.

CAPITULO. LX.

Em que se declara cuja he a capitania de S. Vicente.

PArece, que he necessario antes de passar mais adiante, declarar, cuja he a capitania de S. Vicente, e quem foi o povoador della, da qual fez elRei D. João o III. de Portugal mercê a Martim Affonso de Souza, cuja fidalguia e esforço he tão notorio a todos, que he escusado bulir neste lugar nisso, e os que delle não sabem muito, vejão os livros da India, e verão os feitos maravilhosos, que nella acabou, sendo capitão mór do mar, e depois governador. Sendo este fidalgo mancebo, desejoso de commetter grandes emprezas, acceitou esta capitania com cincoenta legoas de costa, como as de que já fizemos menção, a qual determinou de hir povoar em pessoa, para o que fez prestes huma frota de navios, que proveo de mantimentos, e munições de guerra como convinha; em a qual embarcou muitos moradores cazados, com os quaes se partio do porto de Lisbôa, donde começou a fazer sua viagem, e com prospero tempo chegou a esta provincia do Brazil. No cabo da sua capitania tomou porto no rio, que se agora chama de S. Vicente, onde se fortificou, e assentou a primeira villa, que se diz do mesmo nome do rio, que fez cabeça da capitania. E esta villa foi povoada de muita e honrada gente, que nesta armada foi, a qual assentou em huma ilha, donde lançou os Gaiazacazes, que he o gentio que a possuia, e senhoreava aquella costa até conquistarem os Tamoyos; a qual villa floreceo muito nestes primeiros annos, porque ella foi a primeira, em que se fez assucar na costa do Brazil, donde se as outras capitanias proverão de canas de assucar para plantarem, e de vaccas para criarem, e inda agora florece, e tem em si hum honrado mosteiro de padres da Companhia, e alguns engenhos de assucar, como fica dito. Com o gentio teve Martim Affonso pouco trabalho por ser pouco bellicoso, e fa-

facil de contentar, e como fez pazes com elle, e acabou de fortificar a villa de S. Vicente, e a da Conceição se embarcou em certos navios, que tinha, e foi correndo a costa descobrindo-a e os rios della, até chegar ao rio, da Prata, pelo qual navegou muitos dias com muito trabalho, aonde perdeo alguns navios pelo baixo do mesmo rio, em que se lhe afogou alguma gente; donde se tornou a recolher para a sua capitania, que acabou de fortificar como pôde, e deixando nella quem a governasse e defendesse se tornou para Portugal chamado de S. Alteza, que senão houve por servido delle naquellas partes. D'alli o mandou para ás Indias, e depois de as governar se tornou para este reino, que tambem ajudou a governar com elRei D. João, que o fez do seu conselho de Estado; e o mesmo fez governando elRei D. Sebastião no tempo, que reinava ou governava a Rainha D. Catharina sua avó, e depois o Cardeal D. Henrique, para o que tinha todas as partes convenientes. Nestes felices annos Martim Affonso favoreceo muito esta capitania com navios e gente, que a ella mandava, e deu ordem, com que mercadores poderosos fossem, e mandassem a ella fazer engenhos de assucar, e grandes fazendas como até hoje em dia, de que já fizemos menção. Tem este rio de S. Vicente grande commodidade para se fortificar e defender, ao que he necessario acudir com brevidade, porque he mui importante esta fortificação ao serviço de S. Alteza, porque se se apoderarem d'esta terra os inimigos, serão máos de lançar fóra pelo commodo, que tem na mesma terra, para se fortificarem nella, e defenderem, de quem os quizer lançar fóra. Por morte de Martim Affonso herdou esta capitania seu filho primogenito Pedro Lopes de Souza senhor de Alcoentre, por cujo falecimento na batalha de Alcacer com elRei D. Sebastião, em 4 de Agosto de 1578, a herdou seu filho Lopo de Souza.

CAPITULO LXI.

Em que se declara a capitania de Santo Amaro, e quem a povoou.

ESTá tão mistica á capitania de S. Vicente com a de Santo Amaro, que senão fôra, de dous irmãos, amaçárão-se muito mal os moradores dellas, as quaes hiremos di-

vi-

vidindo como podermos. Indo pelo rio de S. Vicente acima, antesque cheguem á ilha, que nelle está a mão direita delle, está a boca do esteiro, e porto da villa de Santos, poronde entra a maré cercando esta terra até se ajuntar com est'outro esteiro de S. Vicente; e entrando por este esteiro de Santos, á mão esquerda delle está situada a villa do mesmo nome, a qual fica tambem em ilha cercada de agua toda, que se navega com barcos, e lhe dá jurisdicção da capitania de Santo Amaro; e tomando a ponta de Estevão da Costa, que está na boca da barra de S. Vicente, della a tres legoas ao longo da costa está a villa de Santo Amaro, junto da qual está o engenho de Francisco de Barros, e o de Santo Amaro que fez Pedro Lopes de Souza, cabeça d'esta capitania. D'esta villa de Santo Amaro á barra de Britioga são duas legoas, onde está huma torre com artilharia, e bombardeiros, que se chama de S. Filippe. Por esta barra entra a maré cercando esta terra até se ajuntar com o esteiro de Santos, poronde fica Santo Amaro tambem em ilha, e adiante da ponta, donde está esta fortaleza, estão no rio duas ilhas. Defronte da fortaleza de S. Filippe faz a terra huma ponta mui chegada a est'outra, onde está outra torre com bombardeiros, e artilharia, que se diz de S. Thiago, e por entre huma e outra podem entrar náos grandes por ter fundo para isso, se d'estas fortalezas lhe não impedirem; e passando adiante d'estas torres pelo esteiro acima, da banda da terra firme, estão os rios seguintes, que estão povoados com engenhos, e outras fazendas, das quaes se vem meter aqui no salgado do rio dos Lagartos, o Peraque, o de S. João, o de S. Miguel, o da Trindade, o das Cobras, o do engenho de Paulo de Proença, o rio dos Frades, onde está o engenho de Domingos Leitão, que he já da capitania de S. Vicente, o de Santo Antonio, o do engenho de Antonio do Valle, o de Manoel de Oliveira, e concluindo he marco entre a capitania de S. Vicente, e a de Santo Amaro o mosteiro de Santos. Atraz fica dito como Pedro Lopes de Souza não quiz tomar as cincoenta legoas de costa todas juntas, do que elRei lhe fez mercê, e que tomou ametade em Tamaraca, e a outra em Santo Amaro, de que agora trataremos. Esta capitania foi povoar em pessoa este fidalgo, e fez para o poder fazer huma frota de navios, em que se embarcou com muitos moradores, com os quaes partio do por-

to de Lisboa, e se foi á provincia do Brazil, paraonde levava a sua derrota, e foi tomar porto no de S. Vicente, donde se negociou, e fez as povoações e fortalezas acima ditas, no que passou grandes trabalhos e gastou muitos annos, a qual agora o possue huma sua neta por não ficar delle herdeiro, a quem ella com a de Tamaraca houvesse de vir.

CAPITULO LXII.

Em que se declara parte da fertilidade da terra de S. Vicente.

NEstas capitanias de S. Vicente e Santo Amaro são os ares frios, e temperados como em Hespanha, cuja terra he mais sadia e de frescas e delgadas aguas, em as quaes se dá assucar muito bom, e se dá trigo e cevada, que se não usa na terra por os mantimentos della serem muito bons, e fertilissimos de grangear, de que os moradores são muito abastados, e de muito pescado e marisco, onde se dão tamanhas ostras, que tem a casca maior, que hum palmo, e algumas muito fáçanhozas. Do trigo usão sómente para fazerem hostias e alguns mimos. Tem esta capitania muita caça de porcos e veados, e outras muitas alimárias e aves, e criáo-se aqui tantos porcos e tamanhos, que os esfolão para fazerem botas, e couros de cadeiras, e que achão os moradores d'estas capitanias mais preciosos, e melhor que couro de vaccas, de que nestas capitanias ha muita quantidade por se na terra darem melhor, que em Hespanha, onde as carnes são muito gordas e gostosas, e fazem vantajem ás das outras capitanias por a terra ser mais fria. Dáo-se nesta terra todas as frutas de espinho melhor que em Hespanha, ás quaes a formiga não faz mal nem a outra cousa, por se não criar na terra como nas outras capitanias; dáo-se uvas, trigos, romãs, maçãs, e marmelos em muita quantidade, e os moradores da villa de S. Paulo tem já muitas vinhas, e há homens nella, que colhem já duas pipas de vinho cada anno, e por causa da planta he muito verde, e para senão avinagrar lhe-dáo huma fervura no fogo; e tambem há já nesta terra algumas oliveiras, que dáo fruto, e muita roza, e os marmelos são tantos, que os fazem de conserva, e tanta marmelada, que a levão a vender pelas outras capitanias, e não ha duvida senão que ha nes-

tas

tas capitanias outra fruta melhor que he prata, o que se não acaba de descubrir por não hir á terra quem a saiba tirar das minas, e fundir.

CAPITULO LXIII.

Que trata, de quem são os Goainazes, e de seus costumes.

JA' fica dito como os Tamoyos são fronteiros de outros gentio, que se chamão os Goainazes, os quaes tem sua demarcação ao longo da costa pela angra dos Reis, e d'ahi até o rio de Cananea, onde ficão visinhos com outra casta de gentios, que chamão os Carijos. Estes Goainazes tem continuamente guerra com os Tamoyos de huma banda, e com os Carijos da outra, e matão-se huns aos outros cruelmente; não são os Goainazes maliciosos, nem refalsados, antes simples, e bem acondicionados, e facilissimos de crer em qualquer couza. He gente de pouco trabalho, muito molle, não usão entre si lavouras, vivem de caça que matão, e peixe, que tomão nos rios, e das frutas silvestres, que o mato dá; são grandes flexeiros e inimigos de carne humana, não matão aos que cativão, mas acceitão-nos por seus escravos; se encontrão com gente branca, não lhe fazem nenhum dano, antes boa companhia, e quem acerta de ter algum escravo Goainaz não espera delle algum serviço, porque he gente folgazã de natureza, e não sabe trabalhar. Não costumão estes gentios fazer guerra aos seus contrarios fóra dos seus limites, nem os vão buscar nas suas vivendas, porque não sabem pelejar entre o mato, senão no campo, aonde vivem, e se defendem com seus arcos e flexas dos Tamoyos, quando lhe vem fazer guerra, com quem pelejão no campo mui valentemente e ás flexadas, as quaes sabem empregar tambem como seus contrarios. Não vive este gentio em aldeias com cazas arrumadas, como os Tamoyos seus visinhos; mas em covas pelo campo debaixo do chão, onde tem fogo de noite, e de dia, e fazem sũas camas de rama, e pelles de animaes que matão. A lingoagem d'este gentio he diferente da de seus visinhos, mas entende-se como os Carijos; são na côr e proporção do corpo como os Tamoyos, e tem muitas gentilidades, como o mais gentio da costa.

CAPITULO LXIV.

Em que se declara a costa do rio de Santo Amaro até á Cananea.

ATraz fica dito, como se divide a capitania de S. Vicente da de Santo Amaro pelo estreito de Santos, e como a villa de Santo Amaro he cabeça d'esta capitania. D'ella ao rio da Cananea são vinte e cinco legoas ou trinta, antes da qual se acaba a capitania de Santo Amaro, e corre se esta costa de Santo Amaro até á Cananea nordeste, sudueste, e toma da quarta de leste, oeste, a qual terra he toda boa para se poder aproveitar, e tem muitos riachos, que se vão meter no mar, entre os quaes he hum, que está onze legoas, antesque cheguem á Cananea, a qual faz no cabo huma enseada, que tem huma ilha junto ao rio, que se diz a ilha Branca. Este rio da Cananea está em vinte e cinco gráos e meio, em o qual rio entrão muitos da costa, e se navega por elle acima algumas legoas, e he mui capaz para se poder povoar, e para se fazer muita conta delle por ser muito abastado de pescado, e marisco, e por ter muita caça, cuja terra he muito ferril, em a qual se dão muitos mantimentos dos naturaes, e se dará todo o que lhe plantarem, e se dará toda acriação de gado, que lhe lançarem por ter grande commodo para isso. Tem o rio da Cananea na boca huma abertura grande, no meio da qual bem defronte do rio tem huma ilha, e nesta abertura está grande porto, e abrigada para os navios, onde podem estar seguras náos de todo o porte, porque tem fundo para isso.

CAPITULO LXV.

Em que se declara a costa da Cananea até o rio de S. Francisco.

DO rio da Cananea até o cabo do Padrão são cinco legoas, junto do qual está huma ilha chegada á terra, e chama-se este cabo de Padrão, por aqui se assentar hum pelos primeiros descubridores d'esta costa. Do cabo do Padrão ao rio de Santo Antonio são oito legoas, o qual está em vinte e seis gráos esforçados, e dous terços. Nes-

te

te rio entrão barcos da costa á vontade. Do rio de Santo Antonio ao Alagado são cinco legoas, e entre hum e outro está huma ilheta chegada a terra. Do rio Alagado ao de S. Francisco são cinco legoas, o qual está em vinte e seis gráos, e dous terços, e tem na boca tres ilheos. Neste rio entrão navios da costa, onde estão seguros de todo o tempo: chama-se este rio de S. Francisco, porque afirmão os povoadores da capitania de S. Vicente, que se informárão do gentio, donde vinha este rio, que entra no mar d'esta costa, e affirmão ser hum braço do Pará, a que os portuguezes chamão de S. Francisco, que he o que já dissemos, o que não parece possivel, segundo o lugar aonde se vai meter no mar tão distante d'este. Por este rio entra a maré muito, poronde se navega com barcos, em o qual se metem muitas ribeiras; tem grandes pescarias, e muito marisco, e a terra ao longo delle tem muita caça, e grande commodo para se poder povoar, e ser muito fertil, e facilissimamente dará tudo o que lhe plantarem; he alta, e fragosa e povoada de gentio Carijo. Corre-se a costa da Cananea até o rio de S. Francisco nordeste sudueste, e todas estas ilhas, que estão por ella, e as que estão á boca do rio de S. Francisco, tem bom porto e surgidouro para os navios ancorarem.

CAPITULO LXVI.

Em que se declara a costa do rio de S. Francisco até o de Jumirim ou de Itapocuru.

DO rio de S. Francisco ao dos Dragos são cinco legoas, pelo qual entrão caravelões, e tem na boca tres ilheos. Do rio dos Dragos á bahia das Seis ilhas são cinco legoas, d'esta bahia ao rio de Itapocuru são quatro legoas, o qual está em vinte e oito gráos escassos, e corre-se a costa de Itapocurú até o rio de S. Francisco norte sul. Este rio acima diro, a que outros chamão Jumirim, tem a boca grande, e ao mar delle tres ilhas, pelo qual entrão caravelões, e corre-se por elle acima leste oeste, pelo qual entra a maré muito, onde ha boas pescarias, e muito marisco. A terra d'este rio he alta, e fragosa, e tem mais arvoredo que a terra atraz, especialmente aguas vertentes ao mar. A terra do certão he de campinas, como

a de Hespanha, e huma e outra he muito fertil e abastada de caça; he muito acommodada para se poder povoar, porque se navega muito espaço por alli acima. Este rio está povoado de Carijos contrarios dos Goainazes, de que fallámos; e estes Carijos estão de paz com os portuguezes, que vivem na capitania de S. Vicente e Santo Amaro, os quaes vem muitos por mar resgatar com elles neste rio, onde se contratão sem entre huns, e outros haver desavença alguma.

CAPITULO LXVII.

Em que se declara a terra, que ha de Itapocuru até o rio dos Patos.

DO rio de Itapocuru até o rio dos Patos são quatro legoas, o qual está em vinte e oito gráos. Este rio he muito grande, cuja boca se serra com a ilha de Santa Catharina, poronde entrão os navios da costa, e maré muito espasso, poronde se navega. Metem-se neste rio muitas ribeiras, que vem do certão, o qual he muito acommodado para se poder povoar, pela terra ser muito fertil para tudo, o que lhe plantarem, a qual tem muita caça de veados, e porcos, e de muitas aves, e o rio he mui provido de marisco, e tem grandes pescarias, até onde possuem a terra os Carijos, e d'aqui por diante he a vivenda dos Tapuias, e está por mar com entre huns e outros. Quasi junto á boca d'este rio está situada a ilha de Santa Catharina, que vai fazendo abrigo a terra até junto de Itapocuru, que fica á maneira de enseada. Tem esta ilha de comprido oito legoas e corre-se norte sul, a qual da banda do mar não tem nenhum surgidouro salvo hum ilheo, que está na ponta do sul, e outro que tem na ponta do norte, a qual ilha he cuberta de grande arvoredo, e tem muitas ribeiras dentro, e tem grande commodidade para se poder povoar por ser a terra grossa e muito boa, e ter grandes portos, em que podem estar seguras de todo o tempo muitas náos. Mostra esta ilha huma bahia grande, que vai por detraz, entre ella e a terra firme, onde ha grande surgidouro, e abrigada para as náos de todo o porte; nesta enseada para a terra firme estão muitas ilhas: está esta boca a ponta da ilha da banda do norte em vinte oito gráos de altura.

CA-

CAPITULO LXVIII.

Em que se declara parte dos costumes dos Carijos.

ATraz fica dito, como os Carijos são contrarios dos Goainazes, e como se matão huns aos outros, agora lhes cabe aqui dizer delles, o que se póde alcançar: a saber da sua vida e costumes. Este gentio possue esta costa desde o rio da Cananea, onde partem com os Goainazes, em a qual se fazem huns aos outros mui contraria, e cruel guerra, pelejando com arcos, e flexas, o que os Carijos sabem tambem manear como seus visinhos, e contrarios. Este gentio he domestico pouco belicoso e de razão, segundo seu costume; não come carne humana, não mata homens brancos, que com elles vão resgatar, sustentão-se de caça e peixe, que matão, e de suas lavouras, que fazem, onde plantão mandioca e legumes como os Tamoyos, e Tupiniquins. Vivem estes indios em cazas bem cubertas, e tapadas com casca de arvores por amor do frio, que ha naquella parte. Esta gente he de bom corpo, cuja lingoagem he diferente da de seus visinhos, fazem suas brigas com seus contrarios em campo descuberto, especialmente com os Goainazes, com quem tem suas entradas de guerra, e como os desbaratados se acolhem ao mato, se tem por seguros, porque nem huns, nem outros sabem pelejar por entre elles. Costuma este gentio no inverno lançar sobre si humas pelles da caça, que matão huma por diante, outra por detraz, tem mais muitas gentilidades, manhas, e costumes como os Tupinambas, em cujo titulo se conta mui particularmente.

CAPITULO LXIX.

Em que se declara a costa do rio dos Patos até o da Alaguna.

DO rio dos Patos ao rio de D. Rodrigo são oito legoas e corre-se a costa, norte sul, até onde a terra he algum tanto alta, o qual porto está em vinte e oito gráos e hum quarto. Este porto está no cabo da ilha de Santa Catharina, o qual está em huma bahia, que a terra faz para dentro, onde ha grande abrigada, e surgidouro, pa-

para os navios estarem seguros de todos os ventos, tirado o nordeste, que corsa no verão, e venta igual, com o qual senão increspa o mar. Do porto de D. Rodrigo ao porto do rio da Alagôa são treze legoas, o qual nome tomou por o porto ser huma calheta grande redonda, e fechada na boca, que parece alagôa, onde tambem entrão navios da costa, e estão mui seguros. Do rio dos Patos atéqui he esta terra á vista do mar sem mato, mas está vestida de herva verde, como a de Hespanha, onde se dão muito bem todos os frutos, que lhe plantão, em a qual se verá maravilhosamente a criação das vacas, e todo o mais gado, que lhes lançarem por ser a terra fria, e ter muitas aguas para o gado beber. Esta terra he possuida dos Tapuias, aindaque vivem algum tanto afastados do mar por ser a terra desabrigada dos ventos. mas o porto de D. Rodrigo he suficiente para se poder povoar, pela fertilidade da terra e pela commodidade, que tem ao longo do mar de pescarias, e muito marisco, e por a terra ter muita caça. E o porto da Alagôa, com quem concluimos este capitulo, tem hum ilheo junto da boca e barra.

CAPITULO LXX.

Em que se declara a costa do porto da Alagôa até o rio de Martim Affonso.

DO porto da Alagôa ao porto de Martim Affonso são vinte e duas legoas, as quaes se correm pela costa nordeste sudueste, e toma da quarta de norte sul. Este rio está em trinta gráos, e hum quarto, e chama-se o rio de Martim Affonso de Souza, por elle o descobrir, quando andou correndo esta costa de S. Vicente até o rio da Prata. Este rio tem muito bom porto de fóra para navios grandes, e dentro para os da costa, cuja terra he baixa, e da qualidade das outras. Tem este rio duas legoas ao mar huma ilha, aonde ha bom porto, e abrigada para surgirem náos de todo o porte; entra a maré por este rio muito, aonde ha muito marisco, cuja terra he de campinas, que estão sempre cheias de herva verde com algumas reboleiras de mato, onde se dará tudo, o que lhe plantarem, e se cria todo o gado, que lhe lançarem, por ter terra fria entre muitas aguas de alagôas e ribeiras para o gado beber,

ber, pelo que este rio se póde povoar, onde os moradores, que nella viverem, estarão mui descançados, o qual he povoado de Tapuias como a mais terra atraz. Entre o porto da Alagôa, e o de Martim Affonso está o porto, que se diz de Santa Maria, e o qual se diz da terra alta, e em hum, e outro podem surgir os caravelões da costa.

CAPITULO LXXI.

Em que se declara a costa do rio de Martim Affonso até o porto de S. Pedro.

DO rio de Martim Affonso á bahia dos Arrecifes, são dez legoas, e da bahia ao rio do porto de S. Pedro são quinze legoas, o qual rio está em altura de trinta e hum gráos e meio, cuja costa se corre nordeste sudueste: da banda do sudueste d'este porto de S. Pedro se faz huma ponta de area, que boja ao mar bem legoa e meia. Neste porto ha hum bom surgidouro, e abrigada para os navios estarem seguros sobre amarra, em o qual se vem meter no salgado hum rio de agua doce. Esta terra he muito baixa e não se vê de mar em fôra senão de muito perto, e toda he de campos cuberta de herva verde, muito boa para mantença das criações do gado vaccum, e de toda a sorte, poronde ha muitas lagôas, e ribeiras de agua para o gado beber, e tem esta terra algumas reboleiras de mato a vista humas das outras, onde ha muita caça de veados, e porcos, que andão em bandos, e muitas outras alimarias, e aves, e ao longo da costa ha grandes pescarias, e sitios acommodados para povoações com seus portos, aonde entrão caravelões, em a qual terra se darão todos os frutos, que lhe plantarem assim naturaes como de Hespanha, e dos mantimentos da terra se aproveita o gentio Tapuia em suas roças, e lavouras, que fazem afastadas do mar tres ou quatro legoas por estarem lá mais abrigadas dos ventos do mar, que cursão no inverno, donde ao longo delle não tem nenhum abrigo, e porque lhe fica a lenha muito longe.

CAPITULO LXXII.

Em que se conta, como corre a costa do rio de S. Pedro até o cabo de Santa Maria.

DO porto de S. Pedro ao cabo de Santa Maria são quarenta e duas legoas, as quaes se correm pela costa nordeste, sudueste, o qual está em trinta e quatro gráos, e tem da banda do sueste duas legoas ao mar tres ilheos altos, que se dizem os Castilhos, entre os quaes, e a terra firme ha boa abrigada e surgidouro para náos de todo o porte. Toda esta terra he baixa sem arvoredo, mas cheia de herva verde em todo o anno, e ha partes, que tem algumas reboleiras de mato, a herva d'este campo he boa para criações de gado de toda a sorte, onde se dará muito bem por ser a terra muito temperada no inverno, e no verão lavada de bons ares frescos, e sadios, pela qual ha muitas aguas frescas para os gados beberem assim de lagôas como de ribeiras, onde se dão todos os frutos de Hespanha muito bem como em S. Vicente, e pelo rio da Prata acima nas povoações dos Castelhanos onde se dá tanto trigo, que aconteceo o anno de 83 vir ao rio de Janeiro humas das náos, em que passou D. Affonso Vizorei da provincia de Chili, que desembarcou em Boenos aires, a qual carregou neste porto de trigo, que se vendeo no rio de Janeiro a tres reales a fanega, o qual se dará muito bem do rio de Janeiro por diante, donde se póde prover toda a costa do Brazil. Esta costa desde o rio dos Patos até a boca do rio da Prata he povoada de Tapuias, e gente domestica bem acondiçoada, que não come carne humana, nem faz mal á gente branca, que os communica, como são os moradores da capitania de S. Vicente, que vão em caravelões resgatar por esta costa com este gentio alguns escravos, cera da terra, porcos, gallinhas, e outras couzas, com quem não tem nunca desavença, e porque a terra he muito raza, e descuberta aos ventos, e não tem matos nem abrigadas, e não vivem estes Tapuias ao longo do mar, e tem suas povoações afastadas para o certão ao abrigo da terra, e vem pescar e mariscar pela costa. Não tratamos aqui da vida e costumes d'este gentio, porque se declara ao diante no titulo dos Tapuias, que vivem no certão da Bahia, e ainduque vivem tão afas-

áfastados d'estes, são todos huns e tem quasi huma vida, e costumes.

CAPITULO LXXIII.

Em que se declara a costa do cabo de Santa Maria até ao rio da Prata.

DO cabo de Santa Maria á ilha dos Lobos são quinze legoas, cuja costa se corre nornordeste susudueste, a qual está em trinta e quatro gráos, cuja terra firme faz defronte da ilha a maneira de ponta. Entre esta ponta e a ilha está boa abrigada, e porto para navios, d'esta ponta se vai recolhendo a terra para dentro até outra ponta, onde está outra ilha, que se diz a das Flores, que está legoa e meia afastada d'esta ponta, que se chama dos Arrecifes pelo haver d'ahi para dentro até o monte de Santo Ovidio, que está na boca de hum rio, que se vem meter aqui no salgado. D'esta ponta e ilha dos Lobos, que esta na boca do rio da Prata á outra banda do rio, que se diz á ponta de Santo Antonio, são trinta e quatro legoas, está o meio da boca do rio da Prata em trinta e cinco gráos, e dous terços, e ao mar quarenta legoas. Bem em direito d'esta boca do rio está hum ilheo cercado de baixos ao redor della obra de duas legoas, onde se chama os baixos dos Castelhanos, porque aqui se perdeo huma náo sua, o qual ilheo está na mesma altura de trinta e cinco gráos, e dous terços. A terra junto da boca d'este rio he de qualidade da outra terra do cabo de Santa Maria, onde se dará tambem grandemente o gado vaccum, e tudo o mais que lhe lançarem. D'este rio da Prata, nem de sua grandeza náo temos, que dizer neste lugar, porque he tão nomeado, que se náo póde tratar delle sem grandes informaçôes, do que se póde dizer dos seus reconcavos, ilhas rios, que nelle metem, fertilidade da terra, e povoaçôes, que por elle acima tem feito os Castelhanos, que escapárão da armada, que se nelle perdeo á muitos annos, os quaes se cazárão com as indias da terra, de que nascêrão grande multidão de mistiços, que agora tem povoado muitos lugares o qual rio da Prata he povoado muitas legoas por elle acima dos Tapuias atraz declarados.

CA-

CAPITULO LXXIV.

Em que se declara a terra e costa da ponta do rio da Prata da banda do sul até além da bahia de S. Mathias.

A Ponta do rio da Prata, que se diz de Santo Antonio, que está da banda do sul, demora em trinta e seis gráos e meio, defronte da qual são baixos huma legoa ao mar. Da ponta de Santo Antonio ao cabo Branco são vinte e duas legoas, e fica-lhe em meio huma enseada, que se diz de Santa Apolonia, a qual he cheia de baixos, e toda a costa de ponta a ponta huma e duas legoas ao mar são tudo baixos. Este cabo Branco está em vinte e sete gráos e dous terços, e corre-se a costa nornordeste, susudueste. Do cabo Branco ao cabo das Correntes são vinte e cinco legoas, e fica entre hum cabo, e o outro a angra das Arcas, ao mar da qual sete ou oito legoas são tudo baixos. Este cabo está em trinta e seis gráos, cuja costa se corre nornordeste susudueste. Do cabo das Correntes ao cabo Aparcellado são oitenta e seis legoas, e corre-se a costa de ponta a ponta lesnordeste, oessudueste, o qual cabo Aparcellado está em quarenta e hum gráos, cuja costa está cheia de baixos, e a partes os tem cinco e seis legoas ao mar, e he tudo de area, e terra muito baixa, poronde se metem alguns esteiros do salgado, onde se podem recolher caravelões da costa, que são navios de huma só cuberta, que nadão em seis e sete palmos de agua. D'este cabo Aparcellado se torna a recolher a terra para dentro leste oeste, até á ponta da bahia de S. Mathias, que está na mesma altura de quarenta e hum gráos, que serão vinte e sete legoas; e da ponta Aparcellada quatro legoas, em huma enseada que faz a terra, está huma ilheta, e na ponta d'esta enseada da banda do leste está outra ilha huma legoa do mar. Da ponta da bahia de S. Mathias até á ponta de terra do Marco são trinta e oito legoas cuja costa se corre norte, sul, a qual he toda Aparcellada, e antes de se chegar a esta ponta do Marco está outra ilha, á terra, que he baixa, e pouco proveitosa. Nesta ponta do Marco se acaba a demarcação da corôa de Portugal nesta costa do Brazil, que está em quarenta e quatro gráos pouco mais ou menos, segun-

gundo a opinião do Doutor Pedro Nunes Cosmographo d'elRei D. Sebastião, que está em gloria, que nesta arte foi em seu tempo o maior homem de Hespanha.

MEMORIAL E DECLARAÇÃO,

DAS GRANDEZAS DA BAHIA DE TODOS OS SANTOS, DE SUA FERTILIDADE, E DAS NOTAVEIS PARTES QUE TEM.

SEGUNDA PARTE.

CAPITULO I.

ATraz fica dito passando pela Bahia de todos os Santos, que se não sofria naquelle lugar tratar-se das grandezas della, pois não cabião alli, o que se faria ao diante, e largamente, depoisque se acabou de correr a costa, com que temos já concluido, da qual poderemos agora tratar e explicar, o que se della não sabe, paraque venhão á noticia de todos; os ocultos d'esta illustre terra, por cujos merecimentos deve de ser mais estimada, e reverenciada doque agora he, ao que queremos satisfazer com singelo estilo, pois o não temos grave, mas fundado todo na verdade. Como elRei D. João o III. de Portugal soube da morte de Francisco Pereira Coutinho, sabendo já das grandes partes da Bahia, da fertilidade da terra, bons ares, maravilhosas aguas, da bondade dos mantimentos della, ordenou de a tomar á sua conta para a fazer povoar como meio, e coração de toda esta costa, e mandar edificar nella huma cidade, onde se pudessem ajudar, e socorrer todas as mais capitanias, e capitães dellas como membros seus; e pondo S. Alteza em efeito esta determinação tão acertada, mandou fazer prestes huma armada,

da, e prove-la de todo o necessario para esta empreza; em a qual mandou embarcar Thomé de Souza do seu conselho, e o elegeo para edificar esta nova cidade, de que o fez capitão e governador geral de todo o estado do Brazil. Deo-lhe grande alçada, e poderes em seu regimento, com que quebrou as doações aos capitães proprietarios, por terem demasiada alçada, assim no crime como no civil, de que se elles aggravárão a S. Alteza, que no caso os não proveo, entendendo convir assim a seu serviço. Como a dita armada esteve prestes, partio Thomé de Souza do porto de Lisboa, em o primeiro dia do mez de Fevereiro de 1549 annos, e levando prospero vento, chegou á Bahia de todos os Santos, paraonde levava sua derrota, aos vinte e nove dias de Março do dito anno, e desembarcou no porto de Villa velha, povoação, que Francisco Pereira edificou, onde poz mil homens, convem a saber seiscentos soldados, e quatrocentos degradados, e alguns moradores cazados, que comsigo levou, e outros creados d'elRei, que hião providos de cargos, que pelo tempo adiante servirão.

CAPITULO II.

Em que se contem, quem foi Thomé de Souza, e de suas qualidades.

THomé de Souza foi hum fidalgo honrado, aindaque era bastardo, homem avisado, prudente, e mui experimentado na guerra de Africa, e da India, onde se mostrou mui valoroso cavalleiro em todos os encontros, em que se achou; pelos quaes serviços, e grande experiencia, que tinha, mereceo fiar elRei delle tamanha empreza como esta que lhe encarregou, confiando de seus merecimentos, e grandes qualidades, que daria conta della, como delle se esperava, a quem deu por ajudadores o Doutor Pedro Borges para com elle servir de ouvidor geral, e pôr o governo da justiça em ordem, e todas as capitanias, e Antonio Cardozo de Barros para tambem governar neste estado no tocante á fazenda de S. Alteza, porque até então não havia ordem em huma couza, nem em outra, e cada hum vivia ao som da sua vontade. O qual Thomé de Souza tambem levou em sua companhia de alguns religiosos da de Jezus para doutrinarem, e converterem o gen-

gentio na nossa santa fé catholica, e a outros sacerdotes para ministrarem os sacramentos nos tempos devidos. Ao tempo que Thomé de Souza desembarcou achou na villa Velha a hum Diogo Alvares Correa, de alcunha Caramaru grande lingoa do gentio, o qual depois da morte de Francisco Pereira fez pazes com o gentio, e com ellas feitas se veio dos ilheos a povoar o assento das cazas, em que d'antes vivia, afastadas da povoação; onde se fortificou e recolheo com cinco genros, que tinha, e outros homens, que o acompanhárão, dos que escapárão da desaventura de Francisco Pereira, com os quaes ora com armas, ora com boas razões se forão defendendo e sustentando até á chegada de Thomé de Souza, por cujo mandado Diogo Alvares Correa aquietou o gentio, e fez dar a obediencia ao governador, e oferecer-se a o servir, o qual gentio em seu tempo viveo muito quieto, e recolhido andando ordinariamente trabalhando na fortificação da cidade a troco do resgate, que lhe por isso davão.

CAPITULO III.

Em que se declara, como se edificou a cidade do Salvador.

COmo Thomé de Souza acabou de desembarcar a gente da armada, e a assentou na villa Velha, mandou descobrir a Bahia, e que lhe buscassem mais para dentro alguma abrigada melhor, que a em que estava a armada, para a tirarem daquelle porto da villa Velha, onde não estava segura por ser muito desabrigado; e por se achar logo o porto, e ancoradouro, que agora está defronte da cidade, mandou passar a frota para lá por ser muito limpo, e abrigado; e como teve a armada segura mandou descobrir a terra bem, e achou, que defronte do mesmo porto era o melhor sitio, que por alli havia para edificar a cidade, e por respeito do porto assentou, que não convinha fortificar-se no porto de villa Velha, por defronte deste porto estar huma grande fonte bem á borda do mar, que servia para aguada dos navios, e serviço da cidade, o que pareceo bem a todas as pessoas do conselho, que nisso assignárão. Tomada esta resolução se pôz em ordem para este edificio fazendo primeiro hum cercamento forte de páo apique, para os trabalhadores, e soldados poderem es-

estar seguros do gentio, e como foi acabada arrumou a cidade della para dentro, arruando-a por boa ordem com as cazas cobertas de palma ao modo do gentio, em as quaes por entretanto se agazalhárão os mancebos, e soldados, que vierão na armada, e como todos forão agazalhados ordenou de cercar esta cidade de muros de taipa grossa, o que fez com muita brevidade com dous baluartes ao longo do mar, e quatro a banda da terra, e em cada hum delles, assentou muita e formosa artilharia, que para isso levava, com o que a cidade ficou muito bem fortificada para se segurarem do gentio, em a qual o governador fundou logo a sé, o collegio dos padres da Companhia, e outras igrejas, e grandes cazas para viverem os governadores, cazas da camera, e cadeia, alfandega, contos, fazenda, armazens, e outras officinas convenientes ao serviço de S. Alteza.

CAPITULO IV.

Em que se contem, como elRei mandou outra armada em favor de Thomé de Souza.

LOgo no anno seguinte de 1550 se ordenou outra armada com gente, e mantimentos em soccorro d'esta nova cidade, da qual foi por capitão Simão da Gama de Andrade com o galião velho muito afamado, e outros navios mercantes, em a qual foi o Bispo D. Pedro Fernandes Sardinha, pessoa de grande authoridade, e exemplo, e estremado prégador, o qual levou toda a cleresia, ornamentos, sinos, peças de prata, e outras alfaias do serviço da igreja, e toda a mais conveniente do serviço divino, e sommou a despeza, que se gastou no sobredito, e no cabedal, que meteo na artilharia, e munições de guerra, soldados, mantimentos, ordenados dos officiaes, passante de trezentos mil cruzados. Logo no anno seguinte mandou S. Alteza em favor d'esta cidade outra armada, e por capitão della Antonio d'Oliveira com muitos moradores cazados, e alguns forçados, na qual mandou a Rainha D. Catharina, que está em gloria, algumas donzellas de nobre geração, as quaes mandava criar, e recolher em Lisboa no mosteiro das orfãs, as quaes encommendou muito ao governador por suas cartas, paraque as cazasse com pessoas principaes daquelle tempo, a quem mandava dar

em

em cazamento os officios do governo da fazenda, e justiça; com o que a cidade se foi enobrecendo, e com os escravos de Guiné, e egoas que S. Alteza mandou a esta nova cidade, paraque se partissem pelos moradores della, e que pagassem o custo por seus soldos, e ordenados, e o mais lhes mandava pagar em mercadorias pelo preço, que costumão em Lisboa, por a esse tempo não hirem a essas partes mercadores, nem havia paraque por na terra não haver ainda, em que pudessem fazer seus empregos; pelo qual respeito S. Alteza mandava cada anno em soccorro dos moradores d'esta cidade huma armada com degradados moços, orfãos, e muita fazenda; com o que a foi enobrecendo, e povoando com muita presteza do que as mais capitanias se forão tambem ajudando, as quaes forão visitadas pelo governador, e postas na ordem conveniente ao serviço d'elRei, e ao bem de sua justiça, e fazenda.

CAPITULO V.

Em que se trata, como D. Duarte da Costa foi governar o Brazil.

COmo Thomé de Souza acabou de governar o tempo, que gastou tão bem gastado neste novo estado do Brazil, requereo a S. Alteza o mandasse vir para este reino, a cuja petição elRei satisfez, com mandar por governador a D. Duarte da Costa do seu conselho, fidalgo muito illustre, filho de D. Alvaro da Costa, embaixador por elRei D. Manoel ao Imperador Carlos V, ao qual deu a armada conveniente a tal pessoa, em que passou a este novo estado, com a qual chegou a salvamento á Bahia de todos os Santos, e desembarcou a 13 de Julho na cidade do Salvador, nome que S. Alteza lhe mandou pôr, e lhe deu por armas huma pomba branca em campo verde, com hum rollo á toda branco com letras de ouro, e a pomba tem tres folhas de olaia no bico. Logo lhe foi dada posse da governança tambem por Thomé de Souza, que se embarcou na dita armada, e se tornou para o reino, onde servio a elRei João, e a seu neto elRei D. Sebastião de veador, e no mesmo cargo servio depois á Rainha D. Catharina emquanto viveo. E tornando a D. Duarte, como tomou a posse da governança, trabalhou, quanto foi possivel, por fortificar, e defender esta cidade

do gentio, que em seu tempo se alevantou, e cometteo grandes insultos, os quaes elle emendou dissimulando alguns com muita prudencia, e castigando outros com as armas fazendo lhe crua guerra, a qual caudilhava seu filho D. Alvaro da Costa, que nestes trabalhos o acompanhou, e se mostrou nelles mui valoroso capitão. Em todo o tempo, que D. Duarte governou o Brazil, foi todos os annos favorecido com armadas, que do reino lhe mandavão, e em que lhe forão muitos moradores, e gente forçada com todo o necessario, ao qual sucedeo Mem de Sá, cujos feitos já tocamos, o qual foi tambem governar este estado por mandado d'elRei D. João o III., a quem a fortuna favoreceo de feição em quatorze annos, que foi governador do Brazil, que subjugou, e desbaratou todo o gentio Tupinamba da comarca da Bahia, e a todo o mais até o rio de Janeiro, de cujos feitos se póde fazer hum notavel tratado; o qual Mem de Sá foi pouco favorecido d'este reinos por lhe falecer logo elRei D. João, que com tanto favor trabalhava por acrescentar, e engrandecer o estado, a quem a Rainha D. Catharina no tempo, que governou estes reinos, foi imitando; mas como ella desistio da governança delles, forão esfriando os soccorros, e favores, que cada anno esta nova cidade recebia, para a qual não mandárão d'alli por diante mais que hum galeão da armada, em que hião os governadores. Assim este estado tornou atraz de como hia surgindo, e se esta cidade do Salvador cresceo em gente, e edificios, e fazendas, como agora tem, nasceo-lhe da grande fertilidade da terra, que ajudou aos moradores della de maneira, que tem hoje no seu termo da Bahia para dentro quarenta engenhos de assucar, mui prosperos de edificios, escravaria, e outra muita fabrica, dos quaes houvera muitos mais, se os moradores forão favorecidos como convinha, e como elles estão merecendo por seus serviços. O governador Mem de Sá destruio, e desbaratou o gentio, que vivia ao redor da Bahia, a quem queimou, e assolou mais de trezentas aldeias, e os que escapárão de mortos ou cativos, fugírão para o certão, e se afastárão do mar mais de quarenta legoas, e com os mesmos moradores soccorreo, e ajudou o dito Mém Sá as capitanias dos Ilheos, Porto seguro, e a do Espirito Santo, as quaes estavão mui apertadas do gentio daquellas partes, e com elles foi lançar por duas vezes os francezes do rio de Janeiro fó-

ra, onde acabárão muitos d'estes moradores sem até hoje ser dada nenhuma satisfação a seus filhos. E todos forão fazer estes, e outros muitos serviços á sua cústa sem lhe darem soldo, nem mantimentos, como se costuma na India, e nas outras partes, e atroco d'estes serviços, e despezas dos moradores d'esta cidade não se fez até hoje nenhuma honra, nem mercê a nenhum delles, do que vivem mui escandalisados, e descontentes.

CAPITULO VI.

Em que se declara o clima da Bahia, como cursão os ventos na sua costa, e correm as aguas nas monções.

A Bahia de todos os Santos está arrumada em treze gráos, e hum terço, como fica dito atraz, onde os dias em todo o anno são quasi iguaes ás noites, e a diferença, que tem os do verão com os do inverno, he huma hora até hora e meia. Começa-se o inverno d'esta provincia do mez de Abril, e acaba-se por todo o Julho, em o qual tempo não faz frio, que obrigue os homens chegarem-se ao fogo, senão os indios, por andarem despidos em todo este tempo. Do inverno correm as aguas ao longo da costa cem legoas ao mar della das partes do sul para os rumos do norte por quatro e cinco mezes, e ás vezes cursão os ventos do sul, sudueste, e lessudueste, ha travessia na costa. Começa-se o verão em Agosto como em Portugal em Março, e dura até o mez de Abril, em o qual tempo reinão os ventos norte, nordeste, e correm as aguas na costa ao som dos ventos, da parte do norte para os rumos do sul, pela qual razão se não navega ao longo da costa senão com as monções ordinarias. Em todo o tempo do anno, quando chove, fazem os ceos da Bahia as mais formozas mostras de nuvens de mil côres, e grande resplandor, que se nunca virão em outra parte, o que cauza grande admiração. E ha-se de notar, que nesta comarca da Bahia em rompendo a luz da manhã nasce com ella juntamente o sol, assim no inverno, como no verão. E em se recolhendo o sol a tarde, escurece juntamente o dia, e cerra se a noite logo, ao que os mathematicos dão razões sufficientes, que satisfação a quem quizer saber este segredo, porque os marcantes, e filosofos, que

a esta terra forão, nem outros homens de bom juizo não tem atinado atégora com a cauza, por que isto assim seja.

CAPITULO VII.

Em que se declara o sitio da cidade do Salvador.

A Cidade do Salvador está situada na Bahia de todos os Santos huma legoa da barra para dentro em hum alto, com o rosto ao poente sobre o mar da mesma Bahia, a qual cidade foi morada, e torreada em tempo do governador Thomé de Souza, que a edificou, como atraz fica dito, cujos muros se vierão ao chão por serem de taipa, e se não repararem muito, em o que se descuidárão os governadores, pelo que elles sabem, ou por se a cidade hir estendendo muito por fóra dos muros, e seja pelo que for, agora não ha memoria, aonde elles estiverão. Terá esta cidade oitocentos visinhos, pouco mais ou menos, e por fóra della em todos os concavos da Bahia haverá mais de dous mil visinhos, d'entre os quaes, e os da cidade se póde ajuntar, quando cumprir, quinhentos homens de cavallo, e mais de dous mil de pé, fóra a gente dos navios, que está sempre no porto. Está no meio d'esta cidade huma honesta praça, em que se correm touros, quando convem, em a qual estão da banda do sul humas nobres cazas, em que se agasalhão os governadores, e da banda do norte tem as cazas do negocio da fazenda, alfandega, e armazens, da parte de leste tem a caza da camera, cadeia, e outras cazas de moradores, com que fica esta praça em quadro, e o pelourinho no meio della, a qual da banda do poente está desabafada com grande vista sobre o mar, onde estão assestadas algumas peças de artilharia grossa, donde a terra vai muito apique sobre o mar, do longo do qual he tudo rochedo muito aspero, e d'esta mesma banda da praça, dos cantos della decem dous caminhos em voltas para a praia, hum da banda do norte, que he serventia para a fonte, que se diz do Pereira, e do desembarcadouro da gente dos navios. O caminho, que está da parte do sul, he serventia de nossa Senhora da Conceição, aonde está o desembarcadouro geral das mercadorias, ao qual desembarcadouro vai ter outro caminho de carro, por onde se estas mercadorias, e outras couzas, que se aqui

des-

desembarcão, levão em carros para a cidade, e tornando á praça correndo della para o norte vai huma formosa rua de mercadores á sé, no cabo da qual da banda do mar está situada a caza da misericordia, e hospital, cuja igreja não he grande mas mui bem acabada, e ornamentada, e se esta caza não tem grandes officinas, e enfermarias, he por muito pobre, e não ter nenhuma renda de S. Alteza, nem de pessoas particulares, e sustenta-se sómente de esmolas, que lhe fazem os moradores da terra, que são muitas, mas são as necessidades mais por a muita gente do mar, e degradados, que d'estes reinos vão muito pobres, os quaes em suas necessidades não tem outro remedio, que o que lhe esta caza dá, cujas esmolas importão cada anno tres mil cruzados pouco mais ou menos, que se gastão com muita ordem na caza dos enfermos, e remedios dos necessitados.

CAPITULO VIII.

Em que se declara o sitio da cidade, da sé por diante.

A Sé da cidade do Salvador está situada com o rosto sobre o mar da Bahia defronte do ancoradouro das náos, com hum taboleiro defronte da porta principal bem a pique sobre o desembarcadouro, donde tem grande vista. A igreja he de tres naves, de magestosa grandeza, alteroza bem assombrada, a qual tem cinco capellas muito bem feitas, e ornamentadas, e dois altares nas hombreiras da capella mór. Está esta sé em redondo cercada de terreiro, mas não está acabada da torre dos sinos, e da do relogio, o que lhe falta, e outras officinas muito necessarias, por ser muito pobre, e não ter para fabrica mais de cem mil réis cada anno, e estes muito mal pagos. Serve-se nesta igreja o culto divino com cinco dignidades, seis conegos, dous meios conegos, quatro capellães, hum cura, e coadjutor, quatro moços de coro, e mestre da capella, e muitos d'estes ministros não são sacerdotes, e ainda que são tão poucos, fazem-se nella os cultos divinos com muita solemnidade, o que custa ao bispo hum grande pedaço da sua caza, por contentar os sacerdotes, que prestão para isso, com lhe dar a cada hum, com que queirão servir de conegos e dignidades, do que os cle-

clerigos fogem por não ter cada conego mais de trinta mil réis, e as dignidades a trinta e cinco, tirado o deão, que tem quarenta, o que lhes não basta para se vestirem, pelo que querem ser antes capelláes da misericordia, ou dos engeitados, onde tem de partido sessenta mil réis, cazas, em que morem, e de comer, e nestes lugares rende-lhes pé de altar outro tanto. Está esta sé muito necessitada de ornamentos, e os de que se serve estão danificados de maneira, que nas festas principaes se aproveita o cabido dos das confrarias, onde os pedem emprestados, de que S. Alteza não deve estar informado, que se o estivera, tivera já mandado prover esta necessidade, em que está o culto divino, pois manda receber os dizimos d'este estado, cuja cabeça está tão atenuada, que convem acudir-lhe com o rendimento devido com muita presteza.

CAPITULO IX.

Em que se declara, como corre a cidade do Salvador da sé por diante.

PAssando d'além da sé pelo mesmo rumo do norte, corre outra rua muito larga tambem occupada com lojas de mercadores, a qual vai dar comsigo em hum terreiro mui bem assentado, e grande, aonde se presentão as festas de cavallos por ser mui maior que a praça, o qual está cercado em quadro de nobres cazas. Occupa todo este terreiro, e parte da rua da banda do mar hum sumptuoso collegio dos padres da Companhia com huma formosa, e alegre igreja, onde se serve o culto divino com muito ricos ornamentos, a qual os padres tem sempre mui limpa, e cheirosa. Tem este collegio muito grandes dormitorios, e muito bem acabados, parte dos quaes ficão sobre o mar com grande vista, cuja obra he de pedra e cal, com todas as escadas, portas, e jinellas de pedraria com varandas, e cubiculos mui bem forrados, e os claustros por baixo lageados com muita perfeição, o qual collegio tem muito grandes cercas até o mar com agua muito boa dentro, e ao longo do mar tem humas terracenas, onde recolhem o que lhe vai por mar. De fóra da cidade tem este collegio ordinariamente oitenta religiosos, que se occupão, em prégar, confessar alguma parte delles, outros ensinão, e aprendem theologia, artes, latim, e cazos de consciencia, com o

que

que tem feito muito fruto na terra, o qual está muito rico, porque tem cada anno de S. Alteza quatro mil cruzados, e da ventagem importar-lhe-há a outra renda, que tem na terra, outro tanto; porque tem muitos curraes de gado, onde se affirma, que trazem mais de duas mil vaccas de monte, que naquella terra parem todos os annos, e tem outra muita grangearia de suas roças, e fazendas, onde tem todas as novidades dos mantimentos, que na terra dão em muita abundancia.

CAPITULO X.

Em que se declara, o como corre a cidade por este rumo até o cabo.

PAssando a diante do collegio, vai outra rua muito comprida pelo mesmo rumo do norte, muito larga e povoada de cazas de moradores, além da qual no arrabalde da cidade em hum alto della está hum mosteiro de Capuchos dos de Santo Antonio, que á pouco tempo se começou de esmolas do povo, que lhes comprou este assento, e outros devotos lhe derão outros chãos juntos delle, em que lhe os moradores fizerão huma igreja, em a qual, e mais recolhimento se podem acommodar até doze religiosos, e pelo tempo adiante lhe farão outro recolhimento como os padres quizerem, os quaes tem neste recolhimimento sua cerca com agua dentro, a qual cerca vem correndo de cima, onde está o mosteiro até o mar. E tornando d'este mosteiro para a praça pela banda da terra vai a cidade muito bem arrumada com cazas de moradores com seus quintaes, os quaes estão povoados de palmeiras carregadas de cocos, outros de tamareiras, e de larangeiras, e outras arvores de espinho, figueiras, romeiras, e parreiras, com que fica muito fresca, a qual cidade por esta banda da terra está cercada com huma ribeira de agua, que serve de lavagem, e de se regarem algumas outras, que ao longo della estão.

CAPITULO XI.

Em que se declara, como corre a cidade da banda da praça para a banda do sul.

TOrnados á praça, pondo o rosto no sul, corre outra rua muito formosa povoada de moradores, no cabo da qual está assentada huma hermida de S. Luzia, onde está huma estancia com artilharia. Ao longo d'esta rua lhe fica outra bem assentada tambem toda povoada de lojas de mercadores, e no topo della está huma formosa igreja de nossa Senhora d'Ajuda com sua capella de abobada; no qual sitio no principio d'esta cidade está a sé, e passando mais adiante com o rosto ao sul no outro arrabalde da cidade em hum campo largo está situado hum mosteiro de S. Bento com sua claustra, e largas officinas, e seus dormitorios, onde se agasalhão vinte religiosos, que naquelle mosteiro ha, os quaes tem sua cerca, e horta com huma ribeira de agua, que lhe nasce dentro, que he a que rodea toda a cidade, como fica atraz dito. Este mosteiro de S. Bento he muito pobre, o qual se mantem de esmolas, que pedem os frades pelas fazendas dos moradores, e não tem nenhuma renda de S. Alteza, em quem será bem empregada pelas necessidades que tem. Seus religiosos vivem santa, e honestamente, dando de si grande exemplo, e estão bem quistos, e mui bem recebidos do povo, os quaes haverá tres annos, que forão a esta cidade com licença de S. Alteza fundar este mosteiro, que os moradores della lhes fizerão á sua custa com grande fervor, e alvoroço, e não se faz aqui particular menção das outras ruas da cidade, porque são muitas, e fora nunca acabar quere-las particularizar.

CAPITULO XII.

Em que se declarão outras partes, que a cidade tem para se notar.

TEm esta cidade grandes desembarcadouros com tres fontes na praia ao pé della, em os quaes os moradores, e os mariantes fazem sua aguada bem a banda do mar, das quaes se serve tambem muita parte da cidade, por serem

rem estas fontes de muito boa agua. No principal desembarcadouro está huma fresca hermida de nossa Senhora da Conceição, que foi a primeira caza de oração, e obra, em que Thomé de Souza se occupou. A vista d'esta cidade he muito aprazivel ao longe, por estarem as cazas com quintaes cheios de arvores, convem a saber, de palmeiras, que apparecem por cima dos telhados, e de laranjeiras, que todo o anno estão carregadas de laranjas, cuja vista de longe he muito alegre especialmente ao mar, por se estender muito ao longo delle a cidade. Neste alto não tem a cidade nenhum padrasto, donde a possão offender, se a cercarem, o que se póde fazer com lhe ficar dentro huma ribeira de agua, que nasce junto della, que agora a vai cercando toda, a qual se não bebe, por estar o nascimento della agora pizado dos bois, que vão beber, e porcos, mas limpa he muito boa, da qual se não aproveitão os moradores por haver muitas fontes, de que bebe cada hum segundo a affeição, que lhe tomão, e da que fica mais perto se ajuda por serem todas de boa agua. A terra, que esta cidade tem, e duas legoas á roda, está toda quasi occupada com roças, que são como os cazaes de Portugal, onde se lavrão muitos mantimentos, frutas, e hortaliças, donde se remedea toda a gente da cidade, que o não tem de sua lavra, a cuja praça se vai vender; e assim está sempre mui provida, e o mais do tempo está do pão, que se faz das farinhas, que levão do reino a vender ordinariamente á Bahia, onde tambem levão muitos vinhos da ilha da Madeira, e das Canarias, por serem mui brandos, e de melhor cheiro, e côr, e suave sabor, que nas mesmas ilhas donde o levão, o que se vende em lojas abertas, e assim muitos outros mantimentos de Hespanha, e todas as drogas, e pannos de toda a sorte, e as mais mercadorias acostumadas.

CAPITULO XIII.

Em que se declara, o como se tratão os moradores do Salvador, e algumas qualidades suas.

NA cidade do Salvador, e seu termo ha muitos moradores ricos de fazenda de raiz, peças de prata, e ouro, jaezes de cavallo, e alfaias de caza em tanto, que ha muitos homens, que tem a dous e tres mil cruzados em

joias de ouro e prata lavrada. Ha na Bahia mais de cem moradores, que tem cada anno de mil até cinco mil cruzados de renda, e outros que tem mais; cujas fazendas valem vinte até cincoenta, e sessenta mil cruzados, e de vantagem, os quaes tratão suas pessoas mui honradamente com muitos cavallos, creados, e escravos, e com vestidos demasiados, especialmente as mulheres, porque não vestem senão sedas, por a terra não ser fria, no que fazem grandes despezas, maiormente entre a gente de menor condição, porque qualquer peão anda com calções, e gibão de setim ou damasco, e trazem as mulheres com vasquinhas e gibões do mesmo, os quaes, como rem qualquer por civilidade, tem suas cazas muito bem concertadas, e na sua meza serviço de prata, e trazem suas mulheres mui ataviadas de joias de ouro. Tem esta cidade quatorze peças de artilharia grossas, quarenta pouco mais ou menos de artilharia miuda: a artilharia grossa está assestada nas estancias atraz declaradas, e em outra, que está na ponta do Padrão para defender a entrada da barra aos navios dos corsarios, se acommetterem, donde lhe não podem fazer mais dano, que afasta-los da carreira, paraque não possão tomar o porto do primeiro bordo, porque he a barra mui grande, e podem passar as náos, que quizerem, sem lhe a artilharia fazer nöjo.

CAPITULO XIV.

Que trata, de como se pode defender a Bahia com mais facilidade.

NÃo parece desproposito dizer neste lugar, que tem elRei nosso Senhor obrigação de com muita instancia mandar acudir ao desemparo, em que esta cidade está, mandando a cercar de muros, e fortificar, como convem ao seu serviço, e á segurança dos moradores della, porque está arriscada a ser saqueada de quatro corsario, que a forem commetter, por ter a gente espalhada fóra, e na cidade não haver aonde se ella possa defender, atéque a gente das fazendas, e engenhos a possa vir soccorrer. Mas emquanto não for cercada, não tem remedio mais facil para se poder defender dos corsarios, que na Bahia entrarem, que pelo mar com quatro galeotas, que com pouca despezas se podem fazer, e estarem sempre armadas, á sombra das

quaes

quaes podem pelejar muitas barcas, e muitos outros barcos, em que se póde cavalgar artilharia, para poderem pelejar, e com esta armada do reino se podem favorecer as náos, que de continuo estão no porto oito, e dez, e d'aqui para cima até quinze, e vinte, que estão tomando carga de assucar, e algodão, em as quaes se póde meter gente da terra para os defender, e alguma artilharia, com que offender aos contrarios, os quaes se não levarem a cidade no primeiro encontro, não a entrarão depois. Assim póde ser socorrida por mar, e por terra de muita gente portugueza até quantia de dous mil homens, de entre os quaes podem sahir dez mil escravos de peleja, convem a saber, quatro mil pretos de Guiné, e seis mil indios da terra, mui bons flexeiros, que juntos com a gente da cidade se faria mui arrazoado exercito, com a qual gente sendo bem governada, e caudilhada se póde fazer muito dano a muitos homens de armas, que sahirem a terra, aonde se háo-de achar mui embaraçados, e pezados por entre o mato, que he mais cego, e ser-lhe-há forçada recolher-se com muita pressa, o que Deos não permitta, que aconteça pelo desapercebimento, que esta cidade tem; do que sabem a certeza os inglezes, que a ella forão já, donde podem tirar grande preza da maneira, que está, se a commetterem com qualquer armada, porque acharão no porto muitos navios carregados de assucar, e algodão, e muita somma delle recolhido pelas terracenas, que estão na praia dos mercadores, tanto das mercadorias, como de muito dinheiro de contado, muitas peças de ouro, e prata, e muitas alfaias de caza.

CAPITULO XV.

Em que se declarão as grandes qualidades, que tem a Bahia de todos os Santos.

ELRei D. João III. de Portugal, que está em gloria, estava tão affeiçoado ao estado do Brazil especialmente á Bahia de todos os Santos, que se vivera mais alguns annos, edificára nella hum dos mais notaveis reinos do mundo, e engrandecêra a cidade do Salvador de feição, que se podéra contar entre as mais notaveis de seus reinos: para o que ella estava mui capaz, e agora o está ainda mais em poder, e aparelho para isso, porque he a maior,

e mais formosa, que se sabe pelo mundo assim em grandeza como em fertilidade, e riqueza. Porquanto esta Bahia he senhora de bons ares mui delgados, e sadios, de muito frescas, e delgadas aguas; he muito abastada de mantimentos naturaes da terra, de muita caça, e muitos, e mui saborosos pescados, e frutas, a qual está arrumada pela maneira seguinte. A Bahia se entende da ponta do Padrão ao morro de Tinhare, que demora hum ao outro nove ou dez legoas, aindaque o capitão da capitania dos Ilheos não quer consentir, que se entenda senão da ponta da ilha de Taparica á do Padrão: mas está já averiguado por sentença, que se entende a Bahia da ponta do Padrão até Tinhare, como já fica dito; a qual sentença se deo por haver duvida entre os rendeiros da capitania dos Ilheos, e o da Bahia, sobre a quem pertencião os dizimos dos pescados, que se fazião junto a este morro de Tinhare, o qual dizimo se sentenciou ao rendeiro da Bahia por se averiguar entender-se a Bahia do morro para dentro, como na verdade se deve entender.

CAPITULO XVI.

Em que se declarão as barras, que tem a Bahia de todos os Santos, e como está arrumada a ilha de Taparica, entre huma barra, e a outra.

ACima fica dito, como dista a ponta de Tinhare da do Padrão nove, ou dez legoas, entre as quaes pontas da banda de dentro dellas está lançada huma ilha de sete legoas de comprido, que se chama Itaparica, a qual Thomé de Souza sendo governador geral do Brazil deu de sesmaria a D. Antonio de Ataíde, primeiro conde da Castanheira, o que lhe sua Alteza depois confirmou, e lhe fez nova doação della, com titulo de capitão, e governador, ao que veio com embargos a camera da cidade do Salvador, sobre o que contendem á mais de trinta annos, e elle impedio sempre a jurisdicção sem atégora se averiguar esta cauza. Deixa esta ilha entre si, e o morro de Tinhare outra bahia grande, e com fundo, e porto, em que podem entrar náos de todo o porte, e tem grande ancoradouro, e abrigada á sombra do morro, de que se aproveitão muitas vezes as náos, que vem do reino, quando lhes escacea o vento, e não podem entrar na bahia da ilha pa-

para dentro. Da ponta d'esta ilha de Itaparica á ponta do Padrão está a barra de leste, e entre a outra ponta da ilha, e a ponta de Jagoaripe está a barra de loeste, por cada huma d'estas barras se entra na bahia com a proa ao norte. A barra de loeste se chama Jagoaripe por se meter nella hum rio do mesmo nome. Haverá de terra firme a esta ponta da ilha perto de huma legoa de terra a terra, a qual barra he aparcellada por ser de baixos de area, mas tem hum canal estreito, poronde navegão os caravelões da costa, e barcas dos engenhos; mas ha-de ser com tempo bonançoso, porque com marulhos não se enxerga nada, e corre grande perigo, quem se aventura commetter esta barra de Jagoaripe com tempo fresco, e tormentoso.

CAPITULO XVII.

Em que se declara, como se navega pela barra de Santo Antonio para entrar na Bahia.

A Barra principal da Bahia he da banda de leste, a que huns chamão a barra da cidade, e outros de Santo Antonio, por estar junto della da banda de dentro em hum alto huma sua hermida. Esta barra tem de terra a terra duas legoas, pois tanto dista da ponta do Padrão á terra do Taparica como á ponta, onde está o curral de Cosme Guarção, que he mais sahida ao mar. Da banda da ilha tem esta barra huma legoa de baixos de pedra, onde o mar anda o mais do tempo em flor. Por entre estes baixos ha hum canal, poronde entrão com bonanças navios de quarenta toneis, e fica a barra, poronde as náos costumão entrar, e sahir, da parte do Padrão, a qual tem huma legoa de largo; toda tem fundo, poronde entrão náos da India de todo o porte, em o qual espaço não ha baixo nenhum. Por esta barra podem entrar as náos de noite, e de dia com todo o tempo sem haver de que se guardar, e os pilotos, que sabem bem esta costa, se não podem alcançar esta barra com dia, e conhecem a terra, quando a vem de mar em fóra, mareando-se com a ponta do Padrão, como ficão a barlavento della, navegão com a proa ao norte, e vão dar comsigo no ancoradouro da cidade, onde ficão seguros sobre amarra de todos os ventos, tirado sudueste, que, quando venta, aindaque he muito rijo, no inverno, nunca passa a sua tormenta de vinte e quatro ho-

horas, em as quaes se amarrão os navios muito bem, e ficão seguros d'esta tormenta, que de maravilha acontece; em o qual tempo se ajudão os navios huns aos outros de maneira, que não corre perigo, e d'este porto da cidade, onde os navios ancorão, á ponta do Padrão póde ser huma legoa.

CAPITULO XVIII.

Em que se declara o tamanho do mar da Bahia, em que podem andar náos á vella, e de algumas ilhas.

DA banda da cidade á terra firme da outra banda, que chamão do Paraçu, são nove, ou dez legoas de travessa, e fica neste meio huma ilha, que chamão a dos Frades, que tem duas legoas de comprido, e huma de largo. Ao noste d'esta ilha está outra, que chamão Demaré, que tem huma legoa de comprido, e meia de largo; e dista huma ilha da outra, tres legoas. Da ilha Demaré á terra firme da banda do poente haverá espaço de meia legoa, da ilha dos Frades á de Taparica são quatro legoas, da cidade á ilha de Maré são seis legoas, e haverá outro tanto da mesma cidade á dos Frades demaneira, que da ponta da ilha de Tapariça até á dos Frades, e da ilha de Maré, e della á terra firme contra o rio, e d'esta corda para a cidade por todo este mar até á boca da barra se póde balraventear com navios de todo o porte sem acharem nenhuns baixos, com se afastarem da terra hum tiro de berço. Esta ilha dos Frades he de hum João Nogueira lavrador, o qual está de assento nella com seis ou sete lavradores, que nella tem da sua mão, onde tem suas grangearias de roças de mantimentos com suas criações de vaccas, e porcos, a qual ilha tem muitas aguas mas pequenas para engenhos, cuja terra he fraca para canaveaes de assucar. A ilha de Maré he muito boa terra para canaveaes, e algodões, e todos os mantimentos, aonde está hum engenho de assucar, que lavra com bois, que he de Bartholomeu Pires, mestre da capella da sé, aonde estão assentados de sua mão passante de vinte moradores, os quaes tem aqui huma igreja de nossa Senhora das Neves muito bem concertada com seu cura, que administra os Sacramentos a estes moradores.

CA-

CAPITULO XIX.

Em que se declara a terra da Bahia da cidade, até á ponta de Tapagipe, e suas ilhas.

ATraz fica dito, como da cidade até á ponta do Padrão ha huma legoa, agora convem, que vamos correndo toda a redondeza da Bahia, e reconcavos della, para se mostrar o muito, que tem para ver, e que notar. Começando da cidade para a ponta de Tapagipe, que he huma legoa, no meio d'este caminho se faz hum engenho de agua em huma ribeira chamada agua dos meninos, o qual não será muito proveitoso por ser tão perto da cidade. Este engenho fez hum morador dos principaes da terra, que se chama Christovão de Aguiar de Altro, e nesta ponta de Tapagipe estão humas olarias de Garcia de Avilla, e hum curral de vaccas do mesmo, a qual ponta bem chegado ao cabo della tem huma aberta pelos arrecifes, poronde entrão caravelões, que com tempo se recolhem aqui, e da boca para dentro tem huma calheta, onde estes caravelões e barcos estão seguros. Nesta ponta, quando se fundou a cidade, por ficar mais segura, e melhor assentada, e muito forte, a qual está norte sul com a ponta do Padrão, virando esta ponta sobre a mão direita está hum esteiro mui fundo, poronde entrão náos de quatrocentos toneis, ao qual chamão Paraião. Esta enseada tem na barra de fundo duas braças de preamar, e dentro tres e quatro braças na baixamar; cabem até oitenta navios de força, os quaes entrão descarregados, e hão de sahir na mesma fórma. Tem na boca duas fortificações, huma maior de huma banda, e outra mais pequena da outra, a qual faz para dentro grandes voltas; em huma dellas tem huma praia, onde se põe os navios amonte muito a vontade, e se calafetão muito bem ás marés, porque com as aguas vivas descobrem até a quilha, onde se queimão, e calafetão bem. D'este esteiro para dentro ao longo d'esta ponta estão tres ilhetas povoadas, e lavradas com canaveaes, e roças, e na terra d'esta ponta estão duas olarias de muita fabrica, por haver aqui muito, e bom barro, donde se provem delle os mais dos engenhos de assucar da Bahia, porque se purga o assucar com este barro.

CAPITULO XX.

Em que se declarão os engenhos de assucar, que há neste rio de Paraião.

ENtrando por este esteiro, pondo os olhos na terra firme, tem huma formosa vista de tres engenhos de assucar, e outras muitas fazendas mui formosas da vista do mar, e no cabo do salgado se mete nelle huma formosa ribeira de agua, com que móe hum engenho de assucar de S. Alteza, que alli está feito com huma igreja de S. Bartholomeu, freguezia daquelle limite, o qual engenho anda arrendado em seissentas e cincoenta arrobas de assucar branco cada anno. Pelo certão d'este engenho meia legoa delle está outro de Diogo da Rocha de Sá, que móe com outra ribeira, o qual está muito adornado de edificios com huma igreja de S. Sebastião muito bem concertada. A' mão esquerda d'este engenho de S. Alteza está outro de João de Barros Cardozo, meia legoa a banda da cidade, até onde este esteiro faz hum braço, poronde se serve com suas barcas, o qual engenho tem grandes feridas, e fabrica de escravos, e grandes edificios, e outra muita grangearia de roças, e canaveaes, e curraes de vaccas, onde tambem está huma hermida de nossa Senhora da Encarnação muito bem concertada. Entre hum engenho e outro está huma caza de cozer meles com muita fabrica, a qual he de Antonio Martins Ruimão. A' mão direita d'este engenho de S. Alteza está outro de Dona Leonor Soares, mulher que foi de Simão da Gama de Andrada, o qual móe com huma ribeira de agua com grande ferida, e está bem fabricado; e este rio do Paraião he muito forte de pescado, e marisco, de que se mantem a cidade, e fazendas de sua visinhança, em o qual andão sempre sete, ou oito barcos de pescar com redes, onde se toma muito peixe, e no inverno em tempo de tormenta pescão nelle os pescadores de jangadas dos moradores da cidade, e os das fazendas de duas legoas á roda, e sempre tem peixe, de que todos se remedeião.

CAPITULO XXI.

Em que se declara a terra e sitio das fazendas, que ha da barra de Paraião até o rio de Matoim.

POr este rio de Paraião abaixo, e da boca delle para fóra ao longo do mar da Bahia, por elle acima, vai tudo povoado de formosas fazendas, e tão alegres da vista do mar, que não cansão os olhos de olhar para ellas, e no principio está huma de Antonio d'Oliveira de Carvalhal, que foi alcaide mór de villa Velha, com huma hermida de S. Braz; e vai correndo esta ribeira do mar da Bahia com esta formosura até nossa Senhora da Escada, que he huma formosa igreia dos indios, de padres da Companhia, que a tem muito concertada, onde vão as vezes convalescer alguns padres das suas enfermidades, por ser o lugar para isso, a qual igreja está huma legoa do rio do Paraião, e duas da cidade de nossa Senhora da Escada. Para cima se recolhe a terra para dentro até o porto de Paripe, que he d'ahi huma legoa, cujo espaço se chama a praia grande, pelo ella ser, e muito formosa, ao longo da qual está tudo povoado de mui alegres fazendas, e de hum engenho de assucar, que móe com dous, e está muito bem acabado, cujo senhorio se chama Francisco de Aguilar, homem principal, e castelhano de naçáo. D'este porto a Paripe obra de quinhentas braças pela terra dentro está outro engenho de bois, que foi de Vasco Rodrigues Lobato, todo cercado de canaveaes de assucar, de que se faz muitas arrobas. Do porto de Paripe se vai a terra afeiçoando de maneira de ponta lançada ao mar, e corre assim obra de huma legoa, onde está huma hermida de S. Thomé em hum alto, ao pé do qual ao longo do mar estão humas pegadas assignaladas em huma lagea, que diz o gentio, que dizião os seus antepassados, que andára por alli havia muito tempo hum santo, que fizera aquelles sinaes com os pés. Toda a terra poraqui he muito fresca povoada de canaveaes, e pomares de espinho, e outras frutas de Hespanha; e da terra, donde se ella torna a recolher para dentro faz outra praia muito formosa, e povoada de muito frescas fazendas, por cima das quaes apparece a igreja de nossa Senhora do O, freguezia da povoação de Paripe, que está junto della ar-

ruada, e povoada de moradores, que he a mais antiga povoação, e julgado da Bahia. D'esta praia se torna a terra a afeiçoar á maneira de ponta para o mar, e a mais sahida della se chama a ponta do toque, donde a terra torna a recuar para traz, até á boca de Matoim, tudo povoado de alegres fazendas. Do porto de Paripe ao rio de Matoim são duas legoas, e de Matoim á cidade são cinco legoas.

CAPITULO XXII.

Em que se declara o tamanho do rio de Matoim e os engenhos, que tem.

ENtra a maré pelo rio de Matoim acima quatro legoas, o qual tem a boca de terra a terra tiro de berço huma da outra, e entrando por elle acima mais de huma legoa vai povoado de muitas, e mui frescas fazendas, fazendo algumas voltas, esteiros, e enseadas, e no cabo d'esta legoa se alarga o rio muito da terra; e á mão direita por hum braço acima está o afamado engenho de Paripe, que foi de Affonso de Torres, e agora he de Balthazar Pereira mercador. A este engenho pagão fôro todas as fazendas, que ha do porto de Paripe, a que tambem chamão do Tubarão. Até á boca de Matoim, e pelo rio acima duas legoas, e virando d'este engenho para cima sobre a mão direita vai tudo povoado de fazendas, e em huma de Francisco Barbudo está huma hermida de S. Bento, e mais adiante em outra fazenda de Christovão de Aguiar está outra de nossa Senhora, e assim vai correndo esta terra até o cabo Salgado, mui povoada de nobres fazendas mui ornadas de aposentos, e no cabo d'este rio está hum engenho de bois de duas moendas de Gaspar Dias de Barboza, peça de muito preço, o qual tem nelle huma igreja de Santa Catharina. Junto d'este engenho está huma ribeira, em que se póde fazer hum engenho de agua mui bom, o qual se não faz por haver demanda sobre esta agua entre partes, que a pretendem. Da outra banda d'este engenho está assentado outro, que se diz de Sebastião da Ponte, que móe com huma ribeira, que chamão Cotigipe, o qual engenho está muito adornado de edificios mui aperfeiçoados; e tornando por este rio abaixo sobre a mão direita obra de meia legoa está huma

ma ilha de Jorge de Magalhães mui formosa por estar toda lavrada de canaveaes, e no meio della em hum alto tem humas nobres cazas cercadas de larangeiras arruadas, e outras arvores couza muito para ver; e descendo huma legoa abaixo do engenho de Cotigipe, o qual se diz de Sebastião da Ponte, que móe com huma ribeira, que se chama de Utum, em a qual Sebastião de Faria tem feito hum soberbo engenho de agua com grandes edificios de cazas de purgar, e de vivenda, e huma igreja de S. Jeronymo tudo de pedra e cal, no que gastou mais de doze mil cruzados. Meia legoa d'este engenho pelo rio abaixo está huma ribeira, a que chamão Curnuibão, onde não está engenho feito por aver letigio sobre esta agua. Na boca d'esta ribeira está huma ilha mui fresca, que he de Nuno Fernandes de Curnuibão, e a huma legoa está hum engenho de bois, de que he senhorio Jorge Antunes, o qual está mui petrechado de edificios de cazas, e huma igreja de nossa Senhora do Rosario. D'este engenho até á boca do rio será huma legoa pouco mais ou menos, a qual está povoada de mui grandes fazendas, cujos edificios, e canaveaes estão á vista d'este rio, que he mui formoso, e largo de alto até abaixo. Defronte da boca do rio de Matoim está a ilha de Maré, que começa a correr delle para cima, do comprimento della, da qual fica dito atraz, o que se póde dizer.

CAPITULO XXIII.

Em que se declara a feição da terra da boca de Matoim, até o esteiro de Metaripe, e os engenhos, que tem em si.

SAhindo pela boca de Matoim fóra, virando sobre a mão direita, vai a terra fabricada com fazendas, e canaveaes: d'alli a meia legoa está outro engenho de Sebastião de Faria de duas moendas, que lavrão com bois, o qual tem grandes edificios assim de engenho, cazas de purgar, e de vivenda, como de outras officinas, e tem huma formosa igreja de nossa Senhora da Piedade, que he freguezia d'este limite, a qual fazenda mostra tanto apparato da vista do mar, que parece huma villa. E indo correndo a ribeira do Salgado d'este engenho a meia legoa está tudo povoado de fazendas, e no cabo está huma, que foi de

deão

deão da sé com huma hermida de nossa Senhora muito bem concertada, a qual está em huma ponta da terra. Defronte d'esta ponta bem chegada á terra firme está huma ilha, que se diz de Pedro Fernandes, onde elle vive com sua familia, e tem sua grangearia de canaveaes, e roças com agua dentro. Da fazenda do deão, que se começa de ir armando a enseada, que dizem de Sacarecanga, no meio da qual está hum formoso engenho de bois de Christovão de Barros, até onde está tudo povoado de fazendas, e lavrado de canaveaes, este engenho tem mui grandes edificios, e huma igreja de Santo Antonio. Está cercada esta em feição de meia lua, e terá segundo a feição da terra duas legoas, em a qual está huma ribeira de agua, em que se póde fazer hum engenho, o qual se deixa de fundar por se não averiguar o letigio, que sobre ella ha; e toda esta enseada á roda sobre a vista da agua está povoada de fazendas, e formosos canaveaes. Sahindo d'esta enseada virando sobre a ponta da mão direita vai correndo a terra fazendo hum canto, espaço de meia legoa, em a qual estão dous engenhos de bois, hum de Tristão Rodrigo junto da ponta da enseada, e defronte da qual ilha da Maré está hum ilheo, que se chama de Japace, donde tomou o nome a terra firme d'este limite. Este engenho de Tristão Rodrigo tem huma fresca hermida de Santa Anna; outro engenho está no canto d'esta terra, que he de Luiz Gonsalves Vargão, em qual tem outra igreja de nossa Senhora do Rosario, que he freguezia d'este limite. D'este engenho se torna a recuar a terra fazendo ponta para o mar, que terá comprimento de meia legoa, e no cabo della se chama a ponta de Thomaz Alegre, até onde está tudo povoado de fazendas, e canaveaes, em que entra huma caza de meles de Marcos da Costa. Defronte d'esta ponta está o fim da ilha da Maré, e d'aqui torna a fugir a terra para dentro fazendo hum modo de enseada espaço de huma legoa, que toda está povoada de nobres fazendas, e grandes canaveaes, no cabo da qual está hum formoso engenho de agua de Thomaz Alegre, que tem huma hermida de Santo Antonio, mui bem conservada. D'este engenho he huma legoa ao cabo de hum esteiro, que se diz Apitanga, até onde está tudo povoado, e plantado de canaveaes mui formosos. Esta Pitanga he huma ribeira assim chamada, onde se póde fazer hum formoso engenho de agua, o que se não faz por ha-

haver contenda sobre a dita ribeira. Por aqui se serve o engenho de Miguel Baptista, que está pela terra dentro meia legoa, o qual tem mui ornado de edificios, e com huma hermida de nossa Senhora mui concertada; e tornando atraz ao esteiro, e porto de Pitanga, torna a terra a correr para o mar obra de meia legoa, aonde faz huma ponta em redondo, onde está huma formosa fazenda de André Monteiro, da qual torna a terra a recuar para traz outra meia legoa por hum esteiro acima, que se diz de Mataripe, onde esrá huma caza de meles de João Adrião mercador; por este esteiro se serve a igreja, e julgado do lugar de Taiasu, que está meia legoa pela terra dentro em hum alto á vista do mar, povoação em que vivem muitos moradores, que lavrão neste certão algodões, e mantimentos, e a igreja de nossa Senhora do O.

CAPITULO XXIV.

Em que se declara o sitio da terra da boca do esteiro de Mataripe até á ponta de Mairape, e dos engenhos que em si tem.

D'Este esteiro de Mataripe ao de Cospe será meia legoa, ou menos, a qual está toda lavrada, e aproveitada de muitos canaveaes, que os moradores, que por esta terra vivem, tem feito. Neste esteiro de Cospe está hum engenho de bois de duas moendas, peça de muita estima, o qual he de Martim Carvalho, onde tem huma hermida da Santissima Trindade, mui concertada com as officinas necessarias. Defronte d'este esteiro de Cospe está hum ilheo de pedra meia legoa ao mar, que se diz Itapitanga, do qual esteiro corre a terra quasi direita obra de huma legoa, ou mais, no cabo da qual está outro engenho de bois, fazenda muito grossa de escravos, e canaveaes com nobres edificios de cazas com huma fresca igreja de nossa Senhora das Neves muito bem acabada, o qual engenho he de André Fernandes Margalho, que o herdou de seu pai com muita fazenda. Ao longo d'esta terra hum tiro de berço esta estendida a ilha de Corurapeba, que he de meia legoa de comprido, que a tem arrendada a sete, ou oito moradores, que nella vivem; e entre esta ilha, e a dos Frades estão duas ilheras, em cada huma das quaes está hum morador, que as lavra, e são de Antonio da

Cos-

Costa. D'este engenho de André Fernandes para cima vai fazendo a terra huma enseada de huma legoa, no cabo da qual está o oiteiro de Pernamarim. Defronte d'esta enseada bem chegadas á terra firme estão tres ilhetas, a primeira defronte do engenho, que he do mesmo Andre Fernandes, que tem perto de meia legoa, onde tem alguns moradores, que lavrão canas, e mantimentos, e junto d'esta ilha está outra mais pequena, que he do mesmo, donde tira a lenha para o engenho, e mais adiante de Pernamarim está outra ilha, que se diz a das Fontes, que he de João Nogueira, a qual he de meia legoa, onde tambem vivem sete, ou oito moradores; a terra de todas estas ilhas he alta e muito boa. A' boca do esteiro de Pernamarim está hum engenho de bois de Belchior Dias Porcalho, que tem huma hermida de Santa Catharina. Por este esteiro de Pernamarim entra a maré huma legoa, no cabo da qual está outro engenho de bois de Antonio da Costa, que depois foi de Estevão de Brito Freire, que Deos perdoe, e fez outro engenho por nome S. Tiago bem no fim do rio de Pernamarim para a banda da freguezia Tamariri de agua das melhores, que hoje no Brazil ha. Este esteiro de huma parte, e da outra está todo lavrado de canaveaes, e povoado de formosas fazendas, no meio do qual está huma ilha de Vicente Monteiro toda lavrada com huma formosa fazenda; e tornando a boca d'este esteiro andando sobre a mão direita d'ahi a huma legoa está tudo povoado de moradores, aonde tem muito boas fazendas de canaveaes, e algodões, a qual terra se chama Tamarari, no meio da qual está huma igreja de nossa Senhora, que he freguezia d'este limite. Esta terra faz no cabo huma ponta, e virando della sobre a mão direita vai fugindo a terra para traz, até dar em outro esteiro, que chamão Mairape, onde se começão as terras de Mem de Sá, que agora são de seu genro o Conde de Linhares.

CAPITULO XXV.

Em que se declara o rio de Serigipe, e terra delle á boca do Paragoau.

PArtindo com a terra da Tamaram começa a do engenho do Conde Linhares, a qual está muito metida para den-

dentro fazendo huma maneira de enseada, a que chamão Mairape. Esta vai correndo até á boca do rio Seregipe, passando de tres legoas, aonde se mete huma ribeira, que se diz Farreiri, onde esteve já hum engenho, que fez Antonio Dias Adorno, o qual se despovoou por lhe arrebentar hum açude, que lhe custou muito a fazer, pelo que está em mortorio; mas não estará assim muito tempo por ser a terra muito boa, e para se meter nella muito cabedal. Descendo por este esteiro abaixo legoa e meia sobre a mão direita está situado o afamado engenho de Mem de Sá, que agora he do Conde de Linhares seu genro, o qual está mui fabricado de caza forte, e de purgar, com grande machina de escravos, e outras bemfeitorias, com huma igreja de nossa Senhora da Piedade. D'esta banda do engenho até a barra do rio, que podem ser duas legoas, não vive nenhum morador, por ser necessaria a terra para o manejo do engenho, e por ter perto da barra huma ribeira, onde se póde fazer outro engenho muito bom; mas da outra banda do rio de cima até abaixo está tudo povoado de muitas fazendas com mui formosos canaveaes, entre os quaes está hum, que foi de hum Gonsalo Annes, que se meteo frade de S. Bento. Os frades tem feito huma igreja da mesma ordem com seu recolhimento, onde dizem missa aos visinhos. Na boca d'este rio fóra da barra está huma ilha, que chamão Cajuaiba, que será de huma legoa de comprido, e meia de largo, onde estão assentados dez ou doze moradores, que nella tem bons canaveaes, e roças de mantimentos, a qual he do Conde de Linhares. Junto d'esta ilha está outra pequena despovoada, de muito boa terra, e bem chegada á terra firme. No cabo do rio da banda do engenho está outra ilha de meia legoa em quadro, entre a qual, e a terra firme escassamente póde passar hum barco, o qual tambem com as duas atraz são do Conde de Linhares, e da boca d'este rio de Seregipe virando ao sahir della sobre a mão direita vai fazendo a terra grandes enseadas em espaço de quatro legoas, até onde chamão o Alum, por ter o mesmo nome huma ribeira, que alli se vem meter no salgado, em a qual se podem fazer dous engenhos, os quaes não estão feitos por ser esta terra do engenho do Conde de Linhares, e não a querer vender nem aforar, pelo que vivem poucos moradores nella, onde tem hum formoso curral de vaccas. Do cabo d'esta terra do Conde

á boca do rio Paragoaçu, são tres legoas, ou quatro despovoadas de fazendas por a terra ser fraca, e não servir para mais que para criação de vaccas, onde estão alguns curraes dellas. Esta terra foi dada a Braz Fragoso de sesmaria, e pelo rio de Paragoaçu acima quatro legoas, a qual se vendeo a Francisco de Araujo, que agora possue com algumas fazendas, que nella fez, onde a terra he boa, que he pelo rio acima.

CAPITULO XXVI.

Em que se declara a grandeza do rio Paragoaçu, e os seus engenhos na terra d'elRei.

ESte rio de Paragoaçu he mui caudaloso, e terá na boca de terra a terra hum tiro de falcão, por o qual entra a maré, que sóbe por alli acima seis legoas, e de huma banda, e da outra até á ilha dos Francezes, que são duas legoas, he a terra alta e fresca, e mal povoada, salvo de alguns curraes de vaccas. Da barra d'este rio para dentro está huma ilha de meia legoa de comprido, e cincoenta braças de largo, e a partes de menos, a qual se chama de Gaspar Dias de Barboza, cuja terra he baixa, e fraca. Tornando acima no cabo d'estas duas legoas está huma ilha, que chamão dos Francezes, mui ateroza, que terá em roda seiscentas braças, onde em tempos atraz chegavão com suas náos por ter fundo para isso, e estavão nesta ilha seguros do gentio, com o qual fazião della seus resgates á sua vontade. D'esta ilha para cima se abre huma formosa bahia, até o cabo do rio de agua doce, que serão duas legoas, e defronte d'esta ilha dos Francezes está huma caza de meles de Antonio Penella Sahindo d'esta ilha para fóra sobre a mão direita faz este rio hum reconcavo de tres legoas, couza mui formoza, que chamão Ugape, e olhando pela mão esquerda se estende perto de duas legoas, parte das quaes estão occupadas com ilheos, que são tres despovoados, mas cheios de arvoredo, que se podem povoar, e huma ilha de Antonio de Paiva, que está aproveitada com canaveaes, onde a terra firme se vai apertando, que ficará acima d'esta ilha o rio de terra a terra huma meia legoa. Mas tornando á caza de meles de Antonio Penella, virando della, para a enseada de Uguape sobre a mão direita, d'aqui a

duas

duas legoas he terra fraca, e não serve para curraes de vaccas. No meio d'este caminho está huma ilha raza de Antonio Dias Adorno, que teve já cheia de mantimentos, além da qual está outra ilha, que chamão da Ostra, onde se tem tirado tanta quantidade, que se fizerão de ostras dez mil moios de cal, e vai-se cada dia tirando tanto, que faz espanto sem se acabar. No cabo d'estas duas legoas começa a terra boa, que está povoada, até o engenho de Antonio Lopes, de muitos canaveaes, e formosas fazendas, no que haverá huma legoa. Este engenho móe com grande ferida, e he mui adornado com edificios de pedra e cal, e a ribeira, com que móe, se chama Ubirapiranga, e está indo d'este engenho para cima sobre a mão direita ao longo do salgado. Vai povoada a terra de fazendas, e canaveaes, em que entra huma caza de meles de Antonio Rodrigues, e andando assim até junto do rio de agua doce de Paragoaçu, que podem ser duas legoas, vai dar com hum notavel, e bem assentado engenho de João de Brito de Almeida, que está senhoreando esta bahia com a vista, o qual engenho he de pedra e cal, e tem grandes edificios de cazas, e mui formosa igreja de S. João, o qual engenho tem mui grande ferida, e móe com huma ribeira, que vem a este sitio por huma levada de huma legoa feita toda por pedra viva ao pico com suas açudadas, com muros, e botareos de pedra e cal, couza muito forte, e antes de se chegar a este engenho junto da terra delle estão tres ilheos de area pequenos cheios de mangues, onde se vai mariscar. Acima d'este engenho, hum tiro de berço delle, entra nesta bahia, que este rio aqui faz, o rio de agua doce da Paragoaçu, o qual terá na boca de terra a terra hum tiro de falcão de espaço, e navega-se por elle acima até á cachoeira, que póde ser tres legoas, com barcos grandes, e indo por elle acima sobre a mão direita tem poucas fazendas por ser a terra do engenho de João de Brito, e antes de chegarem á cachoeira á vista della está outro engenho de agua mui bem acabado, o qual fez hum Rodrigo Moniz mameluco por sua conta, e de Luiz de Brito de Almeida, junto do qual vivem muitos mamelucos com suas fazendas.

CAPITULO XXVII.

Em que se declara a terra do rio de Paragoaçu, tocante á capitania de D. Alvaro.

AAtégora tratamos neste capitulo atraz da grandeza do rio de Paragoaçu, no tocante á terra d'elRei, e d'aqui por diante convem tratar do mesmo rio, e declarar a terra da outra banda, que he da capitania de D. Alvaro da Costa, que tem da boca da barra d'este rio por elle acima dez legoas da terra ao longo do mar, da bahia até o rio de Jagoaripe, e por elle acima outras dez legoas, de que elRei D. João lhe fez mercê, com titulo de capitão e governador d'esta terra, de quem diremos neste capitulo. Começando da cachoeira d'este rio de Paragoaçu para baixo, descendo sobre a mão direita, o qual rio está povoado de muitos moradores, em que se fazem muitos esteiros, em que se metem muitas ribeiras, sem haver ainda nenhum engenho, e sahindo pela boca fóra d'este rio á bahia, que o salgado nelle faz, e virando sobre a mão direita, obra de huma legoa, ao longo das ilhas, de que já dissemos, se vai dar no braço, que se diz de Igoaraçu, e por elle acima espaço de duas legoas vai o rio mui largo, cuja terra da parte esquerda he fraca, e de campinas, e mal povoada de fazendas, e da banda direita he terra boa, mas mui fragosa, e povoada de fazendas. No cabo d'estas legoas se aparta este rio em tres braços, poronde entra a maré, e no braço da mão direita está o engenho de Lopo Fernandes obra mui forte e de pedra e cal, assim o engenho como os mais edificios, e a igreja, que he de nossa Senhora da Graça, obra muito bem acabada com seus canaveaes ao redor do engenho, de que faz muito assucar. Pelo braço do meio vai sobindo a maré duas legoas, no cabo das quaes se mete nelle huma formosa ribeira de agua, que se diz Igoariçu, onde se póde fazer hum engenho, e de huma banda, e da outra he tudo povoado de roças, e canaveaes. Na ponta d'esta terra entre hum esreiro, e outro está huma hermida de S. João, e pelo outro esteiro, que está a mão esquerda está hum prospero engenho de pedra e cal, com grandes edifficios de cazas de vivenda, e de purgar com huma formosa igreja. Este engenho he copioso como os mais do rio, o qual edi-

fi-

ficou Antonio Adorno, cujos herdeiros o possuem agora. Neste rio de Paragoaçu, e em todos os seus reconcavos, poronde entra o salgado ha muito marisco de toda a sorte especialmente ostras, onde em huma maré vasia quatro negros carregão hum barco dellas, e tem grandes pescarias assim de rede como de linha, especialmente na bahia, que faz abaixo, porque por huma banda tem duas legoas de comprido, e por outra duas de largo, pouco mais ou menos, e em toda a terra d'este rio ha muita caça.

CAPITULO XXVIII.

Em que se declara, o como corre a terra do rio de Paragoaçu ao longo do mar da Bahia, até a boca de Jagoaripe, e por este rio acima.

DO cabo do rio Paragoaçu, onde se elle mete na bahia grande, vai fazendo a terra humas enseadas de area obra de duas legoas, que estão povoadas de curraes de vaccas, e pescadores, e no cabo d'estas duas legoas faz a terra huma ponta de area muito sahida ao mar da bahia, da qual corta a maré a passos; e quando he cheia fica parte d'esta ponta em ilhas, e passada da outra banda tem sete ou oito ilheos de area, cheios de mangues; e tornando de correr a costa contra Jagoaripe, se vai armando em enseadas obra de tres legoas, que estão povoadas até em direito da ilha da Pedra de curraes de vaccas, e fazendas de gente pobre, que não plantão mais que mantimentos, de que se mantem. Esta ilha da Pedra he de pouco mais de meia legoa de comprido, e tem muito menos de largura, e mais adiante está outra ilha, que tem mais de legoa de comprido, que se diz de Fernão Vaz. Por detraz em estas ilhas vai correndo a costa da terra firme mui chegada a ellas, a qual costa por detraz d'estas ilhas terá tres legoas de espaço até chegar ao rio de Jagoaripe, tudo terra despovoada por ser fraca, e de campinas, onde se mete no salgado huma ribeira, que se chama Puinqua, que servirá para hum engenho, se o fizerem, aindaque junto do porto vem a agua baixa e será necessario fazer o engenho hum pedaço pela terra dentro, por amor da ferida, e virando da boca de Jagoaripe para cima d'ahi a duas legoas he terra mui fraca, que não presta senão para vaccas, e roças de mantimentos

tos; e do cabo d'estas duas legoas até á cachoeira he a terra soffrivel, e tem cinco ribeiras, que se vem meter neste rio, em que se podem fazer cinco engenhos, os quaes não são já feitos por o capitão d'esta terra não querer dar as aguas menos de a dous por cento de fóra, que no cabo do anno vem a montar oitenta, e cem arrobas de assucar, que val a oitocentos réis por cada arroba. Este rio de Jagoaripe he tamanho como o outro, e mais aprasivel na frescura, navega-se até á cachoeira, que está cinco legoas da barra, e duas legoas abaixo da cachoeira he agua doce, a qual o salgado com a força da maré faz recuar até á cachoeira, e junto da cachoeira virando sobre a mão direita para baixo está hum engenho de agua de Fernão Cabral de Araide obra mui formosa, e ornada de nobres edifficios, e de cazas de vivenda, e de outras officinas, e de huma igreja de S. Bento mui bem acabada, o qual está feito nas terras de elRei, que estão livres de todo o foro, que costumão pôr os capitães. D'este engenho para baixo vivem alguns moradores, que tem suas roças e canaveaes ao longo do rio, que aformozeão muito, em a qual se vem meter tres ribeiras por esta mesma banda capazes de tres engenhos, que se nella podem muito bem fazer duas legoas abaixo do de Fernão Cabral, a mais terra d'esta banda he raza, e de area, que não serve para mais, que para lenha dos mesmos engenhos, a qual terra fica no cabo em lingoa estreita defronte da ilha de Fernão Vaz, a qual ponta tem huma ilhota no cabo, onde se vem ajuntar o rio de Irayaha com o do de Jagoaripe.

CAPITULO XXIX.

Em que se explica o tamanho, e formosura do rio Irayaha, e seus reconcavos.

COrrendo por esta ponta de entre ambos os rios acima com a mão direita ao longo da terra da ponta duas legoas pelo rio acima, he a terra fraca, que não serve senão para lenha dos engenhos, e d'aqui para cima huma legoa da cachoeira d'este rio, he tudo povoado de canaveaes, e fazendas de moradores, até onde a agua salgada se mete por dous esteiros acima, onde se ajuntão com elle duas ribeiras de agua em as quaes estão dous engenhos, os quaes dei-

deixemos estar para dizermos primeiro do rio de Irayaha, que vai por este meio hum quarto de legoa para cima, povoado de canaveaes, e fazendas, em que entra huma caza de meles de muita fabrica de Gaspar de Freitas, além da qual junto á cachoeira está situado o engenho de Diogo Correa de Sande, que he huma das melhores peças da Bahia, porque está muito bem acabado, com grandes aposentos, e officinas, e huma fresca igreja da Vera Cruz. E tornando abaixo ao esteiro da mão direita, que se chama Caipe indo por elle acima está hum soberbo engenho com grandes cazas de purgar, e de vivenda, e muitas outras officinas, com huma grande e formosa igreja de S. Lourenço, onde vivem muitos visinhos, e huma povoação, que se diz a Graciosa. Esta terra he muito fertil, e abastada de todos os mantimentos, e de muitos canaveaes de assucar, a qual he de Gabriel Soares de Souza; e d'este engenho ao de Diogo Correa não ha mais distancia, que quatrocentas braças de caminho de carro, e para visinharem se servem com os carros de hum engenho ao outro por cima de duas ponres, e atravessão este rio, e ficão os engenhos á vista hum do outro. E tornando ao outro esteiro, que fica da outra banda do rio de Irayaha, onde se mete a ribeira, que se diz de Jaceru, com a qual móe, está outro engenho, que agora novamente fez o mesmo Diogo Correa, o qual está mui bem acabado, e aperfeiçoado com as officinas necessarias, e todo este esteiro está povoado de fazendas de moradores com formosos canaveaes, e descendo por este rio abaixo ao longo da terra da mão direita andando mais de huma legoa vai a terra povoada da mesma maneira. Este rio ahi he como o Téjo de villa Franca para cima, e d'aqui até o direito da ponta, que divide este rio de Jagoaripe, he a terra fraca, onde ha tres esteiros, que entrão por ella dentro duas legoas, em os quaes se metem ribeiras, com que se podem moer engenhos; mas a terra não he capaz para dar muitos annos canas, e abaixo d'estes esteiros está huma ilheta, que chamão a do Sal, poronde o gentio, quando vivia mais perto do mar, costumava vir faze-lo alli, defronte do qual está outra ilheta na ponta de entre ambos os rios. D'esta ilha até a ponta da barra haverá huma legoa tudo terra de pouca substancia. D'esta ilha ou terra á de Fernão Vaz he perto de huma legoa, e entre esta ilha, e a de Taparica, e a terra firme fica quasi em quadro huma

ma bahia de huma legoa, onde se mete a barra, que se chama de Jagoaripe, de que se fez já menção.

CAPITULO XXX.

Em que se declara a terra, que ha da boca da barra de Jagoaripe, até Juquirijape, e d'ahi até o rio de Una.

DA ponta de Jagoaripe ao rio de Juquirijape são quatro legoas ao longo do mar a feição de enseadas quasi pelo rumo de norte sul, cuja terra he baixa, e fraca com pouco mato, pela qual atravessão das campinas quatro ribeiras de pouco cabedal, a qual terra não serve de mais, que para criações de vaccas. Este rio de Juquirijape tem a barra pequena, e baixa, poronde não podem entrar mais, que caravelões da costa por ter huma lagea na boca, que a toma toda, da barra para dentro até á cachoeira he muito fundo, poronde podem navegar navios de cem toneis, e de mais, e de huma parte á outra póde haver quatro legoas, e este rio he tão formoso como o do Guadiana, mas tem muito mais fundo; e em indo por elle acima de huma banda, e da outra até duas legoas, he terra fraca, e pela maior parte de campinas com muitos alagadiços, terra boa para vaccas, e tem indo por elle acima mais adiante dois esteiros, em os quaes se podem fazer dous engenhos. Do esteiro mais do cabo para a banda da cachoeira huma legoa toda de vargea he terra muito grossa para canaveaes, da outra banda he terra mais somenos, e junto d'esta cachoeira se vem meter huma ribeira com grande ferida, onde Gabriel Soares tem começado hum engenho, em o qual tem feito grandes bemfeitorias, e assentado huma aldeia pequena com hum feitor, que manda. Na barra d'este rio tem o mesmo huma roça com mantimentos, e gente, com que se grangea este rio muito provido de pescado, e marisco, e muita caça, e frutas silvestres. Da barra de Juquirijape ao curral de Sebastião da Ponte são cinco legoas ao longo do mar, tudo despovoado em feição de enseada, onde se metem tres ribeiras, que nascem nas campinas d'esta terra, que não servem para mais que para criação de vaccas. Toda esta praia, e costa no inverno he muito desabrigada até á barra de Jagoaripe, onde em tempo leste, e lessueste ha travessia, e se tem aqui

os

os caravelões da costa, que se metem por esta barra, se elles não acertão com a boca de Juquirijape para se recolherem dentro, não tem outro remedio senão varar em terra, onde não ha perigo das pessoas por ser tudo area. Este curral de Sebastião da Ponte está em huma ponta sahida ao mar com o rosto no morro de Tinhare, da qual vai fugindo a terra para dentro fazendo huma enseada até o rio Una, que será tres legoas todas de praia, e por este rio entra a maré mais de duas legoas, no cabo das quaes está situado o engenho de Sebastião da Ponte, que tem duas moendas de agua em huma caza, que móe em ambas com huma ribeira, o qual he muito grande, e forte, e está mui fabricado de cazas de vivenda, e de purgar, e outras officinas com huma formosa igreja de S. Gens com tres capellas de abobada, e por este rio Una vivem alguns moradores, que nella tem feito grandes fazendas de canaveaes, e mantimentos.

CAPITULO XXXI.

Em que se explica a terra do rio Una até Tinhare, e da ilha de Japarica com outras ilhas.

DA boca do rio Una a huma legoa se mete no mar outro rio, que se diz Tarairy, pelo qual entra a maré duas legoas, e outros, onde Fernão Ribeiro de Souza fez huma populosa fazenda com hum engenho mui bem acabado, e aperfeiçoado com as officinas acostumadas, e huma igreja de nossa Senhora do Rosario muito bem concertada, onde tem muitos homens de soldo para se defenderem da praga dos Aimores, que lhe fizerão já muito. E tornando ao cabo d'este rio, que está muito visinho da ilha Tinhare, donde vai correndo a ter o morro fazendo huma enseada obra de tres legoas até a ponta do morro, onde se acaba, o que se entende á Bahia de todos os Santos, esta ilha faz abrigada a esta terra até á ponta do curral por a sua terra ser alta, a qual he fraca para canaveaes, onde vivem alguns moradores, que nella estão assentados da mão de Domingos Saraiva, que he senhor d'esta ilha, o qual vive nella, e tem ahi sua fazenda com grandes criações, e huma hermida, onde lhe dizem missa. Da boca d'este rio de Tairiri a esta ilha póde ser hum tiro de falcão. No mar, que ha entre esta ilha, e a terra firme, ha grandes

pescarias, e muito marisco, onde por muitas vezes lança o mar fóra nesta ilha, e nas praias de defronte até o Juquirijape ambar gris muito bom. Tornando á ilha de Japarica, de que atraz se faz menção, pela banda de Tinhare não tem porto, aonde possa desembarcar por ser cercada de baixos de pedra, aonde o mar quebra ordinariamente, a qual pela banda de dentro da bahia tem muitos portos, onde os barcos podem desembarcar com todo o tempo. Tem esta ilha pela banda de dentro grandes pontas, e enseadas, aonde com tormentas se recolhem as embarcações, que vem das outras partes da bahia para a cidade. Na ponta d'esta ilha de Japarica defronte da barra de Jagoaripe está huma ilha junto a ella, que se diz de Lopo Rebello, e está cheia de arvoredo, donde se tira muita madeira, e d'aqui para dentro he povoada Japarica de alguns moradores, que vivem juntos ao mar, que lavrão canas e mantimentos, e crião vaccas, e d'aqui a Tamarantiba haverá espaço de hum tiro de falcão. Esta ilha Tamarantiba tem huma legoa de comprido, e meia de largo, cuja terra não serve mais que para mantimentos, onde vivem seis ou sete moradores, a qual he do Conde da Castanheira. Junto de Tamarantiba da banda da terra firme está huma ilheta cheia de arvoredo muito raza, cuja terra he fraca, e de area, onde o mais do tempo estão pescadores de rede defronte, por haver alli muitos lanços, e diante della estão tres ilheos razos, fazendo huma ponta ao mar contra a outra, que vem da banda do Paragoaçu, e póde haver de huns aos outros huma legoa ao mar. Contra a ponta de Japarica está outro ilheo razo com arvoredo, que não serve senão a pescadores de redes. No cabo da ilha Tamarantiba contra ella, e a de Japarica estão tres ilheos de area pequenos, e junto delles está huma ilheta, que chamão dos Porcos, que será de seiscentas braças em quadro. Mais adiante junto á terra de Japarica está outra ilheta, que se diz de João Fidalgo, onde vive hum morador. Adiante d'esta ilha em huma enseada grande, que Japarica faz, está hum engenho de assucar, que lavra com bois, o qual he de Gaspar Pacheco, por cujo porto se servem os moradores, que vivem pelo certão da ilha, onde tem huma igreja de Santa Cruz, e d'este engenho a duas legoas está a ponta de Japarica, que he a mais sahida ao mar, que se chama a ponta da Cruz, até onde está povoada a ilha de moradores,

que

que lavrão mantimentos, e algumas canas. D'esta a huma legoa ao norte está huma ilha, que se diz Adomedo, cuja terra he raza, e despovoada por ser de area, e não ter agua. Da ponta de Japarica se torna a recolher a terra fazendo rosto para a cidade, a qual está toda povoada de moradores, que lavrão muitos mantimentos, e canaveaes, e na fazenda de Simão de Souza está huma igreja muito bem concertada da advocação de nossa Senhora, onde os visinhos d'esta banda tem missa aos domingos, e dias santos. E poraqui temos concluido com a redondeza da Bahia, e suas ilhas, que são trinta e nove a saber: vinte e duas ilhas, e dezasete ilheos afora as ilhas, que ha dentro nos rios, que são dezaseis, entre grandes e pequenas, que junto todas fazem a somma de cincoenta e cinco, e tem a Bahia da ponta do Padrão andando-a por dentro, sem entrar nos rios, até chegar á ponta de Tinhare cincoenta e tres legoas.

CAPITULO XXXII.

Em que se contem quantas igrejas, e engenhos, e embarcações tem a Bahia.

POisque acabamos de explicar a grandeza da Bahia, e seus reconcavos, convem, que lhe juntemos o seu poder não tratando da gente, pois o fizemos atraz. Assim comecemos nos engenhos nomeando-os em summa, porque se particularmente dissessemos de cada hum seu pouco, havendo que dizer delles, e de sua machina muito diriamos, e não diriamos tudo, os quaes são moentes, e correntes trinta e seis, convem a saber: vinte e hum, que moem com bois, e quatro, que se andão fazendo; tem de mais oito cazas de cozer meles de muita fabrica e mui proveitosas. Sahem da Bahia cada anno d'estes engenhos passante de cento e vinte mil arrobas de assucar, e muitas conservas. Tem a Bahia com seus reconcavos sessenta e duas igrejas, em que entra a sé, e tres mosteiros de religiosos, das quaes são dezaseis freguezias curadas, convem a saber: nove vigairarias, que paga S. Alteza, e outras sete, que pagão aos curas os freguezes, e a mór parte das outras igrejas tem capellães, e suas confrarias como em Lisboa, e todas estas igrejas estão muito bem concertadas, e limpas, e providas de ornamentos, em as

quaes nos dias dos oragos se lhe faz muitas festas. Todas as vezes, que cumprir ao serviço de S. Alteza, se ajuntárão na Bahia mil e quatrocentas embarcações convem a saber: de quarenta e cinco para setenta palmos de quilha cem embarcações mui fortes, em cada huma das quaes podem juntar dous falcões por prôa, e dous berços por banda; e de quarenta e quatro palmos de quilha até trinta e cinco se juntárão oitocentas embarcações, nas quaes póde jogar pelo menos hum berço por prôa; e se cumprir ajuntarem-se as mais pequenas embarcações, ajuntar-se hão trezentos barcos de trinta e quatro palmos de quilha para baixo, e mais de duzentas canoas, e todas estas embarcações mui bem rumadas. E são tantas as embarcações na Bahia, porque se servem todas as fazendas por mar, e não ha pessoa, que não tenha seu barco, ou canoa pelo menos, e não ha engenho, que não tenha de quatro embarcações para cima, e ainda com ellas não são bem servidos, que desculpados ficamos na brevidade.

CAPITULO XXXIII.

Em que se começa a tratar a fertilidade da Bahia, e como se nella dá o gado da Hespanha.

POis se tem dado conta tão particular da grandeza da Bahia de todos os Santos, e do seu poder, he bem, que digamos da fertilidade della hum pedaço, e como produz em si as criações das aves, e alimarias de Hespanha, e os frutos della, que nesta terra se plantão. Tratando em summa da fertilidade da terra, ella he tal, que aconteceo muitas vezes valer mais a novidade de huma fazenda, que a propriedade; pelo que os homens se mantem honradamente com pouco cabedal, se se querem acommodar com a terra, e remedear com os mantimentos della, de que he muito abastada, e provida. As primeiras vaccas, que forão á Bahia, levarão nas de cabo Verde, e depois de Pernambuco, as quaes se dão de feição, que parem cada anno, e não deixão nunca de parir por velhas, as novilhas como são de anno esperão ao touro, e aos dous annos vem paridas, pelo que acontece muitas vezes mamar o bezerro na novilha, e a novilha na vacca, o que se tambem vê nas egoas, cabras, ovelhas, e porcas, e porque as novilhas esperão o touro de tão tenra idade, se não con-

contentão nos curraes os touros velhos, porque são pezados, e derreão as novilhas, quando as tomão, as vaccas são muito gordas, e dão muito leite, de que se faz muita manteiga, e as mais couzas de leite, que se fazem em Hespanha, e depois de velhas crião algumas no buxo humas maçãs tamanhas como huma péla, e maiores as que são ainda novas. Tem o couro de fóra como o couro da banda do carnaz; as pelles das mais velhas são pretas, e lizas, que parecem vidradas no resplandor, e brandura, e humas, e outras são muito leves e duras, e dizem tem virtude. As egoas, que forão á Bahia de cabo Verde, das quaes se inçou a terra, em principio a cem mil réis, e a mais; pelo que levavão lá muitas todos os annos, e cavallos, e multiplicárão de maneira, que valem agora dez e vinte mil réis; e ha homens, que tem em suas grangearias quarenta e cincoenta, as quaes parem cada anno, e esperão o cavallo as poldras de hum anno, como as vaccas, e algumas vezes parem duas crianças juntas. São tão formosas as egoas da Bahia, como as formosas, e melhores de Hespanha, das quaes nascem formosos cavallos, e grandes corredores, os quaes até á idade de cinco annos são bem acondicionados, e pela maior parte como passão d'aqui, crião malicia, e fazem-se desasocegados, mal arrendados, e mui ciosos, e assim elles como as egoas andão desferrados, mas não faltão por isso em nada por serem mui duros de cascos. Da Bahia levão os cavallos a Pernambuco por mercadoria, onde valem a vinte, e a trinta cruzados, e mais, os jumentos se dão da mesma maneira, que as egoas, mas são de casta pequena; os cavallos não querem tomar as egoas, ou burras por nenhum caso, mas os asnos tomão as egoas por invenção, e artificio por ellas serem grandes, e elles pequenos, que lhe não podem chegar, e as egoas esperão-nos bem, pelo que ha poucas mulas, mas essas aindaque são pequenas, são muito formosas, bem feitas, e de muito trabalho. As ovelhas, e as cabras forão de Portugal, e de cabo Verde, as quaes se dão muito bem, humas e outras parem, tirada a primeira paridura, duas crianças, e muitas vezes tres, as quaes emprenhão como são de quatro mezes, e parem cada anno pelo menos duas vezes, cuja carne he sempre muito gorda, mui sadia, e saborosa, e quanto mais velha he melhor, e humas, e outras dão muito, e bom leite, de que se fazem queijos, e manteiga. Os cordei-

deitos, e cabritos são sempre muito gordos, e saborosos; a carne dos bodes he gorda, e muito dura, a dos carneiros he magra, emquanto são novos, e depois de velhos não tem preço, e crião sobre o cacho huma carne como ubre de vacca de tres dedos de grosso. A porca pare infinidade de leitões, os quaes são muito tenros, e saborosos, e como a leitoa he de quatro mezes espera o macho, pelo que multiplicão couza de espanto, porque ordinariamente andão prenhes de teição, que parem tres vezes no anno, se lhe não falta o macho. A carne dos porcos he muito sadia, e saborosa, a qual se dá aos doentes como gallinhas, e come-se todo o anno, e em nenhum tempo he prejudicial, mas não fazem os toucinhos tão gordos como em Portugal, salvo os que se crião na capitania de S. Vicente, e na do rio de Janeiro. As gallinhas da Bahia são maiores, e mais gordas, que as de Portugal, e grandes poedeiras, e muito saborosas, mas he de espantar, que como são de tres mezes esperão o gallo, e os frangãos da mesma idade esperão, e tomão as femeas, os quaes são feitos gallos, e tão tenros, e saborosos, e gordos, como se não vê em outra parte. As pombas de Hespanha se dão na Bahia, mas fazem lhe muito nôjo as cobras, que lhe comem os ovos, e seus filhos, pelo que se não podem criar em pombaes. Os gallipatos se crião, e tambem fazem tão formosos como em Hespanha, e de vantagem, cuja carne he muito gorda e saborosa, os quaes se crião sem mais ceremonias, que as gallinhas, e tambem se dão muito bem os patos, e ganços de Hespanha, cuja carne he muito gorda, e saborosa.

CAPITULO XXXIV.

Em que se declara as arvores de Hespanha, que se dão na Bahia, e como se crião nella.

PArece razão, que se ponha em capitulo particular os frutos de Hespanha, e de outras partes, que se dão na Bahia de todos os Santos. Começando nas canas de assucar, cuja planta levárão da capitania dos Ilheos da Madeira, e de cabo Verde, as recebeo esta terra de maneira em si, que as dá maiores, e melhores, que nas ilhas, e partes donde vierão a ella, e em nenhuma outra parte se sabe, que se criem canas de assucar, porque na ilha da Ma-

Madeira, cabo Verde, S. Thomé, Trudente, Canarias, Valencia, e na India não se dão as canas, senão regão os canaveaes como as hortas, e se lhe não estercão as terras, e na Bahia plantão-se pelos altos, e pelos baixos sem se estercar a terra, nem se regar; e como as canas são de seis mezes, logo a cansão, e he necessario corta-las, para as plantar em outra parte, porque aqui se dão tão compridas como em outra parte, e são como lanças, e na terra baixa não se faz assucar da primeira novidade, que preste para nada, porque acamão as canas, e estão tão viçosas, que não coalha o sumo dellas, se as não misturão com canas velhas, e como são de quinze mezes logo dão novidade. As canas de pranta, e as de soca, que são as que rebentão, e brotão das primeiras cortadas, como são de anno, logo se cortão, e na ilha da Madeira em as mais partes, aonde se faz assucar, cortão as canas de pranta de dous annos por diante, e a de soca de tres annos, e ainda assim são canas muito curtas, onde a terra não dá mais, que duas novidades. Na Bahia ha muitos canaveaes, que ha trinta annos, que dão canas, e ordinariamente as terras baixas nunca cansão, e ás altas dão quatro, e cinco novidades, e mais. Das arvores a principal he a parreira, a qual se dá de maneira nesta terra, que nunca cahe a folha senão quando a podão lha lanção fóra; e tantas vezes a podão, tantas dá fruto; e porque durão poucos annos com a fertilidade, se as podão muitas vezes. No anno he a poda ordinaria duas vezes, para darem duas novidades, o que se faz em qualquer tempo do anno conforme o tempo, que cada hum quer. As uvas, porque em todo o anno madurecem, e são muito doces, saborosas, e amadurecem todas juntas, e ha curiosos, que tem no seu jardins pé de parreira, que tem huns braços com uvas maduras, e outros com agraços, e outros com fruto em flor, e outros podados de novo, e assim todo o anno tem uvas maduras, e em huma só parreira; mas não ha naquella terra mais plantas, que de uvas ferraes, e outras uvas pretas, e se não ha nesta terra mais vinhas, he por respeito das formigas, que em huma noite, que dão em huma parreira, lhe cortão a folha, e fruto, e a lanção no chão. Assim não ha na Bahia tanto vinho como na ilha da Madeira, e na capitania de S. Vicente, porque não tem formiga, que lhe faça nójo, mas ha homens, que colhem já a tres e quatro pipas

de

de vinho cada anno, ao qual dão huma fervura no fogo por se lhe não azedar, o que deve de nascer das plantas. As figueiras se dão de maneira, que no primeiro anno que as plantão, vem com novidade, e dahi por diante dão figos em todo o anno, ás quaes nunca cahe folha; e as que dão logo novidade, e figos em todo o anno, são figueiras pretas, que dão muito grandes e mui saborosos figos pretos, e as arvores não são muito grandes, e nem durão muito tempo, que como são de cinco seis annos, logo se enchem de huns carrapatos, que as comem, e lhes faz cahir a folha, e ensoar o fruto, os quaes figos pretos não crião bichos como os de Portugal. Tambem ha outras figueiras pretas, que dão figos de abebaras mui saborosas, as quaes são maiores arvores, e durão perfeitas mais annos que as outras, mas não dão novidade tão depressa como ellas. As romeiras se plantão de quaesquer raminhos, os quaes pegão, e dão fruto aos dous annos; as arvores não são muito grandes, mas dão romãs em todo o anno, e não lhe cahe nunca a folha de todo; o fruto dellas he maravilhoso no gosto de bom, e tamanho, mas não dão muitas romãs por pecarem muito, e cahirem no chão ainda em flor, com as quaes arvores tem as formigas muita guerra, e não se defendem dellas senão com testos de agua ao pé, e fica no meio; e se se atravessa huma palha por cima, por ella lhe dão logo tal assalto, que lhe lanção a folha toda no chão, pelo que se sustentão com trabalho estas arvores; e as parreiras, que á figueira não faz a formiga nôjo. As laranjeiras se plantão de pevide, e faz-lhe a terra tal companhia, que em tres annos se fazem arvores mais altas, que hum homem, e neste terceiro anno dão fruto, o qual he mais formoso, e grande que ha no mundo, e as laranjas doces; tem mui suave sabor, e seu doce mui agradavel, e tanto, que a camiza branca, com que se vestem os gomos, he tambem mui doce. As laranjeiras se fazem muito grandes e formosas, e tomão muita flor, de que se faz agua mui fina, e de mais suave cheiro que a de Portugal, e como as laranjeiras doces são velhas, dão as laranjas com huma ponta de azedo muito galante, ás quaes arvores as formigas em algumas partes fazem nôjo, mas com pouco trabalho se defendem dellas. Tomão as taes arvores a flor em Agosto, em que se começa naquellas partes a primavera. As limas se dão da mesma maneira, onde ha

pou-

poucas, que dêm fruto azedo por se não usar delle na terra. As limas doces são muito grandes, e formosas, e muito saborosas, as quaes fazem muita ventagem ás de Portugal, assim na grandeza, como no sabor. As arvores das limas são tamanhas como as laranjeiras, a quem a formiga faz o mesmo dano se lhe póde chegar, e plantão-se de pevide tambem. As cidreiras se plantão de estaca, mas de pevide se dão melhor, porque dão fruto ao segundo anno; e as cidras são grandissimas e saborosas, as quaes fazem muita ventagem ás de Portugal, assim na grandeza como no sabor; e faz-se dellas muita conserva. Algumas tem a goma doce, outras azeda, e em todo o anno as cidreiras estão de vez para dar fruto, porque tem cidras maduras, ou verdes, outras pequenas, e muita flor, a quem as formigas não fazem nojo, porque tem o pé da flor mui dura. Dão-se na Bahia limões francezes tamanhos como cidras de Portugal, e são mui saborosos, e outros limões de perdiz, e os galegos; e huns e outros se plantão de pevide, e todos os annos vem com novidade, os quaes muito depressa se fazem arvores formosas, e tomão muito fruto, o qual dão em todo o anno, como está dito das cidreiras, e alguns d'estes limões se fazem muito grandes, especialmente os galegos. Tambem se dão na Bahia outras arvores de espinho, as zamboas, de que não ha muitas na terra, por se não aproveitarem nella d'este fruto. As palmeiras, que dão os cocos, se dão na Bahia melhor que na India, porque metido hum coco debaixo da terra a palmeira, que delle nasce, dá cocos em cinco e seis annos, e na India não dão estas palmas fruto em vinte annos, Forão os primeiros cocos á Bahia de cabo Verde, donde se encheo a terra, e houvera infinidade delles se não secárão. Como são de oito, e dez annos para cima, dizem, que lhes nasce hum bicho no olho, que os faz secar, e os cocos são maiores, melhores, que os das outras partes, mas não ha quem lhe saiba matar este bicho, e aproveitar-se de muitos usos, que na India se faz dos palmares, pelo que se não faz nesta terra conta d'estas arvores. Tamareiras se dão na Bahia muito formosas, que dão tamaras mui perfeitas; as primeiras nascêrão dos caroços, que forão do reino, e depois de semeadas, e nascidas d'ahi a oito annos derão fruto, e dos caroços d'este fruto ha outras arvores, que dão já, mas ninguem conta dellas, e póde-se contar por estranheza esta brevidade, porque se tem, que quem se-

meia estas tamaras, elle nem seus filhos lhe comem o fruto senão seus netos. Estas tamareiras não dão fruto se não houver macho entre ellas, e a arvore que he macho não dá fruto, e he muito ramalhuda do meio para cima, e as folhas são de côr verde escuro, as femeas tem huma copa em cima, e a côr dos ramos de hum verde claro.

CAPITULO XXXV.

Em que se contão dos outros frutos estrangeiros, que se dão na Bahia.

DA ilha de S. Thomé levárão á Bahia o gengibre, e começou-se de plantar obra de meia arroba delle, repartido por muitas pessoas, o qual se deu na terra de maneira, que d'ahi a quatro annos se colhêrão mais de quatro mil arrobas, a qual he com muita vantagem do que vem da India em grandeza, e fineza, porque se colhe delle penqua, que péza dez, doze arrates, mas não o sabião curar bem como o da India, porque ficava denegrido, do qual se fazia muita, e boa conserva, e delle se não usa já na terra por elRei defender, que o não tirem para fóra, e como se isto soube o deixárão os homens pelos campos sem o quererem recolher, e por não terem nenhuma sahida para fóra, apodrecêrão na terra muitas legoas cheias delle. Arroz se dá na Bahia melhor, que em outra nenhuma parte sabida, porque o semeão em brejos, e em terra enxuta; como for terra baixa, he sem duvida, que o anno de novidade de cada alqueire de semeadura se recolhe de quarenta para sessenta alqueires o qual he tão grado, e formoso como o de Valencia, e a terra em que se semea, se o tornão alimpar dá outra novidade, sem lhe lançarem semente nova, senão a que cahio ao colher da novidade. Levárão a semente do arroz ao Brazil de cabo Verde, cuja palha se a comem os cavallos lhe faz muito mormo, e se comem muita delia, morrem disso. Da ilha de cabo Verde, e da de S. Thomé forão á Bahia taiobas, que se plantárão na terra logo, onde se derão de maneira, que pasmão os negros de Guiné, que são os que usão mais delles, e colhem inhames, que não póde hum negro fazer mais, que tomar as costas hum: o gentio da terra não usa delles, porque os seus a que chamão carazes, são mais saborosos, de quem diremos em seu lugar.

CA-

CAPITULO XXXVI.

Em que se diz das sementes de Hespanha, que se dão na Bahia, e como se procede com ellas.

NÃo he razão, que deixemos de tratar das sementes de Hespanha, que se dão na Bahia, e como frutificarão: e peguemos dos melões, que se dão em algumas partes muito bem, e são mui bem arrazoados, mas não chegão todos maduros, porque lhes corta hum bicho o pé, cujas pevides tornão a nascer se as semeão. Pepinos se dão melhor que nas horras de Lisboa e durão quatro e cinco mezes, e dão novidade, que he infinita sem serem regados, nem estercados. Abobaras das de conserva se dão mais, e maiores que nas hortas de Alvalade, das quaes se faz muito uso, e as abobareiras dão sempre huma novidade mui perfeita. Melancias se dão maiores, e melhores, que onde se podem dar bem em Hespanha, das quaes se fazem latadas, que durão todo o verão verdes, dando sempre novidade, e faz-se dellas conserva mui substancial. Abobaras de quaresma, a que chamão de Guiné, se dão na Bahia façanhozas de grandes, e muitas, e muito gostozas, cujas pevides, e das outras abobaras, e melancias se tornão a semear, e nada se rega. Mostarda se semea ao redor das cazas das fazendas huma só vez, da qual ordinariamente nascem mostardeiras, e colhe-se cada anno muita, e boa mostarda. Nabos, e rabãos se dão, quaes entre Douro e Minho; os rabãos queimão muito, dão-se alguns tão grossos como a perna de hum homem, mas nem huns nem outros dão semente senão palida, e pouca, e que não torna a servir. As couves tronchudas, e murcianas se dão tão boas como em Alvalade, mas não dão sementes; como as colhem, cortão nas pelo pé, onde lhes arrebentão muitos filhos, e como são do tamanho da couvinha, as tirão, e plantão como cominho, as quaes pegão todas sem secar huma, e crião-se dellas melhores couves, que da couvinha, com o que se escusa semente de couve. Alfaces se dão huma maravilha de grandes, e doces, as quaes espigão, e dão semente muito boa. Coentros se dão tamanhos, que cobrem hum homem, los quaes espigão, e dão muita semente. Endros se dão tão altos, que parecem funcho, onde os semeão huma vez,

e aindaque se sequem, tornão a nascer outros, se lhe alimpão a terra, aindaque lha não cavem. Funcho se da com vara tamanha, que parece huma cana de roca muito grossa, e dá muita somente como os endros, e não ha quem os desince da terra, onde se semeão huma vez. A salsa se dá muito formosa, e se no verão tem conta com ella, e lhe deitão huma pouca de agua, nunca se seca, mas não dá semente, nem espiga. A hortelã tem na Bahia por praga nas hortas, porque onde a plantão lavra toda a terra, e arrebenta por entre a hortaliça. A semente de cebolinho nasce muito bem, e delle se dão muito boas cebolas, as quaes espigão, mas séca aquella maçaroca, em que crião a semente, a qual está em flor, e com o pezo, que tem faz avergar o grelo e se arquea até dar com esta maçaroca no chão, cujas flores se não secão, mas quantas são, tantas pegão no chão, e nasce de cada huma hum cebolinho, a cujo pé chegão huma pequena porção de terra, e cortão o grelo da cebola, paraque não abale o cebolinho, o qual se cria assim, e cresce até ter disposição para se transpor. Alhos não dão cabeça na Bahia, por mais que os deixem estar na terra, mas na capitania de S. Vicente se faz cada dente, que plantão, tamanho como huma cebola em huma só peça, e cortão-se em talhadas para se pizarem. Bringelas se dão na Bahia maiores, e melhores que em nenhuma parte, as quaes fazem grandes arvores, e torna a nascer a sua semente muito bem. Tanchagem se semea huma só vez, a qual dá muita semente, que se espalha pela terra, que se inça toda della. Poejos se dão muito bem, e aonde querque os plantão, lavrão a terra toda como a hortelã, mas não espigão nem florecem. Agriões nascem pelas ruas, onde acertou de cahir alguma semente, e pelos quintaes quando chove, a qual semente vai as vezes misturada com a da hortaliça, e fazem-se muito formosos, e dão tanta semente, que não ha quem os desince, e tambem os ha naturaes da terra pelas ribeiras sombrias. Mangericão se dá muito bem de semente, mas não se usa della na terra, porque com hum só pé se enche todo hum jardim despondo raminhos sem raiz, e por pequenos que sejão todos, prendem sem ficar nenhum, como se tiverão raizes, o qual se faz mais alto e forte que em Portugal, e dura todo o anno não o deixando espigar, e espiga com a muita semente se lha querem apanhar, o que se não usa. Alfavaca se planta

da

da mesma maneira, a qual se dá pelos matos tão alta, que cobre hum homem, a quem a formiga não faz dano como ao mangericão. Beldros nem beldroegas, se não semeão, porque nascem infinidade de huns, e de outros sem os semearem nas hortas, e quintaes, e em qualquer terra, como esteja limpa de mato, e são naturaes da mesma terra. As chicorias, e os maturços se dão muito bem, e dão muita semente, e boa para tornar a semear; e senouras, selgas, espinafres se dão muito bem, mas não espigão, nem dão semente, nem os cardos, mas vai muita semente de Portugal, de que os moradores se aproveitão.

CAPITULO XXXVII.

Em que se declara, que couza he mandioca.

ATégora se disse da fertilidade da terra da Bahia tocante ás arvores de fruto de Hespanha, e ás outras sementes, que nella dão, e já se sabe como nesta provincia fructificão as alheias. Saibamos dos seus mantimentos naturaes, e peguemos primeiro da mandioca, que he o principal mantimento, e de mais substancia, a que em Portugal chamão farinha de páo. Mandioca he huma raiz de feição dos inhames, e batatas tem a grandeza conforme a bondade da terra, e criação que tem. Ha casta de mandioca, cuja rama he delgada, e da côr como ramos de sabugueiro, e fôfos por dentro; a folha he de feição, e da brandura da da parra, mas tem a côr do verde mais escura, os pés d'estas folhas são compridos, e vermelhos como os das mesmas folhas das parreiras, planta-se a mandioca em cazas redondas como melões muito bem acabadas, e em cada caza se metem tres quatro páozinhos de rama de palma, e cada ramo não entra pela terra mais de dous dedos, os quaes páos quebrão á mão, ou os cortão á faca ao tempo que os plantão, porque em fresco deitão leite pelos córtes, donde nascem, e se gerão as raizes, e fazem-se estas plantadas mui ordenadas seis palmos de huma a outra. Arrebenta a rama d'esta mandioca dos nós destes páozinhos aos tres dias, até os oito, segundo a fresquidão do tempo, os quaes ramos são muito tenros, e muito cheios de nós, que se fazem ao pé de cada folha, poronde quebrão muito, quando a planta re-

benta, he por estes nós, e quando os olhos nascem delles são como de parreira: a grandeza da raiz e da rama da mandioca he conforme a terra, em que a plantão, e a criação que tem; mas ordinariamente he a rama mais alta que hum homem, e ha partes que cobrem hum homem a cavallo, mas ha huma casta, que de sua natureza dá pequenos ramos, a qual plantão em lugares sugeitos aos tempos tormentosos, porque a não arranque, e quebre o vento. Ha casta de mandioca, que se a deixão criar, dá raizes de cinco seis palmos de comprido, e tão grossas como a perna de hum homem: querem-se as roças da mandioca limpas da herva, atéque tenha disposição para criar boa raiz. Ha huma casta de mandioca, que se diz manipipocamirim, e outra que chamão manibaru, que se quer comida de anno e meio por diante, e ha outras castas, que chamão tatu, e manaibuna, que se querem comidas de hum anno por diante, e durão estas raizes debaixo da terra sem apodrecerem tres, quatro annos. Ha outras castas, que se dizem manetinga, e parati, que se começão a comer de oito mezes por diante, e se passa de anno apodrecem muito; esta mandioca manitinga, e parati se quer plantada em terras fracas de area. Plantase a mandioca em todo o anno não sendo no inverno, quer mais tempo seco que invernoso; se o inverno he grande apodrece a raiz da mandioca nos lugares baixos. Lança a rama da mandioca na entrada do verão humas flores brancas como de jasmins, que não tem cheiro nenhum, e poronde querque quebrão a folha lança leite, a qual folha o gentio come cozida em tempo de necessidade com pimentas da terra. A formiga faz muito dano á mandioca, e se lhe come a folha mais de huma vez, fala secar; a que he comida della nunca dá boa raiz, e para se defenderem as roças d'esta praga da formiga, buscando-lhe os formigueiros, as arrancão com enchadas, e as queimão; outros costumão ás tardes antesque se recolhão pizarem os olhos dos formigueiros, e a terra delles com picões muito bem, porque de noite, em que ellas dão os seus assaltos, se detenhão em tornar a furar a terra para sahirem fóra, e lançáo-lhe ao redor folhas de arvores, que ellas comem, e das de mandioca velha, com o que, quando sahem acima se embaraçáo até pela manhã, que se recolhem nos formigueiros; e se as formigas vem de fóra das roças a comer a ellas, e lanção-

lhes

lhes d'esta folha no caminho, antesque entrem na roça, o qual caminho fazem muito limpo, poronde vão, e vem a vontade, e cortão-lhe a herva com o dente, e desviãona do caminho. Neste trabalho andão os lavradores, atéque a mandioca he de seis mezes, que cobre bem a terra com a rama, que então lhe faz a formiga nojo, porque acha sempre pelo chão as folhas, que cahem de cima, com o qual se contentão, e nas terras novas não ha formiga, que faça nojo a nada.

CAPITULO XXXVIII.

Em que trata das raizes da mandioca, e do paraque servem.

AS raizes da mandioca comem-nas as vaccas, egoas, ovelhas, cabras, porcos, e caça de mato, e todos engordão com ellas comendo-as cruas, e se as comem os indios, aindaque sejão assadas, morrem disso, por serem muito peçonhentas; e para se aproveitarem os indios, e mais gentes destas raizes depois de arrancadas, rapão-nas muito bem até ficarem alvissimas, o que fazem com cascas de ostras, e depois de lavadas, ralão-nas em huma pedra, ou ralo, que para isso tem, e depois de bem raladas espremem esta maça em hum engenho de palma, a que chamão tupitim, que lhe faz lançar a agua, que tem toda fóra, e fica toda esta maça toda enxuta muito bem, da qual se faz a farinha, que se come, que cozem em hum alguidar para isso feito, em o qual deitão esta maça, e a enxugão sobre o fogo, onde huma india a meche com hum meio cabaço, como quem faz confeitos, atéque fica enxuta, e sem nenhuma humidade, e fica como cuscuz, mas mais branda, e d'esta maneira se come, e he muito doce, e saborosa. Fazem mais d'esta maça depois de espremida humas filhós, a que chamão beijús, estendendo-a no alguidar sobre o fogo de maneira, que ficão tão delgadas como filhós mouriscas, que se fazem de maça de trigo, mas ficão tão iguaes como obreas, as quaes se cozem em este alguidar, atéque ficão muito secos, e torrados esres beijús, são beijús tão saborosos, e sadios, e de boa desgestão, que he o mantimento, que se usa entre gente de primor, o que foi inventado pelas mulheres portuguezas, que o gentio não usava delles. Fazem

mais

mais d'esta mesma maça tapiocas, as quaes são grossas como filhós de polme, e moles, e fazem-se no mesmo alguidar como beijús, mas não são de tão boa digestão, nem tão sadías, e querem-se comidas quentes, e com leite tem muita graça, e com assucar clarificado tambem.

CAPITULO XXXIX.

Em que se declara, quão terrivel he a agua da mandioca.

ANtes de passarmos adiante convem, que declaremos a natural estranheza da agua da mandioca, que ella de si deita, quando a espremem depois de ralada, porque he a mais terrivel peçonha, que ha nas partes do Brazil, e quem querque a bebe, não escapa por mais contravenenos, que lhe dem; a qual he de qualidade, que as gallinhas em lhe tocando com o bico, e levando huma só gota para baixo, cahem logo da outra banda mortas, e o mesmo acontece aos patos, perús, e papagaios, e a todas as aves; pois até os porcos, cabras, ovelhas, em bebendo o primeiro sorvo, dão tres, e quatro voltas em redondo, e cahem mortas, cuja carne se faz logo negra, e nojenta; o mesmo acontece a todo o genero de animal, que a bebe, e por esta razão se espreme esta mandioca por curtir em covas cobertas, e em outras partes, aonde não faça nojo ás criações, e se estas animarias comem a mesma mandioca por espremer engordão com ella, e não lhes faz dano. Tem esta agua tal qualidade, que se metem nella huma espada, ou coçolete, ou espingarda, ou outra qualquer cousa cheia de ferrugem lha come em vinte e quatro horas de maneira, que ficão limpas como quando sahem da mó, de que se aproveitão algumas pessoas para limparem algumas peças de armas da ferrugem, que na mó se não podem alimpar, sem entrar pelo são. Nos lugares, onde esta mandioca se espreme, se crião da agua della huns bichos brancos, como vermes grandes, que são peçonhentissimos, com os quaes muitas indias matárão seus maridos, e senhores, e matão a quem querem, do que tambem se aproveitão, segundo dizem, algumas mulheres brancas contra seus maridos, e basta larçar-se hum d'estes bichos no comer para huma pessoa não escapar sem lhe aproveitar alguma contra peçonha porque não mata

com

com tanta presteza como a agua, de que se criáo, e náo se sente este mal senáo, quando náo tem remedio algum.

CAPITULO XL.

Que trata da farinha fresca, que se faz da mandioca.

O Mantimento de mais estima e proveito, que se faz da mandioca, he a farinha fresca, a qual se faz d'estas raizes, que se lançáo primeiro a curtir, de que se aproveitáo os gentios e portuguezes, e náo fazem a farinha da mandioca, crua de que atraz temos dito, senáo por necessidade. Costumáo as indias lançar cada dia d'estas raizes na agua corrente, ou na encharcada, quando náo tem perto a corrente, onde está a curtir, atéque lança a casca de si, e como está d'esta maneira, está curtida, da qual traz para caza outra tanta como lança na agua para curtir, as quaes raizes traz encascadas, e ficáo muito alvas, e brandas sem nenhuma peçonha, que toda se gastou na agua, as quaes se comem assadas e são muito boas. Para se fazer a farinha d'estas raizes as lavão primeiro muito bem, e depois de feitas á mão espremidas no tapeti, cuja agua náo faz mal, depois de bem espremidas desmanchão esta massa sobre huma urupena, que he como joeira, poronde se côa o melhor, e ficáo os caroços em cima, e o pó, que se coou, lançáo-no em hum alguidar, e está sobre o fogo, aonde se enxuga, e coze da maneira, que fica dito, e fica como cúscúz, a qual em quente, e em fria he muito boa, e assim no sabor, como em ser sadía, e de boa digestáo. Os indios uzáo d'estas raizes tão curtidas, que ficáo denegridas, e em farinha azeda. Os portuguezes náo a querem curtida mais que até dar a casca, com a qual mandáo misturar algumas raizes de mandioca crua, com o que fica a farinha mais alva, e doce, e d'esta maneira se aproveitáo da mandioca, a qual farinha fresca dura sem se danar cinco, e seis dias, mas faz-se seca; e quem he bem servido em sua caza, come-a sempre fresca, e quente. Estas raizes da mandioca curtida tem grande virtude para curar postemas, as quaes se pizáo muito bem sem se espremerem; e feito da massa hum empasto, posto sobre a postema a molefica de maneira, que a faz arrebentar por si, se a náo querem furar.

CAPITULO XLI.

Que trata do muito, para que prestão as raizes do carimá.

MUito he para notar, que de huma couza saia peçonha, e contrapeçonha como da mandioca, cuja agua he cruelissima peçonha, e a mesma raiz seca he contrapeçonha, que se faz d'esta maneira, a qual se chama carimá. Depoisque as raizes da mandioca estão curtidas na agua se põe a enxugar sobre o fogo em cima de humas varas, e levantadas tres, ou quatro palmos do chão, e como estão bem secas, ficão bem duras, as quaes raizes servem para mil couzas, e tem outras tantas virtudes, a principal serve de contrapeçonha para os mordidos das cobras, e que comem bichos peçonhentos, e para os que comem a mesma mandioca por curtir assada, cuidando que são outras raizes, que chamão aipis bons de comer, que se parecem com ella, a qual carimá se dá d'esta feição: tomão estas raizes secas, e rapão lhe o defumado da parte de fóra, e ficão alvissimas, e pizão-nas muito bem, e depois peneiradas, e fica o pó dellas tão delgado, e mimoso como o de farinha muito boa, e tomada huma pouca d'esta farinha, e delida em agua fria, que fique como amendoada, e dada a beber ao tocado da peçonha, fazlhe remeçar fóra quanto tem no bucho, com o que a peçonha, que tem no corpo, não vai por diante, e tambem serve esta carimá para os meninos que tem lombrigas, aos quaes se dá a beber desfeita na agua como fica dito, e mata-lhes as lombrigas todas, e huma couza, e outra está muito experimentada assim pelos indios, como pelos portuguezes. Da mesma farinha do carimá se faz huma massa, que posta sobre feridas velhas, que tem carne podre, lha come toda, atéque deixa a ferida limpa, e como os indios estão doentes, a sua dieta he fazerem d'este pó de carimá huns caldinhos no fogo como os de poejos, que bebem, com que se achão muito bem por ser muito leve, e o mesmo usão os brancos no mato lançando-lhe mel, ou assucar, com o que se achão bem, e outras muitas couzas de comer se fazem d'esta carimá, que se apontão no capitulo que se segue.

CA-

CAPITULO XLII.

Em que se declara, que couza he farinha de guerra, como se faz da carimá, e outras couzas.

FArinha de guerra se diz, porque o gentio do Brazil costuma chamar assim pela sua lingoa, porque quando determinão de a hir fazer a seus contrarios fóra de sua caza se provem d'esta farinha, que levão ás costas ensacada em huns fardos de folhas, que para isso fazem de feição de huns de couro, em que da India trazem especiaria e arroz, mas são muito mais pequenos, onde levão esta farinha muito calcada, e enfolhada de maneira, que ainda que lhe cahia em hum rio, e que lhe chova em cima não se molha. Para se fazer esta farinha se faz prestes muita somma de carimá, a qual depois de rapada a pizão em hum pilão, que para isso tem, e como he bem pizada a peneirão muito bem, como no capitulo antes fica dito, e como tem este carimá preste tomão as raizes da mandioca por curtir ralão-na como convem huma somma dellas, e depois de espremidas se faz á primeira farinha como dissemos atraz, lançáo huma pouca d'esta massa em hum alguidar, que está sobre o fogo, e por cima della huma pouca de farinha de carimá, e como embrulhada huma com outra a vão mechendo sobre o fogo, e assim como se vai cozendo lhe vão lançando do pó de carimá, e trazem-na sobre o fogo, atéque fica muito bem enxuta, e torrada, que a tirão fóra. D'esta farinha de guerra usão os portuguezes, que não tem roças, e os que estão fóra dellas na cidade, com que sustentão seus creados e escravos, e nos engenhos se provêm della para sustentarem a gente em tempo de necessidade, e os navios, que vem do Brazil para estes reinos não tem outro remedio de matalotajem para sustentar a gente até Portugal, senão o da farinha de guerra, e hum alqueire della da medida da Bahia, que tem dous de Portugal, se dá de regra a cada homem para hum mez, a qual farinha de guerra he muito sadía, e desenfastiada, e molhada no caldo da carne, ou do peixe fica branda e tão saborosa como cuscuz. Tambem costumão para o mar matalotajem de beijús grossos muito bem torrados d'este carimá, e pó della, que dura hum anno, e mais sem se danarem como a farinha da guer-

ra. Della tambem fazem os portuguezes muito páo, e bolos, amassados com leite e gemas de ovos, e d'esta mesma massa fazem mil invenções de beilhós mais saborosos que de farinha de trigo com os mesmos materiaes, e pelas festas fazem as frutas doces com a massa d'este carimá em lugar da farinha de trigo, e se a que vai a Bahia do reino não he muito alva, e fresca, querem as mulheres antes a farinha do carimá, que he alvissima, e lavra-se melhor com a qual fazem tudo muito primoroso.

CAPITULO XLIII.

Em que se declara a qualidade dos aipinis.

DA-se n'esta terra de mandioca, a que o gentio chama aipini, cujas raizes são de feição da mesma mandioca, a rama, e a folha são da mesma maneira sem haver nenhuma diferença, e planta-se de mistura com a mesma mandioca, e para se recolherem estas raizes as conhecem os indios pela côr dos ramos, a que atinão poucos portuguezes. E'stas raizes do aipini são alvissimas, comidas estas cruas sabem ás castanhas assadas, e são muito mais doces, que as de Hespanha, e tem o sabor das mesmas castanhas assadas, e de vantagem, as quaes se comem tambem cozidas, e são muito saborosas, e de huma maneira, e da outra são ventosas, como as castanhas. D'este aipini se aproveitão nas povoações novas, porque como são de cinco mezes se começão a comer assados, e como passão de seis mezes, fazem-se duros, e não se assão bem, mas servem então para beijús, e para farinha fresca, que he mais doce que a da mandioca, as quaes raizes durão pouco debaixo da terra, e como passão de oito mezes apodrecem muito. D'estes aipinis ha sete, ou oito castas, más os que mais se estimão por serem mais saborosos são os que chamão jurumus, os indios se valem dos aipinis para nas suas festas fazerem delles cozidos seus vinhos, para o que os plantão mais, que para os comerem assados como fazem os portuguezes, e porque tudo he a mandioca, concluamos, que o mantimento della he melhor que se sabe, tirado o do bom trigo, porque pão de trigo do mar, de milho, de centeio, de cevada não presta a par do da mandioca, arroz, inhames, cocos. Milho de Guiné se dá na Bahia, como ao diante se verá, mas não se tem lá

por

por mantimento, que a mandioca he mais sadía e proveitosa, que pão de bom trigo por ser de mais digestão, e por se averigoar por tal. Os governadores Thomé de Souza, D. Duarte, e Mem de Sá não comião no Brazil pão de trigo, por senão darem bem com elle, e assim o fazem muitas outras pessoas.

CAPITULO XLIV.

Em que se apontão alguns mantimentos de raizes, que se crião debaixo da terra na Bahia.

COmo fica dito da mandioca o que em breve se póde dizer della, convem que declaremos d'aqui por diante outros mantimentos, que se dão nella debaixo da terra, e peguemos logo das batatas, que são naturaes da terra, e se dão nella de maneira, que onde se plantão huma vez, nunca mais se desinção, as quaes tornão a nascer das pontas das raizes, que ficarão na terra, quando se colheo a novidade dellas. As batatas não se plantão de rama como nas ilhas, mas de talhada das mesmas raizes, e em cada enxadada, que dão na terra sem ser mais cavada, metem huma talhada de batata, as quaes se plantão em Abril, e começão a colher a novidade em Agosto, donde tem que tirar até todo o Março, e porque colhem humas batatas grandes, e ficão outras pequenas, que se vão criando em quinze vinte dias. Ha humas batatas grandes, e brancas, e compridas como as das ilhas, ha outras pequenas, e redondas como as tubaras da terra, e mui saborosas, ha outras batatas que são roxas ao longo da casca, e brancas por dentro, ha outras, que são todas encarnadas, e mui gostosas, ha outras, que são de côr azul anilada muito fina, as quaes tingem as mãos, ha outras verduengas muito doces, e saborosas, e ha outras de côr almecegadas muito saborosas, outras todas amarelas de côr muito tostada, as quaes são todas humidas e ventosas, de que se não faz muita conta entre gente de primor senão entre lavradores. Dão-se na Bahia outras raizes maiores, que batatas, que os indios chamão carazes, que se plantão da mesma maneira que as batatas, e como nascem poem-lhe ao pé huns páos, poronde arrepão os ramos, que lanção como hera. Estes carazes se plantão em Março, e colhem-se em Agosto, os quaes se comem co-

cozidos, e assados como os inhames, mas tem melhor sabor, os mais delles são brancos, outros roxos, outros brancos por dentro, e roxos por fóra junto á casca, que são os melhores, e de maior sabor, outros são todos negros como pez, e huns, e outros se curão no fumo, e durão de hum anno para o outro, da massa d'estes carazes fazem as portuguezas muitos manjares com assucar, e cozidos com carne tem muita graça. Dão-se nesta terra outras raizes tamanhas como nozes, e avelãs, que se chamão mangarazes, e quando se colhem arrancão-nos debaixo da terra em touças como junça, e tira-se de cada pé duzentos, e trezentos juntos, e o que está no meio he como hum ovo, e como hum punho, que he a planta, donde nascêrão os outros, o qual se guarda para se tornar a plantar, e quando o plantão se faz em talhadas, como batatas, e carazes, mas plantão-se tão juntos, e pela ordem com que se dispõe a couvinha, e não se cava a terra toda, mas limpa do mato a cada enchadada metem huma talhada. As folhas d'estes mangarazes nascem em montes como espinafres, e são da mesma côr, e feição, mas muito maiores, e assim moles como as dos espinafres, as quaes se chamão taiaobus, que se comem esperregados como elles, e são mui medecinaes, e tambem servem cozidas em peixe. As raizes d'estes mangarazes se comem cozidas com agua e sal, dão a casca como tremoços e molhados em azeite e vinagre, são mui gostosos, com assucar fazem as mulheres delles mil manjares, e colhem-se duas novidades no anno, os que se plantão em Março, se colhem em Agosto, e os que se plantão em Setembro se colhem em Janeiro. Dão-se nesta terra outras raizes, que se chamão taiazes, que se plantão como os mangarazes, e são de feição de maçarocas com huns refilos com barbas, como raizes de canas de roças, as quaes se comem cozidas na agua, mas sempre ficão tezas, as folhas são grandes, de feição, e côr das dos platanos, que se achão nos jardins de Hespanha, aos quaes chamão taiabuçu; comem-se estas folhas cozidas com peixe em lugar dos espinafres, e com favas verdes, em lugar das alfaces, e tem muito aventajado sabor, os indios as comem cozidas com agua, e sal, e com muita somma de pimenta.

CA-

CAPITULO XLV.

Em que se contem o milho, que se dá na Bahia, e o para que serve.

DA-se outro mantimento em todo o Brazil natural da mesma, terra a que os indios chamão ubatim, que he o milho de Guiné, que em Portugal chamão zaburro. As espigas, que este milho dá, são de mais de palmo, cuja arvore he mais alta, que hum homem, e de grossura das canas da roça com nós, vás por dentro, e dá tres, quatro, e mais espigas d'estas em cada vara. Este milho se planta por entre a mandioca, e as canas novas de assucar, e colhe-se a novidade aos tres mezes, huma em Agosto, a outra em Janeiro. Este milho come o gentio assado por fruta, e fazem seus vinhos com elle cozido, com o qual se embebedão, e os portuguezes, que communicão com o gentio, e os mestiços, não se desprezão delle e bebem-no mui valentemente. Costuma este gentio dar suadouros com este milho cozido aos doentes de boubas, os quaes tomão com o bafo delle, com o que se achão muito bem, dos quaes suadouros se achão sãos alguns homens brancos, e mestiços, que se valem delle, o que parece misterio, porque este milho por natureza he frio. Plantão os portuguezes este milho para mantença dos cavallos, e criação das gallinhas, e cabras, e ovelhas, e porcos, aos negros de Guiné o dão por fruta, os quaes o não querem por mantimento sendo o melhor da sua terra, a côr geral d'este milho he branca, e outra almecegada, outra preta, outra vermelha, e toda se planta a mão, e tem huma mesma qualidade. Ha outra casta de milho, que sempre he mole, da qual fazem os portuguezes muito bom pão, e com ovos, com assucar do mesmo milho quebrado, e pizado no pilão he bom para se cozer com caldo, de carne e de pescado, e de gallinha, o qual he mais saboroso que arroz, e de huma casta, e outra se curão ao fumo, onde se conserva para se não danar, e dura de hum anno para outro.

CAPITULO XLVI.

Em que se apontão os legumes, que se dão na Bahia.

POisque atéqui tratamos dos mantimentos naturaes da terra da Bahia, he bem, que digamos dos legumes, que se nella crião, e comecemos pelas favas, que os indios chamão somenda, as quaes são muito alvas, e do tamanho e maiores, que as de Evora em Portugal, mas são delgadas, e amassadas como os figos passados. Ha outras favas meias brancas, e meias pretas, mas são pequenas, e estas favas se plantão á mão na entrada do inverno, e como nascem põe-se ao pé de cada huma, hum páo poronde atrepão, como fazem em Portugal ás ervilhas, e se tem poronde atrepar fazem grande ramada, a folha he como a dos feijões de Hespanha, mas maior, a flor he branca, começão a dar a novidade no fim do inverno, dura mais de tres mezes. Estas favas são em verdes mui saborosas, e cozem-se com as ceremonias, que se costumão em Portugal, e são reimosas como as do reino, e dão em cada bainha quatro cinco favas, e depois de secas se cozem muito bem, e não crião bichos, como as de Hespanha, e são muito melhores de cozer. De huma maneira e de outra, fazem vantagem no sabor ás de Portugal, assim as declaradas como a outra casta de favas, que são brancas e pintadas todas de pontos negros. Dão-se nesta terra infinidade de feijões naturaes della, huns são brancos, outros pretos, outros vermelhos, e outros pintados de branco, e preto, os quaes se plantão á mão, e quando nascem põe-lhe a cada hum, hum páo, poronde atrepão como se faz ás ervilhas, e sobem de maneira para cima, que fazem delles latadas nos quintaes, e cada pé dá infinidade de feijões, os quaes são da mesma feição, que os de Hespanha, mas tem mais compridas bainhas, e a folha, e flor como as ervilhas, cozem-se estes feijões sendo secos como em Portugal, e são mui saborosos, e emquanto são verdes cozem-se com casca como fazem as ervilhas, e são muito desenfastiados. Chamão os indios gerómus, as abobaras da quaresma, que são naturaes d'esta terra, das quaes ha dez, ou doze castas, cada huma de sua feição, e plantão nas duas vezes no anno em terra miuda, e

sol-

solta; as quaes se estendem muito pelo chão, e dá cada abobereira muita somma, mas não são tamanhas como as da costa de Portugal. Costuma o gentio cozer, e assar estas abobaras por lhe não entrar agua dentro, e depois de cozidas as cortão como melões, e lhes deitão as pevides fóra, e são assim mais saborosas que cozidas em talhadas, e curão-se no fumo para durarem todo o anno. As que em Portugal se chamão cabaços, chama o gentio pela sua lingoa jurumus, das quaes tem entre si muitas castas de diferentes feições, tirando as abobaras, de que dissemos atraz. Estas abobaras, ou cabaços semea o gentio para fazer dellas vasilhas para seu uzo, as quaes não costuma comer, mas deixão-se estar nas abobareiras até se fazerem duras, e como estão de vez curão-nas, de que fazem depois vasilhas para acarretarem agua, e por outras pequenas bebem, outras meãs levão ás costas cheias de agua, quando caminhão, e ha alguns d'estes cabaços tamanhos, que levão dous almudes e mais, em os quaes guardão as sementes, que hão de plantar, e costumão cortar estes cabaços em verdes mas já duros pelo meio, e depois de curadas estas ametades servem-lhe de gamelas, e outros despejos, e as ametades dos pequenos de escudelas, e dão-lhes por dentro huma tinta preta, por fóra outra amarela, que se não tira nunca, e estas são as suas porcelanas.

CAPITULO XLVII.

Em que se declara a natureza dos amendões, e o para que serve.

DOs amendões temos que dar conta particular, porque he couza, que se não sabe haver senão no Brazil, os quaes nascem debaixo da terra, onde se plantão á mão, hum palmo do outro, as suas folhas são como as dos feijões de Hespanha, e tem os ramos ao longo do chão. Cada pé dá hum grande prato d'estes amendões, que nascem nas pontas das raizes, os quaes são tamanhos como bolotas, e tem casca da mesma grossura, e dureza, mas he branca e crespa, e tem dentro de cada bainha tres e quatro amendões, que são da feição dos pinhões com casca, e ainda mais grossos. Tem huma tona parda, que se lhe sahe como a do miolo dos pinhões, o qual miolo he al-

alvo. Comidos crus tem sabor de hervanços, mas comem-se assados, e cozidos com casca como as castanhas, e são muito saborosos, e torrados fóra da casca, são melhores. De huma maneira, e outra he esta fruta muito quente em demazia, e cauza dor de cabeça, a quem come muitos, se he doente della. Plantão-se estes amendoes em terra solta, e humida, em a qual planta, e beneficio della não entra homem macho, so as indias os costumão plantar, e as mistiças, e nesta lavoura não entendem os maridos, e tem para si, que se elles, ou seus escravos os plantarem, que não hão de nascer. Tambem as femeas os vão apanhar, e segundo seu uzo hão de ser as mesmas, que os plantarem, e para durarem todo o anno curão-nos no fumo, onde estao até vir outra novidade. D'esta fruta fazem as mulheres portuguezas todas as castas de doces, que fazem das amendoas, e cortados os fazem cobertos de assucar de mistura como os confeitos. E tambem os curão em peças delgadas, e compridas, de que fazem pinhoadas; quem os não conhece por tal à come se lha dão. O proprio tempo, em que os amendoes se plantão, he em Fevereiro, e não estao debaixo da terra mais que até Maio, que que he o tempo, em que colhem a novidade, o que as femeas vão fazer com grande festa.

CAPITULO XLVIII.

Em que se declara, quantas castas de pimenta ha na Bahia.

Á Sombra d'estes legumes, em a sua visinhança podemos arrumar quantas castas de pimenta ha na Bahia segundo nossa noticia, e digamos logo da que chamão *cuihem.* São tamanhas como cerejas, as quaes se comem em verdes, e depois de maduras cozidas inteiras com pescada, e com os legumes, e de huma maneira, e da outra queimão muito, e o gentio as come inteiras misturadas com a farinha. Custumão os portuguezes, imitando o costume dos indios, secarem esta pimenta, e depois de estar bem seca a pizão de mistura com sal, ao que chamão *inquitai*, em a qual molhão o peixe, e a carne, e entre os brancos se traz no saleiro, e não descontenta a ninguem. Os indios a comem misturada com a farinha, quando não tem que comer com ella, e estas pimenteiras

fazem arvores de quatro, e de cinco palmos de alto, e durão muitos annos sem se secar. Ha outra pimenta, que pela lingoa dos negros se chama *cuihemocu*, esta he grande e comprida, e depois de madura faz-se vermelha, e uzão della como da de cima, e faz arvore de altura de hum homem, e todo o anno dá novidade, sempre tem pimentas vermelhas, verdes, em flor, e dura muitos annos sem se secar. Ha outra casta, que chamão *cujepia*, a qual tem bico de feição de hervanços, come-se em verde crua, e cozida como a de cima, e como he madura faz-se vermelha, a qual queima muito, a quem as gallinhas, e passaros tem grande affeição, e faz arvore meã, que em todo o anno dá novidade. Ha outra casta, que chamão *sabaa*, que he comprida, e delgada, em verde não queima tanto, como quando he madura, cuja arvore he pequena, dá fruta todo o anno, e tambem se uza della como das mais de que tenho dito acima. Ha outra casta, que se chama *pesihejurimu*, por ser da feição de abobara assim amassada, esta quando he verde tem a côr azulada, e como he madura se faz vermelha, da qual se usa como das mais de que tenho dito, cuja arvore he pequena, e em todo o anno da novidade. Ha outra casta, que chamão *comari*, que he bravia, e nasce pelos matos, e campos, e pelas roças, a qual nasce de feitio, que os passaros a comem muito por ser mais pequena que hervanços, mas queima mais que todas as que dissemos, e he mais gostoza que todas, e quando he madura faz-se vermelha, e quando se acha d'esta, não se come da outra, faz arvore pequena, tem as flores brancas como as mais, e dá novidade em todo o anno.

CAPITULO XLIX.

Em que se trata das arvores, e suas qualidades.

CONvem tratar d'aqui por diante das arvores de fruto naturaes da Bahia, aguas vertentes ao mar, e vista delle, e demos o primeiro lugar, e capitulo por si aos cajueiros, pois he huma arvore de muita estima, e de que ha tantas ao longo do mar, e na vista delle. Estas arvores são como figueiras grandes, tem a casca da mesma côr, e a madeira branca, e mole como figueira, cujas folhas são da feição das da cidreira, e mais macias. As folhas

dos olhos novos são vermelhas, e muito brandas, e frescas, a flor he como a do sabugueiro de bom cheiro, mas muito breve. A sombra d'estas arvores he muito fria e fresca, o fruto he formosissimo, algumas arvores dão fruto vermelho, e comprido, outras o dão da mesma côr, e da mesma feição, mas ha partes vermelhas, ha outras de côr almecegada, e ha outras arvores, que dão o fruto amarelo, e comprido como peros d'elRei, mas são em tudo maiores que peros, e da mesma cor. Ha outras arvores, que dão este fruto redondo, e hum, e outro são muito gostosos, e sumarentos, e de suave cheiro, os quaes se desfazem todos em agua. A natureza d'estes cajus he fria, e são medicinaes para doentes de febres, para quem tem fastio, os quaes fazem bom estomago, e muitas pessoas lhe tomão os sumos pelas manhãs em jejum para conservação do estomago, e fazem bom bafo a quem as come pela manhã, e por mais que se coma delles, não fazem mal a nenhuma hora do dia, e são de tal digestão, que em dous credos se esmoem. Os cajus silvestres travão junto do olho, que se lhe bota fóra, mas os que se crião nas outras roças, quintaes, comem-se todos, sem terem que lançar fóra por não travarem. Fazem se estes cajus de conserva, que he muito suave, e para se comerem logo cozidos no assucar cobertos de canella não tem preço. Do sumo d'esta fruta faz o gentio vinho com que se embebeda, que he de bom cheiro, e saboroso. He para notar, que no olho d'este pomo tão formoso cria a natureza outra fruta parda, a que chamamos castanha, que he da feição, e tamanho de hum rim de cabrito, a qual castanha tem a casca muito dura, e de natureza calidissima, como o miolo que tem dentro; deita esta casca hum oleo tão forte, que aonde toca na carne faz empola, o qual oleo he da côr de azeite, e tem o cheiro mais forte. Tem esta castanha o miolo branco tamanho como o de huma amendoa grande, o qual he muito saboroso, e quer arremedar no sabor aos pinhões, mas he de muita vantagem. D'estas castanhas fazem as mulheres todas as conservas doces, que costumão fazer com as amendoas, o que tem graça na suavidade do sabor; o miolo d'estas castanhas se está muitos dias fóra da casca cria ranço do azeite, que tem em si; quando se quebrão estas castanhas para lhe tirarem o miolo faz o azeite, que tem a casca, pelar as mãos a quem as quebra. Estas arvores se dão em

area

area, e terras fracas, e se as cortão tornão logo a rebentar, o que fazem poucas arvores nestas partes. Cria-se nestas arvores huma rezina muito alba, da qual as mulheres se aproveitão para fazerem alcorce de assucar em lugar de alquieira. Nascem estas arvores das castanhas, e em dous annos se fazem mais altas que hum homem, e no mesmo tempo dão fruto, o qual, emquanto as arvores são novas, he avintajado no cheiro, e sabor. Ha outra casta d'esta fruta, que os indios chamao *cajubi*, cuja arvore he nem mais nem menos que a dos cajus, senao quanto he muito mais pequena, que lhe chega hum homem do chão ao mais alto della, e colhe-se o fruto, que he amarelo, mas não he mayor que as cerejas grandes, e tem maravilhoso sabor com pontinha de azedo, e crião tambem sua castanha na ponta, as quaes arvores se não dão ao longo do mar, mas nas campinas do certão além da Cantigaa.

CAPITULO L.

Em que se declara a natureza das pocobeiras, e bananeiras.

POcoba he huma fruta natural d'esta terra, a qual se dá em huma arvore muito mole, e facil de cortar, cujas folhas são de doze a vinte palmos de comprido, e de tres a quatro de largo, as de junto ao olho são menores, e muito verdes humas e outras, e a arvore da mesma côr, mas mais escura; na India chamão a estas pocobeiras figueiras, e ao fruto figos. Cada arvore d'estas não dá mais que hum só cacho, que pelo menos tem passante de duzentas pocobas, e como este cacho está de vez, cortão a arvore pelo pé, e de hum só golpe, que lhe dão com huma fouce, a cortão cerce, como se fora hum nabo, do qual corte corre logo agua em fio, e dentro em vinte e quatro horas torna a lançar do mesmo corte hum olho mui grosso, donde se gera outra arvore, e ao redor d'esta arrebentão muitos filhos, que aos seis mezes dão fruto, e o mesmo faz a mesma arvore, e como se corta esta pocobeira, tirão lhe o cacho, que tem o fruto verde, e dependurão-no em parte onde amadureça, e se façáo amarelas as pocobas, em caza onde se fizer fogo amadurecem mais depreça com a quentura; e como esta fruta está madura cheira muito bem. Cada pocobas d'estas tem

hum

hum palmo de comprido, e a grossura de hum pepino, ás quaes tirão as cascas, que são de grossura das das favas e fica-lhe o miolo inteiro almecegado muito saboroso. Dão-se estas pocobas assadas aos doentes em lugar de maçãs, das quaes se faz a marmelada muito sofrivel, as quaes concertão como as beringelas, e são muito gostosas, e cozidas no assucar com canella são estremadas, e passadas ao sol sabem a pecegos passados. Basta que de toda a maneira são muito boas, e dão-se em todo o anno, mas só no inverno não ha tantas como no verão, e a estas pocobas chama o gentio pacobusa, que quer dizer, pocoba grande. Ha d'ellas outra casta, que não são tamanhas, mas muito melhores no sabor, e avermelhadas por dentro quando as cortão, que se dão e crião na mesma maneira das grandes. Ha outra casta, que os indios chamão pocobamirim, que quer dizer pocoba pequena, que são do comprimento de hum dedo, mas mais grossas; estas são tão doces como tamaras, e em tudo mais excellentes. As bananeiras tem arvores, folhas, e criação como as pocoeiras, e não ha nas arvores de humas a outras nenhuma diferença, as quaes forão ao Brazil de S. Thomé, aonde ao seu fruto chamão bananas, e na India chamão a estas figos de horta, as quaes são mais curtas que as pocobas, mais grossas, e de tres quinas; tem a casca da mesma côr, e grossura da das pocobas, e o miolo mole, e cheira melhor como são de vez, as quaes arregoa a casca quando vão adurecendo, e fazendo algumas fendas ao alto, o que fazem na arvore, e não são tão sadias como as pocobas. Os negros de Guiné são mais affeiçoados a estas bananas que ás pocobas, e dellas uzão mais nas suas roças, e outras se querem plantadas em vales perto da agua, ou ao menos em terra, que seja muito humida para se darem bem, e tambem se dão em terras secas, e de area; quem cortar atravessadas as pocobas, ou bananas, ver-lhe-ha no miolo huma feição de crucifixo sobre o que os contemplativos tem muito que dizer.

CAPITULO LI.

Em que se diz, que fruto he o que chamão mamões, e sacarateas.

DE Pernambuco vierão á Bahia as sementes de huma fruta, que chamão mamões. São tamanhos de feição, e côr aos grandes peros camoezes, e tem muito bom cheiro como são de vez, que se fazem nas arvores, e em caza acabão de amadurecer, e como são maduros se fazem moles como melão, e para se comerem cortão-se em talhadas como maçã, e tira-se-lhe a pevide, que tem em voltas tripas como o melão, mas são crespas e pretas como as de pimenta da India, ás quaes talhadas se apara a casca como a maçã, e o que se come he da côr e brandura do melão, e o sabor he doce muito gostoso. Estas sementes se semeatão na Bahia, e nascêrão logo, e tal agazalhado lhe fez a terra, que no primeiro anno se fizerão as arvores mais altas que hum homem, e ao segundo começárão a dar fruto, e se fizerão as arvores de mais de vinte palmos de alto, e pelo pé tão grossas como hum homem pela cinta; os seus ramos são as mesmas folhas arrumadas como as das palmeiras, e cria-se o fruto no tronco entre as folhas. Entre estas arvores ha machos, e femeas, os machos não dão fruto como as tamareiras, e humas, e outras se fazem em poucos annos tão grossas pelo pé como huma pipa, e de vantagem. Nesta terra da Bahia se cria outra fruta natural della, que em todo se parece com estes mamões de cima, senão que são mais pequenos, á qual os indios chamão sacaratea, mas tem arvore delgada, de cuja madeira senão uza. Esta arvore dá flor branca, o fruto he amarelo por fóra, da feição e tamanho dos figos abóbaras, ou longaes brancos, que tem a casca dura, e grossa, a que chamão em Portugal longaes; d'esta maneira tem esta fruta a casca, que se lhe apara, e quando se come, tem bom cheiro, e o sabor toca de azedo, e tem humas sementes pretas, que se lançao fóra.

CAPITULO LII.

Em que se diz de algumas arvores de fruto, que se dão na visinhança do mar do Bahia.

NA visinhança do mar da Bahia se dão humas arvores nas campinas, e terras frescas, que se chamão mangabeiras, que são do tamanho dos pecegueiros. Tem os troncos delgados, e a folha miuda, e a flor como a do marmeleiro, e o fruto he amarelo corado de vermelho, como pecegos calves, ao qual chamão mangabas, que são tamanhas como ameixas, e outras maiores, as quaes em verdes são todas cheias de leite, e colhem-se inchadas para amadurecerem em caza, o que fazem de hum dia para o outro, porque se amadurecem na arvore cahem no chão. Esta fruta se come toda sem se deitar nada fóra como figos, cuja casca he tão delgada, que se lhe pella, se as enchovalhão, a qual cheira muito bem, e tem suave sabor, e de boa digestão, e faz bom estomago, aindaque comão muitas, cuja natureza he fria, peloque he muito boa para os doentes de febres por ser muito leve. Quando estes mangabas não estão bem maduras travão na boca como as sorvas verdes em Portugal, e quando estão inchadas são boas para conserva de assucar, que he muito medicinal e gostosa. *Aaçazeiras* são outras arvores, que pela maior parte se dão em terra fraca na visinhança do mar, as quaes são como maceiras na grandeza, na côr da casca, no cheiro, da folha e na côr, e feição della. A flor he branca da feição da de murta, e cheira muito bem. Ao fruto chamão araçazes, que são da feição, das nesperas, mas alguns são muito maiores. Quando são verdes tem a côr verde, e quando são maduros tem a côr das peras, tem o olho como nesperas, e por dentro caroço como ellas, mas muito mais pequenos. Esta fruta se come toda, e tem a ponta do azedo mui saboroso, da qual se faz marmelada, que he muito boa, e melhor para doentes de cameras. Perto do salgado ha outra casta de arafazeiras, cujas arvores são grandes, e o fruto como laranjas, mas mui saboroso, ao qual aparão a casca por ser muito grossa.

Araticú he huma arvore do tamanho de huma amoreira, cuja folha he muito verde escura da feição da laran-

ranjeira, mas maior, a casca da arvore he como de loureiro, a madeira he muito mole, a flor he fresca, grossa, e pouco vistosa, mas o fruto he do tamanho, e em verde lavrado como huma pinha, mas o lavor he lizo, e branco. Como este fruto he maduro, arregoa-se todo pelos lavores, que ficão então brancos, e o pomo muito mole, e cheira muito bem, e tal he o seu cheiro, que estando em cima da arvore se conhece debaixo, que está maduro pelo cheiro. Este fruto por natureza he frio, e sadio; para se comer corta-se em quartos lançando-lhe fóra humas pevides, que tem amarelas, e compridas, como de cabaços, das quaes nascem estas arvores, e aparão-lhe a casca de fóra, que he muito delgada, e todo o mais se come, que tem muito bom sabor com ponta de azedo, a qual fruta he para a calma desenfastiada.

Pino he huma arvore comprida, delgada, esfarrapada da folha, a qual he do tamanho, e feição da folha da parra. O seu fruto nasce em ouriço cheio de espinhos como os das castanhas, e tirado este ouriço fóra fica huma noz, e da mesma côr, feição e dureza, que lhe quebrão, e tirão-lhe de dentro dez, ou doze pevides do tamanho de amendoas sem casca, mais delgadas, ás quaes tirão huma camiza parda, que tem como as amendoas, e fica-lhe o miolo alvissimo, que tem o sabor como as amendoas, de que se fazem todas as frutas doces, que se costumão fazer das amendoas, os quaes doces lançados em agua fria inchão, e ficão muito desenfastiados para comer, e são bons para a dôr de cabeça, de que se fazem amendoadas. Dão-se estas arvores em ladeiras sobre o mar, e á vista delle em terras dependuradas.

Abajeru he huma arvore baixa como carrasco natural, donde lhe chega o rocio do mar, pelo que senão dão estas arvores senão ao longo das praias, cuja folha he aspera, e dá huma flor branca, e pequena. O fruto he do mesmo nome da feição, e tamanho das ameixas de cá, e de côr roxa, comem-se como ameixas, mas tem maior caroço, o sabor he doce e saboroso.

Amaytin he huma arvore muito direita comprida, e delgada, tem a folha como a figueira, dá cachos maiores, como os das uvas ferraes, tem huns bagos redondos tamanhos como o das uvas mouriscas, e muito esfarrapados, cuja côr he roxa, e cobertos de hum pello tão macio como veludo, metem-se estes bagos na boca, e tirão-lhe

fóra hum caroço como de cereja, e pelle, que tem o pello, entre a qual e o caroço tem hum doce mui saboroso, como sumo das mesmas uvas.

Ape he huma arvore de feição das oliveiras, mas tem a madeira aspera e espinhosa como romeira, a folha he de feição da de pecegueiro, e da mesma côr. Esta arvore dá hum fruto do mesmo nome, e da feição das amoras, mas nunca são pretas, e tem a côr brancacenta, come-se como as amoras, tem bom sabor com ponta de azedo, muito apetitoso para quem tem fastio, as quaes arvores se dão ao longo do mar, e á vista delle.

Murusi he huma arvore pequena, muito seca da casca, e da folha, cuja madeira não serve para nada, dá humas frutas amarelas mais pequenas que cerejas, nascem em pinhas como ellas com os pés compridos, a qual fruta he mole, e come-se; toda cheira, e sabe a queijo de Alémtéjo, que requeima. Estas arvores se dão nas campinas perto do mar em terras fracas.

Copinha he huma arvore da feição do loureiro, assim na côr da casca do tronco, como na folha, a qual carrega por todos os ramos de huma fruta preta do mesmo nome, e maior que murtinhos, e toma tantos ordinariamente, que negrejão ao longe. Sua fruta se come como uvas, e tem o sabor dellas quando as vendimão, que estão muito maduras, e tem huma pevide preta, que se lhe lança fóra. Dão-se estas arvores ao longo do mar, e dos rios, poronde entra a maré.

Macarandiva he huma arvore real, de cuja madeira se dirá ao diante. Só lhe cabe aqui dizer do seu fruto, que he da côr dos medronhos, e do seu tamanho, cuja casta he teza, e tem duas pevides dentro, que se lhe lanção fóra com a casca, o mais se lhe come, que he doce, e muito saboroso, e quem come muita d'esta fruta, que se chama como a arvore, pegão se-lhe os bigodes com o sumo della, que he muito doce, e pegajoso, e para os indios lhe colherem a fruta, cortão as arvores pelo pé como fazem a todas as que são altas. Estas se dão ao longo do mar, ou á vista delle.

Mocury he huma arvore grande, que se dá perto do mar, a qual dá humas frutas amarelas, como albricoques, que cheirão muito bem, tem grande caroço, o que se lhe come he de maravilhoso sabor, e aparão-lhe a casca de fóra.

En-

Enga he huma arvore desafeiçoada, que se não dá senão em terra boa, de cuja lenha se faz boa decoada para os engenhos. Dá huma fruta da feição das alfarrobas de Hespanha, e tem dentro humas pevides como as alfarrobas, e não se lhe come senão hum doce, que tem ao redor das pevides, e he muito saboroso.

Acaia he huma arvore comprida com copa como o pinheiro, tem a casca grossa, e aspera, e se a picão deita hum oleo branco como leite em fio, que he muito pegajoso. Sua madeira he mole, e serve para fazer decoada para os engenhos; dá a flor branca como de maceira, o fruto he amarelo do tamanho das ameixas, tem grande caroço, e pouco que comer, a casca mui semelhante tambem á das ameixas Esta fruta regoa-se, se lhe chove, como he madura, a qual cahe com o vento no chão, e cheira muito bem, o fruto, e as flores, são brancas, e formosas, o sabor he precioso com ponta de azedo, cuja natureza he fria, e sadía; dão-se estas frutas aos doentes de febres, por ser fria, e apetitosa, chama-se como a arvore, que se dá ao longo do mar.

Bacoropary he outra arvore de honesta grandeza, que se da perto do mar, e quando a cortão corre-lhe hum oleo grosso dentre a madeira, e a casca he, muito amarela, e pegajosa como o visco. Dá esta arvore hum fruto tamanho como fruta nova, e he amarelo, e cheira muito bem, e tem a casca grossa como de laranja, a qual se lhe tira muito bem, e tem dento dois caroços juntos, sobre os quaes tem o que se lhe come, que he de maravilhoso sabor.

Pequohy he huma arvore real, de cuja madeira se dirá adiante, a qual arvore dá fruta como castanhas, cuja casca he parda, e reza, e tirada ficão humas castanhas alvissimas, que sabem como pinhões crus, e cada arvore dá d'isto muito.

CAPITULO LIII.

Que trata da arvore dos ambus, que se dá pelo certão da Bahia.

A *Mbu* he huma arvore pouco alegre, a vista aspera; dá madeira com espinhos como romeira, e do seu tamanho, a qual tem a folha miuda, e folhas ou flores bran-

cas, e o fruto do mesmo nome, do tamanho, e feição das ameixas brancas, e tem a mesma côr, e o caroço maior. Dá-se esta fruta ordinariamente pelo certão no mato, pelo menos afastado vinte legoas do mar, cuja terra he seca de pouca agua, onde criou a natureza estas arvores para remedio da sêde, que os indios por alli passão. Esta arvore lança raizes tamanhas, e da feição das borijas, outras maiores, e menos redondas, e compridas como batatas, e achão-se algumas afastadas da arvore cincoenta, e sessenta passos, e outras mais ao perto, e para o gentio saber, onde estão, anda batendo com hum páo pelo chão, e pelo tom o conhecem, então cava e tira as raizes de tres, e quatro palmos de alto, e outras se achão a flor da terra, as quaes se tira huma casca parda, que tem como a dos inhames, e ficão alvissimas, e brandas como maçãs de cocos, cujo sabor he mui doce, e tão sumarento, que se desfaz na boca tudo em agua frigidissima, e mui desencalmada, com o que a gente, que anda pelo certão mata a sêde na falta de agua para beber, e mata tambem a fome, comendo esta raiz, que he mui sadia, e não fez nunca mal a ninguem, e come-se muita della. D'estas arvores ha algumas nas fazendas dos portuguezes, que nascêrão dos caroços dos ambus, onde dão o mesmo fruto, e raizes.

CAPITULO LIV.

Em que se diz de algumas arvores de fruto afastadas do mar.

AFastado do mar da Bahia, e perto delle se dão humas arvores, que chamão *Zabucay*, que são muito grandes, de cujo fruto tratamos aqui sómente. Esta arvore toma tanta flor amarela, que se lhe não enxerga a folha ao longe, a qual flor he muito formosa, mas não tem nenhum cheiro. Nasce d'esta flor huma bola de páo tão dura como o ferro, que está por dentro cheia de fruta. Terá esta bola huma polegada de grosso, e tem a boca tapada com huma tapadoura tão justa, que se não enxerga a junta della, a qual se não despega senão com a fruta, que está dentro. He de ver, que esta bola cahe no chão, a qual tem por dentro dez, ou onze repartimentos, e em cada hum huma fruta tamanha como huma castanha de Hespanha, e mais com-

comprida, as quaes castanhas são muito saborosas, assim assadas como cruas; despegadas estas bolas das castanhas, e bem limpas por dentro, servem de graes ao gentio, aonde pizão o sal, e a pimenta.

Piquiba he huma arvore de honesta grandeza, tem a madeira amarela, e boa de lavrar, a qual dá hum fruto tamanho como marmelos que tem o nome da arvore, e este fruto tem a casca dura e grossa, como cabaça, de côr parda por fóra, e por dentro he todo cheio de hum mel branco muito doce, e tem misturadas humas pevides como de maçãs, o qual mel, se lhe come em sôrvos, e refresca muito no verão.

Macugi he huma arvore comprida, delgada, e muito quebradiça, e da se em hortas junto dos rios, perto do salgado, e pela terra dentro dez, ou onze legoas. Quando cortão esta arvore lança de si hum leite muito alvo, e pegajoso, que lhe corre em fio, a qual dá humas frutas do mesmo nome, redondas com os pés compridos, e côr verdoenga, e são tamanhas como maçãs pequenas, e quando são verdes travão muito, e são todas cheias de leite. Colhem-se inchadas, para amadurecerem em caza, e como são maduras tomão a côr almecegada; comem-se todas como figos, cujo sabor he mui suave, e tal, que lhe não ganha nenhuma fruta de Hespanha, nem de outra nenhuma parte, e tem muito bom cheiro.

Genipapo he huma arvore, que se dá ao longo do mar, e pelo certão, de cujo fruto aqui tratamos sómente. A sua folha he como de castanheiro, a flor he branca, da qual lhe nasce muita fruta, de que toma cada anno muita quantidade, as quaes sâo tamanhas como limões, e da sua feição, são de côr verdoenga, e como são maduras se fazem de côr pardaça, e moles, e tem honesto sabor, e muito que comer, com algumas pevides. Da fruta que d'estas arvores nascem, quando he pequena, fazem della conserva, e como he grande antes de amadurecer tinge o sumo della muito, com a qual tinta se tinge toda a nação do gentio no Brazil, em lavores pelo corpo, e quando póe esta tinta em branca como em agua, e como se enxuga, se faz preta como azeviche, e quanto mais a lavão, mais preta se faz, e dura nove dias, no cabo dos quaes se vai tirando. Tem virtude esta tinta para fazer secar as bustelas das boubas aos indios, e a quem se cura com ella. Pela terra dentro ha outra arvore,

a que chamão *guti*, que he de honesta grandeza, dá huma fruta do mesmo nome, do tamanho, e côr das peras pardas, cuja casca se lhe apara, e come em talhadas, mas tem grande caroço, e o que se lhe come se lhe tira em talhadas como ás peras, e he muito saboroso, e lançadas estas talhadas em vinho não tem preço. Faz-se d'esta fruta marmelada muito gostoza, a qual tem grande virtude para estancar cameras de sangue. Nas campinas ha outra arvore, a que chamão *ubucaba*, cuja madeira he mole, e dá humas frutas pretas, e miudas, como murtinhos, que se come, e tem o sabor muito sofrivel.

Monduiuru he outra arvore, que dá as frutas pretas tamanhas como avelãs, que se comem todas lançando-lhe fóra todas as pevides, que tem brancas, a qual fruta he muita saborosa. Ha outra arvore como laranjeira, que se chama *comicha*, a qual carrega todos os annos de humas frutas vermelhas, tamanhas, e de feição de murtinhos, e se comem todas lançando-lhe fóra huma pevide preta, que he a semente d'estas arvores, a qual fruta he muito gostosa.

Mandiba he huma arvore grande, que da fruta do mesmo nome tamanha como cerejas, de côr vermelha, e muito doce; come-se como sorva lançando-lhe o caroço fóra, e huma pevide, que tem dentro, he a sua semente.

Acambuy he huma arvore delgada de cuja madeira se não uza, a qual da huma flor branca, e o fruto amarelo do mesmo nome, de tamanho, e feição, e côr das maçãs d'anafega. Esta fruta he mui saborosa, e tem ponta de azedo, lanção-lhe fóra hum carocinho, que tem dentro como coentro. Dá-se no mato perto do mar, e afastado delle huma fruta, que se chama *curvanja*, cuja arvore he como vide, e trepa por outra arvore qualquer, a qual tem pouca folha, a fruta que dá he de hum a oito dedos de comprido, e de tres a quatro de largo, da feição da fava, a qual se parte pelo meio em duas ametades, e tem dentro tres, e quatro caroços, tem virtude para o figado. Estas ametades tem a casquinha muito delgada como maçãs, e o mais, que se come he grossura de huma casca de laranja, tem estremado sabor, comendo-se esta fruta crua, sabe e cheira a camoezas, e assada tem o mesmo sabor dellas assadas; faz-se d'esta fruta marmelada muito boa, a qual por sua natureza em volta em assucar cheira ao almiscar, e tem o sabor de perada almiscarada, e quem a não conhece entende, e affirma, que he a perada.

Cam-

Cambica he outra arvore de honesta grandeza, que dá humas frutas amarelas do mesmo nome, tamanhas como albricoques, mas tem maior caroço, e pouco que comer, e he muito doce, e de honesto sabor.

CAPITULO LV.

Em que se contem muitas castas de palmeiras, que dão fruto pela terra da Bahia no certão, e algumas junto do mar.

COmo ha tanta diversidade de palmeiras, que dão fruto, na terra da Bahia, convem que as arrumemos todas neste capitulo. Comecemos logo em humas, a que os indios chamão *perina*, que são muito altas e grossas, que dão flor como as tamareiras, e o fruto em cachos grandes como os coqueiros, cada hum dos quaes he tamanho, que não póde hum negro mais fazer, que leva-lo ás costas, e em os quaes cachos tem os cocos tamanhos como peras pardas grandes, e tem a casca de fóra como coco, e outra dentro de hum dedo de grossura, muito dura, e dentro della hum miolo maciço com esta casca, donde se tira com trabalho, o qual he tamanho como huma bolota, e muito alvo, e duro para quem tem ruins dentes, e se he de vez, he muito tenro e saboroso, e de huma maneira, e outra he bom mantimento para o gentio, quando não tem mandioca, o qual faz d'estes cocos azeite para suas mezinhas. Do olho d'estas palmeiras se tirão palmitos façanhosos, de cinco e seis palmos de comprido, e tão grossos como a perna de hum homem. De junto dos olhos d'esta palmeira tira o gentio tres, e quatro folhas serradas, que depois abrem á mão, com as quaes cobrem as cazas, a que chamão pindobuço, com o que fica huma caza coberta por dentro muito formosa, a qual palma no verão he muito fria, e no inverno quente, e se não fóra o perigo do fogo he muito melhor, e mais sadía a cobertura, que a da telha.

Anajamerim he outra casta de palmeira brava, que dá muito formosos palmitos, e o fruto como as palmeiras acima, mas são os cocos mais pequenos, e as palmas se lhe tirão de junto dos olhos tem a folha mais miuda, comque tambem cobrem as cazas, onde se não achão as palmeiras acima. Os cachos das palmeiras, e das outras a ci-

cima, nascem em huma maçaroca parda de dous a tres palmos de comprido, e como este cacho quer lançar a flor arrebenta esta maçaroca ao comprido, e sahe o cacho para fóra, e a maçaroca fica muito liza por dentro, e dura como páo, da qual se servem os indios como de gamelas, e ficão da feição de almadia.

Ha outras palmeiras bravas, que chamão *saparaçaba*, que tambem são grandes arvores, mas não serve a folha para cobrir cazas, porque he muito rara, e não cobre bem, mas serve para remedio de quem caminha pelo mato cobrir com ella as choupanas, as quaes palmeiras dão tambem palmito no olho, e seus cachos de cocos tamanhos como hum punho, com o miolo como as mais, que tambem serve de mantimento ao gentio, e de fazerem azeite, o qual he como o de cima, e tem o cheiro muito fortum.

Pati he outra casta de palmeiras bravas muito compridas, e delgadas, e mais grossas, são pelo pé como a coxa de hum homem, tem a rama pequena, mole, e verde escuro. Os palmitos, que dão, são pequenos, e os cocos tamanhos como o seu miolo pequeno, que se come. D'estas arvores se usa muito porque tem a casca muito dura, que se fende ao machado muito bem, da qual se faz ripa para as cazas, a que chamão *pataiba*, que he tambem dura, que com trabalho a passa hum prego, e por dentro he estupenda, a qual ripa quando se lavra, por dentro cheira a maçãs maduras.

Ha outra palmeiras, que chamão *loy*, que tem muitos nós, que tambem dão cocos, mas são miudos; estas tem a folha da parte de fóra verde, e a de dentro branca, com pello como marmelos, as quaes tambem dão palmitos muito bons.

Pisandoas são humas palmeiras bravas, e baixas, que se dão em terras fracas, e dão huns cachos de cocos pequenos, e amarelos por fóra, que he mantimento, para quem anda pelo certão, muito bom, porque tem miolo saboroso como avelã, e tambem dão palmitos. As principaes palmeiras bravas da Bahia são as que chamão *ururucuri*, Não são muito altas, e dão huns cachos de cocos muito miudos do tamanho e côr dos albricoques, aos quaes se come o de fóra, como os albricoques, por ser brando e de sofrivel sabor; e quebrando-lhe hum caroço, donde se lhe tira hum miolo, como o das avelãs, que he alvo, e tenro, e muito saboroso, os quaes coquinhos são muito es-

ti-

timados de todos. Estas palmeiras tem o tronco fôfo cheio de hum miolo alvo, e solto como cuscuz, e mole, e quem anda pelo certão tira este miolo coze-o em hum alguidar, ou em hum tacho, onde se gasta toda a humidade, e he mantimento muito sadío, substancial, e proveitoso, a que chamão farinha de páo.

Pacoba he como palmeira nova no tronco, e olho, e dá humas folhas de cinco, e seis palmos de comprido, e dous, e tres de largo, e de côr verde, e teza como pergaminho, e serve para cobrir as cazas no lugar, onde senão acha outra, e para as choupanas dos que caminhão, quando se estas folhas secão, fazem-se em pregas tão lindas como leques da India, e quando nascem sahem feitas em pregas, como está em hum estando fechado, dá palmitos pequenos, mas muito gostosos.

CAPITULO LVI.

Em que se declarão as hervas, que dão fruto na Bahia, que não são arvores.

COmo na Bahia se crião algumas frutas, que se contão em arbustos, que não fazem arvores, pareceo decente arrumalas neste capitulo apartadas das outras arvores, e comecemos logo a dizer das *Maracujás*, que he huma rama, como hera, e tem a folha da mesma feição, a qual atrepa pelas arvores, e as cobre todas, do que se fazem nos quintaes ramadas muito frescas, porque durão sem se secarem muitos annos. A folha da herva he muito fria, e boa para desafogar, pondo-se em cima de qualquer nascida ou chaga desafoga, e tem outras muitas virtudes, e dá huma flor branca muito formosa e grande, que cheira muito bem, donde nascem humas frutas como laranjas pequenas, muito lizas por fóra, a casca he da grossura da das laranjas de côr verde claro, o que tem dentro, se come, que além de ter bom cheiro tem suave sabor. Esta fruta he fria de sua natureza, e boa para doentes de febres, tem algum tanto de azedo, e he muito desenfastiada, e em quanto he nova faz-se della boa conserva, e em quanto não he bem madura, he muito azeda.

Canapu he huma herva, que se parece com planta moura, e dá huma fruta como bagos de uvas brancas coradas do soi, e moles, a qual se come, mas não tem bom sabor senão para os indios.

Moduruqu he nem mais, nem menos, que huma figueira, que se planta nos jardins de Portugal, que tem as folhas grossas, a que chamão figueira da India; estas tem as folhas de hum palmo de comprido, e quatro dedos de largo, e hum de grosso, e nascem as folhas nas pontas das outras, as quaes são todas cheias de espinhos tamanhos, e tão duros como agulhas, e tão agudas como ellas, e dão fruto nas pontas, e nas ilhargas das folhas, que são huns figos tamanhos como os lampaos vermelhos por fóra com a casca grossa, que se não comem, o miolo he de malhas brancas e pretas, o branco he alvissimo, e o preto como azeviche, cujo sabor he muito apetitoso e fresco o que se cria nas areas ao longo do mar.

Marujaiba, nasce de huns ramos espinhosos, mas limpos; dos espinhos ficão humas canas pretas, que servem de bordões, os quaes tem a folha como cana de roça, cujos espinhos são pretos, e tão agudos como agulhas. Nos pés destes ramos se dão huns cachos como as tamareiras, feitos os fios em cordões cheios de bagos como de uvas ferraes, e do mesmo tamanho, as quaes tem a casca dura e roxa por fóra, e caroço dentro como cerejas, o qual com a casca se lhe lança fóra, e gasta-se-lhe hum summo, que tem dentro doce.

Ao longo do mar se crião humas folhas largas, que dão hum fruto a que chamão *Cajaota*, que he da feição da maçaroca, e amarelo por fóra; tem bom cheiro, a casca grossa, e teza, a qual se lança fóra para se comer o miolo, que he muito doce, mas empola-se a boca a quem come muita fruta d'esta.

Ha huma herva, que se chama *Neambu*, que se parece na folha com coentros, e queima como mastruços, a qual comem os indios, e os mistiços crua, e temperão as panellas dos seus manjares com ella, de quem he muito estimada.

CAPITULO LVII.

Em que se declara a propriedade dos ananazes tão nomeados.

NÃo foi descuido deixar os ananazes para este lugar por esquecimento, mas deixamo-los para elle, porque se lhe deramos o primeiro, que he o seu, não se puzerão os olhos nas frutas declaradas no capitulo atraz, e para o pormos só,

só, pois se lhe não podia dar companhia, que convem a seus merecimentos. Ananaz he huma fruta do tamanho de huma cidra grande, mas mais comprida, tem olho da feição das alcachofras, e o corpo lavrado como alcachofra molar, e com huma ponta e bico em cada sinal das pencas: mas he todo maciço, e muitos ananazes lançáo o olho ao pé, e do fruto muitos olhos tamanhos como alcachofras. A herva, em que se criáo os ananazes, he da feição da que em Portugal chamáo herva babosa, e tem as folhas armadas, e do tamanho da herva babosa, mas não são tão grossas; a qual herva, ou ananazeiros espigão cada anno no meio como cardo e lança hum grelo da mesma maneira, e em cima delle lhe nasce o fruto tamanho como alcachofras e muito vermelho, o qual assimcomo vai crescendo vai perdendo a côr, e fazendo-se verde, como vai amadurecendo se vai fazendo amarelo acataçolado de verde, e como he maduro conhece-se pelo cheiro como melão. Os ananazeiros se transpõe de huma parte para a outra, e pegáo sem secar nenhum, aindaque estejáo com as raizes para o ar fóra da terra ao sol mais de hum mez. Dáo novidade d'alli a seis mezes, e além dos filhos, que lançáo ao pé, e do fruto, e no olho lançáo outras ao pé do ananazeiro, que tambem espiga, e dáo seu ananaz, quando ha mais donde nascêrão, os quaes se transpõe, e os olhos, que nascem no pé, e no olho do ananaz. Os ananazeiros durão na terra sem se secarem toda a vida, e se andáo limpos de herva, que entre elles nasce, quantos mais olhos dáo, mais novidade, não dáo o fruto todos juntamente, mas em todo o anno huns mais temporãos, que os outros, e no inverno dáo menos fruto que no verão, em que vem a força da novidade, que dura oito mezes. Para se comerem os ananazes hão-de de se aparar muito bem, lançando lhe a casca toda fóra, e a ponta de junto do olho por não ser tão doce, e depois de aparado este fruto, o cortão em talhadas redondas como de laranja, ou ao comprido ficando-lhe o grelo, que vai correndo do pé, e até o olho, e quando se corta fica o prato cheio de sumo, que delle sahe como he de côr dos gomos da laranja, e alguns ha de côr mais amarela, e desfaz-se todo o sumo na boca, como o gomo de laranja, mas he muito mais sumarento; o sabor dos ananazes he muito doce, e tão suave, que nenhuma fruta de Hespanha lhe chega na formosura, no sabor, e no

cheiro, porque huns cheirão a melão muito fino, outros a comoezas, mas no cheiro e no sabor não ha quem saiba afirmar em nada, porque ora sabe, e cheira a huma cousa, ora a outra. A natureza d'este fruto he quente e humido e muito damnoso para quem tem ferida ou chaga aberta, os quaes ananazes sendo verdes são proveitosos para curar chagas com elles, cujo sumo come toda a carne podre do que se aproveita o gentio, e em tanta maneira come esta fruta, que alimpão com as suas cascas a ferrugem das espadas, e facas, e tirão com ellas as nodoas das roupas, ao lavar, de cujo sumo, quando são maduros, os indios fazem vinho, com que se embebedão paraque os colhem mal maduros para ser mais azedo do que vinho, todos os mistiços, e portuguezes são mui afeiçoados, d'esta fruta se faz muita conserva, aparados da casca, a qual he muito formosa, e saborosa, e não tem a quentura, e humidade, de como se comem frescos

CAPITULO LVIII.

Em que se trata das arvores, e hervas de virtude, que ha na Bahia.

NÃo se podião arrumar em outra parte, as arvores de virtude, senão depois das que dão fruto, e seja a primeira a arvore do balsamo, que se chama *caburéiba*. São arvores muito grandes, de que se fazem eixos para engenhos, cuja madeira he parda, incorrutivel. Quando lavrão esta madeira cheira a rua toda a balsamo, e todas as vezes, que se queima cheira muito bem. D'esta madeira se tira o balsamo suavissimo dando-lhe piques até hum certo lugar aonde começa de chorar este suavissimo licor na mesma hora, o qual se recolhe em algodões, que lhe metem nos golpes, e como estão bem molhados ro balsamo, os espremem em huma prensa, onde lhe tirão este licor, que he grosso, e da côr do arrobe, o qual he milagroso para curar feridas frescas, e para tirar sinaes d'ellas no rosto. O caruncho d'este páo, que se cria no lugar, donde se tira o balsamo, he precioso no cheiro; e amassa-se com o mesmo balsamo, e fazem d'esta massa contas, que depois de secas ficão de maravilhoso cheiro. De tão santa arvore como a do balsamo merece ser companheira, e visinha, a que chamão *copaiba*, que he arvore gran-

grande, cuja madeira não he muito dura, e tem a côr parda, faz-se d'ella taboado. Não dá fruto, que se coma, dá hum oleo santissimo em virtudes, o qual he de côr, e clareza de azeite sem sal, e antes de se saber de sua virtude servia de noite nas candeias. Para tirar este oleo das arvores lhe dão hum talho com hum machado acima do pé, e até que lhe chegão á veia, corre este em fio, e lança tanta quantidade esta arvore, que ha algumas, que dão duas botijas cheias, que tem cada huma quatro canadas. Este oleo tem muito bom cheiro, e he excellente para curar feridas frescas, e as que levão pontos da primeira cura soldão, se as queimão com elle, e as estocadas, ou feridas, que não levão pontos, se curão com elle sem outras mezinhas, com o qual se cria a carne até encourar, e não deixa criar nenhuma corrução, nem materia. Para frialdades, dores de barriga, e pontadas de frio he este oleo santissimo, e he tão sutil, que se vai de rodas as vazilhas, se não são vidradas, e algumas pessoas querem afirmar, que até no vidro mingoa, mas quem se untar com este oleo ha-se de guardar do ar, porque he perjudicial.

CAPITULO LIX.

Em que trata da virtude da embaiba, e caraobacu; e caraobumerim.

EMbaiba he huma arvore comprida, e delgada, que faz huma copa em cima de pouca rama, a folha he como de figueira, mas tão aspera, que os indios acipilhão com ella os seus arcos, e hastes de dardos, com a qual se pue a madeira melhor, que com a pelle de lixa. O fruto d'esta arvore são humas candeias, e cachos como as dos castanheiros, e como amadurecem as comem os passarinhos, e os indios, cujo sabor he adocicado, e tem dentro huns gráos de milho como os figos, que he a semente, de que estes assucares nascem, os quaes se não dão em mato virgem, senão na terra, que foi já aproveitada, e assim no tronco como na rama he toda oca por dentro, onde se criáo infinidade de formigas miudas. Tem o olho d'esta arvore grandes virtudes para com elle curarem feridas, o qual depois de pizado se põe sobre feridas mortaes, e se curão com elle com muita brevidade sem outro unguento, e o entrecasco d'este olho tem ainda mais virtude, com

o que se curão tambem feridas, e chagas velhas; e taes curas se fazem com o olho d'esta arvore, e com o oleo de copaiba, que se não occupão na Bahia cirurgiões, porque cada hum o he em sua caza.

Caraobucu he huma arvore como pecegueiro, mas tem a madeira mais seca, e a folha miuda como a da amendoeira, esta madeira he muito dura, e de côr almecegada, a qual se parece como páo das Antilhas, cuja casca he delgada, da folha se aproveitão os indios, e com ella pizada se curão, e as boubas, pondo a com o sumo em cima das bostellas, e chagas, secão muito depressa, e quando isto não basta, queimão em huma telha estas folhas, e com pó d'ellas feitas em carvão secão estas bostellas, do que tambem se aproveitão os portugaezes, que tem necessidade de remedio para curarem seus males, de que muitos tem muitos.

Caraobumerim he outra arvore da mesma casta, senão que he mais pequena, e tem a folha mais miuda, da qual se aproveitão, e dizem que tem mais virtude, com as folhas d'esta arvore cozidas tomão os portuguezes doentes desses males suadouros, tomando o baso d'esta agua, estando muito quente, de que achão muito bem, e lhes faz sahir todo o humor para fóra, e secar as bustellas, tomando d'estes nove suadouros, e o sumo da mesma folha bebido por xarope.

CAPITULO LX.

Que trata da arvore da almecega, e de outras arvores de virtude.

HA outras arvores de muita estimação: a que os indios chamão *ubirasiqua*, tem honesta grandeza, de cuja madeira se não aproveitão, mas valem-se da sua rezina, de que lança grande quantidade, e quando a deita, he muito mole, e pegajosa, a qual he maravilhosa almecega, que faz muita vantagem, a que se vende nas boticas, e para huma arvore lançar muita picão ao longo da casca com muitos piques, e logo começa a lançar por elles esta almecega, que lhe vão os indios apanhando com humas folhas, aonde a vão ajuntando, e fazem em páes. Esta almecega he muito quente por natureza, da qual fazem emplastos para defensivo da frialdade, e para soldar carne que-

quebrada, e para fazer vir a furo as postemas, as quaes faz arrebentar por si, e lhes chupa de dentro os carnicões, e derretida he boa para escaldar feridas frescas, e faz muita vantagem á toribentina, com a qual almecega se fazem muitos unguentos e emplastos para quebraduras de pernas, a qual os negros chamão issau.

Corneiba he huma arvore, que na folha, na flor, na baga, e no cheiro he a aroeira de Hespanha, e tem a mesma virtude para os dentes, e he diferente na grandeza das arvores, que são tamanhas como oliveiras, de cuja madeira se faz boa cinza para decoada dos engenhos. Naturalmente se dão estas arvores em terra de area debaixo de cujas raizes se acha muito anime, que he no cheiro, na vista, e na virtude como o de Guiné, peloque se entende, que o estila de si, pelo baixo do tronco da arvore, porque se não acha junto de outras arvores.

Em algumas partes do certão da Bahia se achão arvores de canafistola, a que o gentio chama *Genciana*, mas de agrestes dão a canafistola muito grossa, e comprida, e tem a codea aspera, mas quebrada, e da mesma feição, assim nas pevides como no preto, que se come, e tem o mesmo saibo, da qual não usa o gentio, porque não sabe o para que ella presta, em algumas fazendas ha algumas arvores de canafistola, que nascêrão das sementes, que forão de S. Thomé, que dão o fruto mui perfeito como o das Indias.

Cuipeura, he huma arvore propriamente como a murta de Portugal, e não tem outra diferença, que fazer maior arvore, e ter a folha maior do viço da terra, a qual se dá pelos campos da Bahia, cuja flor, e o cheiro della he da murta, mas não dá murtinhos, da qual murta se usa na Misericordia para a cura dos penitentes e para todos os lavatorios, para que ella serve, porque tem a mesma virtude desecativa. Ao longo do mar da Bahia nascem humas arvores ao pé, como parras, as quaes atrepão por outras arvores grandes, poronde lança muitos ramos como vides, as quaes se chamão *mucunas*, cujo fruto são humas favas redondas, e aleonadas na côr, e do tamanho de hum tostão, as quaes tem hum circulo preto, e na cabeça hum olho branco. Estas favas para comer são peçonhentas, mas tem grande virtude para curar com ellas feridas velhas, d'esta maneira. Depois de serem estas bem secas hão-se de pizar muito bem, e cobrir as chagas com os

pós

pós dellas, as quaes comem toda a ulcera, e carne podre. Criáo se nesta terra outras arvores semelhantes ás de cima, que atrepáo por outras maiores, que chamáo o sipo das feridas, a qual dá humas favas aleonadas da feição das de Portugal, cuja folha pizada, e posta nas feridas, sem outros unguentos, as cura muito bem.

Ha huns mangues, ao longo do mar, a que o gentio chama o *pareiba*, que tem a madeira vermelha, e rija, de que se faz carváo, cuja casca he muito aspera, e tem tal virtude, que serve aos cortidores para cortir toda a sorte de pelles em lugar de sumagre com o que fazem tambem cortume como com elles. Estes mangues fazem as arvores muito direitas, e dáo humas candeias verdes compridas, que tem dentro huma semente como lentilhas, de que ellas nascem.

CAPITULO LXI.

Em que se relata as qualidades das hervas de virtudes, que se criáo na Bahia.

PEtume, he a herva, a que em Portugal chamáo santa, e ha muita della pelas hortas, e quintaes pelas grandes mostras, que tem dado da sua virtude, com a qual se tem feito curas estranhas, pelo que não diremos d'esta cura senão o que he notorio a todos, como he matarem com seu sumo os vermes, que se criáo em feridas, e chagas de gente descuidada, com a qual se curáo tambem as chagas, e feridas das vaccas, e das egoas sem outra couza, e com o sumo d'esta herva lhe encourão. Deu na costa do Brazil huma praga no gentio, como foi adoecerem no sesso, e criarem bichos nelle, da qual doença morreo muita somma d'esta gente, sem se entender de que nascia, e depois que se soube o seu mal, se curárão com esta herva santa, e se curáo hoje em dia os tocados d'este mal, sem terem necessidade de outra mezinha. A folha d'esta herva, como he sêca, e curada he muito estimada dos indios, e dos mamelucos, e dos portuguezes, que bebem o fumo della ajuntando muitas folhas d'estas torcidas humas com as outras, e metidas em hum canudo de folha de palma, e põe-lhe o fogo por huma banda, e como faz braza, metem este canudo pela outra banda na boca, e sorvem-lhe o fumo para dentro atéque lhe sahe pelas ventas fóra. Todo o homem que

se

se toma de vinho, bebe muito fumo d'este, e dizem, que lhe faz esmoer o vinho. Afirmão os indios, que, quando andão pelo mato, e lhes falta o mantimento, matão a fome, e sêde com este fumo, peloque o trazem sempre comsigo, e não ha duvida senão, que este fumo terá virtude contra a asma, e os que são doentes della se achão bem com elle, cuja natureza he muito quente.

Pino he pontualmente na folha, o que em Portugal chamão figueira do inferno. Esta herva dá o fruto em cachos cheios de bagos tamanhos como avelãs todos cheios de bicos, cada hum d'estes bagos tem dentro hum grão pardo tamanho como hum feijão, o qual pizado se desfaz todo em azeite, que serve na candeia, bebido serve tanto, e como purga de canafistola, e para os doentes de colica, bebido este azeite, lhe passa o accidente, logo as folhas d'esta herva são muito boas para desafogarem chagas, e apostemas.

Jeticuju he huma herva, que nasce pelos campos, e lança por cima da terra huns ramos como as batatas, os quaes dão humas sementes pretas como ervilhas grandes; deitão estas hervas humas raizes por baixo da terra como batatas, que são maravilhosas para purgar, do que se usa muito na Bahia, as quaes raizes se cortão em talhadas em verde, que são por dentro alvissimas, e secão-nas muito bem ao sol, e tomão d'estas talhadas depois de secas para cada purga o pezo de dous reales de prata, e lançando em vinho, ou em agua muito bem pizado se dá a beber ao doente de madrugada, e faz maravilhas. D'estas raizes se faz conserva em assucar raladas muito bem como cidrada, e tomada pela manhã huma colher d'esta conserva faz-se com ella maior obra, que com assucar rozado de Alexandria.

Pecacuem são huns ramos, que atrepão como parra, cuja folha he pequena, redonda, e brancacenta, as suas raizes são como de junça brava, mas mais grossas, as quaes tem grande virtude para estancar cameras, d'ellas se usa tomando huma pequena d'estas raizes pizada, e lançada em agua posta a serenar, e dada a beber ao doente de cameras de sangue, lhas faz estancar logo.

CAPITULO LXII.

Em que se declara o modo, como se cria o algodão, e de sua virtude, e de outras hervas, que fazem arvore.

MAnym chamão os indios ao algodão, cujas arvores parecem marmeleiros arruados em pomares, mas a madeira delle he como sabugueiro mole, mas oca por dentro; a folha parece de parreira com o pé comprido, e vermelho, com o sumo da qual se curão feridas espremido nellas. A flor do algodão he huma campainha amarela muito formosa, donde nasce hum capulho, que ao longe parece noz verde, o qual se fecha com tres folhas grossas, e duras da feição das com que se fechão as dos botões das rozas, e como o algodão esiá de vez, que he de Agosto por diante, abrem-se estas folhas, com que se fechão estes capulhos, e vão-se secando, e mostrando o algodão, que tem dentro muito alvo, e se não se apanhão logo, cahe no chão, e em cada capulho d'estes estão quatro de algodão cada hum do tamanho de hum capulho de seda, e cada capulho d'estes tem dentro hum caroço preto com quatro ordens de carocinhos pretos, e cada carocinho he do tamanho, e da feição do feitio dos ratos, que he a semente, de que o algodão nasce, o qual no mesmo anno, que se semea dá novidade. Estes caroços do algodão come o gentio pizados, e depois cozidos, que chamão papas, e as fazem ordinariamente, a que chamão mingão. As arvores d'estes algodoeiros durão sete, ou oito annos, e mais, quebrando-lhe cada anno as pontas á mão, porque se secão, paraque lancem outros filhos novos, em que tomão mais novidade, os quaes algodões se alimpão á enchada duas, ou tres vezes cada anno, paraque a herva os não acanhe.

Camara he hunía herva, que nasce pelos campos, que cheira a herva cidreira, a qual faz arvore com muitos ramos como de rozeira de Alexandria, cuja madeira he seca, e quebradiça, a folha he como da herva cidreira, as flores são como cravos de Tunes amarellos, e da mesma feição e tamanho, mas de feitio mais arteficioso. Cozidas as folhas, e flores d'esta herva, tem a sua agua muito bom cheiro, e virtude para secar sarna, e comichão, e para secar chagas de boubas lavadas com esta agua quente,

do

do que se usa muito naquellas partes, onde ha outra casta d'esta camara, que dá flores da mesma feição, a qual tem a mesma virtude, e como lhe cahe a flor assimcomo a outra, ficão-lhe humas camarinhas denegridas, que comem os meninos, e os passarinhos, que he a semente, de que esta herva nasce. Nas campinas da Bahia se dão urzes de Portugal da mesma feição assim nos ramos como na flor, mas não dão camarinhas, dos quaes ramos cozidos na agua se aproveitão os indios para secar qualquer humor ruim.

As canas da Bahia chama o gentio *uba*, as quaes tem folhas como as de Hespanha, e as raizes da mesma maneira, que lavrão a terra muito, as quaes cozidas em agua tem a mesma virtude desecativa, que as de Hespanha. Estas canas são compridas cheias de nós por fóra, e maciças por dentro, aindaque tem o miolo mole, e estopento. Espigão estas canas cada anno, e suas espigas são de quinze, e vinte palmos de comprido, de que os indios fazem as flexas com que atirão, e tambem se dão na Bahia as canas de Hespanha, mas crescem tanto como as da terra.

Jaborandi he huma herva, que faz arvore de altura de hum homem, e lança humas varas em nós como canas, poronde estalão muito, como as apertão; a folha será de palmo de comprido, e da largura da folha da cidreira, a qual cheira a ortelã franceza, e tem a aspereza da ortelã ordinaria; a agua cozida com estas folhas he loura, e cheira muito, e boa para lavar o rosto, ou barbear, quem tem a boca danada, ou chagas nella, mastigando as folhas d'esta herva duas, ou tres vezes cada dia, e trazendo-a na boca cada dia, a cura muito depressa; queimadas estas folhas os pós dellas alimpão a ulcera das feridas sem dar nenhuma pena, e tem outras muitas virtudes. Esta herva dá humas candeias como castanheiros, donde se cria a semente, de que nasce.

Nascem outras hervas pelo campo, a que chamão os indios *caapiam*, que tem as flores brancas da feição dos bemmequeres, onde ha humas sementes como gravanços, das quaes, e das flores se faz tinta amarella como açafrão muito fino, do que uzão os indios no seu modo de tintas. A arvore d'esta herva he como a do alecrim, e tem a folha mole, e a côr verde claro como de alface.

Dão se ao longo da ribeira da Bahia humas hervas, a que os Indios chamão *jabarandiloa*, e dão o mesmo nome da de cima por se parecer nos ramos com ella, e

os homens, que andárão na India, lhe chamão *betele*, por se parecer em tudo com elle. A folha d'esta herva na boca requeima como folhas de louro, a qual he muito macia, e tem o verde muito escuro. A arvore, que faz esta herva, he tão alta como hum homem, os ramos tem muitos nós, poronde estala muito. Quem se lava com estas cozidas nas partes eivadas do figado, lhas cura em poucos dias, e cozidos os olhos, e comidos são sanissimos para este mal do figado, e mastigadas estas folhas, e trazidas na boca tirão a dôr de dentes.

CAPITULO LXIII.

Em que se declara a virtude de outras hervas menores.

HA outras hervas menores pelos campos de muita virtude, de que se aproveitão os indios, e os portuguezes, das quaes faremos menção brevemente n'este capitulo. Começando na que o gentio chama *tararaçu*, e os portuguezes *pedegosos*, esta herva faz arvoredo tamanho das mostardeiras, e tem as folhas em ramos arrumadas como folhas de arvores, as quaes são muito macias na feição das folhas de pecegueiro, mas tem o verde muito escuro, e o cheiro da fortidão da arruda; estas folhas deitão muito sumo, se as pizão, o qual de natureza he muito frio, e serve para desafogar chagas; com este sumo curão o sesso dos indios, e das gallinhas, porque crião nelle muitas vezes bichos, de que morrem, se lhe não acodem com tempo. Estas hervas dão humas flores amarelas como as da pascoa, das quaes lhe nascem humas bainhas com semente como ervilhas, de que nascem. Pelos campos da Bahia se dão algumas hervas, que lançáo grandes braços como meloeiros, que arrepão, se achão poronde, os quaes dão humas flores brancas, que se parecem até no cheiro com a flor do legacão em Portugal, cujos olhos comem os indios doentes de boubas, e outras pessoas, e dizem acharem-se bem com elles, e afirma-se, que esta he a salsa parrilha das Antilhas.

Caapela he huma herva, que nasce em boa terra perto da agua, e faz arvore como a couve espigada, mas tem a folha redonda muito grande com o pé comprido, a qual he muito macia; a arvore faz hum grelo oco por dentro,

e

e muito tenro, e depois de bem espigado lança humas candeias pretas, e crespas em cada semente, de que nasce. Esta herva he de natureza frigidissima, com cujas folhas passadas pelo ar do fogo se desafoga toda a chaga, e inchação, que está esquentada, pondo-lhe estas folhas em cima, e se a fogagem he grande, seca-se esta folha de maneira, que fica aspera, e como está sêca lhe põe outras, ateque o fogo abrande. Criáo-se outras hervas pelos campos da Bahia da feição de *tanchagem*, mas tem as folhas mais pequenas da feição do escudete, e tem o pé comprido, as quaes são brancas da banda debaixo, cuja natureza he fria, e posta sobre chagas, e cossaduras das pernas, que tem fogagem, as desofoga, e encourão com ellas sem outros unguentos. Pelos mesmos campos se criáo outras hervas, a que o gentio chama *caapia*, e os portuguezes *malvaisco*, porque não tem outra diferença do de Portugal, que ser muito viçoso, mas tem a mesma virtude, da qual uzão os medicos da Bahia, quando he necessario para fazerem vir a furo as apostemas, e inchações.

Peipeçaca he huma herva, que se parece com *belverde*, que se dá nos jardins de Portugal, da qual fazem as vassouras na Bahia, comque varrem as cazas, cuja natureza he fria, a qual pizão os indios, e curão com ella feridas frescas, e tambem os portuguezes se curão com o sumo d'esta herva o mal do sesso, para o que tem grande virtude, a qual não dá flor, mas semente muito miuda, de que nascem. Tambem se cria outra herva, a que os indios chamão *cuampuana*, que são mentrastos nem mais nem menos que os de Hespanha, e tem a mesma virtude, cuja agua cozida he boa para lavar os pés, e são tantos, que juncão com elles as igrejas pelas endoenças, em lugar de rosmaninhos. Nas campinas da Bahia se cria outra herva, a que o gentio chama *caamcuam*, que tem as folhas de tres, em tres juntas, e são da côr da salva, e dá a flor roxa, de que nasce huma bainha como o de tremoços, que tem dentro humas sementes como lentilhas grandes, a qual herva tem o cheiro muito fortum, cauza dôr de cabeça, a quem a colhe, o gado que come esta herva engorda muito no primeiro anno com ella, e depois dá-lhe como cameras de que morre, pelo qual respeito houve quem quiz desinçar esta herva de sua fazenda, e por hum dia com mais de duzentos escravos a arranca-la do campo, os quaes não podérão aturar o trabalho mais que até

o meio dia, porque todos adoecêrão com o cheiro della de dôr de cabeça, o que fez espanto, e os homens, que tem conhecimento da herva besteira de Hespanha, e a virão nesta terra afirmão, que he esta mesma herva a besteira.

CAPITULO LXIV.

Que trata de vinhatico, e cedro, e arvores, raizes, e para o que servem.

COmo temos dito das arvores de fruto, e das que tem virtude para curar enfermidades, convem se declare as arvores reaes, que se dão na Bahia, de que se fazem os engenhos de assucar, e outras obras, de cuja grandeza ha tanta fama. Parece razão, que se dê o primeiro lugar ao vinhatico, a que o gentio chama *sabigenguva*, cuja madeira he amarella, e doce de lavrar, a qual he incorrutivel assim sobre a terra como debaixo della, e serve para as rodas dos engenhos, e para outras obras delles, e para cazas, e outras obras primas. Ha tambem façanhosos páos d'estas castas, de que se achão muitos de cem palmos de roda, e outros d'aqui para baixo mui grandes; mas os muitos grandes pela maior parte são ocos por dentro, dos quaes se fazem canoas tão compridas como galiotas, e achão-se muitos páos maciços, de que se tira taboado de tres, e quatro palmos de largo. Esta madeira se não dá senão em terra boa, e afastada do mar, os cedros da Bahia não tem diferença dos das Ilhas senão na folha, que he a côr da madeira, e cheiro, e a brandura ao lavrar he todo hum. A estas arvores chama o gentio *acajucatinga*, cuja madeira se não corrompe nunca, da qual se achão mui grandes páos, que tambem pela maior parte são ocos, mas achão-se alguns maciços, de que se tira taboado de tres, e quatro palmos de largo. Pelo rio dos Ilheos trouxe a cheia hum páo de cédro ao mar tamanho, que se tirou delle madeira, e taboado, com que se madeirou, e forrou huma igreja; e sobejou madeira, he branda de lavrar, e proveitosa para obras primas, e para as obras dos engenhos, de que se faz muito taboado para o fôrro das cazas, e para barcos; e faz huma vantagem o cedro da Bahia ao das Ilhas, que logo perde a fortidão do cheiro, e o fato, que se mete nas caixas de cédro, não toma nenhum cheiro dellas, e as obras do cédro das Ilhas nunca jámais perdem o cheiro, e dañão com elle o fato, que se nellas agazalha.

CAPITULO LXV.

Que trata das qualidades do pequihi, e de outras madeiras reaes.

PEquihi he huma arvore grande, que se dá perto do mar em terras baixas, e miudas, e fracas, achão-se estas arvores de quarenta a cincoenta palmos de roda, cuja madeira he parda estopenta, muito pezada, de que se fazem gangorras, mezas, virgens, e esteios para engenhos, a qual dará sem apodrecer para fim dos fins, aindaque esteja lançada sobre a terra ao sol, e á chuva. Quando lavrão esta madeira cheira a vinagre, e sempre se tirão della os cavacos molhados, aindaque esteja cortada de cem annos, e já se vio meter hum prego por huma gangorra, que havia dezaseis annos, que estava debaixo da telha em hum engenho, e tantoque o prego começou a entrar para dentro, começou arrebentar pelo mesmo furo hum torno de agua em fio, que correu até o chão, o qual cheirava a vinagre, e se metem os cavacos d'esta madeira em fogo em quatro horas não pega delles, e já quando pega nunca fazem braza, nem alevantão lavareda. He esta madeira tão pezada, que em a deitando na agua se vai ao fundo, da qual se fazem bons liames, e outras obras para barcas, e navios.

Quoapaiajú he outra arvore real muito grande, de que se achão muitas de trinta a quarenta palmos de roda, cuja madeira he vermelhaça, e mui fixa, que nunca se vio podre, de que se fazem gangorras, mezas, virgens, esteios para engenhos, e outras obras, e achão-se muitas arvores tão compridas d'esta casta, que cortado direito, e grosso dá vigas de oitenta a cem palmos de comprido afóra o delgado, que fica no mato, de que se fazem frexas, e tirantes dos engenhos. Estas arvores são naturaes de vargeas de area visinhas ao salgado, e são tão pezadas, que em lançando a madeira na agua se vai logo ao fundo. Ha outras arvores tambem naturaes de varzeas de area, a que o gentio chama *sutapeba*, cuja madeira he vermelhaça, he muito fixa, que nunca apodrece, e he mui dura ao lavrar, achão-se muitas arvores d'esta casta de cincoenta a sessenta palmos de roda, e pela maior parte estas grandes são ocas por dentro, mas outras de honesta grandeza mociças, de que se fazem grandes gangorras, mezas, virgens, esteiros,

e

outras obras de engenhos como são os eixos. Não são estas arvores muito altas por se desordenarem pelo alto lançando grandes troncos, mas tirão-se dellas gangorras de cincoenta a sessenta palmos de comprido, a madeira he boa de lavrar ainda que he muito dura, e tão pezada, que se vai na agua ao fundo.

Zabucai he outra arvore real, que já nunca apodrece o assim debaixo da terra como sobre ella, de cujo fruto tratamos atraz, cuja madeira he vermelhaça, dura, e pezada, que se vai ao fundo, da qual se achão grandes arvores, de que se fazem gangorras, mezas, eixos, fuzos, virgens, e outras obras dos engenhos; quando se cortão estas arvores tinem nellas os machados como se dessem por ferro, onde se quebrão muito.

CAPITULO LXVI.

Em que se acaba de concluir a informação das arvores reaes, que se crião na Bahia.

MAçarandiba he outra arvore real, de cujo fruto já fica dito atraz, são naturaes da visinhança do mar, e achão-se muitas de trinta a quarenta palmos de roda, de que se fazem gangorras, mezas, eixos, fuzos, virgens, esteios, e outras obras dos engenhos, cuja madeira he de côr de carne do prezunto, e tão dura de lavrar, que não ha ferramenta, que lhe baste, e he tão pezada, que se vai ao fundo. Estas arvores são tão compridas, e direitas que se aproveitão do grosso dellas de cem palmos para cima, e nunca se corrompem. Ha outras arvores reaes, que se chamão *juntaimandi*, que não são tamanhas como a de cima, mas de honesta grandeza, de que se fazem eixos, fuzos, virgens, esteios, e outras obras de engenhos, cuja madeira he amarela de côr formosa muito rija, e doce de lavrar, e incorrutivel, e he tão pezada, que se vai ao fundo, e não se dão em ruim terra. Nas varzeas de area se dão outras arvores reaes, a que os indios chamão *cunha*, as quaes se parecem na feição, na folha, na côr da madeira com carvalhos, e achão-se alguns de vinte a trinta palmos de roda, de que se fazem gangorras, mezas, eixos, virgens, esteios, e outras obras miudas, mas não he muito fixa ao longo da terra, a qual serve para liames de navios, e barcos, e para taboado, e de pezada se vai ao fun-

fundo. Ha outras arvores reaes a que os portuguezes chamão *angelim*, e os indios *anduiababajari*, as quaes são muito grandes e achão-se muitas de mais de vinte palmos de roda de que fazem gangorras, mezas, eixos, virgens, esteios, e outras obras dos engenhos, e das cazas de vivenda, e boas caixas, por ser madeira leve, e boa de lavrar, e honesta côr.

Jacaxuuba he outra arvore real façanhosa na grossura, e comprimento, de que se fazem gangorras, mezas dos engenhos, e outras obras, e muito taboado, e já se cortou arvore d'estas tão comprida, e grossa, que deu no comprimento, e grossura duas gangorras, cada huma pelo menos ha-de ter cincoenta palmos de comprido quatro de assento, e cinco de alto. Esta madeira tem a côr brancacenta, e leve, e pouco duravel, onde lhe chove não se dá em ruim terra.

Ubiratum he outra arvore real, de que se achão muitas de vinte palmos de roda para cima, de que se fazem gangorras, mezas, virgens, esteios dos engenhos, e taboado para navios, e outras obras, cuja côr he amarellaça não muito pezada, e boa de lavrar. Pelas campinas, e terra fraca se crião muitas arvores, que se chamão *sepeperas*, que em certo tempo se enchem de flor como de pecegueiro; não são arvores muito façanhosas na grandeza por serem desordenadas nos troncos, mas tirão-se dellas virgens, esteios, e fuzos para os engenhos, a madeira he parda, e muito rija, e tão leada, que nunca fende, e para liação de navios, e barcos he a melhor couza, que ha no mundo, e que sofre melhor o prego, e nunca apodrece, de que se tambem fazem carros muito bons, e he tão pezada esta madeira, que se vai ao fundo.

Mutumuju he huma arvore real não se dá senão em terra muito boa, não são arvores muito grandes, mas dão tres palmos de testa. Esta he das mais fixas madeiras, que ha no Brazil, porque nunca se corrompe, da qual se fazem eixos, virgens, fuzos, esteios para os engenhos e toda a obra de cazas, e de primor, a côr d'esta madeira he amarella com humas veias vermelhas, pezada, dura, mas muito doce de lavrar.

Ha outras arvores, que se chamão *Urucuranas*, que são muito compridas, e de grossura que fazem dellas virgens, esteios para os engenhos, e outras muitas obras de cazas, e taboado para navios, a quem o guçano não faz

mal, a qual madeira he pezada, e vai-se ao fundo, tem a côr de carne de fumo he boa de lavrar e serrar.

CAPITULO LXVII.

Em que se trata das madeiras meãs.

MAdeiras meãs e de toda a sorte ha tantas na Bahia, que se não podem contar, das quaes diremos alguma parte das que chegárão á nossa noticia, e comecemos no *camaiari*, que são arvores naturaes de areas, e terras fracas. São estas arvores muito compridas e direitas, das quaes se tirão frechaes, e tirantes para engenhos de cem palmos, e de cento e vinte de comprido, e dous de largo, e palmo e meio afóra o delgado da ponta, que serve para outras couzas, a qual madeira serve para toda a obra das cazas de que se faz muito taboado para ella, e para os navios. Esta madeira tem a côr vermelhaça boa de lavrar e melhor de serrar. D'estas arvores se fazem mastros para navios, e se forão mais leves erão melhores, que os de pinho por serem mais fortes, as quaes arvores são tão roliças, que parecem torneadas, cria-se entre a casca, e o amago d'esta arvore huma materia grossa, e alva, que péga como tormentina, e da mesma côr, ainda que mais alva, o que lança dando-lhe pique na casca em fio, e o mesmo lança ao lavrar, e ao torar, e lança muita quantidade, e se topa nas mãos não se tira senão com azeite, e se isto não he tormentina parece que fazendo-lhe algum cozimento, que engrossará, e coalhará como rezina, que servirá para brear os navios, de que se fará muita quantidade por haver muita soma d'estas arvores a borda d'agua, e cada huma deita muita materia d'esta.

Guanadi he huma arvore comprida, e não muito grossa, cuja madeira he amarellaça, que serve para obras de cazas em partes aonde não toque a agoa, a casca d'esta arvore he muito amarella por dentro, e entre ella e o páo lança hum leite grosso e de côr amarello muito frio, o qual péga como visco, e com elle armão os moços aos passaros, da qual madeira senão faz conta nem se aproveitão della senão em obras de pouca dura as quaes arvores são muito compridas direitas, e roliças, de que se fazem mastros para navios.

CAPITULO LXVIII.

Que trata das arvores, que dão a envira de que se fazem cordas, e estopa para calafetar navios.

ACháo-se pelos matos muitas arvores de que se tira a *envira* para calafetar, e comecemos a dizer da que se chama *Enuiroçu*, que são arvores tamanhas, cuja madeira he mole, e não se faz conta della senão para o fogo, as quaes tem a casca aspera por fóra, a qual se esfolha das arvores, e se pizão muito bem; faz-se branda como estopa, que serve para calafetar. Dão estas arvores humas flores brancas como cebolas, secão muito fermosas, e da mesma feição, que estão fechadas, da mesma maneira, as quaes se abrem como se põe o sol, e estão abertas até pela manhã, em quanto lhe não dá o sol, e como lhe chega, se tornão a fechar, e as que são mais velhas cahem no chão, cujo cheiro he suave, mas muito mimoso, e como apertão com ellas não cheirão.

Ha outra arvore meã, que se chama *Ibiriba* de que se fazem esteios para os engenhos, tirantes e frechaes e outras obras de cazas, tirando taboado por ser muito máo de serrar. Esta madeira he muito dura, e má de lavrar, he muito forte para todo o trabalho, e não ha machado com que se possa cortar, que não quebre, ou se trate mal, e he muito boa de fender, a qual os indios fazem em fios para fachos com que vão mariscar, e para andarem de noite, e ainda que seja verde cortada daquella hora, péga o fogo nella como em alcatrão, e não apaga o vento os fachos della, e em caza servem-se os indios das rachas d'esta madeira como de candeias com que se servem de noite, á falta dellas. Estas arvores se esfolhão, e abrem-se á mão, a qual se faz toda em fios muito compridos, que se fião como canhamo de que se fazem amarras, e toda a sorte de cordoalha, que he tão forte como de cairo, e pizada esta casca muito bem se faz tão branda, e mais que estopa, com o que se calafetão os navios e barcos, e para debaixo da agua he muito melhor que estopa, porque não apodrece na agua, e incha muito.

Ejubiriti he outra arvore meã, cuja madeira he mole, e de entre casco della se tira *envira* branca com que se fa-

fazem cordas tão alvas como de algodão, e murrões de espingarda muito bons, que se não apagão nunca, e fazem muito boa braza, o qual entre casco se tira tão facilmente, que fazem os negros de Guiné della panos de cinco a seis palmos de largo, e do comprimento que querem, os quaes amassão e pizão com huns páos com que os fazem estender, e ficão tão delgados como tona, mas muito macios, com os quaes se cingem, e cobrem.

Goayaimbira he huma arvore pequena, que não he mais grossa, que a perna de hum homem; cortão-na os indios em rolos de dez, doze palmos, e esfolão na inteira para baixo como coelho, e sahem os entrecascos inteiros de que os indios fazem aljabas em que metem os arcos e flexas, a qual envira he muito alva de que fazem cordas, e murrões de espingarda.

CAPITULO LXIX.

Que trata de algumas arvores muito duras.

O *Conduru* he arvore de honesta grossura, e achão-se algumas, que tem tres palmos de testa, e não dão hum palmo de amago vermelho, que todo o mais he branco, que apodrece logo, e o vermelho he incorrutivel de que se fazem leitos cadeiras, e outras obras delicadas. D'estes condurus novos se fazem espeques para os engenhos porque não quebrão por darem muito de si, quando lhe fazem força.

Suasucanga he huma arvore pequena, cujo tronco he mais grosso, que a perna de hum homem, a madeira he alvissima como marfim e com as mesmas aguas, a qual he muito dura, e serve para marchetar em lugar de marfim, ha outras arvores grandes de que se fazem esteios para os engenhos, a que os indios chamão *abiracta* e os portuguezes páoferro, por serem muito duras e trabalhosas de cortar, cuja madeira he parda e incorrutivel, as quaes arvores se dão em pedras ou terra de pedras e lugares asperos.

Ubirapariba he arvore grande, muito dura de que os indios fazem os seus arcos, a madeira tem a côr parda, e he muito dura de lavrar, e de cortar, que pelo ser senão aproveitão d'estas arvores por quebrarem os machados nellas, cuja madeira senão corrompe, nem estalão os arcos,

cos, que della fazem em os quaes se faz aleonada depois de tratada, e he tão pezada, que em tocando na agua, se vai logo ao fundo.

Ubiranna são arvores grandes de que se fazem esteios para os engenhos, por senão corromper nunca, cuja madeira he preta, muito dura de lavrar, e tão pezada, que se vai ao fundo se a lanção na agua.

Mandroay he huma arvore assim chamada pelo gentio, de honesta grossura, e comprida, de que se fazem esteios dos engenhos, e virgens, por ser madeira de muita dura, a qual he pezada, e boa de lavrar, e de côr amarellaça.

Ha outras arvores, a que o gentio chama *Ubirapiroqua*, são arvores compridas, muito direitas, de que se tira grossura até palmo e meio de testa, de que se fazem tirantes, e frechaes de cazas. Esta madeira he pezada, e vai-se ao fundo, e he muito rija de lavrar; tem estas arvores a casca liza, a qual pella cada anno, vem criando outra casca nova por baixo daquella que pella.

CAPITULO LXX.

Que trata das arvores, que se dão ao longo do mar.

AO longo do mar se crião huma arvores, a que os portuguezes chamão espinheiros, e os indios *tatagiba*, que tem as folhas como romeira, e os ramos cheios de espinhos, a madeira por fóra he muito aspera, e por dentro amarella de côr fina, a qual se lavra muito bem sem embargo de ser dura, e he tão fixa, que não ha quem visse nunca hum páo d'estes podre, de que se fazem muitas obras.

Pelo salgado ha huma casta de mangues, a que os indios chamão *sereiba*, que se crião onde se descobre a maré, os quaes lanção muitos filhos ao pé, e todos de huma grossura, delgados, direitos, de grossura que servem para encaibrar as cazas de mato, e os mais grossos servem para as cazas dos engenhos por serem muito compridos e rijos, e de grossura bastante. D'estes mangues se faz tambem lenha para os engenhos, aos quaes cahem as folhas, e se fazem amarellas, de que se mantem os caranguejos, que por entre elles se crião, e dão estas arvores humas espigas de hum palmo de feição da dos feijões,

e tem dentro hum fruto de maneira de favas, de que tornão a nascer ao pé da mesma arvore por ao redor della.

Canapomba he huma casta de mangues, cujas arvores são muito tortas, e desordenadas, muito aspera da casca, cujas pontas tornão para baixo em ramos muito lizos, em quanto novos e direitos, e vem assim crescendo para baixo, até que chegão á maré, e como ella chega a elles logo crião ostras, com o pezo das quaes vem obedecendo ao chão atéque péga delle, e como péga logo lança ramos para cima, que vão crescendo mui desafeiçoados, e lançáo mil filhos, ao longo da agua, que tem tão juntos, que se afogão huns aos outros.

CAPITULO LXXI.

Em que se trata de algumas arvores moles.

HA humas arvores muito grandes, a que o gentio chama *copambuca*, cuja madeira he mole, e não serve se não para cinza para os engenhos fazerem decoada. Estas arvores tem as raizes sobre a terra feitas por tal edificio, que parecem taboas postas alli á mão, as quaes lhe cortão ao machado de que se tirão taboões de que se fazem gamellas de cinco, seis palmos de largo, e oito de comprido, donde se fazem tambem muitas rodellas, que são como as de adargoeiro, e de vantagem na levidão, cuja madeira he estopenta, e muito branda, que não fende.

Paparaiba he huma arvore, que se dá em boa terra, que foi já lavrada, a qual em poucos annos se faz muito alta e grossa, e tem a casca brancacenta, a qual ao longe parece na brancura, e grandeza o alamo. Tem esta arvore a folha como figueira, mas os pés mais compridos, a madeira he muito mole, e oca por dentro de que fazem bombas aos caravelões da costa, e por dentro tem muitas, e infinitas formigas.

A *Peyba* he huma arvore comprida muito direita, tem a casca muito verde, e liza, a qual arvore se corta de dous golpes de machado por ser muito mole, cuja madeira he muito branca, e a que se esfolha a casca muito bem, e he tão leve esta madeira, que traz hum indio do mato ás costas tres páos d'estes de vinte e cinco palmos de comprido, e da grossura da sua coxa, para fazer delles huma jangada para pescar no mar á linha, as quaes arvores senão dão se não em terra muito boa.

Pe-

Penaiba he huma arvore comprida, e delgada, muito direita, cuja madeira he leve, e de côr do pinho, que serve para mastros, e vergas das embarcações da terra, a qual dá de si muito, e não estala, mas não dura muitos annos porque a corrompe a chuva.

Gerumaré he outra arvore, que se dá pela terra dentro, a qual he delgada no pé, e muito grossa em cima, e dá humas favas brancas, cuja madeira não serve mais, que para o fogo.

Dão-se nas campinas por todo o mar humas arvores, que se parecem com os cajugeiros, de que já fallamos, que não dão fruta, que se chama *cajuapebo*, tem estas arvores a folha brancacenta crespa, e aspera como de amoreira, a casca d'esras arvores he seca como de sobreiro. A madeira he leve, mas muito leada, que não fende, de que se tirão curvas para barcos, e se fazem vazos de sellas, e d'estas folhas podem manter bichos de seda se os levarem a estas partes.

Pelo certão da Bahia se crião humas arvores muito grandes em comprimento, e grossura, a que os indios chamão *ubiragara*, das quaes fazem humas embarcações para pescarem pelo rio e navegarem, de sessenta a setenta palmos de comprido, que são facilissimas de fazer, e por que se cortão estas arvores muito depressa por não ter dura mais, que a casca, e o amago he muito mole, em tanto que dous indios em tres dias tirão com suas fouces o miolo todo a estas arvores, e fica a casca só, que lhe serve de canoas tapadas as cabeças em que se embarcão vinte, e trinta pessoas.

CAPITULO LXXII.

Em que se apontão algumas arvores de cheiro.

ENtre as arvores de cheiro, que se achão na Bahia, ha huma a que os indios chamão *carunje*, que se parece na folha, na casca, e no cheiro aos loureiros de Hespanha, mas não na baga, cuja madeira he sobre o mole, que se gasta no fogo dos engenhos.

Anhaybaataa he huma arvore, que se dá em varzeas humidas, e de area, que na grandeza, e feição he como o louro, cuja madeira he muito mole, e de côr almecegada; o entre casco d'esta arvore he da côr de ca-

ne-

nella, e cheira, queima, e sabe como canella, mas tem a quentura mais branda, e sem duvida que parece canella, e parece, que se abeneficiarem, que será muito fina, porque o entre casco dos ramos queima mais do que o do tronco da arvore.

Jacarandá he huma arvore de bom tamanho, que se dá nas campinas em terras fracas, cuja madeira he preta com algumas aguas, e he muito dura, e boa de lavrar para obras primas; e he muito pezada, e não se corrompe nunca sobre a terra, ainda que lhe dê o sol, e chuva, a qual tem muito bom cheiro.

Jucuriasu he huma arvore, que se dá em terras fracas, e não he demasiada na grandeza, mas com tudo se achão algumas, que dão tres palmos de testa: a madeira d'esta arvore não se corrompe nunca, he dura, pezada, e muito boa de lavrar para obras primas. Ha huma casta de côr parda com aguas pretas, e outra vermelhaça, com aguas tambem pretas, humas e outras da feição do chamalote, e humas, e outras tem o cheiro suavissimo, e na caza onde se lavra sahe o cheiro por toda a rua, e os seus cavacos no fogo cheirão muito bem, a qual madeira he muito estimada em toda a parte pelo cheiro, e formosura.

Mucutayba he huma arvore, que se dá em terras boas e não he de demaziada grandeza a que chamão em Pernambuco *páosanto*, cuja madeira he de honesta grossura, muito rija, e pezada, mas boa de lavrar, e melhor de tornear, e tem boas aguas, para se della fazer obras de estima, nunca se corrompe do tempo, e cheira muito bem.

Ubirataya he outra arvore, que não he grande, cuja madeira he mole, de côr parda, que cheira muito bem e na caza onde se queima recende o cheiro por toda a rua.

Eistajapona he huma arvore, que tem a madeira dura com agua sobre aleonado, cheira muito bem, de que se fazem contas muito cortezãs, e o gentio as suas espadas.

CAPITULO LXXIII.

Em que se trata de arvores de que se fazem remos, e hastes de lanças.

ATraz tratamos do *Genipapo* no tocante ao fruto, agora lhe cahe tratar no tocante a madeira, cujas arvores são altas, e de honesta grossura, tem a folha como cas-

ta-

tanheiro a madeira he de côr branca, como buxo, de que se fazem muitos, e bons remos, que durão mais que os de faia, em quanto verdes são pezados, mas depois de secos são muito leves; esta madeira não fende, nem estalla, de que se faz tambem toda a sorte de poleame por ser doce de lavrar, e cabos e cepos para toda a ferramenta de toda a sorte.

Huacão he outra arvore, de que se fazem remos para os barcos, o qual se dá em terras humidas, e de area. São estas arvores de muita grossura, e quando se lavrão, fazem hum roxo claro muito fermoso, dura-lhe pouco a côr. Depois de derrubadas as fendem os indios de alto á baixo em quartos para fazerem os remos, que não durão tanto como os do Genipapo.

Ha outras arvores, a que os indios chamão *abiratinga*, que não são grossas, mas compridas, e direitas, e tem a casca aspera, a côr de madeira he açafroada, e boa de fender, o que se lhe faz para fazerem hastes de lanças, e arremeções, que se fazem muito formosos, e dardos, que são muito mais pezados que os de Biscaia; mas mais duras e formosas. Dão-se estas arvores em terras baixas, e humidas perto do salgado.

CAPITULO LXXIV.

Em que se trata de algumas arvores, que tem ruim cheiro.

NEstes matos se achão humas arvores meás, e direitas, de que se fazem obras de cazas, a sua madeira por fóra he almecegada, e o amago por dentro mui preto, mas quando a lavrão, não ha quem lhe sofra o fedor, porque he peor que o de humas necessarias, e chegar os cavacos ao nariz he morrer, que tão terrivel fedor tem, e metendo-as no fogo se refina mais o fedor; a estas arvores chamão os indios, *ubirarema*, que quer dizer madeira, que fede muito.

Ha outra casta de *ubirarema*, cujas arvores são grandes, e desordenadas nos troncos como as oliveiras, cujos ramos, folhas, casca, e madeira fedem muito a álhos, de feição, que quem os aperta com as mãos lhe ficão fedendo de maneira, que se lhe não tira em todo o dia o cheiro, e tem estas arvores as folhas de feição das ameixieiras.

Ao pé de algumas se criáo huns ramos como parreiras de grossura, e de feição de huma corda meã, a que os indios chamão *cipós*, os quaes atrepão pelas arvores acima como as videiras, os quaes cipós cheirão a alhos, e quem péga delles não se lhe tira o cheiro em todo aquelle dia, por mais que se lave.

CAPITULO LXXV.

Em que se apontão algumas arvores, que dão frutos silvestres, que se não comem.

NO mato se criáo humas arvores de honesta grandeza, a que os indios chamão *comedoy*, de cuja madeira se não faz conta. Esta arvore dá humas bainhas como feijões meios vermelhos, e meios pretos, mui duros, e de finas cores, que he a semente, de que as arvores nascem, os quaes servem para tentos, e são para isso muito estimados.

Araticupana he huma arvore do tamanho, e feição do marmeleiro, as quaes se criáo nos alagadiços, onde se ajunta a agua doce com a salgada, cuja madeira he mole, e liza, que se esfola toda em lhe puxando pela casca. Dáo estas arvores hum fruto tamanho como marmelos lavrado pela casca como pinhas, e muito lizo, o qual arregoa como he maduro, e cheira muito bem. Este fruto comem os indios a medo, porque tem para si, que os caranguejos da terra fazem mal, por comerem este fruto naquelle tempo.

Angangaquiabo; quer dizer pentem do diabo, he arvore de bom tamanho, cujo fruto são humas bainhas grandes, que tem dentro de si huma couza branca, e dura, afeiçoada como pentem, do que o gentio se aproveitava antes de communicarem com os portuguezes, e se valerem dos seus pentens.

Cuegisba he huma arvore tamanha como nogueira, e tem a folha como nogueira, a qual se não cria em ruim terra, e dá humas flores brancas grandes. Da madeira se não trata, porque as não cortão os indios por estimarem muito o fruto, que he como melões maiores, e menores, de feição redonda, e comprida, o qual fruto se não dá entre as folhas como nas outras arvores, senão pelo tronco da arvore, e pelos braços della, cada hum por si: estando esta fruta na arvore, he como a flor dos cabaços verdes,

e como os colhem, cortão-nos pelo meio ao comprido, e lanção-lhe fóra o miolo, que he como o dos cabaços, e vão curando estas peças, até se fazerem duras, dando-lhes por dentro huma tinta preta, e por fóra amarella, que se não tira nunca, a que os indios chamão *cujas*, que lhe servem de pratos, e escudelas, pucaros, taças, e de outras couzas.

Ha outras arvores meãs, a que os indios chamão *jatuaiba*, cuja madeira he muito pezada, e ás quaes cahe a folha cada anno, e torna a reverdecer de novo. Esta arvore dá humas frutas brancas do tamanho, e feição de azeitonas cordovezas. Pelo certão se crião humas arvores, a que os indios chamão *veribobas*, que dão hum fruto do tamanho, e feição de nóz noscada, o qual amaruja, e requeima como ella.

CAPITULO LXXVI.

Que trata dos cipós, e para o que servem.

DEu a natureza no Brazil por entre os seus arvoredos humas cordas muito rijas, e muitas, que nascem aos pés das arvores, e atrepão por ellas acima, a que chamão *cipós*, com que os indios atão a madeira das suas cazas, e os brancos, que não podem mais, com que escuzão pregadura, e em outras partes servem em lugar de cordas, e fazem delles cestos melhores, que os dos vimes, e serão da mesma grossura, mas terão comprimento de cinco e seis braças.

Nestes mesmos matos se crião outras cordas mais delgadas, e primas que os indios chamão *timbós*, que são mais rijos que os cipós acima, que servem do mesmo, aos quaes fendem tambem em quatro partes, e ficão huns fios mui lindos como de rota da india em cadeiras, e com estes fios atão a palma das cazas quando as cobrem com ella, do que fazem tambem cestos finos, e fazer-se-ha tudo o que se faz da rota da india.

Ha outra casta, a que os indios chamão *timbocrana*, que he na mesma feição dos timbós, mas não são tão rijos, do que aproveitão os indios, quando não achão timbós; e crião-se tambem nestes matos huns cipós mui grossos, a que os indios chamão *cipao*, este cujo nascimento he ao pé das arvores, poronde atrepão, são tão rijos,

que tirão com elles as gangorras dos engenhos do mato; e as madeiras grossas, pelos quaes puxão cem e duzentos sem quebrarem, e se acertão de quebrar, tornão logo atar, e com elles várão as barcas em terra, e as deitão ao mar, e achão-nos tão grossos, como são necessarios, com os quaes se escuzão calabretes de linho.

CAPITULO LXXVII.

Que trata de algumas folhas proveitosas, que se crião no mato.

Caaete he huma folha, que se dá em terra boa, e humida da feição das folhas das alfaces estendidas, mas de quatro, e cinco palmos de comprido, e são muito tezas, as quaes nascem em toucas muito juntas, e tem o pé de quatro e cinco palmos de comprido, e não fazem arvore. Servem estas folhas aos indios para fazerem dellas huns vazos, em que metem nelles as farinhas, quando vão á guerra, ou outro algum caminho, onde a farinha vai de feição, que aindaque chova muito, não lhe entra agua dentro.

Caapara he outra folha, que nasce como a de cima; mas em cada pé estão pegadas quatro folhas, como as outras, pegadas humas nas outras; com estas folhas arma o genrio de humas varas huma feição, como esteiras muito tecidas, e fica cada esteira de trinta palmos de comprido, e tres de largo, e assentão-nas sobre em madeiramento das cazas, com o que ficão muito bem cobertas, e dura huma coberta d'estas, sete e oito annos, e mais.

Tocum he huma herva, cujas folhas são como de canas do reino, mas mais curtas, e brandas, a vara, onde se crião, he cheia de espinhos pretos, e limpa delles fica como rota da India. Estas folhas quebrão os indios ás mãos, e tirão dellas o mais fino linho do mundo, que parece seda, de que fazem linhas de pescar torcidas á mão, e são tão rijas, que não quebrão com peixe algum. Este *totum*, ou seda que delle sahe he pontualmente do toque da herva da India, e assim o parece, do que se farão obras mui delicadas se quizerem.

E porque se não póde aqui escrever a infinidade das arvores, e hervas, que ha pelos matos e campos da Bahia, nem as notaveis qualidades, e virtudes, que tem, acha-

mos

mos, que bastava para o proposito d'este compendio dizer o que só convem em seu titulo, mas ha-se de notar, que aos arvoredos d'esta provincia lhe não cahe nunca a folha, e em todo o anno estão verdes e formosos.

SUMMARIO

Das aves, que se crião na terra da Bahia de todos os santos do estado do Brazil.

CAPITULO LXXVIII.

JA' temos satisfeito, com o que está dito no tocante ao arvoredo, que ha na Bahia de todos os santos, e com os frutos, grandeza, e estranheza della, e aindaque, o que se disse, he o menos, que se póde dizer, por haver muito mais arvores, convem, que se dê conta das aves, que se crião entre estes arvoredos, e se mantem de seus frutos, e frescuras delles, e peguemos logo da aguia como da principal ave de todas as criadas.

A *aguia*, a que o gentio chama *cabuieazu*, he tamanha como as aguias de Hespanha, tem o corpo pardo, e as azas pretas, tem o bico revolto, e as pernas compridas, as unhas grandes, e muito voltadas, de que se fazem apitos, crião em montes altos, onde fazem seus nichos, e põem dous ovos sómente, e sustentão os filhos da caça, que tomão, de que se mantem.

Crião-se nestes matos *emas* muito grandes, a que o gentio chama *n'hundú*, as quaes se crião pela terra dentro em campinas, e são ramanhas como as de Africa, e eu vi hum quarto de huma depenada tamanho como de hum carneiro grande. São estas aves brancas cinzentas, e outras malhadas de preto, as quaes tem as penas muito grandes, mas não tem nellas tanta penugem como as de Alemanha; os seus ovos não são redondos nem tamanhos como de Africa. Estas aves fazem os ninhos no chão, onde crião, e mantem os filhos com cobras, e outros bichos que tomão, e com frutas do campo, as quaes vão alevantadas do chão, correm em pulos com as azas abertas, tomão-nas os indios a coco, e tanto as seguem, atéque can-

cançáo, e de cançadas as tomão. Tem estas aves as pernas, e pescoço compridas, cuja carne he dura, mas muito gostosa, das pernas se aproveita o gentio, e fazem dellas huma roda de penachos, que pelas festas trazem nas costas, que tem em muita estima.

Tabuiaja he huma ave muito maior que pato, tem as pernas altas, os pés grossos, a côr parda, o bico grosso, e grande, tem sobre o bico, que he branco, huma maneira de crista vermelha, e sobre a cabeça humas penas alevantadas como poupa. Criáo-se em arvores altas, os ovos são de patas, mantem-se de frutas do mato, cuja carne he dura mas boa para comer.

CAPITULO LXXIX.

Em que se declara a propriedade do macucagoa, motum, e das gallinhas do mato.

Macucagoa he huma ave grande de côr cinzenta do tamanho de hum grande pato, mas tem no peito mais titellas que dous *galipavos*, as quaes são tenras como de perdiz, e da mesma cór, a mais carne he sobre dura assada, mas cozida he muito boa. Tem estas aves as pernas compridas cheias de escamas verdoengas, tem o bico pardo da feição da gallinha, voão pouco, e ao longo do chão, porondé correm muito, e as tomão com cães a cosso, e as vezes as matão ás flexadas, criáo no chão onde põe muitos ovos em ninhos como de gallinhas, mas tem verde a casca do ovo de côr muito fina, e mantem-se das frutas do mato.

Motum são humas aves pretas nas costas, azas e barriga branca, são do tamanho dos galipavos, tem as pernas compridas, e pretas, e sobre a cabeça humas pernas alevantadas como pavão, e voão pouco, e baixo, correm muito pelo chão, onde os matão ás flexadas, e os tomão a cosso com cães. Criáo no chão, os seus ovos são tamanhos como de pata muito alvos, e tão crespos da casca como confeitos, e a clara delles he como manteiga de porco derretida, a qual enfastia muito. Tem estas aves o bico preto como corvo, e toucado ao redor do vermelho á maneira de crista, a carne d'estas aves he muito boa como de galipavos, e tem mais titellas.

Fa-

Jacu são humas aves do tamanho de gallinhas pretas de côr, e as cabeças compridas, o bico preto, cacareão como perdizes, crião no chão, e tem o ovo muito curto; mantem-se de frutas, e matão-nas os indios ás flexadas, cuja carne he muito boa, e saborosa. Tem o peito cheio de tirellas como perdiz da mesma côr, e muito tenras, a mais carne he dura para assada, mas cozida he muito boa.

Tujuju he huma ave grande de altura de cinco palmos, tem azas pretas, o papo vermelho, e o mais branco, tem o pescoço grande, e o bico de dous palmos de comprido, fazem os ninhos no chão em montes muito altos, onde fazem grande ninho, onde põem dois ovos cada hum como hum grande punho, mantem os filhos com peixe dos rios, o qual comem primeiro, e recolhem-no no papo, e depois arreveção, e repartem-no pelos filhos.

CAPITULO LXXX.

Em que se declara a natureza dos canindes, araras, tucanos.

Caninde he hum passaro tamanho como hum grande gallo, tem as pennas das pernas, barriga, e collo amarellas, de côr muito fina, e as costas acatasoladas de azul, e verde, e nas azas, e rabo azul o qual tem muito comprido, e a cabeça por cima azul, e o redor do bico amarello, tem o bico preto, grande, e grosso, e as pennas do rabo e das azas são vermelhas pela banda debaixo. Crião em arvores altas, onde os tomão os indios, sendo novos nos ninhos para se criarem nas cazas, porque fallão, e gritão muito, com voz alta, e grossa. Mordem mui valentemente, e comem frutas das arvores, e em caza tudo quanto lhe dão, cuja carne he dura, mas a proveitão-se della os que andão pelo mato, os indios se aproveitão das suas pennas amarellas para as suas carapuças, e as do rabo, que são de tres, e quatro palmos, para as embagadeiras das suas espadas.

Arara he outro passaro do mesmo tamanho da feição do caninde, mas tem as pennas do collo, pernas, e barriga vermelhas, e das costas das azas, e do rabo azues, e algumas verdes, e a cabeça, e pescoço vermelho, e o bico branco, e muito grande, e tão duro, que quebrão com elle huma cadeia de ferro. Mordem muito, e gritão

mais.

mais. Crião estas aves em arvores altas, comem frutas do mato, e milho pelas roças, e a mandioca quando está a curtir. Os indios tomão estes passaros, quando são novos nos ninhos, para os criarem, os quaes depois de grandes cortão com o bico por qualquer páo, como se fosse inxó. A sua carne he como a dos *canindes*, de cujas pennas se aproveitão os indios.

Tucanos são outras aves do tamanho de hum corvo, tem as pernas curtas, e pretas, a penna das costas azulada, a das azas, e do rabo anilada, o peito cheio de frouxel muito miudo, de finissimo amarello, o qual os indios esfolão para forro de carapuças. Tem a cabeça pequena, o bico branco, e amarello muito grosso, e alguns são tão compridos como hum palmo, e tão pezados, que não podem com elle quando comem, porque tomão grande bocado, com o que virão o bico para cima, porque não póde o pescoço com tamanho pezo, como tem. Crião estes passaros em arvores altas, e tomão-nos novos para se criarem em caza; os bravos matão os indios á flexa, para lhe esfolarem o peito, cuja carne he muito dura, e magra.

CAPITULO LXXXI.

Em que se diz das aves, que se crião nos rios, e lagôas da agua doce.

AO longo dos rios da agua doce se crião mui formosas *garças*, a quem o gentio chama *uratinga*, as quaes são brancas, e tamanhas como as de Hespanha. Tem as pernas longas, pescoço e bico mui comprido, pernas e pés amarellos, e tem entre os encontros hum molho de plumas, que lhe chegão á ponta do rabo, que são mui alvas, e para estimar, e são estas garças muito magras, e crião no chão junto da agua, mantem-se de peixe, que tomão nos rios, e esperão mal que atirem.

Criáo-se mais ao longo d'estes rios, e nas alagôas muitas, e bizarras *adens*, a que o gentio chama *upequa*, que são da feição das de Hespanha, mas muito maiores, as quaes dormem em arvores altas, e crião no chão perto da agua. Comem peixe, e da mandioca, que está a curtir nas ribeiras; tomão os indios estas adens, quando são novas, e criáo-se em caza, onde se fazem muito domesticas.

Agua

Aguapeaçoca he huma ave do tamanho de hum frangão, tem as pernas muito compridas, e o pescoço, e o vestido de penna aleonada, e ao redor do bico huma roza muito amarella, e tem nos encontros das azas dous esporões do osso amarellos, e nas pontas dellas outros dous, com que offendem os passaros, com que pelejão. Andão estas aves nas alagôas, e crião nas junqueiras junto dellas, onde põem tres ovos não mais, e mantem-se de caracões, que buscão.

Jabacatim he hum passaro tamanho como hum pintão, tem o bico comprido, o peito vermelho, a barriga branca, as costas azues, crião em buracos, que fazem nas barreiras sobre os rios, ao longo dos quaes andão sempre com os pés pela agua a tomar peixinhos, de que se mantem; e ha outros mais pequenos da mesma feição, e costumes a que o gentio chama *gariram.*

Jacoaçu são outras aves da feição das garças, grandes, e do seu tamanho, são pardas, e pintadas de branco, andão nos rios, e alagôas, crião se ao longe dellas, e dos rios do chão, mantem-se do peixe que tomão.

CAPITULO LXXXII.

Das aves, que se parecem com perdizes, rolas, e pombas.

Picaçu he como pomba branca, mas pequena alguma couza, tem a côr cinzenta, os pés vermelhos, cria no chão, põem dous ovos, tem o peito, e a carne muito saborosa.

Payarari he huma ave do tamanho, côr, e feição das rolas. Crião no chão em ninhos, em que põem dous ovos, e tomão-nos em redes, e amanção-nas em caza de maneira, que crião como pombas, as quaes tem o peito cheio, e boa carne.

Jnutis he outra casta de rolas do mesmo tamanho, mas são aleonadas, e tem o bico pardo, tambem crião no chão onde põem dous ovos, e tomão-nos em redes, cuja carne he muito tenra, e boa.

Nambu he huma ave da côr, e tamanho da perdiz, tem os pés, e bico vermelho, voa ao longo do chão, poronde corre muito, e cria em ninhos, que faz no chão, e põem muitos ovos. Estas aves tem grande peito cheio de titellas muito tenras, e saborosas.

Ha outras aves, a que os indios chamão *piquepebas*; que são da feição de rolas, e da mesma côr, mas são mais pequenas, e tem as pernas vermelhas, e o bico preto, estas andão sempre pelo chão, onde crião, e pôem dous ovos, os quaes o mais do tempo andão esgravatando a terra com o bico, e buscando humas pedrinhas brancas, de que se mantem.

CAPITULO LXXXIII.

Em que se relata a diversidade de papagaios que ha.

A *Gervazu* são huns papagaios grandes todos verdes, que tem tamanho corpo como huma adem, os quaes se fazem mui domesticos em caza, onde fallão muito bem, estes no mato crião em ninhos, em arvores altas, onde são muito gordos, e de boa carne, e muito saborosos, mas hão de ser cozidos.

Agernetecú são huns pagagaios verdadeiros, que se levão para Hespanha, os quaes são verdes, e tem os encontros das azas vermelhos, e o toucado da cabeça amarello, crião nas arvores em ninhos, e comem a fruta dellas, de que se mantem, cuja carne se come, e para se amançarem tomão-nos novos.

Ha outros papagaios, a que chamão *coricas*, que são todos verdes, e não tem mais, que o só queixo amarelo, e algumas pennas das azas encarnadas, os quaes crião, em ninhos nas arvores, donde fazem grande dano, nas searas do milho, tomão-nos novos para se amançarem em caza, onde fallão muito bem, cuja carne comem os que andão pelo mato, mas he dura.

Marcão he hum passaro verde todo como papagaio, tem a cabeça toucada de amarello e o bico grosso, e sobre o grande, e voltado para baixo, o rabo comprido, e vermelho, crião-se em arvores altas em ninhos, e matão-se alguns porque fallão, cuja carne he dura, mas come-a quem não tem outra melhor. Ha huns passarinhos todos verdes, que tem os pés e bico branco, a que os indios chamão *tuim*, tem o bico revolto para baixo, crião-se em arvores, e ninhos de palha perto do mar, não os ha pelo certão, os quaes andão em bandos, tomão-nos em novos para se criarem em caza, onde fallão muito claro e bem, e tem muita graça no que dizem.

Ha

Ha outros passaros todos verdes, maiores que os tuins, que tem o bico branco voltado, toucado de amarello, e azul, que crião em arvores em ninhos, aonde se tomão em novos para se criarem em caza, aonde fallão tambem, estes andão em bandos destruindo as milharadas.

CAPITULO LXXXIV.

Em que se conta a natureza de algumas aves da agua salgada.

NA Bahia ao longo da agua salgada, nas ilhas, que ella tem, se crião *guarzetas* pequenas, a que os indios chamão *carabaus*; algumas são brancas, e outras pardas, as quaes dão humas plumas cinzentas pequenas muito fidalgas para gorra, todas crião ao longo do mar, onde tomão peixe, de que se mantem, e caranguejos novos, e esperão bem a espingarda. Ha outros passaros, a que os indios chamão *ubatronteou*, que se crião perto do salgado, que são pardos, e tem o pescoço branco, o bico verde, e são tamanhos como adês, e tem os pés da sua feição. Estes passaros andão no mar perto da terra, e voão ao longo d'agua tanto sem descançar, atéque cahem como mortos, e assim descanção, atéque se tornão a levantar, e voar.

Carapira he huma ave, a que os mareantes chamão *rabiforcado*, os quaes se vão cincoenta a sessenta legoas ao mar, donde se recolhem para a Bahia diante de algum navió do reino, ou do vento sul, que lhe vem nas costas ventando, donde tornão logo fazer volta ao mar, mas crião em terra ao longo delle.

Jaburu he outra ave tamanha como hum grou, tem a côr cinzenta, as pernas compridas, o bico delgado, e mais que de palmo de comprido; estas aves crião em terra ao longo do salgado, e comem o peixe, que tomão no mar perto da terra, poronde andão.

Ao longo do salgado se crião huns passaros, a que os indios chamão *uratecau*, são pardos tamanhos como frangãos, tem as pernas vermelhas, o bico preto, e comprido, são muito ligeiros, e andão sempre sobre a agua salgada saltando em pulos espreitando os peixinhos, de que se mantem.

Ao longo do mar se crião outros passaros, a que os indios chamão a *titem*, tem o corpo branco, as azas pretas, o bico comprido com que cortão o peixe como tezouras, tem as pernas curtas, e brancas, andão sempre nas barras do rio buscando peixe, que comem.

Matuimasce são huns passaros, que andão sempre sobre os mangues tamanhos como franganitos, de côr parda, tem as pernas, e bico preto, e mantem-se de peixe, que tomão.

Matuimirim são outros passaros da feição dos de cima, mas mais pequenos, e brancacentos, mantem-se do peixe, que tomão, e huns, e outros crião no chão ao longo do salgado.

Pitaoão são passarinhos do tamanho, e côr dos canarios, e tem huma coroa branca na cabeça, fazem grandes ninhos nos mangues ao longo dos rios salgados, onde pôem dous ovos, e mantem-se dos peixinhos, que alcanção por sua lança.

Ha humas aves como garcelas, a que os indios chamão *socori*, que tem as pernas compridas, e amarellas, o pescoço longo, o peito pintado de branco, e pardo, e todo o mais pardo; crião em terra no chão, perto da agua salgada, aonde se mantem do peixe, que nelle tomão, e de caranguejos.

Maigessi he hum passaro pequeno e pardo, tem as pernas mui compridas, o bico, e o pescoço longo, e está sempre olhando para o chão, e como vê gente foge dando hum grande grito. Estas aves se crião ao longo do salgado, e mantem-se do peixe, que tomão no mar.

CAPITULO LXXXV.

Em que trata de algumas aves de rapina, que se crião na Bahia.

Vebus são huns passaros, pretos tamanhos como córvos, mas tem o bico mais grosso, e a cabeça como gallinha cucurtada, e as pernas pretas, mas tão sujos, que fazem seu feitio pelas pernas abaixo, e tornão-no logo a comer. Estas aves tem grande fáro de couzas mortas, que he o que andão sempre buscando para sua mantença, as quaes crião em altos, algumas ha mansas em poder dos indios, que tomárão nos ninhos.

Ta-

Tagató he hum passaro, que he na feição, côr, e tamanho de hum ganso, e vive de rapina no mato, e no povoado não lhe escapa pintão, que não tome, e cria em arvores altas.

Uraoacu são como os minhotos de Portugal, sem terem nenhuma diferença, são pretos, e tem grandes azas, cujas pernas os indios aproveitão para empenarem as flexas, os quaes vivem de rapina no mato, e no povoado destroem a fazenda de gallinhas, e pintãos.

Sabiapitanga são huns passaros pardos como pardaes, que andão pelos monturos, e correm pelo chão com muita ligeireza, e mantem-se de mandioca, que furtão aos indios, quando está a curtir, os quaes crião em ninhos, e arvores.

Caracará são huns passaros tamanhos como gaviões, tem as costas pretas, as azas pintadas de branco, o rabo, e o bico revolto para baixo, os quaes se mantem de carrapatos, que trazem as alimarias, e de lagartixas, que tomão, e quando as levão no bico, vão atraz elles huns passarinhos, que chamão *suiriri*, paraque as larguem, e vão-nos picando, atéque de perseguidos se põem no chão com a lagartixa debaixo dos pés para a defender.

Oacaoam são passaros tamanhos como gallinhas, tem a cabeça grande, o bico preto, voltado para baixo, a barriga, e peito vermelho, o pescoço branco, as costas pardas, o rabo, e azas pretas, e brancas. Estes passaros comem cobras, que tomão, e quando fallão se nomeão pelo seu nome, e em os ouvindo as cobras lhe fogem, porque lhe não escapão, com as quaes mantem os filhos, e quando o gentio vai de noite pelo mato, que se teme das cobras, vai arremedando estes passaros, para as cobras fugirem.

Pela terra dentro se crião humas aves, a que os indios chamão *urubutinga*, que são do tamanho dos galiopavos, e são todos brancos, e tem crista como o galiopavo. Estas aves comem carne, que achão pelo campo morta, e ratos, que tomão, põem hum só ovo, que metem em hum buraco, onde o tirão, e mantem nelle o filho com ratos, que lhe trazem para comer.

CAPITULO LXXXVI.

Em que se contem a natureza de algumas aves noturnas.

Urucurucan he huma ave pontualmente como as corujas de Hespanha, humas são cinzentas, e outras brancas, gritão de noite como corujas, as quaes crião no mato, em troncos de arvores grossas, e em povoado nas igrejas, de cujas alampadas bebem o azeite.

Jucurutu he huma ave tamanha como huma franga, que em povoado anda de noite pelos telhados, e no mato cria em tocas de arvores grandes, e anda ao longo dos caminhos, e aonde querque está, toda a noite está gritando pelo seu nome. Esta ave he de côr brancacenta, tem as pernas curtas, a cabeça grande com tres listas pardas por ella, que parecem cutiladas, e duas pennas nella, que são da feição de orelhas.

Ha outros passaros, a que os indios chamão *ubujães*, que são tamanhos como pintãos, tem a cabeça grande, o rabo comprido, e são todos pardos, e muito cheios de penujem, os quaes andão de noite gritando, *cuxaigũigui*.

Ha outros passaros do mesmo nome mais pequenos, que são pintados, os quaes andão de madrugada dando os mesmos gritos, e huns e outros crião no chão, onde põem dous ovos sómente, e mantem-se de frutas do mato.

Ha outros passaros pardos, a que os indios chamão *noitibó*, com que tem grande agouro, os quaes andão ordinariamente gritando, *noitibó*, e de dia não os vê ninguem, e mantem-se das frutas, e folhas de arvores, onde lhe amanhece.

Aos morcegos, chamão os indios *andura*, ha alguns muito grandes, e tem tamanhos dentes como gatos, com que mordem, crião nos concavos das arvores, e nas cazas, e lugares escuros, as femeas parem quatro filhos, e trazem-os dependurados ao pescoço com as cabeças para baixo, e pegados com as unhas ao pescoço da mãi; quando estes morcegos mordem alguem, que está dormindo de noite, fazem no tão subtilmente, que se não sente, mas a sua mordedura he mui peçonhenta, nas cazas de purgar assucar, se cria infinidade delles, onde fazem muito dano sujando o assucar com seu feitio, que he como de ratos, e comem muito delle.

CAPITULO LXXXVII.

Em que se declara de alguns passaros de diversas cores, e costumes.

Uranhengata he huma ave do tamanho de hum estorninho, que tem o peito, pescoço, e barriga, e couxas de fino amarello, e as costas, azas, e rabo de côr preta mui fina, e a cabeça, e ao redor do bico hum só queixo amarello, e as pernas, e pés como flouba, os quaes criáo em ninhos, em arvores altas, onde os tomáo em novos, e os criáo em caza, onde se fazem táo domesticos, que váo comer ao mato, e tornáo para caza.

Sabiatinga são huns passarinhos brancos, que tem as pontas das azas pretas, e as do rabo, que tem mui compridas, os quaes criáo em ninhos, que fazem nas arvores, mantem-se das pimentas, que buscáo, de cujo feitio se criáo pelo campo muitas pimenteiras.

Tigipiranga são passaros vermelhos do corpo, que tem as azas pretas, e são tamanhos como pintarroxos; criáo em arvores, onde fazem seus ninhos, os quaes os indios esfolão para forrarem as carapuças, por serem muito formosos.

Gayrambo são huns passarinhos muito pequenos, de côr queimada, ou apavonada, que tem os bicos maiores que o corpo, e táo delgados como alfinetes, comem aranhas pequenas, e fazem os seus ninhos de suas têas; tem as azas pequenas, e andáo sempre bailando no ar, espreitando as aranhas, criáo em tocas de arvores.

Ha outra ave, a que os indios chamáo *jajão*, que hè do tamanho de huma franga toda vermelha, tem o bico verde, os pés pretos, e o cabo do bico amaçado como pata; fazem seus ninhos em arvores altas, e mantem-se de frutas dellas.

Jasana são huns passaros pequenos todos encarnados, e os pés vermelhos, criáo se em arvores altas, onde fazem os ninhos, e mantem-se das frutas do mato.

Ha outros passarinhos pequenos todos vestidos de azul, côr muito subida, aos quaes os indios chamáo *sajubu*, que tem o bico preto, e criáo em arvores, e mantem-se dos bichinhos da terra.

Tupiana são huns passarinhos, que tem o peito vermelho, a barriga branca, e o mais azul, e tem os bicos compridos, e muito delgados, e crião nas arvores em ninhos, e mantem-se dos bichinhos.

Tyejuba são passarinhos pequenos, que tem o corpo amarello, as azas verdes, o bico preto, crião em tocas de arvores, e mantem-se de pedrinhas, que apanháo pelo chão.

Macacique he hum passaro pequeno, que tem as azas verdes, a barriga amarella, as costas, e o rabo pardo, e o bico preto, fazem estes passaros os ninhos nas pontas das arvores dependurados por hum fio da mesma arvore, e os ninhos são de barro, a palha com curuncheos por cima muito grandes, e servem-se por huma portinha, onde põem dous ovos, e fazem os ninhos d'esta feição por fugirem ás cobras, que lhe comem os ovos, se os achão em outra parte.

Ha outros passaros, que os indios chamão *sijá*, que são tamanhos como papagaios todos verdes, e o bico revolto para baixo, os quaes se crião em tocas de arvores de cuja fruta se mantem.

CAPITULO LXXXVIII.

Em que se trata de alguns passarinhos, que cantão.

Suiri são huns passarinhos como chamarizes, que crião em ninhos nas arvores, os quaes se mantem com bichinhos, e formigas, das que tem azas, a que em Portugal chamão agudes; estes se crião em gaiolas, onde cantão muito bem, mas não dobrão a cantiga muito, quando cantão.

Ha outros passaros pretos com huns encontros amarellos, a que os indios chamão *urandi*, que crião em ninhos de palha, onde põem dois ovos, os quaes cantão muito bem.

Ha outros passarinhos, a que os indios chamão *uraihongata*, que são quasi todos amarellos, que crião em ninhos de palha, que fazem nas arvores, os quaes cantão nas gaiolas muito bem.

Crião-se em arvores baixas em ninhos de outros passaros, a que o gentio chama *saycupeocay*, que são todos aleonados muito formosos, os quaes cantão muito bem.

Pe-

Pexarorem são huns passarinhos todos pretos como calhandros, que andão sempre por cima das arvores, mas comem no chão bichinhos, e cantão muito bem.

Querejua são huns passarinhos todos azues de côr finissima, que andão sempre por cima das arvores, onde crião, e se mantem com o fruto dellas, e cantão muito bem.

Muiepereru são huns passarinhos pardos tamanhos como carriças, crião nos buracos das arvores, e das pedras, põem muitos ovos, comem aranhas, e minhocas, cantão como roxinoes, mas não dobrão tanto como elles.

CAPITULO LXXXIX.

Em que trata de outros passaros diversos.

Enappũe he huma ave do tamanho de huma franga; de côr aleonada, tem os pés como gallinha, a qual anda sempre pelo chão, onde cria, e põem muitos ovos de fina côr aleonada, cuja carne he dura, e come-se cozida.

Taracurá he huma ave tamanha como gallinha, de côr aleonada, que tem as pernas muito compridas, e o pescoço, e bico comprido, cria no chão, onde chega a maré de aguas vivas, que se mistura com agua doce; não anda pelo salgado nem pelo mato grande, mas ao longo delle, de noite carcarea como perdiz, e tem o peito cheio de titellas tenras, e a mais carne he boa tambem.

Orus são humas aves tamanhas, como papagaios, de côr preta, e o bico revolto, crião em arvores altas, e quando tem filhos nos ninhos, remetem aos indios, que lhos querem tomar; estas aves tem grande peito cheio de titellas, sua carne he muito tenra, e saborosa como gallinha.

Anu he outra ave preta, do tamanho e feição de graiha, e anda sempre em bandos voando de arvore em arvore, ao longo do chão, e cria em arvores baixas em ninhos, e mantem-se de huma baga preta como murtinhos, e de outras frutinhas, que busca.

Magoari he outra ave de côr branca, que faz tamanho vulto como huma garça, e tem as pernas, e pés mais compridos que as garças, e o pescoço tem longo, que quando vôa, o faz em voltas, e tem o bico curto, e o peito

muito agudo, e nenhuma carne, porque tudo he penna, e voa muito ao longe, e corre pelo chão por entre o mato, que faz espanto.

Aracoa he outro passaro, tamanho como hum frangão de côr parda; tem as pernas como frangãos, mas os dedos muito compridos, e o rabo longo, e tem duas goelas, ambas por huma banda, que as leva ao longo do peito até baixo, onde se juntão, crião-se estas aves em arvores, e comem frutas dellas.

Sabiauna são huns passarinhos pretos, que andão sempre entre arvoredo, comem frutas, e bichinhos, crião nas arvores em ninhos de palha.

Atibaçu he hum passaro tamanho como hum estorninho, tem as costas pardas, o peito, e a barriga branca, o rabo comprido, as pernas verdoengas, os olhos vermelhos, crião em arvores, comem o fruto dellas, e cantão em assobios.

Ha outros passarinhos pequenos todos pretos, a que os indios chamão *timoina*, crião em ninhos de palha, mantem-se de frutas, e minhocas.

Manandi he hum passaro pequeno pardo pintado, de preto pelas costas, e branco na barriga, e tem o bico curto, e cria em ninhos de palha, que faz nas arvores.

Ha outros passaros, a que o gentio chama *uapiçú* tamanhos como hum tordo, tem o corpo preto, e as azas pintadas de branco, e o bico comprido, tão duro, e agudo, que fura com elle as arvores, que tem abelheiras a que chega ao mel, de que se mantem, e quando dão as picadas no páo soa a pancada a oitenta passos, e mais, os quaes passaros tem na cabeça hum cucuruto vermelho alevantado, e crião nas tocas das arvores.

CAPITULO XC.

Que trata de alguns bichos menores, que tem azas, e tem alguma semelhança de aves.

COmo foi forçado tratar-se de todas as aves, como fica dito, convem, que junto a ellas se diga de outros bichos, que tem azas, e mais aparencia de aves que de alimarias, aindaque sejão immundas, e pouco proveitosas ao serviço dos homens. Comecemos logo dos gafanhotos, a que o gentio chama *tacura*, os quaes se crião na Bahia mui-

muito grandes, e andão muitas vezes em bandos, os quaes são da côr dos que ha em Hespanha, e ha outros pintados, outros verdes, e de diferentes cores, e tem maiores azas que os de Hespanha, e quando voão, abrem-nas como passaros, e não são muito daninhos.

Ha outros bichos, a que os indios chamão *tacujanda*, e em Portugal *sandes*, os quaes são muito formosos, pintados e grandes, mas não fazem mal a nada.

Nas tocas das arvores se crião huns bichinhos como formigas, com azas brancas, que não sahem do ninho, senão depoisque chove muito, e o primeiro dia de sol, a que os indios chamão *arara*, e quando sahem fóra he voando, e sahem em tanta multidão, que cobrem o ar, e não tornão ao lugar, donde sahirão, e perdem-se com o vento.

As borboletas, a que chamão maripoza, chamão os indios *sarara*, as quaes andão de noite ao redor das candeias, maiormente em cazas palhaças do mato, e em noites de escuro, e são tão prolixas ás vezes, que não ha quem se valha com ellas, porque se vem ao rosto, e dão enfadamento, e ás ceas, porque se põem no comer, e não deixão as candeias dar seu lume, o que não acontece em povoado.

Ha outra casta de borboletas grandes brancas humas, outras amarellas, e outras pintadas muito formosas á vista, a que os indios chamão *panama*, as quaes vem ás vezes de passagem no verão em tanta multidão, que cobrem o ar, e o põem logo todo huma negridão em passar por cima da cidade do Salvador a outra banda da Bahia, que são nove, ou dez legoas de passagem. Estas borboletas fazem muito dano nos algodões, quando estão em flor.

CAPITULO XCI.

Em que conta a propriedade das abelhas da Bahia.

NA Bahia ha muitas castas de abelhas primeiramente ha humas, a que o gentio chama *uebú*, que são grandes, e pardas; estas fazem o ninho no ar por medo das cobras como os passaros, de que dissemos atraz, onde fazem seu favo, e crião mel muito bom e alvo, que lhe os indios tirão com fogo, do que ellas fogem muito, as quaes mordem valentemente.

Ha outra casta de abelhas, a que os indios chamão *tapiuca*, que tambem são grandes, e crião em ninhos que fazem nas pontas dos ramos das arvores com barro, cuja abobada he tão sutil, que não he mais grossa, que papel. Estas abelheiras crestão tambem com fogo, a quem os indios comem as crianças, e ellas mordem muito.

Ha outra casta de abelhas maiores, que as de Hespanha, a que os indios chamão *taturama*; estas crião nas arvores altas, fazendo seu ninho de barro ao longo do outro dellas, e dentro crião seu mel em favos, o qual he baço, e ellas são pretas, e mui crueis.

Ha outra casta de abelhas, o que o gentio chama *cabece*, que mordem muito, que tambem fazem o ninho em arvores, onde crião mel muito alvo, e bom, as quaes são louras; e mordem muito.

Ha outra casta de abelhas, a que os indios chamão *caapoam*, que são pequenas, e mordem muito, a quem lhe vai bolir no seu ninho, que fazem no chão, de barro sobre hum torrão, o qual he redondo, do tamanho de huma panella, e tem serventia ao longo do chão, onde crião seu mel, que não he bom.

Cabatan são outras abelhas, que não são grandes, que fazem seu ninho no ar dependurado por hum fio, que desce da ponta de hum raminho, e são tão bravas, que em sentindo gente remetem logo aos beiços, olhos, e orelhas, onde mordem cruelmente, e nestes ninhos armão seus favos, onde crião mel branco, e bom.

Saracoma são outras abelhas pequenas, que fazem seu gazalhado entre folhas das arvores, onde não crião mais de oito juntas, e fazem alli seu favo, em que crião mel muito bom, e alvo; estas mordem rijamente, e dobrão as folhas sobre outras, que tecem com os fios como aranhas, onde tem os favos.

Ha outra casta de abelhas, a que o gentio chama *cabaobajuba*, que são amarellas, e crião nas tocas das arvores, e são mais crueis que todas, e em sentindo gente remetem logo a ella, e convem levar aparelho de fogo prestes, com o qual lhe tirão os favos cheios de mel muito bom.

Copueroçu he outra casta de abelhas grandes, e crião seus favos em ninhos, que fazem no mais alto das arvores do tamanho de huma panella, os quaes são de barro, os indios os crestão com fogo, e lhes comem os filhos, que lhe achão, os quaes tambem mordem onde chegão.

CAPITULO XCII.

Que trata das vespas, e moscas.

CRião se na Bahia muitas vespas, que mordem muito; em especial humas, a que chamão os indios *teringoa*, que se crião em ramos de arvores poucas juntas, e cobrem-se com huma capa, que parece têa de aranha, donde fazem seu oficio em sentindo gente.

Amisagoa he outra casta de vespas, que são á maneira de moscas, que se criao em hum ninho, que fazem nas paredes, e nas barreiras da terra tamanhas, como huma castanha com hum olho no meio, poronde entrão, o qual ninho he de barro, e ellas mordem a quem lhe vai bulir nelle.

E porque as moscas se não queixem, convem, que digamos de sua pouca virtude, e comecemos nas que se chamão *mutiqua*, que são as moscas geraes, e enfadonhas, que ha em Hespanha, as quaes advinhão a chuva começando a morder, onde chegão, de maneira, que se sente sua picada, do que ha boa novidade.

Ha outra casta de moscas, a que os indios chamão *muruanja*, que são mais miudas, que as de cima, e azuladas; estas seguem sempre os cães, e comem-lhe as orelhas, e se tocão em sangue, ou chaga, logo lanção vareja.

Ha outra casta de moscas, a que os indios chamão *meriś*, são outras moscas grandes, e azuladas, e mordem muito, aonde chegão, tanto, que por cima da rede passão o gibão, a quem está lançado nella, e logo fazem arrebentar o sangue pela mordedura, e aconteceo muitas vezes pôrem estas varejas a homens, que estavão dormindo nas orelhas, nas ventas, e no ceo da boca, e lavrarem de feição por dentro as varejas, sem se saber o que era, que morrêrão alguns disso.

Tambem ha outras com feição de cavallo, mais pequenas, e muito negras, que tambem mordem, aonde chegão.

CAPITULO XCIII.

Que trata dos mosquitos, grillos, bizouros, broca, que ha na Bahia.

DIgamos logo dos mosquitos, a que chamão *nitinga*, que são muito pequenos, e da feição das moscas, os quaes não mordem, mas são muito enfadonhos, porque se põem nos olhos, nos narizes, e não deixão dormir de dia no campo, senão faz vento; estes são amigos de chagas, e chupão-lhe a peçonha, que tem, e se se vão pôr em qualquer cossadura de pessoa sã, deixão-lhe a peçonha nella, do que se vem muitas pessoas a encher de boubas. Estes mosquitos seguem sempre em bandos as índias, que andão nuas, mais cruelmente, quando andão sujas do seu costume.

Margões são huns mosquitos, que se crião ao longo do salgado, e outros na terra perto d'agua, apparecem quando não ha vento, e são tamanhos como hum pontinho de penna, os quaes, onde chegão, são fogo com tamanha comichão, e ardor, que fazem perder a paciencia, maiormente quando as aguas são vivas, e crescem em partes despovoadas, e se lhe põem a mão, desfazem-se logo em pó.

Ha outra casta, que se cria entre os mangues, a que os indios chamão *inhatuim*, que tem as pernas compridas, e zunem de noite, e mordem a quem anda, onde os ha, que he ao longo do mar, mas se faz vento não apparece nenhum.

Pium he outra casta de mosquitos tamanhos como pulgas grandes com azas, e em chegando estes á carne logo sangrão sem se sentir, e em lhe tocando com a mão se esborrachão, os quaes estão cheios de sangue, cuja mordedura cauza grande comichão, depois quer-se espremida do sangue por não fazer gadelhão na carne.

Ha outra casta de mosquitos, a que os indios chamão *nhaburuasu*; estes são de pernas compridas, e mordem, e zunem pontualmente, como os que ha em Hespanha, que entrão nas cazas, aonde ha fogo, de que todos são inimigos.

Tambem se cria na Bahia outra immundicia, a que chamamos *broca*, que são como pulgas, e voão sem lhe enxergarem azas, os quaes furão as pipas do vinho, e do vinagre, de maneira, que fazem muita perda, se as não vi-

vigião, e furão as pipas, e barris vazios, salvo se tiverão azeite, e nas terras povoadas de pouco fazem maior dano.

Ha tambem grande copia de *grillos* na Bahia, que se crião pelo mato, e campos, que andão em bandos como gafanhotos, e se crião tambem nas cazas de palha, emquanto são novas, nas quaes se recolhem muitos entre a palma, que vem do mato, os quaes são muito daninhos, porque roem muito os vestidos, a que podem chegar, e metem-se muitas vezes nas caixas, onde fazem destruição no fato, que acháo no chão, o qual cortão de maneira, que parece cortado á tezoura, mas como as cazas são defumadas recolhem-se todos para o mato; estes são grandes, e pequenos, e tem azinhas, e saltão muito como gafanhotos.

Tambem se erião nestas partes muitos bisouros, a que os indios chamão *una*, mas não fazem tão ruim feitio como as maçãs, que fazem os de Hespanha, andão por lugares sujos, tem azas, e são negros, com a cabeça, e pescoço, e pernas muito resplandecentes, tudo muito duro, mas são muito maiores que os de Hespanha, e tem dous cornos virados com as pontas huns para os outros, e parecem de azeviche.

CAPITULO XCIV.

Em que se declara a natureza das antas do Brazil, e das alimarias, que se crião na Bahia, e da condição, e natureza dellas.

BEm podemos dizer neste lugar, que as alimarias se mantem, e crião com a fertilidade da Bahia para se acabar de crer, e entender o muito, que se diz de suas grandezas. E comecemos das *antas*, a que os indios chamão *taparuçu*, por serem as maiores alimarias, que esta terra cria, as quaes são pardas com o cabello assentado, do tamanho de huma mulla, mas mais baixas das pernas, e tem as unhas fendidas como vacca, e o rabo muito curto sem mais cabello que nas ancas, e tem o focinho como mulla, e o beiço de cima mais comprido que o debaixo, em que tem muita força. Não correm muito, e são pezadas para saltar; defendem-se estas alimarias no mato com as mãos das outras alimarias, com o que fazem dano, aonde chegão; comem frutas silvestres, e herva, parem huma só

crian-

criança, e emquanto são pequenas, são raiadas de preto, e amarello tostado ao comprido do corpo, e são muito formosas, mas depois de grandes tornão-se pardas, e emquanto os filhos não andão, estão os machos olhando por elles, emquanto a femea vai buscar de comer, matão-nas em fógos, que lhe armão, em que cahem ás flexadas. A carne he muito gostoza, como a de vacca, mas não tem sebo, e quer-se bem cozida, e tem o cacho como maçã do peito da vacca, e no peito não tem nada. Os ossos d'estas alimarias queimados, e dados a beber são bons para estancar camaras; as suas pelles são muito rijas, e em muita parte as não passa flexa, aindaque seja de bom braço, as quaes os indios comem cozidas pegadas com a carne. D'estas pelles, se são bem cortidas, se fazem muitas boas couras, que as não passa estocada, se tomão estas antas pequenas, crião-se em caza, aonde se fazem muito domesticas, e tão mansas, que comem as espinhas, e roem os ossos com os cachorros, e gatos de mistura, e brincão todos juntos.

CAPITULO XCV.

Em que se trata de huma alimaria, que se chama jaguarete.

TEm para si os portuguezes, que *jaguarete* he onde, e outros dizem, que he tigre, cuja grandeza he como hum bezerro de seis mezes, fallo dos machos porque as femeas são maiores. A maior parte d'estas alimarias são ruivas, cheias de pintas pretas, e algumas femeas são todas pretas; todos tem o cabello nedio, e o rosto ao modo de cão, e as mãos, e unhas muito grandes, e o rabo muito comprido, e o cabello nelle como nas ancas. Tem preza nos dentes como lebres, e os olhos como gato, que lhes reluzem de noite tanto, que se conhecem porisso a meia legoa; tem os braços, e pernas, muito grossos, parem as femeas huma, e duas crianças, se lhe matão algum filho, andão tão bravas, que dão nas roças dos indios, onde matão, quantos podem alcançar; comem a caça, que matão, para o que são mui ligeiras em tanto, que não escapa nenhuma alimaria grande por pés, e saltão por cima apique altura de dez, doze palmos, e trepão pelas arvores apóz os indios, quando o tronco he grosso, salteão o gen-

gentio de noite pelos caminhos, onde os matão, e comem, e quando andão esfaimados entrão-lhe nas cazas das roças, se lhe não sentem fogo, ao que tem grande medo, e na visinhança das povoações dos portuguezes fazem muito dano nas vaccas, e como se começão a encarniçar nellas, destroem hum curral inteiro, e tem tanta força, que com huma unhada, que dão em huma vacca lhe derrubão a anca abaixo.

Armão os indios a estas alimarias em mondeos, que he huma tapagem de páos apique muito alta, e forte com huma só porta, onde lhe arrumão com huma arvore grande alevantada do chão, onde lhe põem hum cachorro, ou outra alimaria preza, e indo para a tomar, cahe esta arvore, que está deitada sobre esta alimaria, onde dá grandes bramidos, ao que os indios acodem, e os matão ás flexadas, e comem-lhe a carne, que he muito dura, e não tem nenhum sebo.

CAPITULO XCVI.

Que trata de outra casta de tigres, e alimarias daninhas.

CRião-se no rio de S. Francisco humas alimarias tamanhas como poldros, a que os indios chamão *jagoaroçu*, que são pintadas de ruivo, e preto, e malhas grandes, e tem as quatro prezas dos dentes do tamanho de hum palmo, criáo-se na agua d'este rio do certão, donde sahem a terra a fazer suas prezas em antas, e ajuntão-se tres e quatro d'estas alimarias para levarem nos d'estes a anta ao rio, onde a comem á sua vontade, e a outras alimarias, e tambem os indios, que podem apanhar.

Jaguaracangoçu he outra alimaria, e casta de tigre, ou onça, de que tratamos já, e he muito maior cuja cabeça he tão grande como hum bom novilho. Criáo-se estas alimarias pelo certão longe do mar, e tem as feições, e mais condições dos tigres, de que primeiro fallamos. Quando estas alimarias matão algum indio, que se encarnição nelle, fazem despovoar toda a aldeia, porque em sahindo alguma pessoa fóra de caza, não lhe escapa, que a não matem, e comão.

Ha outra alimaria, a que o gentio chama *sua*, *sucrana*, que he do tamanho de hum rafeiro, que tem o cabello com-

prido, e maior o rabo como cão, o rosto carrancudo, as mãos como o rafeiro, mas tem maiores unhas, e mui agudas, e voltadas; vivem de rapina, tem muita ligeireza para correr, e saltar, e he semelhante na rapina ao lobo, e matão os indios, se os podem alcançar, e pela terra dentro as ha muito maiores, que na visinhança do mar. Para os indios matarem estas alimarias esperão-nas em cima das arvores, donde as flexão, e lhe comem a carne, as quaes não tem mais que huma só tripa.

CAPITULO XCVII.

Em que se declarão as castas dos veados, que esta terra cria.

CRião-se nos matos d'esta Bahia muitos veados, a que os indios chamão *suaçu*, que são ruivos, e tamanhos como cabras, os quaes não tem cornos nem sebo como os de Hespanha. Correm muito, as femeas, parem huma só criança, tomão-nos em armadilhas, e com cães, cuja carne he sobre o duro, mas saborosa, as pelles são muito boas para botas, as quaes se curtem com casca de mangues, e fazem-se mais brandas, que as dos veados de Hespanha.

Mais pela terra dentro pelas campinas se crião outros veados brancos, que tem cornos, mas não são tamanhos como os de Hespanha, mas são muito maiores, que os primeiros, os quaes andão em bandos como cabras, e tem a mesma qualidade, dos que se crião perto do mar.

Entrando pelo mato além das campinas na terra dos *tabajaras* se crião huns veados ruivados maiores que os de Hespanha, e de maior cornadura, dos quaes se acha armação pelo mato de cinco a seis palmos de alto, e de muitos esgalhos, os quaes mudão os cornos como os de Hespanha, e tem as pelles muito grossas, e não tem nenhum sebo. As femeas parem huma só criança, as quaes os indios chamão *jugupara*, cuja carne he muito boa, os quaes matão em armadilhas, em que os tomão ás flexadas.

CA-

CAPITULO XCVIII.

Em que se trata de algumas alimarias, que se mantem de rapina.

TAmandoa he hum animal do tamanho de huma rapoza, que tem o rosto como furão, a côr he preta, o rabo delgado na reigada, e com o cabello curto, e d'ahi para a ponta he mui felpudo, e tem nelle os cabellos grossos como cavallo, e tamanhos, e tantos, que se cobre todos com elles, quando dormem, e tem as máos como cão com grandes unhas, e muito voltadas, de que se fazem apitos. Este bicho se mantê de formigas, que toma da maneira seguinte: chega-se a hum formigueiro, e deita-se ao longo dèlle como morto, e lança a lingua fóra, que tem muito comprida, ao que acodem as formigas com muita preça, e cobrem-lhe a lingua humas sobre outras, e como a sente bem chea recolhe-a para dentro, e engole-as, o que faz, atéque não póde comer mais, cuja carne comem os indios velhos, que os mancebos tem nojo della.

Jaguapitanga he outra alimaria do tamanho de hum cachorro, de côr preta, e tem o rosto de cordeiro, tem pouca carne, as unhas agudas, e he tão ligeira, que se mantê no mato das aves, que andão pelo chão, que toma a coço, e em povoado faz officio da rapoza, e despovoa huma fazenda de gallinhas, que furta.

Coaty he hum bicho tamanho como gato, tem o focinho como furão, e mais comprido. São pretos, e alguns ruivos, tem os pés como gato, o rabo grande, e felpudo, o qual trazem sempre levantado para o ar, são mui ligeiros, andão pelas arvores, de cujas frutas se mantem, e de passaros, que nellas tomão. Tomão-nos os cães quando os achão fóra do mato a que ferem com as unhas mui valentemente, os novos se amanção em caza, onde tomão as gallinhas, que podem alcançar, as femeas parem tres, e quatro.

Maracajas são huns gatos bravos tamanhos como cabritos de seis mezes, são muito gordos, e na feição pontualmente como os outros gatos, mas pintados de amarello, e preto em raias, couza muito formoza, e são felpudos, mas tem o cabo muito macio, e as unhas grandes, e muito agudas, parem muitos filhos, e mantem-se das aves,

que tomão pelas arvores, poronde andão como bogios. Os que se tomão pequenos, fazem-se em caza muito domesticos, mas não lhe escapa gallinha nem papagaio, que não matem.

Semgoi he hum bicho do tamanho de hum gato grande de cõr preta, e alguns ruivaços, tem o focinho comprido, e o rabo, em o qual, nem na cabeça não tem cabello; as femeas tem na barriga hum bolso, em que trazem os filhos metidos emquanto são pequenos, e parem quatro, e cinco, e tem as tetas junto do bolso, onde os filhos mamão, e quando emprenhão, gerão os filhos neste bolso, que está fechado, e se abre quando parem, onde trazem os filhos, atéque podem andar com a mãi, que se lhe fecha o bolso. Vivem estes de rapina, e andão pelo chão escondidos espreitando as aves, e em povoado as gallinhas, e são tão ligeiros, que lhe não escapão.

CAPITULO XCIX.

Que trata da natureza, e estranheza do jaguarecaqua.

Jaguarecaqua he hum animal do tamanho de hum gato grande, tem a cõr parda, e o cabello comprido, e os pés, e mãos da feição dos bogios, o rosto como cão, e o rabo comprido, o qual se mantem das frutas do mato. Anda sempre pelo chão, aonde pare huma só criança, a qual he tão estranha, e fedorenta, poronde querque passa, deixa tamanho fedor, que hum tiro de pedra afastado de huma banda, e outra, não ha quem o possa sofrer, e nem quem por alli possa passar mais de dous mezes, por ficar tudo tão empestado com o máo cheiro, que se não póde sofrer. D'este animal pegão os cães quando vão á caça, mas vão-se logo lançar na agua, e esfregão-se com a terra por tirarem o fedor de si, o que fazem por muitos dias sem lhe aproveitar, e o caçador fica de maneira, que por mais, que se lave fica sempre com este terrivel cheiro, que lhe dura tres, e quatro mezes, e como este bicho se vê em pressa perseguido dos cães lança de si tanta ventosidade, e tão peçonhenta, que perfuma d'esta maneira, a quem lhe fica perto, e com estas armas se defende das onças, e de outros animaes, quando se vê perseguido delles, cuja artilharia tem tanta força, que a onça,

e os outros inimigos, que o buscão, se tornão, e o deixão, e vão-se logo lavar, e esfregar pela terra por tirar de si tão terrivel cheiro. Aconteceo a hum portuguez, que encontrando com hum d'estes bichos, que trazia o seu caçador do mato morto para mezinhas, ficou tão fedorento, que não podendo sofrer-se a si, se fez mui amarello, e se foi para caza doente do cheiro, que em si trazia, que lhe durou muitos dias. A carne d'este bicho he boa para estancar camaras de sangue, mas a caza, aonde está, fede toda a vida, pelo que as indias a tem assada muito embrulhada em folhas depois de bem sêca ao ar do fogo, e a tem no fumo para se conservar, mas nem isso basta para deixar de feder na rua, emquanto está na caza.

CAPITULO C.

Em que se declara a natureza dos porcos do mato, que ha na Bahia.

CRrião-se nos matos da Bahia muitos porcos montezes, a que os indios chamão *tajasu*, que são de côr parda, e pequenos, tudo tem semelhante com o porco senão o cabo, que não tem mais comprido, que huma polgada, e tem embigo nas costas, as femeas parem muitos no mato, poronde andão em bandos comendo as frutas delle, onde os matão com cachorros, e em armadilhas, e ás flexadas. Não tem banha, nem toucinho, senão huma pelle viscosa, e a carne he toda magra mas saborosa, e carregada, para quem não tem boa disposição.

Tajasutiraqua he outra casta de porcos montezes maiores que os primeiros, que tem os dentes como os montezes de Hespanha, e os indios, que os flexão, hão de ter prestes, aonde se acolhão, porque se senão põem em salvo com muita presteza, não lhe escapão, os quaes são muito ligeiros, e bravos, e tem tambem o embigo nas costas, e não tem banha, nem toucinho, mas carne mais gostosa, que os outros, e em tudo o mais são como elles.

Tajasuetu he outra casta de porcos montezes, que são maiores, que os de que acima fica dito, e tem toucinho como os montezes de Hespanha, e grandes prezas, e o embigo nas costas, mas não são tão bravos, e perigosos para os caçadores, os quaes os fazem alevantar com os cachorros para os flexarem, e estes e os mais andão

dão em bandos pelo mato, onde as femeas parem muitos filhos, e no tempo das frutas entrão pelas aldeias dos indios, e pelas cazas, os quaes fazem muito dano nas roças, e nos canaveaes de assucar. A estes porcos cheira o imbigo muito mal, e se quando os matão lho não cortão logo, cheira-lhe a carne muito ao mato; porém se lho cortão he muito saborosa.

CAPITULO CI.

Dos porcos, e outros bichos, que se crião na agua doce.

NOs rios da agua doce, e nas alagôas tambem se crião muitos porcos, a que os indios chamão *capinaras*, e não são tamanhos como os porcos do mato, os quaes tem pouco cabello, e a côr cinzenta, e o rabo como os outros, e não tem na boca mais, que dous dentes grandes ambos debaixo na dianteira, que são do comprimento e grossura de hum dedo, e cada hum he fendido pelo meio, e fica de duas peças, e tem mais outros dous queixaes todos no queixo debaixo, que no de cima não tem nada. Estes parem, e crião os filhos debaixo da agua, aonde tomão peixinhos, e camarões, que comem, tambem comem herva ao longo da agua, aonde sahem em terra, e fazem muito dano nos canaveaes de assucar, que estão perto da agua, aonde os matão em armadilhas. Sua carne he mole, e o toucinho pegajoso, mas salpreza he boa, e de toda a maneira, mas carregada para quem não tem saude.

Crião-se nos rios de agua doce outros bichos, que se parecem com lontras de Portugal, a que o gentio chama *jagoapapeba*, que tem o cabello preto, e tão macio como veludo. São do tamanho de hum gozo, tem a cabeça como de gato, e a boca muito rasgada, e vermelha por dentro, e nos dentes grandes prezas, as pernas curtas. Andão sempre na agua, aonde crião, e parem muitos filhos, onde se mantem dos peixes, que tomão, e de camarões, não sahem nunca fóra da agua, onde gritão quando vem gente, ou outro bicho.

Aiera he outro bicho da agua doce tamanho como hum grande rafeiro, de côr parda, e outros pretos. Tem a feição de cão, e ládrão como cão, e remetem a gente com mui-

muita braveza, as femeas parem muitos filhos juntos, e se os tomão novos, criáo-se em caza, onde se fazem domesticos. Mantem-se do peixe, e dos camarões, que tomão na agua, cuja carne comem os indios.

Nos mesmos rios se criáo outros bichos, a que os indios chamão *uyuia*, que são do tamanho dos gozos, felpudos do cabello, e de côr cinzenta; tem o focinho comprido e agudo, as orelhas pequeninas, e redondas, do tamanho de huma casca de tramoço, tem o rabo muito comprido, e grosso pela reigada como carneiro; quando gritão no rio, nomeão-se pelo seu nome; tem as mãos, e unhas de cão, andão sempre na agua, onde as femeas parem muitos filhos, mantem-se do peixe, e camarões, que tomão, cuja carne comem os indios.

CAPITULO CII.

De huns animaes, a que chamão jatuasu.

Jatuasu he hum animal estranho, cujo corpo he como hum bacoro, tem as pernas curtas cheias de escamas, o focinho comprido cheio de conchas, as orelhas pequenas, e a cabeça toda cheia de conchinhas, os olhos pequeninos, o rabo comprido cheio de laminas em redondo, que cavalga huma sobre outra, e tem o corpo todo coberto de conchas feitas em laminas, que atravessão o corpo todo, de que tem armado huma formosa coberta, e quando se este animal teme de outro mete-se todo debaixo d'estas armas, sem lhe ficar nada de fóra, as quaes são muito fortes, tem as unhas grandes, com que fazem covas debaixo do chão, aonde criáo, e parem duas crianças. Mantem-se de frutas silvestres, e minhocas, andão de vagar, e se cahem de costas tem trabalho para se virar, e tem a barriga vermelhaça, toda cheia de verrugas. Matão-nos os indios em armadilhas, onde cahem, tirão-lhe o corpo inteiro fóra d'estas armas, que estendidas são tamanhas como huma adarga, cuja carne he muito gorda, e saborosa assim cozida como assada.

Ha huma casta de *tatos* pequenos da feição dos grandes, os quaes tem as mesmas manchas, e condição, mas quando se temem de lhe fazerem mal, fazem-se em huma bola toda coberta em redondo, onde ficão metidos sem

lhes

lhes apparecer couza alguma, cuja carne he muito boa, comem, e crião como os grandes. A estes chamão *tatumerim*.

Ha outros *tatos* meãos, que não são tamanhos como os primeiros, de que se acháo muitos no mato, cujo corpo não he maior, que o de hum leitão, e tem as pernas curtas cobertas de conchas, os dentes de gato, as unhas de cão, o rabo comprido, e muito agudo coberto de conchas até a ponta, e por cima sua coberta de laminas como os grandes, que são muito rijas, e na barriga não tem nada, cuja carne, quando estão gordos he boa, mas cheira ao mato, mantem se de frutas, e minhocas debaixo do chão em covas, e tem as mais manhas, e condições dos outros.

Tatuapeba he outra casta de *tatos* maiores que os communs, que ficão neste paragrafo acima, os quaes tem as conchas mais grossas, e são muito mais baixos das mãos, e pernas, as quaes tem muito grossas, e são muito carrancudos, e andão sempre debaixo do chão como toupeiras, e não comem mais que minhocas, e em tudo o mais são semelhantes aos de cima, e matão-nos os indios, quando vem bolir a terra, cuja carne he muito boa.

CAPITULO CIII.

Em que se relata a propriedade dos paquás, e cotias.

CRião-se nestes matos huns animaes, a que os indios chamão *paquás*, que são do tamanho de leitões de seis mezes, tem a barriga grande, e os pés, e mãos curtos, as unhas como cachorros, a cabeça como lebre, a pelle muito macia, e raiada de preto, e branco ao comprido do corpo, tem o rabo muito comprido, correm pouco, as femeas parem duas e tres crianças, comem frutas, e hervas, crião em covas, tomão-se com cães, e com armadilhas, a que chamão *mondeos*, são algumas vezes muito gordos, que tem a banha como porco, cuja carne he muito sadia, e gostosa, assim assada como cozida, pella-se como leitão sem se esfolar, e assada faz couros como leitão, e de toda a maneira he muito boa carne.

Cotias são huns bichos tamanhos como coelhos grandes, mas são muito barrigudos, tem o cabello como de lebre, e a cabeça com o focinho agudo, e os dentes mui agu-

agudos, os dous dianteiros são compridos, e agudissimos, com o que os negros se sarjão como com huma lanceta, tem os pés, e máos como coelhos, as unhas como cão, e parem duas ou tres crianças. Mantem-se de frutas, quando correm fazem na anca huma roda de cabellos, que alli tem compridos, são muito ligeiras em tanto, que não ha cão que as tome, senão nas covas, onde se defendem muito com os dentes, tambem se tomão em lanços; se as tomão em pequenas, fazem-se mui domesticas, porque roem muito o fato, cuja carne se não esfola, mas pellão-nas; como leitão, cozida, e assada he muito boa.

Cotimirim he outra casta de cotias do tamanho de hum laparo, tem o focinho comprido, e são muito felpudas, de côr parda, e tem o rabo muito felpudo, o qual virão para cima, e passa-lhe a felpa por cima da cabeça, com que se cobrem, e trepão muito pelas arvores, onde matão outros bichos, que chamão saguins, do que se mantem, crião em covas debaixo do chão, e tem os dentes muito agudos.

CAPITULO CIV.

Que trata das castas dos bogios e suas condições.

NOs matos da Bahia se crião muitos bogios de diversas maneiras, a huns chamão *giguos*, que andão em bandos pelas arvores, e quando sentem gente, dão huns assobios com que se avisão huns aos outros de maneira, que em hum momento corre a nova em espaço de huma legoa, com que entendem, que he entrada gente para se pôrem logo em salvo. E se atirão alguma flexada a algum, e o não acertão, matão-se todos de rizó estes bogios; crião-se em tocas de arvores, de cujos frutos, e de caça se mantem.

Guaribas he outra casta de bogios, que são grandes, e mui entendidos, estes tem barbas como hum homem, e o rabo muito comprido, os quaes quando se sentem dos indios flexados, se não cahem da flexada, fogem por qualquer arvore acima mastigando folhas, e metendo pela flexada, comque tomão o sangue e se curão; e aconteceo muitas vezes tomarem a flexa, que tem em si, e atirarem com ella ao indio, que lhe atirou, e ferirem com ella ao mesmo indio,

e outras vezes deixarem-se cahir com a flexa na mão sobre o negro, que os flexou. Estes bogios crião tambem nos troncos das arvores de cujas frutas se mantem, e de passaros que tomão, e as femeas parem huma só criança.

Saguins são bogios pequeninos muito felpudos, e de cabello macio, raiados de pardo, e preto, e branco, e tem o rabo comprido e muita felpa no pescoço, a qual trazem sempre arrepiada, o que os faz muito formosos, e criáose em caza, se os tomão novos, onde se fazem muito domesticos, os quaes crião nas tocas das arvores, e mantem-se do fruto dellas, e das aranhas, que tomão.

Do Rio de Janeiro vem outros *saguins* da feição d'estes de cima, que tem o pello amarello muito macio, que cheirão muito bem, os quaes, e os de traz são muito mimosos, e morrem em caza de qualquer frio, e das aranhas de caza, que são mais peçonhentas, que as das arvores, onde andão sempre saltando de ramo em ramo.

Ha nos matos da Bahia outros bogios, a que os indios chamão *caieunhanga*, que quer dizer *bogio diabo*, que são muito grandes, e não andão senão de noite, são da feição dos outros, e crião em tocas de arvores, mantem-se de frutas silvestres, e o gentio tem agouro nelles, e como os ouvem gritar, dizem, que hade morrer algum.

CAPITULO CV.

Que trata da diversidade dos ratos, que se comem, e coelhos, e outros ratos de caça.

PElo certão ha huns bichos, a que os indios chamão *savia*, e são tamanhos como laparos, que tem o rabo comprido, o cabello como lebre, crião em covas no chão, mantem-se das frutas silvestres, tomão-nos em armadilhas, cuja carne he muito estimada de toda a pessoa por ser muito saborosa, e parece-se com a dos coelhos.

Aperias são outros bichos tamanhos como laparos, que não tem rabo, e tem o rosto da feição de leitão, as orelhas como coelho, e o cabello como lebre; crião em covas comem frutas e canas de assucar, a que fazem muito dano, cuja carne he muito saborosa. Mais pela terra dentro ha outros bichos da feição de ratos mas tamanhos como coelhos com o cabello branco, a que os indios chamão

sani-

sauiatinga; os quaes crião em covas, e comem frutas, cuja carne he muito boa, sadía, e saborosa.

No mesmo certão ha outros bichos da feição de ratos tamanhos como coelhos, a que os indios chamão *suaiacoqua*, tem o cabello vermelho, crião em covas, e mantem-se da fruta do mato, cuja carne he como de coelhos. Em toda a parte dos matos da Bahia se crião coelhos como os de Hespanha, mas não são tamanhos, a que os indios chamão *tapotim*, e todas as feições tem de coelhos, senão o rabo, porque o não tem, os quaes crião em covas, e as femeas parem muitos; a carne he como a dos coelhos, e muito saborosa.

Em algumas partes dos matos da Bahia se crião huns bichos sobre o grande, com todos as feições e parecer de ratos, a que os gentios chamão *jupati*, que se não comem, os quaes crião em os troncos das arvores velhas, e as femeas tem hum bolso na barriga, em que trazem sete, e oito filhos, atéque são criados, que tantos parem.

Aos ratos das cazas chamão os indios *santa*, onde se crião infinidade delles, os quaes são muito daninhos, e de dia andão pelo mato, e de noite vem-se meter nas cazas.

CAPITULO CVI.

Que trata dos cágados da Bahia.

EM qualquer parte dos matos da Bahia se achão muitos *cágados*, que se crião nos pés das arvores sem hirem a agua, a que os indios chamão *sabuty*; ha huns, que são muito maiores que os de Hespanha, mais altos, e de mais carne, e tem as conchas lavradas em compartimentos oitavados de muito notavel feitio, os lavores dos compartimentos são pretos, e o meio de cada hum he branco, e almecegado. Estes cágados tem as mãos, pés, pernas, e pescoço, e cabeça, cheios de verrugas como chicharos muito vermelhas, e agudas nas pontas, estes põem infinidade de outros, de que nascem em terra humida, onde crião debaixo de arvoredo, mantem-se de fruta, que cahe pelo chão, e metidos em caza comem tudo quanto achão, cuja carne he muito gorda, saborosa, e sadía para doentes.

Ha outros cágados, que tambem se crião no mato sem hirem a agua, a que os indios chamão *jabutiapeba*,

os quaes tem os mesmos lavores nas conchas, mas são muito amassados, e tem as costas muito cheias, e não tem verrugas, e pouca carne, e mui saborosa, criáo-se, e mantem-se pela ordem dos de cima.

Ha outras castas de cágados da feição dos de Hespanha, a que os indios chamão *jabutinmirim*, que se criáo, e andáo sempre na agua, que tambem são mui saborosos, e medicinaes; e dos que se criáo na agua ha muitas castas de diversas feições, que tem as mesmas manhas, e natureza, mas mui diferentes na grandeza, e pareceo-me decente arrumar neste capitulo os cágados por serem animaes, que se criáo na terra, e se mantem de frutas della.

CAPITULO CVII.

Em que se declara, que bicho he o que se chama preguiça.

NEstes matos se cria hum animal mui estranho, a que os indios chamão *aly*, e os portuguezes *perguiça*, nome certo mui acommodado a este animal, pois não ha fome, calma, frio, agua, fogo, nem outro nenhum perigo, que veja diante, que o faça mover huma hora mais que outra, o qual he felpudo como cão d'agua, do mesmo tamanho, e de côr cinzenta, os braços, e pernas grandes, com pouca carne, e muita lã; tem as unhas como cão, e muito voltadas, a cabeça como gato, mas coberta de gadelhas, que lhe cobrem os olhos, os dentes como gato; as femeas parem huma só criança, e trazem-na desdeque a parem dependurada ao pescoço pelas máos, atéque he criada, e póde andar por si, e parem em cima das arvores, de cujas folhas se mantem, e não descem nunca ao chão, nem bebem, e são estes animaes tão vagarosos, que posto hum ao pé de huma arvore não chega ao meio desde pela manhã até ás vesperas, que esteja morto de fome, e sinta ladrar os cães, que ainda querem tomar, e andando sempre, mas mudão a mão sómente de vagar, e depois a outra, e faz espaço entre huma, e outra, e da mesma maneira faz aos pés, e depois a cabeça; e tem sempre a barriga chegada a arvore sem se pôr nunca sobre os pés, e máos, e se não faz vento por nenhum cazo se move do lugar, aonde está encolhido atéque o vento lhe chegue, os quaes dáo huns assobios, quando estão comendo

de

de tarde em tarde, e não remetem a nada, e nem fazem rezistencia, a quem quer pegar delles, mais que pegarem-se com as unhas a arvore aonde estão com o que fazem preza; e acontece muitas vezes tomarem os indios hum d'estes animaes, e levarem-no para caza, onde o tem quinze e vinte dias sem comer couza alguma, atéque de piedade o tornão a largar, cuja carne não comem por terem nojo della.

CAPITULO CVIII.

Que trata de outros animaes diversos.

NEstes matos se cria hum animal, a que os gentios chamão *jupara*, que quer dizer noite, que he do tamanho de hum bogio, e anda de arvore em arvore, como bogio, por ser muito ligeiro; cria no concavo das arvores, onde pare hum só filho, e mantem-se dos frutos silvestres. Este animal tem a boca por dentro até as goelas, e lingua tão negra, que faz espanto, pelo que chamão noite, cuja carne os indios não comem por terem nojo della.

Ha outro bicho, que no mato se cria a que chamão os indios *coanduque*, he do tamanho de hum garo, não corre muito por ser pezado no andar, cria no tronco das arvores, onde está metido, e de noite sahe da cova, ou ninho a andar pela arvore, onde faz sua morada a buscar huma casta de formigas, que se cria nella, a que chamão *topy*, de que se mantem. Este bicho pare huma só criança, e tem a côr parda, o qual dorme todo o dia, e anda de noite, e no lugar onde pario ahi vive sempre com os filhos, e toda a sua geração, que delle procede, e não buscão outro lugar senão quando não cabem no primeiro.

Cuim he outro bicho, assim chamado dos indios, que he tamanho de hum laparo, tem os pés muito curtos, e o rabo comprido, o focinho tamanho como doninha, e he todo cheio de cabellos brancos, e tezos, e por entre o cabello he todo cheio de espinhos até o rabo, cabeça, e pés, os quaes são tamanhos como alfenetes, com os quaes se defende, de quem lhe quer fazer mal, e da mesma fórma dos outros animaes sacodindo-os de si com muita furia, e os fere, os quaes espinhos são amarellos, e tem as pontas pretas, e mui agudas, e poronde estão pegados no couro são farpados. Estes bichos correm pouco, crião debaixo do chão, onde parem huma só criança, e mantem-se de minhocas, e fru-

frutas, que achão pelos chão. Achão-se pelo mato outros bichos, a que os indios chamão *queiroá*, que são nem mais nem menos como ouriços de Portugal, da mesma feição, e com os mesmos espinhos, e crião em covas debaixo do chão; mantem-se de minhocas, e de frutas, que cahem das arvores, cuja carne os indios não comem.

CAPITULO CIX.

Em que se declara a qualidade das cobras, lagartos, e outros bichos.

AGora cabe aqui dizermos, que cobras são estas do Brazil, de que se falla tanto em Portugal, e com razão porque tantas, e tão estranhas, não se sabe, aonde as haja. Comecemos logo a dizer das cobras, a que os indios chamão *giboias*, das quaes ha muitas de cincoenta, e sessenta palmos de comprido, e d'aqui para baixo poucas. Estas andão nos rios, e alagôas, onde tomão muitos porcos d'agua, que comem, e dormem em terra, onde tomão muitos porcos, veados, e outra muita caça, o que engolem sem o mastigar, nem espedaçar, e não ha duvida senão, que engolem huma anta inteira, e hum indio, o que fazem porque não tem dentes, e entre os queixos lhe moem os ossos para poderem engolir, e matar huma anta, ou hum indio, ou outra qualquer caça; cingem-se com ella muito bem, e como tem segura a preza, buscão-lhe o sesso com a ponta do rabo, poronde o metem, atéque matão o que tem abarcado, e comem morta a caça; moem-na entre os queixos, para a poder melhor engolir. E como tem a anta outra couza grande, que não póde digirir, e empanturra de maneira, que não póde andar, como se sente pezada, lança-se ao sol como morta, atéque lhe apodrece o que tem na barriga, do que dá o faro logo a huns passaros, que se chamão *urubus*, e dão sobre ella comendo-lhe a barriga com o que tem dentro, e tudo o mais por estar podre, e não lhe deixão senão o espinhaço, que está pegado na cabeça, e na ponta do rabo, e he muito duro; e com isto fica limpa da carne toda. Vão-se os passaros, e torna-lhe a crescer a carne nova, atéque ficão, e assimcomo lhe vai crescendo a carne, começa a bolir com o rabo, e torna a reviver, ficando como d'antes, o que se tem por verdade, por se ter disto muitas informações dos in-

indios, e dos lingoas, que andão por entre elles pelo certão, os quaes o afirmão assim, e hum Jorge Lopes almoxarife da capitania de S. Vicente, grande lingoa, e homem de verdade, afirmava, que indo para huma aldeia do gentio no cerrão achára huma cobra d'estas no caminho, que tinha liado tres indios, para os matar, os quaes livrára d'este perigo ferindo a cobra com a espada por junto da cabeça, e do rabo, com o que ficou sem força para os apertar, e que os largára, e que acabando de matar esta cobra, lhe achára dentro quatro porcos, a qual tinha mais de sessenta palmos de comprido; e junto do curral de Garcia de Avilla na Bahia andavão duas cobras, que lhe matavão, e comião as vaccas, o qual afirmou, que diante delle lhe sahira hum dia huma, que remeteo a hum touro, e que lho levou para dentro de huma alagôa, a que acudio hum grande libreo, ao qual a cobra arremeteo, e engolio logo, e não pôde levar o touro para baixo pelo empedimento, que lhe tinha feito o libreo, o qual touro sahio acima da agua depois de afogado; e afirmou, que neste mesmo lugar matárão seus vaqueiros outra cobra, que tinha noventa e tres palmos, pezava mais de oito arrobas; e eu vi huma pelle de huma cobra d'estas, que tinha quatro palmos de largo. Estas cobras tem as pelles cheias de escamas verdes, e amarellas, e azues, das quaes tirão logo huma arroba de banha da barriga, cuja carne os indios tem em muita estima, e os mamelucos pela acharem muito saborosa.

CAPITULO CX.

Que trata de algumas cobras grandes, que se crião nos rios da Bahia.

Sucurjiu he outra casta de cobras, que andão sempre na agua, e não sahem a terra, são muito grandes, e tem as escamas pardas, e brancas, das quaes matão os indios muitas de quarenta, e cincoenta palmos de comprido. Estas engolem hum porco da agua, cuja carne os indios, e os portuguezes comem, e dizem ser muito gostosa.

Bojuna he outra casta de cobras, que se crião na agua, nos rios do certão, as quaes são descompassadas de grandes, e grossas, cheias de escamas pretas, e tem tamanha garganta, que engolem hum negro sem o matarem em

em tanto, que quando o engolem, ou alguma alimaria, se metem na agua para o afogarem dentro, e não sahem da agua senão para remeterem com alguma pessoa, ou caça, que anda junto do rio, e com a pressa com que engolem a preza se embaração, e pejão, com que não pódem tornar para a agua, donde sahirão morrem em terra, e sahe-se a pessoa, ou alimaria de dentro viva; e afirmão os linguas, que houve indios, que estas cobras engolirão, que estando dentro da sua barriga tiverão acordo de as matar com huma faca, que levavão dependurada ao pescoço como costumão.

Nos rios e alagôas se crião humas cobras, a que os indios chamão *araboya*, que são mui grandes, que tem o corpo verde, e a cabeça preta, as quaes não sahem nunca a terra, e mantem-se dos peixes, e bichos, que tomão na agua, cuja carne os indios comem.

Ha outra casta de cobras, que se crião nos rios sem sahirem a terra, a que os indios chamão *taraiboia*, que são amarellas e muito compridas, e grossas, as quaes se mantem do peixe, que tomão nos rios, e são muito gordas, e boas para comer.

CAPITULO CXI.

Que trata das cobras de coral, e das gereraças.

PElos matos, e ao redor das cazas se crião humas cobras, a que os indios chamão *gereraças*, as maiores são de sete, e oito palmos de compridos, e são brancacentas nas costas, as quaes se põem ás tardes ao longo dos caminhos esperando a gente, que passa, e em lhe tocando com o pé lhe dão tal picada, que se lhe não acodem logo com algum defensivo, não dura o mordido vinte, e quatro horas. Estas cobras se põem tambem em ramos de arvores junto dos caminhos para morderem a gente, o que fazem muitas vezes aos indios, e quando mordem pela manhã, tem a peçonha mais força, como abibora, as quaes mordem tambem as egoas, e vaccas, do que morrem algumas, sem se sentir de que, senão depoisque não tem remedio. Tem estas cobras nos dentes prezas, com as quaes mordem de ilharga, e aconteceo na capitania dos Ilheos morder huma d'estas cobras hum homem por cima da bota,

ta, e não sentir couza que lhe doesse, e zombou da cobra, mas morreu ao outro dia, e vendendo-se o seu fato em leilão comprou outro homem as botas, e morreu em vinte, e quatro horas com lhe inchar a perna, pelo que se buscárão as botas, e achárão nellas a ponta do dente como de huma agulha, que estava metido na bota, no que se vio claro, que estas *gereraças* tem a peçonha nos dentes; estas cobras se crião entre pedras, e páos, podres, e mudão a pelle cada anno, cuja carne os indios comem.

Ububocas são outras cobras assim chamadas do tamanho das gereraças, mas mais delgadas, a que os portuguezes chamão de coral, porque tem cobertas as pelles de escamas grandes vermelhas e quadradas, que parecem coral, e entre huma escama, e outra vermelha, tem huma preta e pequena. Estas cobras não remetem á gente, mas se lhe tocão, picão logo com os dentes dianteiros, e são as suas mordeduras mais peçonhentas que as das geraraças, e de maravilha escapa pessoa dellas mordida. E quando estão enroscadas no chão parecem hum ramal de coraes, e houve homem, que tomou huma estando dormindo, e meteu-a no seio cuidando serem coráes, e não lhe fez mal, as quaes crião debaixo de penhascos, e da rama sêca.

CAPITULO CXII.

Em que se declara, que cobras são as de cascavel, e as dos formigueiros, e as que chamão boiopoitia.

B*Oifininga* quer dizer cobra, que tange, pela lingoa do gentio são pequenas, e muito peçochentas. Estas quando mordem; chamão-lhe os portuguezes cobras de cascavel, porque tem sobre o rabo huma pelle dura, a modo de reclamo, tamanha como huma bainha de gravanço, mas he muito aguda na ponta, que tem para cima, onde tem dois dentes, com que mordem, que são muito agudos. Esta bainha lhe retine muito quando andão, pelo que são logo sentidas, e não fazem dano. Afirmão os indios, que as cobras d'esta casta não mordem com a boca, mas com aquelle aguilhão farpado, que tem neste cascavel, o qual tambem retine fóra da cobra, e tem tantos reclamos, como a cobra tem de annos, e cada anno

lhe nascem hum, as quaes cobras mordem, ou picão com esta ponta do cascavel de salto.

Nos formigueiros velhos se criáo outras cobras, que se chamão *uboiara*, que são de tres até cinco palmos, e tem o rabo rombo na ponta da feição da cabeça, e não tem outra diferença, huma da outra, que a cabeça, boca, em a qual tem olhos, e são cegas, e sahem-se dos formigueiros, quando se elles enchem com a agua da chuva, e como se sahem fóra, ficão perdidas sem saberem, poronde andão, e se chegão a morder, são tambem muito peçonhentas. Estas cobras não são ligeiras como as outras, e andão muito de vagar, tem a pelle da côr acatasolada pela banda de cima, e pela debaixo são brancas, mantem-se nos formigueiros das formigas, quando as podem alcançar, e do seu mantimento donde tambem se sahem apertadas da fome.

Boitiapoias são cobras de cincoenta, a sessenta palmos de comprido, e muito delgadas, que não mordem a nada; porque tem o focinho muito comprido, e o queixo debaixo muito curto, onde tem a boca muito pequena, e não podem chegar com os dentes, a quem querem fazer mal, porque lho impede o focinho, mas para matarem huma pessoa, ou huma alimaria enroscão-se com ella, e apertão rijamente, e buscão-lhe com a ponta do rabo os ouvidos, pelos quaes lho metem com muita presteza, porque a tem muito dura, e aguda, e por este lugar matão á pressa, em que se depois desenfadão á vontade.

CAPITULO CXIII.

Em que se declara a natureza de cobras diversas.

Surucucu são humas cobras muito grandes, e brancas na côr, que andão pelas arvores, onde remetem á gente, e á caça, que passa por junto dellas, as quaes tem os dentes tamanhos, que quando mordem levão logo bocado fóra da carne. D'estas cobras são os indios muito amigos, e tomão-nas em humas armadilhas, que chamão mondeos, e se o macho acha alli a femea preza e morta, espera alli o armador, com quem se cinge, e não o larga atéque o mata, e torna e esperar alli atéque venha outra pessoa, a quem morde sómente, e com esta vingança se vai daquelle lugar.

Ha outra casta de cobras, a que os indios chamão *tiopurana*, que são de quarenta a cincoenta palmos de comprido, que não mordem, nem fazem mal a gente nenhuma, e mantem-se da caça, que tomão. Estas tomão os indios ás mãos quando são pequenas, e prendem-nas em caza, donde as crião, e se fazem tão domesticas, que vão buscar de comer ao mato, e tornão-se para caza, cuja carne he muito boa.

Caninão são outras cobras meás na grandeza, com a pelle preta nas costas, e amarella na barriga, as quaes crião em os concavos dos páos podres, e são muito peçonhentas, e os mordidos dellas morrem muito de pressa, se lhe não acodem logo.

Bojubu quer dizer cobra verde. Estas não são grandes, e criáo-se no campo, onde se mantem, e tomão o que podem colher de ratos. Estas tambem mordem gente, se podem, mas não são muito peçonhentas, as quaes se enroscão com as laranjeiras, e ratos, e com outros bichos, com que se atrevem, que tambem matão para comerem.

Ha outra casta de cobras a que os indios chamão *ubiracoa*, que são pequenas, e de côr ruiva, as quaes andão sempre pelas arvores, donde mordem no rosto, e pelos lugares altos das pessoas, e não se decem nunca ao chão, e se não acodem á mordedura d'estas com brevidade, he a sua peçonha tão fina, que faz arrebentar o sangue em tres horas por todas as partes, de que o mordido morre logo.

Urapiagáras são outras cobras, que andão pelas arvores, salteando passaros, e a comer-lhes os ovos nos ninhos, do que se mantem, as quaes não são grandes, mas muito ligeiras.

CAPITULO CXIV.

Que trata dos lagartos, e dos camelioes.

NAs lagôas, e rios de agua doce, se criáo huns lagartos a que os indios chamão *jaquaré*, dos quaes ha alguns do tamanho de hum homem, e que tem a cabeça como hum grande libreo; estes lagartos são todos cobertos de conchas muito rijas, os quaes não remetem á gente antes fogem della, e mantem-se do peixe, que tomão, e da herva, que comem ao longo da agua, e ha alguns negros,

que lhes tem perdido o medo, e se vão a elles chamando-os pelo nome, e vão-se chegando a elles, atéque os tomão ás mãos, e os matão para os comerem, cuja carne he algum tanto adocicada, e tão gorda que tem na barriga banha como porco, a qual he alva, e saborosa, e cheira bem. Os testiculos dos machos cheirão como o dos gatos de algalea, e as femeas cheira-lhe a carne junto do vazo muito bem.

No mato se crião outros lagartos, a que os indios chamão *senembuis*, que tambem são muito grandes, mas não tamanhos como os jacarés; estes remetem ás gentes, e crião-se nos troncos das arvores, cuja carne he muito boa, e saborosa.

Crião-se no mato outros lagartos tamanhos como os de cima, a que os indios chamão *tijuasu*, os quaes são mansos, e crião-se em covas na terra, mantem-se de frutas, que buscão pelo mato, cuja carne he havida por muito boa, e saborosa.

Pelos matos se crião outros lagartos pequenos pintados como os de Hespanha, a que os indios chamão *jácarépinima*, os quaes crião por entre as pedras, e em tocas de arvores, com os quaes tem as cobras grandes brigas.

Anijuacangas são outros bichos, que não tem nenhuma diferença dos camelioens, mas são muito maiores, que os de Africa, cuja côr naturalmente he verde, a qual mudão como fazem os de Africa, e estão logo prezos a huma janella hum mez sem comerem nem beberem, e estão sempre virados com o rosto para o vento, de que se mantem, e não querem comer couza, que lhe dêm, do que comem os outros animaes, são muito pezados no andar, e tomão-nos ás mãos sem se defenderem, os quaes tem o rabo muito comprido, e tem hum modo de prepatanas nelle como os cações.

CAPITULO CXV.

Que trata da diversidade das rãs, e sapos, que ha no Brazil.

CHamão os indios *cururus*, aos sapos de Hespanha, do que não tem nenhuma diferença, mas não mordem nem fazem mal estando vivos, mortos sim, porque o seu fel he peçonha mui cruel, e os figados, e a pelle o gentio

uza

uza, quando quer matar alguem. Estes sapos se crião pelos telhados, e em tocas de arvores, e buracos das paredes, os quaes tem hum bolso na barriga em que trazem os ovos, que são tamanhos como avelãs, e amarellos como gemas de ovos, onde se gerão os filhos, onde os trazem metidos, atéque são para buscar sua vida; estes sapos buscão de comer de noite, a quem os indios comem como as rãs, mas tirão-lhe as tripas, e forçura de maneira, que lhe não arrebente o fel, porque se arrebenta fica a carne toda peçonhenta, e não escapa quem a come, ou alguma couza da pelle, e forçura.

E porque as rãs são de diferentes feições, e costumes digamos logo de humas, a que os indios chamão *juiponga*, que são grandes, e quando cantão parecem caldeireiros, que malhão nas caldeiras; estas são pardas, e crião-se nos rios, onde desovão cada lua, as quaes se comem, e são muito alvas, e gostosas.

D'esta mesma casta se crião nas alagôas, onde desovão, emquanto tem agua, mas como se seca recolhem-se para o mato nos troncos das arvores, donde estão, atéque chove, e como as alagôas tem qualquer agua, logo se tornão para ellas, donde desovão, e os seus ovos são pretos, e de cada hum nasce hum bichinho com prepatanas, e rabo, e as prepatanas se lhe convertem nos braços, e os rabos se lhe convertem nas pernas. Emquanto são bichinhos lhe chamão os indios *juins*, do que ha sempre infinidade dellas assim nas alagôas, como nos remansos dos rios, do que se enchem balaios, quando as tomão, e para as limparem apertão-nos entre os dedos, e lanção-lhe as tripas fóra, e embrulhão-nas em folhas, e assão-nas no borralho, o qual manjar gabão muito os lingoas, que tratão com o gentio, e os mistiços.

Inigoa he outra casta de rãs, que são brancacentas, e andão sempre na agua, e quando chove muito, fallão de maneira, que parecem crianças, que chorão, as quaes se comem esfoladas, como as mais, e são muito alvas, e gostosas.

Ha outra casta de rãs, a que os indios chamão *inibi*, são muito grandes, e de côr preta, e desovão na agua como as outras, as quaes depois de esfoladas tem tamanho corpo como hum honesto coelho.

Cria-se na agua outra casta de rãs, a que os indios chamão *iniperega*, que saltão muito em tanto, que dão

sal-

saltos do chão acima dos telhados, onde andão no inverno, e cantão de cima, como chove, as quaes são verdes, e desovão tambem na agua em lugares humidos, e esfolão-nas, e comem-se como as outras.

Ha outra casta de rás, a que os indios chamão *inigoarangarai*, que são pequenas, e no inverno, quando ha de fazer sol, e bom tempo cantão toda a noite no alagadiço, onde se crião, o qual sinal he muito certo; estas são verdes, e desovão na agua, que corre entre junco, ou rama, e tambem esfoladas se comem, e são muito boas.

Como não ha ouro sem fezes, nem tudo he a vontade dos homens, ordenou Deos, que entre tantas couzas proveitozas para o serviço delle, como fez na Bahia, houvesse algumas immundicias, que os enfadasse muito, paraque não cuidassem, que estavão em outro paraizo terreal, de que diremos d'aqui por diante começando no capitulo seguinte das lagartas.

CAPITULO CXVI.

Que trata das lagartas, que se crião na Bahia.

Soqua chamão os indios á lagarta, que he tamanha como bichos de seda, quando querem morrer, que estão gordos, a qual se cria de borboletas grandes, que vão de passagem. A's vezes se cria esta lagarta com muita agua, e morre como faz sol, outras vezes se cria com grande sêca, e morre, como chove. Huma e outra destroe as novidades de mandioca, algodão, arroz, e faz mal á cana nova de assucar, e ás vezes he tanta esta lagarta, que vão as estradas cheias della, e deixão o caminho varrido da herva, e escaldado, e quando dão nas roças da mandioca sachão de maneira, que se ouve hum tiro de pedra; as quaes comem os olhinhos novos, e depois as outras folhas, e muitas vezes he tanta, que comem a casca dos ramos da mandioca, e se se não muda o tempo, destroem as novidades de maneira, que cauza haver fome na terra, e o chão, poronde passa esta praga, fica escaldado, aindaque seja mato, de maneira, que não cria herva em dois annos.

Imbua he outra casta de lagartas verdes pintadas de preto, e a cabeça branca, e outras pintadas de vermelho,

e preto, e rodas são tão grossas como hum dedo, e de meio palmo de comprido com muitas pernas, as quaes crestão a terra, e arvores, poronde passão.

Ha outras mais pequenas, que as de traz, que são pretas, de côr muito fina, todas cheias de pello tão macio como veludo, e tão peçonhenta, que faz inchar a carne, se lhe tocão, com cujo pello os indios fazem crescer a natura, e chamão a estas *socauna*.

Nos limoeiros, e outras arvores naturaes se crião outras *lagartas* verdes, todas cobertas de esgalhos verdes, muito sutis, e de estranho feitio, tão delgados como tris, ou cabello da cabeça, o que he impossivel poder-se contrafazer com pintura; estas tem os indios por mais peçonhentas, que todas, e fogem muito dellas, e afirmão, que fazem secar os ramos das arvores poronde passão com lhes morderem os olhos.

Em outras arvores, que se chamão *cajugeiros*, se crião humas lagartas ruivas tamanhas como as das couves em Portugal, todas cubertas de pello, as quaes como sentem gente debaixo, sacodem este pello de si, e na carne, aonde chega, se levanta logo tamanha inchação, que he peior, que a das ortigas, o que dura todo hum dia, e criáo-se estas nos ramos velhos.

CAPITULO CXVII.

Que trata das lucernas, e de outro bicho estranho.

NA Bahia se criáo huns bichos, a que os indios chamão *mamoas*, os quaes chamão em Portugal lucernas, e outros cagalume, que andão em noites escuras, assim em Portugal como na Bahia, em cujos matos os ha muito grandes, os quaes entrão de noite nas cazas ás escuras, onde parecem candeias muito claras, porque alumião huma caza toda em tanto, que ás vezes acorda huma pessoa de supito vendo a caza clara, deitando-se ás escuras, do que se espanta, cuidando ser outra couza, dos quaes bichos ha muita quantidade em lugares mal povoados.

Tambem se criáo outros bichos na Bahia muito estranhos, a que os indios chamão *buijeja*, que são do tamanho de huma lagarta de couve, o qual he muito resplandecente em tanto, que estando de noite em qualquer ca-

caza, ou lugar fóra della, parece huma candeia aceza, e quando anda, he ainda mais resplandecente. Tem este bicho huma natureza tão estranha, que parece encantamento, e tomando-o na mão parece hum rubim, mui resplandecente, e se o fazem em pedaços, se torna logo a juntar, e andar como d'antes, e sobre assinte, se vio por vezes em diferentes partes cortar-se hum d'estes bichos com huma faca em muitos pedaços, e se tornarem logo a juntar, e depois o embrulhárão em hum papel durante oito dias, e cada dia o espedaçavão em migalhas, e tornava-se logo a juntar, e reviver, atéque enfadava, e o largavão.

CAPITULO XCVIII.

Que trata da diversidade, e estranheza das aranhas, e dos lacráos.

NA Bahia se cria muita deversidade de aranhas, e tão estranhas, que convem declarar a natureza de algumas, e peguemos logo de humas, a que chamão *nhamduaçu*, as quaes são tamanhas como grandes carangueijos, e muito cabeludas e peçonhentas, remetem á gente de salto, e tem os dentes tamanhos como ratos, cujas mordeduras são mui perigozas, e criáo-se em páos podres no concavo delles, e no povoado em paredes velhas.

Há outra casta de aranhas, a que os indios chamão *nhanduí*, que são as acostumadas em toda a parte, ainda que não se criáo tantas como no Brazil com a humidade da terra, porque se não alimpão as cazas muitas vezes, não ha quem se defenda dellas. Estas fazem hum bolso na barriga muito alvo, queparece algodão de longe, que he do tamanho de dous reales, e de quatro, e oito reales, em o qual bolso criáo mais de duzentas aranhas, e como podem viver sem a mãi largão a bolsa de si com ellas, e cada huma vai fazer seu ninho, e como esta sevandija he tão nojenta escusamos de dizer mais della.

Suraju chamão os indios a hum bicho como os lacráos de Portugal, mas são tamanhos como camarões, e tem duas bocas compridas, e se mordem huma pessoa, está atormentando com ardor vinte quatro horas, mas não periga.

Criáo-se na Bahia outros bichos da feição dos lacráos, a que os indios chamão *nhanduabiju*, os quaes têm o corpo

po tamanho como hum rato, e duas cabeças tamanhas como de lagosta, os quaes são todos cheios de pello, e muito peçonhentos, cujas mordeduras são mui perigozas, e criáo-se em tocas de arvores velhas no podre dellas.

Não são para lembrar as immundicias, de que atéqui tratamos, porque são pouco danozas, e ao que se póde atalhar com alguns remedios, mas a praga das formigas não se póde compadecer, porque se ellas não forão, a Bahia se podéra chamar outra terra de promissão, das quaes começaremos a dizer d'aqui por diante.

CAPITULO CIX.

Que trata das formigas, que mais dano fazem, que se chamão usaubao.

MUito que dizer havia das formigas do Brazil, a que se deixa de fazer tão copiosamente como se podéra, por se escuzar proluxidade, mas diremos em breve de algumas começando, nas que mais dano fazem na terra, a que o gentio chama *usaubao*, que he a praga do Brazil, as quaes são como as grandes de Portugal, mas mordem muito, e onde chegão destroem as roças da mandioca, as hortas das arvores de Hespanha, as laranjeiras, romeiras, e perreiras. Se estas formigas não forão, houvera na Bahia muitas vinhas, e uvas de Portugal, as quaes formigas vem de muito longe de noite buscar huma roça de mandioca, e trilhão o caminho, poronde passão, como se fosse gente por elle muitos dias, e não salteão senão de noite; e por atalharem, a não comerem as arvores, a que fazem nojo, põem-lhe hum testo de barro ao redor do pé cheio de agua, e se de dia se lhe secou a agua, ou lhe cahio huma palha de noite, que atravesse, trazem taes espias, que são disso avizadas, e passa logo por aquella palha tamanha multidão dellas, que antesque seja manhã, lhe dão com toda a folha no chão, e se as roças, e arvores estão cheias de mato ao redor não lhe fazem mal, mas tantoque as vem limpas, como quem entende, de que tem gosto a gente disso, saltão nellas de noite, e dão-lhe com a folha no chão para a levarem para os formigueiros, e não ha duvida senão, que trazem espias pelo campo, que levão avizo aos formigueiros, porque se vio muitas vezes hirem tres e quatro formigas para os

formigueiros, e encontrarem outras no caminho, e virarem com ellas, e tornarem todas carregadas, e entrarem assim no formigueiro, e sahirem logo delle infinidade dellas a buscarem de comer á roça, onde forão as primeiras; e tem tantos ardís, que fazem espanto, e como se d'estas formigas não diz o muito, que dellas ha que dizer, he melhor não dizer mais senão, que se ellas não forão, que se despovoára mais parte da Hespanha para hirem povoar o Brazil, pois se dá nelle tudo, o que se póde dezejar, o que esta maldição impede de maneira, que tira o gosto aos homens de plantarem senão aquillo, sem o que não podem viver na terra.

CAPITULO CXX.

Em que se trata da natureza das formigas de passagem.

TEmos que dizer de outra casta de formigas mui estranha, a que os indios chamão *goajugoaju*, as quaes são pequenas, e ruivas, e mordem muito; estas de tempo em tempo se sahem da cova maiormente, depoisque chove muito, que torna a fazer bom tempo, que se lhe enche a a cova de agua, e dão em huma caza, aonde lhe não fica caixa em que não entrem, nem buraca, nem greta pelo chão, e pelas paredes, aonde matão as aranhas, e os ratos, e todos os bichos que achão, e são tantas, que os cobrem de improvizo, e entrão-lhe pelos olhos, narizes, e pelas partes baixas, e assim as levão para os seus apozentos, e a tudo o que matão, e como correm huma caza toda passão por diante a outra, onde fazem o mesmo, e a toda huma aldea, e são tantas estas formigas, quando passão, que não ha fogo, que baste para as queimar, e póem em passar por hum lugar toda huma noite, e se entrão de dia, todo hum dia, as quaes vão andando em ala de mil em cada fileira, e se as cazas, em que entrão, são terreas, e achão a roupa no chão, poronde ellas subão, fazem alevantar mui depressa a quem nellas jaz, e andar por cima das caixas, e cadeiras sapateando lançando-as fóra, e cossando, porque ellas em chegando cobrem huma pessoa toda, e se achão cachorros, e gatos dormindo, dão nelles de feição, e em outros animaes que fazem voar, e matão tambem as cobras, que achão descuidadas,

e

e vio-se por muitas vezes levarem-nas estas formigas a rastões infinidade dellas, e matão-nas primeiro entrando-lhe pelos olhos, e ouvidos, por onde as tratão, e mordem tão mal e de feição, que acabão.

CAPITULO CXXI.

Que trata da natureza das de certas formigas grandes.

NEsta terra se crião humas formigas grandes a que os indios chamão *guibuquibura*, que são as que em Portugal chamão agudes, mas são maiores. Estas sahem dos formigueiros depoisque chove muito, e vão vendo por certos lugares, onde enxameão grande soma de formigas, e quando lhe toca qualquer couza, ou lhe dá o vento, logo lhe cahem as azas, e morrem, e não póde ser menos d'estas enxamearem de vôo, porque em hortas cercadas de agua, que ficão em ilha, lhe arrebentão formigueiros dentro, estando antes a terra limpa dellas, e não podem passar por respeito da agua, que cérca estas hortas.

Crião-se na mesma terra outras formigas, a que os indios chamão *isans*, as quaes tem o corpo tamanho como passas de Alicante, e são da mesma côr, as quaes tem azas como os agudes, e tambem se sahem dos formigeiros depoisque chove muito a enxugar-se ao sol, e tem grande boca, e tão aguda, que cortão com ella como a tezoura o fato, a que chegão, e quando pegão na carne de alguma pessoa a ferem de maneira, que não se podem tirar senão cortando-lhe a cabeça com as unhas, as quaes se mantem de folhas de arvores, e de minhocas, e de outros bichinhos, que tomão pelo chão; estas formigas comem os indios torradas sobre o fogo, e fazem-lhe muita festa, e alguns homens brancos, que andão entre elles, e os mistiços, as tem por bom jantar, e o gabão de saboroso, dizendo, que sabem a passas de Alicante, e torradas são brancas por dentro.

Ha outras formigas, a que os indios chamão *tarusão*, que são ruivas, e tem o corpo tamanho com grão de trigo, e grande boca, as quaes são amigas das caixas, onde roem o fato que está nellas, e o que acháo pelo chão; em o qual fazem lavores, que parecem feitos á tezoura, e sucedeo muitas vezes terem os sapateiros o calçado fei-

to, e ficar nas encospeas no chão, onde lhe chegárão de noite, e quando veio pela manhã as achárão todas lavradas pela banda da flor, e a tinhão toda abocanhada.

CAPITULO CXXII.

Que trata de diversas castas de formigas.

U *Biraipu* he outra casta de formigas, que se criáo aos pés das arvores, são pardas, e pequenas, mas mordem muito, as quaes se mantem das folhas das arvores, e da podridão do concavo dellas.

Ha outra casta, a que os indios chamão *tariséma*; que se criáo nos mangues, que estão com a maré cobertos de agua até o meio, as quaes são pequenas, e fazem ninhos de terra, nestas arvores obrados como favo de mel; onde criáo, a qual terra vão buscar enxuta quando a maré está vazia, e mantem-se dos olhos dos mangues, e de ostrinhas, que se nelles criáo, e de huns caramujos, que se criáo nas folhas d'estes mangues, que são da feição, e natureza dos caracoes.

Tasibura he outra casta de formigas, que são pequenas do corpo, e tem grande cabeça com dous corninhos nella; são pretas, e mordem muito, e criáo-se nos páos podres, que estão no chão, e mantem-se delles, e da humidade, que estes páos tem em si.

Tapipitanga he outra casta de formigas pequenas, as quaes não mordem, não ha quem possa defender dellas as cauzas doces nem outras de comer. Estas se criáo pelas cazas em lugares ocultos, que se não podem achar, mas como as couzas doces, entrão em caza, logo lhe dáo assalto, com o que enfadáo muito, e são muito certas em cazas velhas, que tem as paredes de terra.

Ha outras formigas a que chamão os indios *tapiahi*, que são grandes, e pretas, e criáo-se debaixo do chão, tambem mordem muito, mas não se afastão muito do seu formigueiro.

CAPITULO CXXIII.

Em que se trata, que couza he o copi, que ha na Bahia, e dos carrapatos.

Copi são huns bichos, que são tão perjudiciaes como as formigas, os quaes arremedão na feição ás formigas, mas são mais curtos, redondos, e muito nojentos, e se lhe tocão com a mão logo se esborrachão, e ficão fedendo a percebejos, e são brancacentos. Estes bichos se crião nas arvores, e na madeira das cazas, onde não ha quem se defenda dellas, os quaes vem do mato por baixo do chão a entrar nas cazas, e trepão pelas paredes aos fórros, e emmadeiramento dellas, e fazem de barro hum caminho muito para ver, que vai todo coberto com huma abobada de barro de volta de berço, couza subtilissima, e tão delgada a parede della como casca de castanha, e servem-se por dentro, poronde sempre caminhão, huns para cima, e outros para baixo, e fazem nas partes mais altas das cazas seus apozentos pelas juntas de madeira em redondo, huns tamanhos como potes, e se se não tem muito tento nisto, destroem humas cazas, e comem-lhe a madeira, e apodrentão-na toda, e o muito feitio fazem nas arvores com que as fazem secar, e he necessario, que se alimpem as cazas delle de quando em quando, e quando lhe tirão fóra estes apozentos, estão todos lavrados por dentro como favo de mel, mas tem as cazas mais miudas, e todas estas cheias d'este copi, o qual lanção ás gallinhas com o que engordão muito.

Pelas arvores se cria outra casta de *copi* preto do tamanho, e feição do gorgulho, o que em Hespanha se cria no trigo; este morde muito e he mais ligeiro, que o de cima, e faz seus ninhos pelos ramos das arvores sêcas, e lavra-as todas por dentro.

Ha na Bahia muitos *carrapatos*, dos quaes se cria muita infinidade delles no mato nas folhas das arvores, e quem anda por baixo d'estas arvores leva logo o seu quinhão, dos quaes nasce grande comichão, mas como se untão com qualquer azeite logo morrem. D'estes carrapatos se gerão muitos na caça grande, e nas vaccas, onde se fazem muito grandes, mas ha huns passaros, de que dis-

dissemos atras, que os matão, que os esperão muito bem, e mantem-se disto.

Tambem se crião nas palmeiras huns caracoes do tamanho de oito reales, que são baixos, e enroscada a casca em voltas como a postura de huma cobra grande quando está enroscada, os quaes fazem mal aos indios se comem muitos, dos caracoes de Hespanha se crião, muitos nas arvores: e nas hervas.

CAPITULO CXXIV.

Que trata das pulgas, e piolhos, e dos bichos, que se crião nos pés.

PUlgas ha poucas no Brazil, a que os indios chamão *tungasu*, e nenhuns piolhos do corpo entre a gente branca, entre os indios se crião alguns nas redes, em que dormem, como estão sujas, os quaes são compridos com feição de pernas como os piolhos ladros, e fazem grande comichão no corpo.

Para se arrematar esta parte da informação dos bichos prejudiciaes, e de nenhuma utilidade, ou proveito que se crião na Bahia, convem, que se diga que são estes bichos tão temidos em Portugal, que se metem nos pés da gente, a que os indios chamão *jumgas*, os quaes são pretinhos pouco maiores que ouções. Crião-se em cazas despovoadas como as pulgas em Portugal, e em cazas sujas de negros, que as não alimpão, e dos brancos, que fazem o mesmo, maiormente se estão em terra solta, e de muito pó, em os quaes lugares estes bichos saltão como pulgas nas pernas descalças, mas nos pés he amorada, a que elles são mais inclinados maiormente junto das unhas; e como estes bichos entrão na carne logo se sentem como picada de agulha. Ha alguns, que doem ao entrar na carne, e outros, que fazem comichão como de frieiras, e não andão nas cazas sobradadas, nem nas terras, que andão limpas, nem fazem mal a quem anda calçado, aos preguiçozos, e sujos fazem estes bichos mal, aos outros homens não, porque em os sentindo os tirão logo com a ponta de hum alfinete como quem tira oução, e os que estão entre as unhas, doem muito ao tirar, porque estão metidos pela carne, os quaes se tirão em menos espaço de huma Ave Maria, e donde sahem fica huma covinha, aonde lhe

põem

põem huns pós de cinza, ou nada, e não se sente mais dôr nenhuma, mas os preguiçosos, e sujos, que nunca lavão os pés, deixão estar os bichos nelles, onde vem a crescer, e fazerem-se tamanhos como camarinhos, e da quella côr, porque estão por dentro cheios de lendeas, e como arrebentão e vão estas lendeas lavrando os pés, do que se vem a fazer grandes chagas.

No principio da povoação do Brazil vierão alguns homens a perder os pés, outros a encherem-se de boubas, o que não acontece agora, porque todos os sabem tirar, e não se descuidão tanto de si como fazião os primeiros povoadores.

D'aqui por diante vão arrimados os peixes, que se crião no mar da Bahia, e nos rios della.

Pois queremos manifestar as grandezas da Bahia de todos os santos, a fertilidade da terra, e abundancia dos mantimentos frutos, e caça, della convem, que se saiba se tem o mar tão abundoso de pescado, e marisco como tem a terra, do muito que se nella cria, como já fica dito, e porque havemos de satisfazer a esta obrigação gastando hum pedaço em relatar a diversidade de peixe, que este mar, e os rios, que nelle entrão, crião, comecemos logo no capitulo seguinte.

CAPITULO CXXV.

Que trata das balêas, que entrão na Bahia.

ENtendo, que cabe a este primeiro capitulo dizermos das *balêas*, que ha na Bahia, como do maior peixe do mar della, a que os indios chamão *Pirapeão*, das quaes entrão na Bahia muitas em o mez de Maio, que he o principio do inverno naquellas partes, onde andão até fim de Dezembro, que se vão, e neste tempo de inverno, que reina até o mez de Agosto, parem as femeas a abrigadas da terra da Bahia pela tormenta, que faz no mar largo, e trazem aqui os filhos, depoisque parem tres, ou quatro mezes, que elles tem disposição para seguirem as máis pelo mar largo, e neste tempo tornão as femeas a emprenhar, em a qual obra fazem grandes estrondos no mar, e emquanto as balêas andão na Bahia, foge o peixe do meio della para os baixos, e reconcavos, onde ellas não po-

podem andar, as quaes ás vezes pelo hirem seguindo dão em sêco, como aconteceo no rio de *Piraojão* o anno de 1580, que ficárão neste rio duas em sêco macho, e femea, as quaes foi ver quem quiz, e eu mandei medir a femea, que estava inteira, e tinha do rabo até á cabeça, setenta e tres palmos de comprido, e dezasete de alto, a fóra a que tinha metido pela vasa, em que estava assentada; o macho era sem comparação maior, o que se não pôde medir por a este tempo estar já despido da carne, que lhe tinhão levado para azeite, a femea tinha a boca tamanha, que vi estar hum negro metido entre hum queixo e outro cortando com hum machado no beiço debaixo com ambas as máos, sem tocar no beiço de cima, e a borda do beiço era tão grossa como hum barril de seis almudes, e o beiço debaixo sahia para fóra mais que o de cima tanto, que se podia arrumar de cada banda nelle hum quarto de meação, a qual balêa estava prenhe, e tirarão-lhe de dentro hum filho tamanho como hum barco de trinta palmos de quilha, e fez-se em ambas de duas tanto azeite, que fartárão a terra delle dous annos. Quando éstas balêas andão na Bahia, acampanhão-se em bandos de dez doze juntas, e fazem grande temor aos que navegão por ella em barcos, porque ândão urrando, e em saltos lançando a agua mui alta para cima, e já aconteceo por vezes espedaçarem barcos em que derão com o rabo, e matarem a gente delles.

CAPITULO CXXVI.

Que trata do espadarte, e de outro peixe não conhecido, que deu á costa.

ENtrão na Bahia no tempo das balêas outros peixes muito grandes, a que os indios chamão *pirapien* e os portuguezes *espadartes*, os quaes tem grandes brigas com as balêas, e fazem tamanho estrondo, quando pelejão alevantando sobre a agua tamanho vulto, e tanta della para cima, que parece de longe hum navio á vella; o que se vê de quatro legoas de espaço, e com esta revolta em que andão, fazem grande espanto ao outro peixe miudo com o que foge para os rios, e reconcavos da Bahia.

Aconteceo na Bahia em o verão do anno de 1584, onde chamão *Tapoam* ver hum grande vulto do mar fazen-

zendo grande marulho de diante apóz o peixe miudo, que lhe vinha fugindo para a terra até dar em sêco; e como vinha com muita força, varou em terra pela praia, donde se não póde tornar ao mar por vazar a maré, e lhe faltar a agua para nadar, ao que acodirão os vizinhos daquella comarca a desfazer este peixe, e se desfez em azeite todo, como faz a balêa, o qual tinha trinta e sete palmos de comprido, e não tinha escama, mas o couro muito grosso, e gordo, como toucinho de côr verdoenga, o qual peixe era tão alto, e grosso, que tolhia a vista do mar, a quem se punha detraz delle, cuja cabeça era grandissima, e tinha por natureza hum só olho no meio da frontaria do rosto, as espinhas, e ossos erão verdoengos: ao qual peixe não sabia ninguem o nome por não haver entre os indios nem portuguezes, quem soubesse dizer, que visse, nem ouvisse, que o mar lançasse outro peixe como este fóra, de que se admiravão muito.

CAPITULO CXXVII.

Que trata dos homens marinhos.

NÃo ha duvida senão, que se encontrão na Bahia, e nos reconcavos della muitos homens marinhos, a que os indios chamão pela sua lingoa *upupiara*, os quaes andão pelo rio da agua doce pelo tempo do verão, onde fazem muito dano aos indios pescadores, e mariscadores, que andão em jangadas; onde os tomão, e aos que andão pela borda da agua metidos nella, a huns, e outros apanhão, e metem-nos debaixo d'agua, onde os afogão: os quaes sahem a terra com a maré vazia afogados, e mordidos na boca, narizes e na sua natura, e dizem outros indios pescadores, que vírão tomar a estes mortos, que vírão sobre agua huma cabeça de homem lançar hum braço fóra della, e levar o morto, e os que isto vírão se acolhêrão fugindo á terra assombrados, do que ficárão tão atemorizados, que não quizerão tornar a pescar senão d'ahi a muitos dias, o que tambem aconteceo a muitos pretos de Guiné, as quaes fantasmas, ou homens marinhos matárão por vezes cinco homens indios, e já aconteceo tomar hum monstro destes dous indios pescadores de huma jangada, e levarem hum, e salvar-se o outro tão assombrado, que esteve para morrer, e alguns morrem dis-

disto, e hum mestre do assucar do meu engenho afirmou, que olhando da janella do engenho, que está sobre o rio, e de que gritavão humas negras huma noite, que estavão lavando humas fôrmas de assucar, e que vio hum vulto maior, que hum homem á borda d'agua, que se lançou logo nella, ao qual mestre de assucar as negras disserão, que aquella fantasma vinha para pegar nellas, e que aquelle era o homem marinho, as quaes estiverão assombradas muitos dias, e d'estes acontecimentos acontecem muitos no verão, que no inverno não falta negro algum.

CAPITULO CXXVIII.

Que trata do peixe serra, tubarões, tuninhas, e lixas.

A *Ragoagoay* he chamado assim pelos indios, o peixe; que os portuguezes chamão *peixe serra*, os quaes tem o couro, e feição dos tubarões, mas tem no focinho huma espinha de osso mui dura com dentes de ambas as bandas mui grandes, huns de meio palmo, e outros de mais, e de menos segundo o peixe he, a espinha de seis sete palmos de comprido, os quaes se defendem com ellas dos tubarões, e de outros peixes. Estes se tomão com anzol de cadeia em arpoeiras compridas, que largão para quebrar a furia e se vazar do sangue. Este peixe naturalmente he seco, e fazem-no em tassalhos para se secar, que serve par agente do serviço, e tem tamanhos figados; de que se tomão muitos de que se tirão trinta e quarenta canadas de azeite, que serve para a candeia, e para concertar o breo para os barcos, do figado sómente.

Uperu he o peixe a que os portuguezes chamão *tubarão* de que ha muita soma no mar da Bahia; estes comem gente se lhes chegão a lance, e andão sempre a caça do peixe miudo; aos quaes matão com anzois de cadeia com grandes arpoeiras como a peixe serra, em os quaes achão pegados os peixes romeiros, como nos do mar largo, cuja carne comem os indios, em tassalhos secos se gasta com a gente dos engenhos, os quaes tem tamanhos figados, que se tira delles vinte, e vinte e quatro canadas de azeite, cujos dentes aproveitão os indios, que engastoão nas pontas das flexas, e os que os tem são muito estimados delles.

Por

Por tempo de calma apparecem no mar da Bahia *tuninhas*, a que os indios chamão *pojuji*, dos quaes tambem foge o peixe miudo para os reconcavos, mas não se faz conta dellas para as matarem em nenhum tempo.

No mar da Bahia se crião muitas *lixas* maiores, que as de Hespanha, que apparecem em certa monção do anno, as quaes tem tamanhos figados, que se tira delles quinze e vinte canadas de azeite, as quaes andão ao longo da area, onde ha pouco fundo, e tomão-nas com arpeos, o que esperão bem, e sècas e escaladas, servem para a gente, que hade passar o mar.

CAPITULO CXXIX.

Que trata da propriedade do peixe boi.

GOaragoa he o peixe, a que os portuguezes chamão *boi*, que anda na agua salgada, nos rios juntos da agua doce, do que elles bebem, e comem de huma herva miuda como milhão, que se dá ao longo da agua, o qual peixe tem o corpo tamanho como hum novilho de dous annos, e tem dous cotos como braços, e nelles humas mãos sem dedos; não tem pés, mas tem o rabo á feição de peixe, cabeça e focinho como boi, tem o corpo muito massiço, e duas guellas, e huma só tripa, o qual tem os figados e bofes, e mais forçura como boi, e tudo muito bom; não tem escama, mas a pelle parda e grossa. A estes peixes matão com arpeos muito grandes atados a grandes arpoeiras, e mui fortes, e no cabo dellas atado hum barril, ou outra boia, porque lhe largão com o arpão a arpoeira, e o arpoador vai em huma jangada seguindo o rasto do barril, ou boia, que o peixe leva atraz de si com muita furia, atéque o peixe se vaza todo do sangue, e se vem acima da agua morto, o qual levão atado a terra, ou ao barco, onde o esfolão como novilho, cuja carne he muito gorda e saborosa, e tem o rabo como toucinho sem ter nelle nenhuma carne magra, o qual derretem como banha de porco, e se desfaz todo em manteiga, e he como a de porco, e tem muito melhor sabor: a carne d'este peixe em fresco cozida com coves, sabe á carne de vacca, e salpreza melhor, e adubada parece e tem o sabor de carne de porco, e feita em tassalhos, e posta ao fumo faz-se muito vermelha, e parece, e tem o

sabor cozida de carne de porco muito boa, e he feita toda em fevras com sua gordura misturada, e em fresca e salpreza, de vinha e alhos assada, parece lombo de porco, e faz-lhe vantagem no sabor; as mãos cozidas d'este peixe são como as de porco, mas tem mais que comer, o qual tem os dentes como boi, e na cabeça entre os miolos tem huma pedra tamanha como hum ovo de pata, feita em tres peças, a qual he muito alva e dura como o marfim, e tem grande virtude contra a dôr de pedra; as femeas parem huma só criança, e tem o seu sexo como outra alimaria, e os machos, tem os testiculos, e vergalho como boi; na pelle não tem cabello nem escama.

CAPITULO CXXX.

Que trata dos peixes pezados e grandes.

Beijupira he o mais estimado peixe do Brazil, tamanho, e da feição de solha, e pardo na côr, e tem a cabeça grande e gorda como toucinho, cujas escamas são grandes quando este peixe he o muito, e tem soberano sabor, a sua cabeça he quazi massiça, cujos ossos são muito tenros, e desfazem-se na boca em manteiga todos; as femeas tem as suas amarellas, e cada huma enche hum prato grande, as quaes são muito saborosas. Andão estes peixes pelos baixos ao longo da area, aonde esperão bem, que os arpoem; tambem morrem á linha, mas hão lhe ir andando com a linha para comerem a isca, e assim a vão seguindo, até que cahem no anzol, e assim não bolem comsigo, e porque ha poucos indios, que os saibão tomar morrem poucos.

Tapiysa he outro peixe assim chamado pelos indios em cuja lingoa, quer dizer olho de boi, pelo qual nome o nomeão os portuguezes; este peixe he quasi da feição do *boijupira* senão quanto he mais barrigudo, o qual tem tambem grandes ovas e muito boas, e morrem á linha, e he muito saboroso, e de grande estima.

Camoropi he outro peixe muito pezado, e saboroso, tamanho como huma pescada muito grande, e da mesma feição, mas cheio de escamas grossas do tamanho da palma da mão, e outras mais pequenas, e cortado em postas, está arrumado hum pedaço de espinhas grandes, e outro de carne, e no cabo tem muitas juntas como o savel;

vel; as femeas tem ovas tamanhas, que enchem hum grande prato cada huma dellas; e quando este peixe he gordo, he muito saboroso, o qual morre á linha no verão, e são muitos delles tamanhos, que dous indios não podem com hum ás costas atado a hum páo.

Ha outro peixe, a que os indios chamão *piragueira*; que são como os corcovados de Portugal, que se tomão á linha, os quaes são muito estimados, porque como são grandes, são muito saborosos em extremo.

Carapitanga são huns peixes, que pela lingoa do gentio, querem dizer vermelhos, porque o são na côr, os grandes, são como pargos, e os pequenos são como gorazes, mas mais vermelhos huns, e outros, e mais saborosos, os quaes morrem em todo o anno, e quando estão gordos não tem preço, e são sempre muito sadios. Estes peixes morrem á linha em honesto fundo, e ordinariamente em todo o anno morre muita soma delles, os quaes a seu tempo tem ovas grandes, e muito gostosas, e salprezo he estimado.

CAPITULO CXXXI.

Que trata das propriedades dos meros, cavallas, pescadas; e carcos.

Cunapu são huns peixes, que chamamos em Portugal *meros*, os quaes são mui grandes, e muitos morrem tamanhos, que lhe caberia na boca hum grande leitão de seis mezes, e por façanha se meteo já hum negrinho de tres annos dentro na boca de hum d'estes peixes, os quaes tem tamanhos figados como hum carneiro, e salpimentados são muito bons; e tem o bucho tamanho como huma grande cidra, que cozido e recheado dos figados, tem muito bom sabor; o couro d'este peixe he tão grosso, como hum dedo, e muito gordo, o qual se toma com qualquer anzol, e linha, sem trabalharem por se soltar delle, e no tempo das aguas vivas se tomão em humas tapajes de pedras e páos, a que os indios chamão camboas, onde morrem muitos, os quaes salprezos, são muito bons.

Genaa são huns peixes, a que os portuguezes chamão *pescadas bicudas*, que são pontualmente da feição das das ilhas Terceiras, mas muito maiores, e mais gostosas, as quaes se tomão a linha, e salprezas de hum dia, para outro, fazem as postas folhas como as boas pescadas de Lisboa, e em extremo são saborosas.

Tuarapicu são huns peixes, a que os portuguezes chamão *cavallas*, das quaes ha muitas, que começão a entrar na Bahia, no verão com os nordestes, e recolhem-se com elles com a criação, que desovárão na Bahia. São estes peixes maiores, que grandes pescadas, mas da feição e côr de saveis, os quaes não comem a isca estando queda, pelo que os pescadores vão andando sempre com as jangadas, e acodem então á isca, e pegão do anzol, que he grande, e por trabalhar muito como se sente prezo. Este peixe he muito saboroso, e quando está gordo sabem as suas ventrechas a savel, cujo rabo he grodissimo, e tem grandes ovas em extremo saborosas; os seus ossos dos focinhos se desfazem todos entre os dentes em manteiga, e salprezo, este peixe he muito gostoso, e se faz todo em folhas como pescada, mas he muito avantajado no sabor e linidão.

Chamão os indios *gucara*, ao que os portuguezes chamão *carco*, que he peixe lango branco prateado e tezo, o qual quando he gordo he em extremo saboroso, e tem nas pontas das espinhas nas costas huns ossos alvos e tonelados tão grossos no meio como avelãs, mas compridos, o qual peixe morre á linha, e em redes em todo o anno, e além de ser gostoso he muito sadio.

CAPITULO CXXXII.

Em que se trata dos peixes de couro, que ha na Bahia.

Anapana he huma casta de cações, que em tudo o parecem senão quanto tem na ponta do focinho huma roda de meio compasso de palmo e meio, e de dous palmos, o qual peixe tem grandes figados como tubarões, e os grandes tomão se com anzoes de cadeia, os pequenos á linha, e em redes de mistura, e outro peixe; comem-se os grandes secos em tassalhos, e os pequenos frescos, e são muito gostosos, e leves, frescos e secos.

Aos cações chamão os indios *socori*, do que ha muitos na Bahia, que se tomão em redes e á linha, e os pequenos são mui leves, e saborosos, e huns e outros, não tem na feição nenhuma diferença, dos que andão e se tomão em Hespanha.

Ha

Ha outro peixe, a que os indios chamão *guris*, e os portuguezes *bagres*, tem o couro prateado sem escama tomão-se á linha, o qual tem a cabeça como enxarroco, mas muito dura, e tem no miolo della humas pedrinhas brancas muito lindas; este peixe se toma em todo o anno, e he muito leve, e gostoso.

Ha outra casta de *bagres*, que tem a mesma feição; mas tem o couro amarello, a que os indios chamão *virutus*, e tambem morrem em todo o anno á linha da boca dos rios para dentro até onde chega a maré, cujas pelles se pegão muito nos dedos, e não são tão saborosos como os bagres brancos.

Chamão os indios ás moreas *caramaru*, das quaes ha muitas, muito grandes, e muito pintadas, as quaes mordem muito, e tem muitas espinhas, e são muito gordas, e saborosas; não as ha se não junto das pedras, onde as tomão ás mãos.

Arraias ha na Bahia muitas, ás quaes chamão os indios *jabubira*, e são de muitas castas, como as de Lisboa, e morrem á linha, e em redes, ha humas muito grandes, e outras pequenas, são muito saborosas e sadías.

CAPITULO CXXXIII.

Que trata da natureza das albocoras, bonitos, douradas, curvinas, e outros.

Atucapireena he hum peixe, que arremeda as curvinas de Hespanha, o qual morre no verão da boca dos rios para dentro até onde chega a maré, e tem huma côr amarellaça; em fresco tem a carne molle, salprezo faz-se em folhas como pescada, e he muito gostoso. Este peixe tem na cabeça metidas nos miolos duas pedras muito alvas, do tamanho de hum vintem, e morrem á linha, do que ha muitos por estes rios.

Bonitos entrão tambem na Bahia no verão muita soma, que morrem á linha, são como os do mar largo, e tem-se em pouca estima; tambem entrão na Bahia no verão muitas douradas, que são da feição das do mar largo, mas mais sêcas, morrem á linha, e não he havido por bom peixe, e tem a espinha verde.

No mesmo tempo entrão na Bahia muitas *albocoras*, a que os indios chamão *caraoata*, que são como as que se-

seguem os navios, mas tem bichos nas ventrechas, que se lhe tirão, que são como os que se crião na carne, o qual peixe he seco, e toma-se á linha.

Piracuca chamão os indios as *garoupas*, que são como as das ilhas, mas muito maiores, tomão-se á linha, tem o peixe molle, mas em fresco he saboroso, e sadio, e sêco tambem.

Camuris são huns peixes assim chamados pelos indios, que se parecem com os *roballos* de Portugal, os quaes são poucas vezes gordos, e nenhumas estimados, morrem á linha das bocas dos rios para dentro até onde chega a maré.

Abroteas morrem na Bahia, que são pontualmente como as das ilhas Terceiras, pescão-se onde o fundo seja de pedra, he peixe molle, mas muito sadio, e saboroso.

Ha outro peixe na Bahia, a que os indios chamão *ubaranas*, que se parecem com *tainhas*, os quaes morrem em todo o anno á linha, tem muitas espinhas farpadas como as do savel, e he peixe muito saboroso, e sadio.

Goaivicoara são huns peixes, a que os indios chamão *roncadores*, porque roncão debaixo d'agua, dos quaes morrem em todo o anno muitos á linha, e he peixe leve, e muito estimado.

Sororocas são outros peixes da feição, e tamanho dos *chicharros*, que vem no verão d'arribação á Bahia, e de traz ellas as *cavallas*, de que dissemos atraz, morrem á linha, e são de pouca estima; chamão os indios ao peixe agulha *timoem*, que morrem á linha no verão, e ha alguns de cinco seis palmos de comprido, são muito gordos, e de muitas espinhas, as quaes são muito verdes, e ha d'esta casta muitos peixes pequenos de que fazem a isca para as cavallas.

Maracugarata he hum peixe, a que os portuguezes chamão *porco*, porque roncão no mar como porco, são do tamanho, e feição dos *sargos*, mas muito carnudos, e tezos e de bom sabor, tem grandes figados, e muito gordos, e gostosos, e em todo o anno se toma este peixe á linha; chamão os indios ás tartarugas, *griscoas*; tomão se muitas na costa brava tamanhas, que as suas cascas são do tamanho de adargas, ás quaes põem nos areaes infinidade de ovos, dos quaes se comem sómente as gemas, por que as claras ainda que estejão no fogo oito dias a cozer, ou assar não se hão de coalhar nunca, e sempre estão como as dos ovos de gallinhas crus.

CA-

CAPITULO CXXXIV.

Em que se contem diversas castas de peixes, que se tomão em redes.

ALém dos peixes, que morrem nas redes de que fica dito atraz se toma nellas, o que contem neste capitulo, que não morre á linha; e comecemos logo no principal, que são as *tainhas*, a que os indios chamão *paratis* do que ha infinidade dellas na Bahia, com as quaes sêcas se mantem a gente dos engenhos, e dos navios do reino de que fazem matalotagem para o mar; estas tainhas se tomão em redes porque andão sempre em cardumes, e andão na Bahia ordinariamente a ellas mais de cincoenta redes de pescar, e são estas tainhas, nem mais nem menos, como as de Hespanha, mas muito mais gostosas e gordas, das quaes sahem logo em hum lanço tres quatro mil tainhas, que tambem tem boas ovas, e de noite com aguas vivas as tomão os indios com humas redinhas de mão, que chamão *pusas*, que vão atadas em huma vara arcada, e ajuntão-se muitos indios, e tapão a boca de hum esteiro com varas e rama, e como a maré está cheia, tapão-lhe a porta, e põem as redinhas ao longo da tapagem quando a maré vaza, e outros, batem na agua no cabo do esteiro, para que se venhão todas abaixo meter nas redes, e d'esta maneira carregão huma canoa de tainhas, e de outro peixe, que entra no esteiro.

Ha outro peixe, que morre nas redes, a que os indios chamão *zabucai*, e os portuguezes *gallo*, o qual he alvacento, muito delgado, e largo, com huma boca pequenina, e faz na cabeça huma feição como crista, e nada de peralto; este peixe he muito leve, e saboroso.

Taceira quer dizer, enxada, que he o nome, que tem outro peixe, que morre nas redes, que he quazi quadrado muito delgado pela banda da barriga, e grosso pelo lombo, o qual tambem nada de peralto, e he muito saboroso, e leve.

Chamão os indios *coirisma*, a outros peixes da feição de tainhas, que morrem nas redes, que tem o mesmo sabor, mas são muito maiores, e quando são gordas, estão cheias de banhas, e são muito gostosas, e tem grandes ovas, as quaes morrem nas enseadas.

Arcburi he hum peixe de arribação, da feição das *savelhas* de Lisboa, e assim cheias de espinhas, as quaes salprezas arremedão as sardinhas de Portugal no sabor; e tomão-se em redes.

Carapebas são huns peixes, que morrem nas redes; em todo o anno, são gordos, saborosos, e leves.

CAPITULO CXXXV.

Que trata de algumas castas de peixe medicinal.

Agoaraça he hum peixe, que morre á linha tamanho como *cachuchos*, e tem a côr de peixe cabra, e feição de salmonete, tem os figados vermelhos como lacre; a carne d'este peixe he muito teza, muito saborosa, e são tão leves, que se dão aos doentes. Tomão-se na Bahia, outros peixes, que são pontualmente na feição, côr, e sabor dos salmonetes de Hespanha, os quaes morrem á linha junto das pedras, e são tão leves, que se dão aos doentes.

Piraça que he hum peixe da feição dos *safios* de Portugal, o qual não tem escama, morre á linha, em todo o anno, he peixe saboroso, e muito leve para doentes.

Bodiains he hum peixe de linha, que se dá na costa das ilhas, dos quaes ha muitos na Bahia, he peixe molle, mas muito gostoso, e leve.

Atucupaapoa são huns peixes pequenos, e largos como *chopas*, que morrem a linha, quando he gordo, he muito saboroso; estes peixes nascem no inverno com agua do monte, no ceo da boca tem huns carrapatos, que lhe comem todo o ceo da boca, os quaes lhe morrem no verão em que lhe torna a encourar a chaga, que lhos bichos fazem; este peixe se dá aos doentes.

Goayibicoati são huns peixes azulados pequenos, que se tomão á cana das pedras, que são em todo o anno muito gordos, e saborosos, e leves para doentes; e outros muitos peixes, que ha muito medicinaes para doentes, e de muita substancia, e por não enfadar, não digo delles.

CAPITULO CXXXVI.

Que trata de natu, e de alguns peixes, que se crião na lama, e andão sempre no fundo.

URamasa he huma casta de peixe da feição de *lingoados* de Portugal, o qual se toma debaixo da vasa, ou com redes, cujo sabor não he muito bom, e se o cozem, ou assão sem o açoutarem faz-se em pedaços. Nos arrecifes se tomão muitos *polvos*, que são como os de Hespanha sem nenhuma diferença, que os indios chamão *caiacanga*, os quaes não andão nunca de cima d'agua, e tomão-se de baixamar, da maré de aguas vivas nas concavidades, que tem os arrecifes, onde ficão com pouca agua, e de noite se tomão melhor com fachos de fogo.

Aimores he hum peixe, que se cria nas vasas dos rios da agua salgada, onde se tomão nas covas da vasa, os quaes são da feição e côr dos *enxarrocos*, e são escorregadios como elles, e tem a cabeça da mesma maneira, são sobre molle, mas muito gostosos cosidos e fritos, e mui leves, mas as suas ovas são pequenas, e gostosas, mas são tão peçonhentas, que de improviso fazem mal a quem as come, e fazem arvoar a cabeça, e dor de estomago, e vomitar, e grande fraqueza, mas passa este mal logo.

Chama o gentio *aimiroxos*, a outro peixe, que se cria na vasa dos mesmos rios do salgado, que são da feição dos *eirós* de Lisboa, mas mais curtos, e assim escorregadios. Estes quando estão ovados, tem as ovas tão compridas, que quasi lhe chegão á ponta do rabo, e são muito saborosas, e o mesmo peixe, mas as ovas são peçonhentas, e de improviso se acha mal quem as come, como as dos aimores, mas o peixe he muito gostoso, e sadio.

Baiaqu he hum peixe, que quer dizer *sapo*, da mesma côr e feição e mui peçonhento, maiormente a pelle e os figados e fel, ao qual os indios com fome esfolão, e tirão-lhe o peçonhento fóra, e comem nos, mas se lhe derrama o fel, ou lhe fica alguma pelle incha quem os come até rebentar; com os quaes peixes assados matão os ratos, os quaes andão sempre no fundo da agua.

Piraquiroa he hum peixe, da feição de hum *ouriço cacheiro*, todos cheios de espinhas tamanhos como alfinetes grandes. os quaes tem pegados na pelle por duas pontas comque estão arreigados, tomão-se em redes, os quaes andão sempre ao longo da area, no fundo, a quem os indios esfolão, e comem-lhe o peixe.

Bacupua he hum peixe, da feição do *enxarroco*, nos hombros e na cabeça, mas tem a boca muito pequena, e redonda, e he dos hombros para baixo muito estreita, delgado e duro, como nervo, e as prepetanas do rabo são duras e grossas, e na despedida do rabo tem duas pernas como rãs, e no fim dellas duas perpretanas duras como as do rabo, e debaixo na barriga tem dous bracinhos curtos, e nelles maneira de dedos, e tem as costas cheias de carne como ostrinhas, e da cabeça lhe sahe hum corno de comprimento de hum dedo, mas delgado, e duro como osso, e muito preto, e o mais he côr vermelhaça, e tem na barriga debaixo das mãos dous braços. Este peixe não nada, mas anda sempre pela area sobre as mãos, onde ha pouca agua, ao qual os indios comem esfolado, quando não tem outra couza.

CAPITULO CXXXVII.

Que trata da qualidade de alguns peixinhos, e dos camarões.

Miracaia he hum peixe, assim chamado dos indios, da feição de *choupinhas*, que se tomão á cana nos rios do salgado, são tezos, de fraco sabor, em cujas bocas se crião no inverno com as cheias bichos como minhocas, que lhe morrem no verão.

Piraqueiras são huns peixinhos, como os *peixes reis* de Portugal, e como as ruivaças, de agua doce, os quaes se tomão na agua salgada em camboas, que são humas cercas de pedra ensoça, onde estes peixinhos vem recolher fugindo do peixe grande, e ficão com a maré vazia dentro nas poças, onde se enchem balaios delles, e em certo tempo trazem os indios d'estes lugares sacos cheios d'estes peixinhos.

Pequitins são huns peixinhos muito pequininos, que se tomão em poças d'agua, onde ficão com a maré vazia,

e são tamaninos, que os indios assão mil juntos, embrulhados em humas folhas debaixo do burralho, e ficão depois de assados todos pegados de feição de huma maçaroca.

Carapiasaba são huns peixinhos, que se tomão á cana, os quaes são redondos como chopinhas, e pintados de pardo e amarello, e são sempre gordos, e muito bons para doentes, e a fóra estes peixinhos ha mil castas de que se não faz menção por escuzar proluxidade, mas está entendido, que aonde ha tanta diversidade de peixes grandes, haverá muito mais de pequenos.

Potepimas chamão os indios aos *camarões*, que são como os de villa Franca, os quaes tem as unhas curtas as barbas compridas, e são esborrachados na feição, tem a casca branda, e são mui saborosos; crião-se estes nos esteiros d'agua salgada, e tomão-se em redinhas de mão, e nas redes de pescar, vem de mistura com o outro peixe.

CAPITULO CXXXVIII.

Que trata da natureza dos lagostins, e usas.

AOs *lagostins* chamão o gentio *potique quia*, os quaes são de maneira das lagostas, mas mais pequenos alguma couza, e em tudo o mais tem a mesma feição e feitio, e crião-se nas concavidades dos arrecifes, onde se tomão em conjunção das aguas vivas muito em seu tempo, que he a lua nova, estão melhores, que na da lua cheia, em o qual estão cheios de coraes muito grandes, as femeas, e os machos são muito gordos, e para se tomarem bem estes lagostins, hade ser de noite, com fachas de fogo.

O marisco mais proveitoso á gente da Bahia, são huns caranguejos, a que os indios chamão *usas*, os quaes são grandes, e tem muito, que comer, e são mui sadios para mantensa dos escravos, e gente do serviço; estes caranguejos se crião na vasa entre os mangues de cuja folha se mantem, e tem coraes huma só vez no anno, e como desovão pellão a casca assim os machos, como femeas, e nasce-lhe outra casca por baixo, e em quanto a tem molle estão por dentro cheios de leite, e fazem dor de barriga, a quem os come; e quando as femeas estão com coraes, os machos estão mui gordos, tanto que pa-

re-

rece o seu casco estar cheio de manteiga, e quando assim estão são mui gostosos, os quaes se querem antes assados, que cozidos, tem estes caranguejos no casco hum fel grande, e bucho junto á boca comque come, a qual amarga muito, e he necessario tira-lo atento, porque não faça amargar o mais. Estes *usas* são infinitos, e faz espanto a quem atenta por isso, e he não haver quem visse nunca caranguejos d'esta casta quando são pequenos, que todos aparecem, e sahem das covas da lama, onde fazem sua morada do tamanho, que hão de ser, das quaes covas os tirão os indios mariscadores com o braço nû, e como tirão as femeas fóra as tornão logo a largar, para que não acabem, e fação criação, e estes caranguejos tem as pernas grandes, e duas bocas muito maiores com que mordem muito, em as quaes tem tanto, que comer como as das lagostas, o que se dellas come, e o mais do caranguejo he muito gostoso, e não ha muitos nas fazendas da Bahia, que não mande cada dia hum indio a mariscar d'estes caranguejos, e de cada engenho vão quatro e cinco d'estes mariscadores, com os quaes dão de comer a toda a gente de serviço, e não ha indio d'estes, que não tome cada dia trezentos e quatrocentos caranguejos, que trazem vivos em hum cesto serrado feito de verga delgada, a que chamão samura, e recolhem em cada samura d'estas hum cento, pouco mais ou menos.

CAPITULO CXXXIX.

Que trata de diversas castas de caranguejos.

HA outros caranguejos, a que os indios chamão *serizes*, que tem outra feição mais natural como os caranguejos de Portugal, mas são muito maiores, e tem as duas bocas muito compridas, e grandes, e os braços dellas quadrados, em o que tem muito, que comer. Estes desovão em cada lua nova, em a qual as femeas tem grandes coraes vermelhos, e os machos os tem brancos, e estão muito gordos, os quaes huns, e outros tem muito que comer, e em todo o tempo são mui gostosos, e sadios; crião-se na praia da area, dentro na agua, onde os tomão ás mãos quando a maré enche, e não tem fel como as usas.

Cri-

Crião-se outros caranguejos na agua salgada, a que os indios chamão *guoaia*, estes são compridos, e tem as pernas curtas, e pequenas bocas, são muito poucos, mas muito bons.

Aratus são outros caranguejos pequenos, como os de Portugal, que se tomão no rio de Sacavem em Lisboa, crião-se entre os mangues, de cuja folha e casca se mantem, e sempre lhe estão roendo nos pés, dos quaes ha infinidade, mas tem a casca molle, e em seu tempo huma vez no anno tem as femeas coraes, e os machos estão muito gordos, e huns, e outros são sadios, e gostosos.

Ha outros caranguejos, a que os indios chamão *goaiacera*, que se crião nos rios, onde ha agua doce, se mistura com a salgada, os quaes são mui lizos, e de côr apavonada, e tem o casco redondo, as pernas curtas, e são poucos, e gostosos.

Ha outros caranguejos, a que os indios chamão *guoaracusa*, são outros caranguejos, que se crião dentro da area, que se descobre na vazante da maré, os quaes são pequenos e brancos, e tem as covas muito fundas, e andão sempre pelas praias em quanto não vêm gente, e como a sentem se metem logo nas covas, e aconteceo já fazer hum negro tamanha cova para tirar hum caranguejo, que lhe cahia area em cima de maneira, que não póde tirar a cabeça, e afogou-se, no que os indios tomão tanto trabalho, porque lhe serve esta guoarausa de isca, que o peixe come bem, os quaes tem a casca muito molle ordinariamente, e não se comem por pequenos.

CAPITULO CXL.

Que trata das qualidades das ostras, que ha na Bahia.

AS mais fermozas ostras, que se crião na Bahia são as do Brazil, e infinidade dellas, como se vê na Bahia, onde os indios lhe chamão *keriuasu*, as quaes estão sempre muito cheias, e tem ordinariamente grandes miolos, e em algumas partes os tem tamanhos, que se não podem comer, senão cortados em talhadas, as quaes cruas, assadas e fritas são muito gostosas, as boas se dão dentro da vasa no salgado, e pelos rios donde se junta a agua doce com a salgada se crião muitas na vasa muito grandes, mas quando

do ha agua do monte estão mui doces, e sem sabor e ha tantas ostras na Bahia, e em outras partes, que se carregão barcos dellas muito grandes, para fazerem cal das cascas de que se faz muita, e muito boa para as obras, a qual he muito alva, e ha engenhos, que se gastou nas obras delles mais de tres mil moios de cal d'estas ostras, as quaes são muito mais sadias, que as de Hespanha.

Nos mangues se crião ourras ostras pequenas, a que os indios chamão *kerimirim*, e crião-se nas raizes e ramos delles, até onde lhe chega a maré de preamar, as quaes raizes e ramos estão tão cobertas d'estas ostras, que senão enxerga o páo, e estão humas sobre outras, as quaes são muito gostosas, e nunca se acabão, porque tiradas humas lhe nascem outras logo, e em todo o tempo são boas, e muito leves.

Ha outras ostras, a que os indios chamão *leripebas*, que se crião em baixos de areas de pouca agua, as quaes são como as salmoninas, que se crião no rio de Lisboa, defronte do Barreiro, da feição de *vieiras*, estas leripebas, he hum marisco de muito gosto, e estão na conjunção da lua nova muito cheias, cujo miolo he sobre o tezo, e muito excellente, em as quaes se achão gráos de aljofar pequenos, e crião-se logo serras d'estas laripegas humas sobre outras, muito grandes, e já aconteceo decer com a maré serras dellas, até defronte da cidade, e que a gente della e do seu limite, teve que comer mais de dous annos.

CAPITULO CXLI.

Que trata de outros mariscos, que ha na Bahia.

NA Bahia se crião outras sortes de mariscos miudos debaixo da area, primeiramente *sernambis*, he marisco, que se cria na vasa, que são como as *ameijoas* grandes de Lisboa, mas tem a casca muito redonda e grossa, e tem dentro grande miolo de côr parda, que se comem assadas e cozidas, mas o milhor d'este marisco he frito, porque se lhe gasta no fogo a muita tinta que tem, e hum cheiro a fortum, que assadas e cozidas tem, e de toda a maneira he pezado este marisco.

Em os baixos da area, que tem a Bahia se cria outro marisco, a que os indios chamão *tarçobas*, que são da fei-

feição, e tamanho das *ameijoas* de Lisboa, e tem o mesmo gosto, e sabor, assim cruas, como abertas no fogo, as quaes se tirão debaixo da area, e tem-se em caza na agua salgada vivas, quinze e vinte dias, as quaes além de serem maravilhosas no sabor, são muito leves.

Criáo-se na vasa da Bahia infinidade de *mexilhões* a que os indios chamão *sururus*, que são da mesma feição, tamanho, e sabor dos mexilhões de Lisboa os quaes tem caranguejinhos dentro, e o mais que tem os de Lisboa, e com o minguante da lua estão muito cheios.

Dos *berbigões* ha grande multidão na Bahia, nas praias da area, a que os indios chamão *saranamitinga*, que são da mesma feição dos de Lisboa, mas tem a casca mais grossa, e são mui pequenos, comem-se abertos no fogo, e são mui gostosos, e tambem crus, mas tem hum certo sabor, que requeimão algum tanto na lingoa.

Nas enseiadas da Bahia na vasa dellas se cria outro marisco, a que os indios chamão *goaripoapem*, a que os portuguezes dizem *lingoeirões*, os quaes são tão compridos como hum dedo, e mais, e da mesma grossura, e tem hum miolo grande, e mui gostoso, que se come aberto no fogo, e a casca se abre como as ameijoas.

CAPITULO CXLII.

Que trata da diversidade de buzios, que se crião na Bahia.

Papesi são huns *buzios* tamanhos de palmo e meio, e tem huma borda estendida para fóra ao comprimento do buzio de hum couto de largo, os quaes são algum tanto baixos, e tem grande miolo, que os indios comem, mas he muito tezo, os quaes buzios servem aos indios de buzinas, e crião-se na area, e no miolo tem huma tripa cheia della, que se lhe tira facilmente.

Ha outros buzios, a que os indios chamão *oatapesi*, que são tamanhos como huma grande cidra, e pontagudos no fundo, e roliços, com grande boca; estes tem grande miolo bom para comer, e algum tanto tezo, o qual tem huma tripa cheia de area, que se lhe tira bem, e estes buzios furão os indios pelo pé, por tangerem com elles, e não ha barco, que não tenha hum, nem caza de indios, onde não haja tres, e quatro comque tangem, os

quaes soão muito mais, que as buzinas, e criáo-se estes buzios na area.

Tambem se criáo na area outros buzios, a que os indios chamão *jatetaosu*, que são tamanhos como huma pinha, e maiores, e no que a boca abre para fóra, são mui formosos, cujo miolo he grande e saboroso, sobre o tezo, onde tem huma tripa cheia de area, que tambem servem de buzinas aos indios.

Perigoas são outros buzios, que se criáo na area tamanhos como nozes, e maiores, são brancos, cheios de bichos muito bem afeiçoados, os quaes tem hum miolo dentro, que cozidos, e assados se lhe tira com a mão muito bem, e tem huma tripa cheia de area facil de tirar. Este marisco he de muito gosto, e leve de que ha muita soma, e com a tormenta lança-os o mar fóra nas enseiadas.

Ha outros buzios, a que os indios chamão *ticoarapoa*, tamanhos como hum ovo, com hum grande bico no fundo, e são muito alvos, lavrados em caracol por fóra, tem miolo grande com tripa como est'outros, que se lhe tira, o qual he muito saboroso, que se cria tambem na area, de que ha muita quantidade.

Sacurauna he outra casta de buzios, que se cria na area, tamanhos como peras pardas, que são asperos por fóra, e tem grande miolo, mas sobre o duro, e tambem tem tripa de area.

Ha outros buzios, que se criáo na area, a que os indios chamão *cacare*, que são muito lizos, e pintados por fóra, os quaes tem grande miolo, e sobre o tezo. Estes buzios são os com que as mulheres burnem, e assentão as costuras.

Ticoeraauna são huns buzios pequenos, da feição de caramujos, pintados por fóra, e outros compridos, tambem pintados, que servem de tentos, os quaes se criáo nas folhas dos mangues, como caracoes, e cozidos tirão-se com alfinetes como caramujos, e são muito bons, e saborosos, outras; muitas castas ha d'estes buzios pequenos, que por atalhar a proluxidade se não diz aqui delles.

CAPITULO CXLIII.

Em que contem algumas estranhezas, que o mar cria na Bahia.

ASsim como se na terra criáo mil immundicias de bichos prejudiciaes ao remedio da vida humana, como atraz no titulo das alimarias fica declarado, da mesma maneira se criáo no mar, como se verá pelo que se neste capitulo contem.

Pinda chamáo os indios aos *ouriços*, que se criáo no mar da Bahia, que são como os da costa de Portugal, os quaes se criáo em pedras, e náo uza ninguem delles para se comerem, nem para outra couza alguma, que aproveite para nada; lança este mar fóra muitas vezes com tromenta humas *estrellas* da mesmas feição, e tamanho das que lança o mar de Hespanha, as quaes náo servem para nada, a que os indios chamáo *tasi*.

Tambem este mar lança fóra pelas praias *alforrecas*, ou *coroas de frades*, como aquellas, que sahem no rio de Lisboa na praia de Belem, e outras partes; e na Bahia sahem ás vezes juntas duas, e tres mil dellas a que os indios chamáo *muziqui*.

Muitas vezes se acha pelas praias da Bahia huma couza preta mui linda, como figado de vacca, com o que se enganárão muitos homens cuidando ser ambar, e he huma *agua morta*, segundo a opiniáo dos mareantes.

Tambem deita o mar por estas praias muitas vezes esponjas, a que os indios chamáo *tamaubica*, as quaes se criáo no fundo do mar, donde humas sahem delgadas, e molles, e outras tezas, e aperfeiçoadas; ao guzano chamáo os indios *ubiraçoca*, do qual náo he de espantar furar a madeira dos navios, pois fura as pedras, donde náo acha páos, as quaes se achão cada hora lavradas delles, e furadas de huma banda e outra; este guzano, he hum bicho molle, e comprido como minhoca, e dá mesma feição, e tem a cabeça, e boca dura, o qual se cria em huma casca roliça, retrocida, alva, e dura, como buzio, e com ella faz as obras, e dano tão sabido, e para roer náo lança fóra d'esta casca mais que a boca, com que faz o caminho diante d'esta sua camiza, que o corpo de dentro manda para onde quer; e para este guzano náo fazer tan-

to dano na embarcações, permitio a natureza, que o que se cria na agua salgada morra entrando na agua doce, e o que se cria na doce morra na salgada; e na Bahia houve já muito, mas agora não ha tanto, que faça mal aos navios, e outras embarcações.

Nas redes de pescar sahem ás vezes humas pedras brancas, que fizerão já aos homens ter pensamentos, que era *coral branco* por se criarem no fundo do mar, soltas, feitas em castelletes alvissimos, que são tão delicados, lindos, e de tanto artificio, que he couza estranha, os quaes são muito duros, resplandecentes, e dizem alguns contemplativos, que se crião dos limos do mar, por que se achão alguns muitas vezes enfarinhados de area congelada, e dura, e elles mui brancos, mas não ainda aperfeiçoados, como couza, que se vai criando.

CAPITULO CXLIV.

Que trata da natureza, e feições do peixe de agua doce.

NÃo menos he de notar os pescados, que se crião no rios de agua doce da Bahia, do que se crião no mar della, do que he bem que digamos d'aqui por diante alguma couza, e comecemos dos *eirós*, que ha nestes rios, que se crião debaixo das pedras, a que os indios chamão *murim*, os quaes são da feição, e sabor dos de Portugal.

Tareiras são peixes tamanhos como *mugens*, e maiores, mas são pretos, da côr dos *enxarrocos*, e tem muitas espinhas, os quaes se tomão á linha nos rios de agua doce, tem boas ovas, e nenhumas escamas, do que ha grandes pescarias.

Inguias chamão os indios a outros peixes da feição dos *safios* de Hespanha, mas mais pequenos, os quaes se tomão, ás mãos entre as pedras, o qual peixe não tem escama, e he mui saboroso.

Tamoatas he outro peixe d'estes rios, que se não escamão por terem a casca mui grossa, e dura, que se lhe tira fóra inteira depois de assados, ou cozidos, os quaes se tomão á linha, e he peixe miudo, muito gostoso, e sadio.

Piranha quer dizer, *tezoura*, he peixe de rios grandes, e onde o ha, he muito, e de feição de *sargos*, e maio-

maiores de côr mui prateada; este peixe he muito gordo, e gostoso, e toma-se á linha, mas tem taes dentes que corta o anzol cerceado, pelo que os indios senão atrevem a meter n'agua, onde ha este peixe, porque remete a elles muito, e mordeos cruelmente, se lhe alcançáo os genitaes leva-lhos, e cercea-lhos, e o mesmo faz á caça, que atravessa os rios, onde este peixe anda.

Queriso he outro peixe de agua doce da feição das *savelhas*, e tem as mesmas espinhas, e muitas, e he muito estimado, e saboroso; o qual peixe se toma á linha. Cria-se nestes rios outro peixe, a que os indios chamão *oaquari*, que são do tamanho, e feição das *chopas* de Portugal, mas tem o rabo agudo, a cabeça metida nos hombros, e duas pontas como cornos, e tem a pelle grossa, a qual os indios tem por contrapeçonha para mordeduras de cobras, e outros bichos, o qual se toma á cana. Tamáo-se nestes rios outros peixes, a que os indios chamão *piaba*, que são pequenos da feição dos *pachis* de Lisboa, o qual he peixe saboroso, e de poucas espinhas, o qual he da feição dos do rio de Lisboa.

Tambem se tomão nestes rios á cana outros peixes a que os indios chamão *maturagoi*, que são pequenos e muito soborosos, e largos.

Ha outros peixes nos rios, a que os indios chamão *goarara guarara*, que são como *ruibacos*, e tem a barriga grande, os quaes se tomão á cana.

Acara são outros peixes do rio tamanhos como *bezugos*, mas tem o focinho mais comprido, e he peixe muito saboroso, o qual se toma a cana.

Ha outras muitas castas de peixes nos rios de agua doce, que para se escrever houvera-se de tomar muito de proposito mui largas informaçôes, mas porora deve de bastar o que está dito, para que possâmos dizer de algum marisco, que se cria na agua doce.

CAPITULO CXLV.

Que trata do marisco, que se cria na agua doce.

ASsim como a natureza criou tanta diversidade de marisco na agua salgada, fez o mesmo no rios, e alagôas da agua doce, como se verá pelos *mexilhões*, que se crião

nas

nas pedras d'estes rios, e no fundo das alagôas, que são da feição, e tamanho dos do mar, os quaes não são tão gostosos, por serem doces.

Tambem se crião nas pedras d'estes rios *caramujos* maiores, que os do mar, compridos, a que os indios chamão *sapicareta*.

No fundo das alagôas, na lama dellas, se crião *ameijoas* redondas, que tem grande miolo, a que os indios chamão como as do mar, as quaes são pelo lugar onde nascem muito ensoças. Mais pelo certão se crião nas rios grandes, huns *mexilhões* de palmo de comprido, e quatro dedos de largo, que são pela banda de dentro, da côr e lustro da madre de perola, que servem de colheres aos indios, os quaes tem grandes miolos, que por serem de agua doce não são muito gostosos como os do mar.

Tambem se crião nestes rios muitos, e mui diversos *camarões*; dos quaes diremos o que foi possivel chegar á nossa noticia, começando primeiro dos mais geraes, a que os indios chamão *potim*, que são muitos, do tamanho dos grandes de Lisboa, mas são mais grossos, e tem as barbas curtas, os quaes se crião entre pedras das ribeiras, e entre as raizes das arvores, que vizinhão com a agua, e em quaesquer hervas, que se crião na agua, do que os indios se aproveitão tomando-os ás mãos, e são muito saborosos.

Ha outra casta de camarões, a que os indios chamão *arataem*, que são da mesma maneira dos primeiros, mas mais pretos na côr, e tem a casca mais dura, que se crião, e tomão da maneira dos de cima, os quaes cozidos são muito bons. Nestas ribeiras se crião outros camarões, a que os indios chamão *aratere*, que tem pequeno corpo, e duas bocas, como alacras, e a cabeça de cada huma he tamanha como o corpo, os quaes se crião em pedras no concavo dellas, e da terra das ribeiras, que são muito gostosos, e tomão-se ás mãos.

Portinaçu são huns camarões, que se crião nas concavidades das ribeiras, e tem tamanho corpo como os lagostins, e o pescoço da mesma maneira, tem a casca nidia, e as pernas curtas, os quaes crião coraes em certo tempo, e em outro, tem o casco gordo como lagosta, que se tambem tomão ás mãos, e são muito saborosos, e estes, e os mais não são nada carregados.

CAPITULO CXLVI.

Em que se declara a natureza dos caranguejos do mato.

ANdei buscando atégora onde agazalhar os *caranguejos do mato*, sem lhe achar lugar commodo, porque para os acommodar com os caranguejos do mar, parecia despreposito pois elles se crião na terra sem verem, nem tocarem agua do mar, e para os contar com os animaes tambem parece, que lhe não cabia este lugar, pois se parecem com o marisco do mar, e por não ficarem sem gazalhado nestas lembranças, os apozentei na vizinhança do marisco da terra, aindaque se cria na agua, e estes caranguejos nascem em lugares humidos por todas as ribeiras.

A estes caranguejos da terra chamão os indios *goachamoi*, os quaes se crião em vargeas humidas, não muito longe do mar, mas na visinhança da agua doce, os quaes são muito grandes, e azues, com o casco e pernas mui luzentes; os machos são mui maiores, que as femeas, e tamanhos, que tem os braços grandes, onde tem as bocas com tamanhos beiços nellas, e tão compridos, e voltados que faz com elles tamanha aparencia, como faz o dedo demonstrativo da mão de hum homem, como dedo polgar, o que he tambem duro como ferro, e onde pegão com esta boca não largão até os não matarem. Criãose estes caranguejos em covas debaixo da terra tão fundas, que com trabalho se lhe póde chegar com o braço e hombro de hum indio metido nella, onde os mordem mui valentemente. No mez de Fevereiro estão as femeas, e até meado de Março todas cheias de coral mui vermelho, e tem tanto no casco como huma lagosta, o' qual, e tudo o mais he muito gostoso; tirão-lhe o fel ou bucho, que tem cheio de tinta preta muito amargosa, porque se se derrama faz amargar tudo o poronde elle chegou.

No mez de Agosto, que he o cabo do inverno, se sahem os machos, e femeas ao sol, com o que anda a terra coberta delles, em o qual tempo se sahem ao sol passeando de huma parte para outra, e são então bons de tomar, e nesta conjunção andão os machos tão gordos,

dos, que tem os cascos cheios de huma amarellidão como gemas de ovos, os quaes são muito gostosos em maravilha, mas são carregados, e para os indios os tirarem das covas sem trabalho tapão-nas com hum molho de hervas, com o que elles abafão nas covas, e se vem para tomar ar, e por não acharem caminho desempedido morrem á boca da cova abafados, algumas vezes, morrêrão pessoas de comerem este *gochamoi*, e dizem os indios no tempo em que fazem mal comem huma fruta, a que chamão *araticupana* de que só fizemos menção, a qual he peçonhenta.

D'aqui por diante se trata da vida, e costumes do gentio da terra da Bahia.

Já era tempo de dizermos quem forão os povoadores, e possuidores d'esta terra da Bahia, de que se tem dito tantas maravilhas, e quem são estes tupinambas tão nomeados, cuja vida e costumes temos prometido, ao que começamos a satisfazer d'aqui por diante.

CAPITULO CXLVII.

Que trata de quaes forão os primeiros povoadores da Bahia.

OS primeiros povoadores, que vivêrão na Bahia de todos os santos, e sua comarca, segundo as informações, que se tem tomado dos indios muito antigos, forão os tapuias, que he huma casta de gentio muito antigo, de quem diremos ao diante em seu lugar: estes tapuias forão lançados fóra da Bahia, e da visinhança do mar della, por outro gentio seu contrario, que desceo do certão. A fama da fartura da terra, e mar d'esta provincia se achão aos tupinaes, e fizerão guerra, hum gentio a outro, tanto tempo quanto gastou para os tupinaes vencerem, e desbaratarem aos tapuias, e lhe fazerem despejar a ribeiras do mar, e hirem-se para o certão, sem poderem tornar a possuir mais esta terra de que erão senhores, a qual os tupinaes possuirão, e senhoreárão muitos annos, tendo guerra ordinariamente, pela banda do certão, com os tapuias primeiros possuidores das faldas do mar, e chegando á noticia do tipinamba a grossura, e fer-

tilidade d'esta terra se ajuntárão e vierão d'além do rio de S. Francisco, descendo sobre a terra da Bahia, que vinhão senhoreando, fazendo guerra aos tupinaes, que a possuião, destruindo-lhe, suas aldeas, e roças, matando aos que lhe fazião rosto, sem perdoarem a ninguem, até que os lançárão fóra das vizinhanças do mar, os quaes se forão para o certão, e despejárão a terra aos tupinambas, que a ficárão senhoreando. Estes tupinaes se forão pôr em frontar a com os tapuias seus contrarios, aos quaes farião crua guerra com força, da qual os farião recuar pela terra dentro, por se afastarem dos tupinambas, que os apertavão da banda do mar de que estavão senhores, e assim forão possuidores da Bahia muitos annos, e tempos fazendo guerra a seus contrários com muito esforço, até á vinda dos portuguezes a ella, dos quaes tupinambas, e tupinaes se tem tomado esta informação, em cuja memoria andão estas historias, de geração em geração.

CAPITULO CXLVIII.

Em que se declara a proporção, e feição dos tupinambas, e como se dividirão logo.

OS tupinambas são homens de meã estatura de côr muito baça, bem feitos, e bem dispostos, mui alegres do rosto, e bem assombrados: todos tem bons dentes alvos miudos, sem lhe nunca apodrecerem, tem as pernas bem feitas, os pés pequenos, trazem o cabello da cabeça sempre aparado, e em todas as partes do corpo os não consentem, e os arrancão como lhes nascem: são homens de grandes forças, e de muito trabalho; são muito belicozos, e em sua maneira esforçados, e para muito, ainda que atraiçoados: são muito amigos de novidades, e demasiadamente lizongeiros, e grandes caçadores, pescadores, e amigos de lavouras.

Como se este gentio vio senhor da terra da Bahia, dividio-se em bandos por certas diferenças, que tiverão huns com os outros, e assentárão suas aldeas apartadas, com o que se inimizárão: os que se apozentárão entre o rio de S. Francisco, e o rio Real se declarárão por inimigos dos que se apozentárão do rio Real até á Bahia, e fazião-se cada dia cruel guerra, e comião-se huns aos ou-

outros, e dos que cativavão, a que davão vida, ficavão escravos dos vencedores.

E os moradores da Bahia da banda da cidade, se declarão por inimigos dos outros tupinambas moradores da outra banda da Bahia no limite de Paraguoaçu, e do Seregipe, e fazião-se cruel guerra huns aos outros, por mar, onde se devão batalhas navaes em canoas, com as quaes fazião ciladas, huns aos outros, por entre as ilhas, e havia grande mortandade de parte a parte, e se comião, e fazião escravos, huns aos outros, no que continuarão até o tempo dos portuguezes.

CAPITULO CXLIX.

Que trata como se dividirão os tupinambas, e se passárão á ilha de Taparica, e della a Jaguaripe.

ENtre os tupinambas moradores da banda da cidade armárão desavenças, huns com os outros, sobre huma moça, que hum tomou a seu pai á força, sem lha querer tornar, com a qual desavença se apartou toda a parentella do pai da moça, que erão indios principaes com a gente das suas aldeas, e passárão-se á ilha de Taparica, que está no meio da Bahia, com os quaes se lançou outra muita gente, e encorporarão-se com os vizinhos do rio Paraguoasu, e fizerão guerra aos da cidade, a cujo limite chamavão Caramari, e salteavão-se huns aos outros cada dia, e ainda hoje em dia ha memoria de huma ilheta, que se chama, a do Medo, por se esconderem detraz della, onde fazião ciladas, huns aos outros com canoas, em que se matavão cada dia muitos delles.

D'estes tupinambas, que se passárão á ilha de Taparica, se povoou o rio de Jaguaripe, Tinhare, e a costa dos Ilheos, e tomanho odio se criou entre esta gente, sendo toda huma, por sua avoenga, que ainda hoje em dia entre esses poucos que ha, se querem tamanho mal, que se tomão huns aos outros, se o podem fazer em tanto, que se encontrão alguma sepultura antiga dos contrarios lhe desenterrão a caveira, e lha quebrão, com o que tomão nome novo, e de novo se tornão a inimizar, e em tempo, que os portuguezes tinhão ja povoado este rio de Jaguaripe, houve na sua povoação grandes ajuntamentos das al-

aldeas dos indios alli vizinhos, para quebrarem caveiras, e com grande festa, para os quebradores da cabeça tomarem novos nomes, as quaes caveiras forão desenterrar a humas aldeas despovoadas, para vingança da morte dos pais, ou parentes dos quebradores dellas, para o que os enfeitavão com pennas de passaros ao seu modo, em as quaes festas houve grandes bebedices, o que ordenarão os portuguezes alli moradores, para se escandilizarem os parentes dos defuntos, e se quererem de novo mal, porque se temião, que se viessem a confedrar huns com os outros, para lhe virem fazer guerra, o que foi bastante para o não fazerem, e se assegurarem com isto os portuguezes, que vivião neste rio.

CAPITULO CL.

Em que se declara o modo da lingoagem dos tupinambas.

AInda que os tupinambas se dividirão em bandos, e se inimizárão huns com os outros, todos fallão huma lingua, que he quazi geral, pela costa do Brazil, e todos tem huns costumes em seu modo de viver, e gentilidades, os quaes não adorão nenhuma couza, nem tem nenhum conhecimento da verdade, nem sabem mais senão, que viver e morrer, e qualquer couza, que lhe digão se lhe mete na cabeça, e são muito barbaros, de quantas creaturas Deos creou. Tem muita graça quando fallão, maiormente as mulheres que são mui compendiozas na fórma de lingoagem, e muito copiozas no seu orar; mas falta-lhe tres letras das do *A B C*, que são *F L R* grande, ou dobrado, couza muito para notar, por que senão tem *f*, he porque não tem fé em nenhuma couza, que adorem, nem os nascidos entre os christãos, e doutrinados pelo padres da Companhia, não tem fé em Deos nosso Senhor, nem tem verdade, nem lealdade a nenhuma pessoa, que lhe faça bem; e se não tem *l* na sua prenunciação he porque não tem lei nenhuma, que guardar, nem preceitos para se governarem, e cada hum faz a lei a seu modo, e ao som da sua vontade, sem haver entre elles leis comque se governem; nem tem lei huns com os outros; e se não tem esta letra *r* na sua prenunciação, he porque não tem rei, que os reja, e a

quem obedeção, nem obedecem a ninguem, nem o pai, ao filho, nem o filho ao pai, e cada hum vive ao som da sua vontade: para dizerem Francisco, dizem Pancico, e para dizerem Lourenço, dizem Rorenço, para dizerem Rodrigo, dizem Rorigo, e por este modo permanecião todos os vocabulos, tiradas estas tres letras.

CAPITULO CLI.

Em que trata do citio, e arrumação das aldeas, e as qualidades dos principaes dellas.

EM cada aldea dos tupinambas, ha hum principal, a quem seguem sómente na guerra, onde lhe dão alguma obediencia pela confiança que tem em seu esforço, e experiencia, que no tempo da paz, cada hum faz ao que o obriga seu apetite: este principal hade ser valente homem para o conhecerem por tal, e aparentado, e bem quisto, para que tem quem o ajude a fazer suas roças, mas quando as faz com ajuda de seus parentes e chegados, elle lança primeiro mão do serviço: que todos quando este principal assenta a sua aldea, busca sempre hum citio alto, e desafogado dos ventos, para que lhe lave as cazas, e que tenha a agua muito perto, e que a terra tenha disposição para de redor da aldea fazerem suas roças, e grangearias, e como escolhe o citio a contentamento do mais antigo. faz o principal sua caza muito comprida, coberta de palma, a que os indios chamão *pindeba*, e as outras cazas da aldea se fazem tambem, mui compridas e arrumadas, de maneira, que lhe fica no meio hum terreiro quadrado, onde fazem bailhos, e os seus ajuntamentos, e em cada caza de aldea, ha huma cabeça, que ha de ser indio antigo, e aparentado, para lhe os outros, que vivem nestas cazas terem respeito, e não vivem mais nesta aldea, que em quanto lhes não apodrece a palma das cazas, que dura tres quatro annos, e como lhe chove muito nellas passão a aldea para outra parte; e nestas cazas não ha nenhuns repartimentos, mais que os tirantes, e entre hum, e outro he hum rancho, onde se agazalha cada parentella, e o principal toma o seu rancho primeiro, onde se elle arrua com sua mulher, e filhos, mancebas, creados solteiros, e algumas velhas, que o servem, e pela mesma ordem vai arrumando a gente da sua

ca-

caza, cada parenteira de seu lanço donde senão poderão mudar, salvo se for algum mancebo solteiro, e cazar, porque em tal cazo seria para o lanço, onde está sua mulher; e por cima d'estes tirantes das cazas lanção humas varas arrumadas bem juntas, a que chamão *juraos* em que guardão suas alfaias, e seus legumes, que se aqui curão ao fumo, para não apodrecerem; e da mesma maneira se arrumão, e ordenão as outras cazas em humas e outras; a gente que se agazalha em cada lanço d'estes, quando comem he no chão em cocras todos juntos, e os principaes deitados em redes. Em estas cazas tem este gentio ajuntamento, sem se pejarem huns dos outros, mas sempre o macho com femea; se estas aldeas estão em fronteria de seus contrarios, e em lugares de guerra, faz este gentio de roda da aldea huma cerca de páo a pique muito forte com suas portas, e seteiras, e afastado da cerca vinte, e trinta palmos, fazem de redor della huma rede de madeira com suas entradas de fóra para entre ella, e a cerca, para que se lhe os contrarios entrarem dentro, e lhe sahirem ao recolher, se embaraçarem de maneira, que os possão flexar, e desbaratar, como acontece muitas vezes.

CAPITULO CLII.

Que trata da maneira dos cazamentos dos tupinambas, e seus amores.

A Mulher verdadeira dos tupinambas, he a primeira que o homem teve, e conversou, e não tem em seus cazamentos outra ceremonia mais, que dar o pai a filha a seu genro, e como tem ajuntamento natural ficão cazados: e os indios principaes tem mais de huma mulher, e o que mais mulheres tem, se tem por mais honrado, e estimado; mas ellas dão todas a obediencia á mais antiga, e todas a servem, a qual tem armado sua rede junto da do marido, e entre huma e outra, tem sempre fogo acezo; e as outras mulheres tem as suas redes aonde dormem mais afastadas, e fogo entre cada huma das redes; e quando o marido se quer ajuntar com qualquer dellas, vai-se lançar com ellas na rede, onde se detem só aquelle espaço d'este contentamento, e torna-se para o seu lugar, e sempre ha entre estas mulheres ciumes, mor-

mem

mente a mulher primeira, porque pela maior parte são mais velhas, que as outras, e de menos gentileza, o qual ajuntamento he publico diante de todos: e quando a principal não he a maior da aldea dos indios das outras cazas, o que tem mais filhas he mais rico, e mais estimado, e mais honrado de todos, porque são filhas mui requestadas dos mancebos, que as namorão, os quaes servem os pais das damas dous, e tres annos primeiro, que lhas dêm em mulheres, e não as dão senão aos que melhor as servem, a quem os namoradores fazem a roça, e vão pescar, e caçar para os sogros, que dezejão de ter, e lhe trazem a lenha do mato, e como o sogro lhe entregão as damas, elles se vão agazalhar no lanço dos sogros com as mulheres, e apartão-se dos pais, máis, e irmãos, e mais parentella com quem d'antes estavão; e por nenhum cazo se entrega a dama, a seu marido, em quanto lhe não vem seu costume, e como lhe vem he obrigada a moça a trazer atado pela cintura hum fio de algodão, e em cada bucho dos braços outro, para que venha á noticia de todos o como o marido lhe leva a flor: he obrigada a noiva a quebrar estes fios, para que seja notório, que he feita dona; e ainda que huma moça d'estas seja deflorada, por quem não seja seu marido, ainda que seja em segredo ha de romper os fios da sua virgindade, e de outra maneira cuidará, que a leva logo o diabo, os quaes desastres lhes acontecem muitas vezes, mas o pai não se enoja por isso, porque não falta quem lha pessa por mulher com essa falha; e se algum principal da aldea pede a outro indio a filha por mulher, o pai lha dá sendo menina; e aqui senão entende o preceito acima, porque elle a leva para o seu lanço, e a vai criando até que lhe venha seu costume, e antes disso por nenhum cazo lhe toca.

CAPITULO CLIII.

Que trata dos infeites deste gentio.

COstumão os mancebos tupinambas depenarem os cabellos de todo o corpo, e não deixar mais, que os da cabeça, que trazem tosqueados de muitas feições, o que fazião antes que tivessem tezouras com humas canas, que por natureza cortão muito, e alguns o trazem cortado por

das

cima das orelhas, e muito bem aparado, os quaes cobrem os membros genitaes com alguma couza por galantaria, e não pelo cobrir, e pintão-se de lavores pretos, que fazem com tinta de genipapo, e se tem damas ellas tem cuidado de os pintar, e tambem na cabeça humas pennas amarellas pegadas pelos pés com cera, e arrecadas de osso nas orelhas, e grandes contas brancas, que fazem de buzios lançadas ao pescoço, aos quaes as mesmas damas rapão a testa com humas caninhas, e lhe arrancão os cabellos da barba, pestanas, e sobrancelhas, e os mais cabellos de todo o corpo, como já fica dito: e quando se estes mancebos querem fazer bizarros, arrepião o cabello para cima com almecega, onde lhe pegão humas penninhas amarellas pintadas nelle, e sobração outras contas brancas, e pôem nas pernas, e nos braços humas manilhas de pennas amarellas e sua diadema das mesmas pennas, na cabeça. As moças tambem se pintão de tinta de genipapo, com muitos lavores a seu modo, mui loucos; e pôem grandes ramaes de contas de toda a sorte ao pescoço, e nos braços, e pôem nas pernas, por baixo do joelho, humas tapacuras, que são do fio do algodão tinto de vermelho, tecido de maneira, que lhas não podem tirar, o que tem tres dedos de largo, o que lhe pôem as mãis em quanto são cachopas, para que se lhe engrossem as pernas pelas barrigas em quanto crescem, as quaes as trazem nas pernas em quanto são namoradas, mas de maneira, que as possão tirar, ainda que com trabalho, e em quanto são solteiras pintão nas as mãis, e depois de cazadas, os maridos se lhes querem bem; as quaes moças são barbeadas de todos os cabellos, que os mancebos tirão, por outras mulheres, estes indios tambem: curão os cabellos para que saião compridos, grossos, e pretos, os quaes para terem isto os untão muitas vezes com oleo de cocos bravos.

CAPITULO CLIV.

Que trata da criação, que os tupinambas dão aos filhos, e o que fazem quando lhes nascem.

QUando estas indias entrão em dores de parir, não buscão parteiras, não se guardão do ar, nem fazem outras ceremonias, parem pelos campos, e em qualquer outra parte como huma alimaria, e em acabando de parir,

se

se vão ao rio, ou fonte, onde se lavão, e as crianças, que parirão, e vem-se para caza, onde o marido se deita logo na rede, onde está muito coberto, até que séca o embigo á criança, em o qual lugar o vezitão seus parentes e amigos, e lhe trazem prezentes de comer e beber, e a mulher lhe faz muitos mimos, em quanto o marido está assim parido, o qual está muito empanado para que lhe não dê o ar, e dizem, que se lhe der o ar, que fará nojo á criança, e que se se erguerem e forem ao trabalho, que lhe morrerão os filhos, e elles que serão doentes da barriga, e não ha quem lhe tire da cabeça, que da parte da mãi não ha perigo, senão da sua, porque o filho lhe sahio dos lombos, que ellas não põem da sua parte mais que terem guardado o semem no ventre, aonde se cria a criança.

Como lhe nascem os filhos aos tupinambas logo lhe põem o nome, que lhe parece, os quaes nomes que uzão entre si, são de alimarias, peixe, arvores, de mantimentos, de peças de armas, e outras couzas diversas, aos quaes furão logo o beiço debaixo, onde lhe põem depois que são maiores pedras, por gentileza.

Não dão os tupinambas a seus filhos nenhum castigo, nem os doutrinão, nem os reprehendem por couza, que façáo; aos machos ensinão-nos a atirar com arcos e flexas ao alvo, e depois aos passaros, e trazem nos sempre ás costas até a idade de sete, e oito annos, e o mesmo as femeas, e huns e outros mamão na mãi, até que torna a parir outra vez, pelo que mamão muitas vezes seis sete annos, e as femeas ensinão as mãis a enfeirar-se, como fazem as portuguezas, e a fiar algodão, e a fazer o mais serviço das suas cazas conforme o seu costume.

CAPITULO CLV.

Em que se declara o comque os tupinambas se fazem bizarros.

PAra se os tupinambas fazerem bizarros uzão de muitas bestialidades mui estranhas, como he fazerem-se depois de homens tres e quatro buracos nos beiços debaixo, onde metem pedras com grandes pontas, que passem fóra, e outros furão os beiços de cima, tambem como os debaixo, onde tambem metem pedras redondas, verdes, e pardas,

das, que ficão ingeridas nas faces, como espelhos de borracha, em os quaes ha alguns, que tem nas faces dous, e tres buracos em que metem pedras com pontas para fóra; e ha alguns, que tem todos estes buracos, que com as pedras nelles parecem os demonios, os quaes sofrem estas dores por parecerem temerosos a seus contrarios.

Uzão tambem entre si humas carapuças de pennas amarellas, e vermelhas, que pôem na cabeça, que lha cobre até ás orelhas, os quaes fazem colares para o pescoço de dentes dos contrarios, onde trazem logo juntos dous tres mil dentes, e nos pés huns cascaveis de certas hervas da feição da castanha, cujo tenido se ouve muito longe. Ornão se mais estes indios para suas bizarrices de huma roda de pennas de ema, que atão sobre as ancas, que lhe faz taminho vulto, que lhe cobre as costas todas de alto abaixo, e para se fazerem mais feios se tingem todos de genipapo, que parecem negros de Guiné, e tingem os pés de huma tinta vermelha muito fina, e as faces, e pôem sobraçadas muitas contas de buzios, e outras pequenas de pennas nos braços, e quando se atavião com todas estas peças, levão huma espada de páo marchetada com casca de ovos de passaros de cores diversas, e na empunhadura humas penas grandes de passaros, e certas campainhas de pennas amarellas, a qual espada lanção, atada ao pescoço por detraz, e levão na mão esquerda seu arco e flexas com dentes de tubarão, e na direita hum maracáo, que he hum cabo cheio de pedrinhas com seu cabo comque vai tangendo e cantando, e fazem estas bizarrices para quando na sua aldea ha grandes vinhos, ou em outra, onde vão folgar, pelas quaes andão cantando e tangendo sós, e depois misturados com outros, com os quaes aravios se fazem temidos, e estimados.

CAPITULO CLVI.

Que trata da luxuria d'estes barbaros.

SÃo os tupinambas tão luxuriosos, que não ha peccado de luxuria, que não cometão, os quaes sendo de muito pouca idade tem conta com mulheres, e bem mulheres, porque as velhas já desestimadas dos que são homens, grangeão estes meninos fazendo-lhe mimos e regalos, ensinão-lhe a fazer o que elles não sabem, e não os deixão

nem de dia, nem de noite. He este gentio tão luxurioso, que poucas vezes tem respeito ás irmãs e tias; e por que este peccado he contra seus costumes dormem, com ellas pelos matos, e alguns com suas proprias filhas, e não se contentão com huma mulher, como já fica dito, pelo que morrem muitos de estalfados. E em conversação não sabem fallar senão nestas sujidades, que cometem cada hora, os quaes são tão amigos de carne, que senão contentão para seguirem seus apetites com o membro genital como a natureza formou, mas ha muitos que lhe costumão pôr o pello de hum bicho tão peçonhento, que lho faz logo inchar, com o que tem grandes dores mais de seis mezes, que se lhe vão gastando por espaço de tempo, com o que lhe faz o seu cano tão disforme de grosso, que os não podem as mulheres esperar, nem sofrer: e não contentes estes salvagens de andarem tão encarniçados neste peccado naturalmente cometido, são mui afeiçoados ao peccado nefando, entre os quaes, senão tem por afronta, e o que serve de macho, se tem por valente, e contão esta bestialidade por proeza, e nas suas aldeas pelo certão ha alguns, que tem tenda pública a quantos os querem como mulheres públicas.

Como os pais, e as mãis vêm, os filhos com manejos para conhecerem mulher, elles lha buscão, e os ensinão como a saberão servir: as femeas muito meninas esperão o macho, maiormente as que vivem entre os portuguezes. Os machos d'estes tupinambas não são ciozos, e ainda que achem outrem com as mulheres não matam a ninguem por isso, quando muito, espancão as mulheres pelo cazo. E as que querem bem aos maridos pelos contentárem buscão-lhe moças comque elles se desenfadem, as quaes levão a rede, onde dormem, e lhe pedem muito, que se queira deitar com o marido, e as peitão para isso, couza, que não faz nenhuma nação de gente senão estes barbatos.

CAPITULO CLVII.

Que trata das ceremonias, que uzão os tupinambas nos seus parentescos.

COstumão os tupinambas quando algum morre, que he cazado, he obrigado o irmão mais velho a cazar com sua mulher, e quando não tem irmão, o parente mais chegado pela parte masculina; e o irmão da viuva he obrigado a cazar com sua filha, se a tem; e quando a mãi da moça não tem irmão, pertence-lhe por marido o parente mais chegado da parte da mãi, e se não quer cazar com esta sua sobrinha, não tolherá a ninguem dormir com ella, e depois lhe dá o marido, que lhe vem á vontade.

O tio irmão do pai da moça, não caza com a sobrinha, nem lhe toca, quando fazem o que devem, mas tem-na em lugar de filha, e ella como a pai lhe obedece depois da morte do pai, e pai lhe chama: e quando estas moças não tem tio, irmão de seu pai, tomão em seu lugar o parente mais chegado, e a todos os parentes da parte do pai em todo o grão chamão pai, e elles a ella filha, mas ella obedece ao mais chegado parente. Sempre, e da mesma maneira chamão os netos ao irmão, e primo de seu avô, avô, e elles a elles netos, e aos filhos dos netos, e netas de seus irmãos, e primos, e da parte da mãi tambem os irmãos e primos dellas, chamão aos sobrinhos filhos, e elles aos tios pais, mas não lhe tem tamanho acatamento como aos tios da parte do pai; e preza-se este gentio de seus parentes, e o que mais parentes, e parentas tem he mais honrado, e temido, e trabalha muito pelos chegar para si, e fazer corpo com elles em qualquer parte aonde vivem, e quando qualquer indio aparentado tem agazalhado seus parentes em sua caza, e lanço, quando ha de comer, deita-se na sua rede onde lhe póem o que ha de comer em huma vazilha, e assentão-se em cocoras, suas mulheres e filhos, e todos seus parentes, grandes e pequenos, e todos comem juntos, do que tem na vazilha, que está no meio de todos.

CAPITULO CLVIII.

Que trata do modo de comer, e do beber dos tupinambas.

JA' fica dito como os principaes dos tupinambas quando comem estão deitados na rede, e comem com elles os parentes, e os agazalha comsigo, entre os quaes comem tambem os seus criados, e escravos, sem lhe terem nenhum respeito, antes quando a carne, ou o peixe não he que sobeje, o principal o reparte por quinhões iguaes, e muitas vezes fica elle sem nada, os quaes estão todos em cocoras com a vazilha em que comem, não bebem vinho, ou agua, o que fazem depois de comer. Quando os tupinambas comem á noite, he no chão como está dito, e virados com as costas para o fogo, e ficão todos as escuras, e não praticão couza alguma quando comem, senão depois de comer, e quando tem que, toda a noite não fazem outra couza, até que os vence o sono; e por outra parte mantem-se este gentio com nada, anda logo dous e tres dias sem comer, pelo que os que são escravos dão pouco trabalho a seus senhores pelo mantimento, antes elles mantem os senhores fazendo-lhe suas roças, e caçando, e pescando de ordinariamente.

Este gentio não come carne de porco, dos que se crião em caza, senão são os escravos criados entre os brancos, mas comem a carne dos porcos do mato, e da agua: os quaes tambem não comem azeite, se não os ladinos: toda a caça, que este gentio come, não a esfola, e chamuscão-na toda ou pellão-na na agua quente, a qual comem assada, ou cozida, e as tripas mal lavadas, e assim como vem do mar ou rios, assim a cozem e assão: o sal de que uzão comque temperão o seu comer, e em que molhão peixe, ou carne, fazem-no de agua salgada, que cozem tanto em huma vazilha sobre o fogo até que se coalha, e endurece, com o que se arremedeão, mas he sobre o preto, e requeima.

Este gentio he muito amigo de vinho, assim machos, como femeas, o qual fazem de todos os seus legumes, até da farinha que comem; mas o seu vinho principal he huma raiz a que chamão *aipim*, que se coze, e depois pizão-na e tornão-na a cozer, e como he cozida, buscão

as

as mais formozas moças da aldea para exprimer estes aipins com as máos, e algum mastigado com a boca, e depois espremido na vazilha, que he o que dizem, que lhe póem a virtude, segundo a sua gentilidade; a esta agua e sumo d'estas raizes lanção em grandes potes, que para isso tem, onde se coze este vinho, e está até que se faz azedo, e o como está bem, o bebem com grandes cantares, e cantão e bailão toda huma noite ás vesperas do vinho, e ao outro dia começão a beber, bailar e cantar, e as moças solteiras da caza andão dando o vinho em huns meios cabaços, a que chamão cuias, aos que andão cantando, os quaes não comem nada em quanto bebem, o que fazem de maneira, que vem a cahir de bebados pelo cháo, e o que faz mais desatinos, nestas bebedices, esse he mais estimado dos outros, em os quaes se fazem sempre brigas, porque aqui se lembrão de seus ciumes, e castigão porisso as mulheres, ao que acodem os amigos, e jogão as tiçoadas huns com outros: são costumados a almoçar primeiro, que se vão ás suas roças a trabalhar, onde não comem em quanto andão no trabalho, senão depois que se vem para caza.

CAPITULO CLIX.

Em que se declara o modo da grangearia dos tupinambas, e de suas habilidades.

QUando os tupinambas vão ás suas roças, não trabalhão senão das sete horas da manhã até o meio dia, e os muito deligentes, até horas de vespera, e não comem neste tempo senão depois d'estas horas, que vem para suas cazas: os machos costumão a roçar os matos, e os queimão, e alimpão a terra delles; e as femeas plantão o mantimento e o alimpão: os machos vão buscar a lenha comque se aquentão, e se servem porque não dormem sem fogo ao longe das redes, e he a sua cama; as femeas vão buscar agua a fonte, e fazem de comer, e os machos costumão hir lavar as redes aos rios, quando estão sujas. Não fazem os tupinambas entre si outras obras primas, que balaios de folha da palma, e outras vazilhas da mesma fórma a seu modo, e seu uzo: fazem arcos e flexas, e alguns espalhados e lavrados de branco, e preto, feitio de muito artificio: fazem cestos de humas va-

ras

ras, a que chamão sipós, e outras vazilhas em lavores, como as de rota da India: fazem carapuças, e capas de pennas de passaros, e outras obras de penna do seu uzo, e sabem dar tinta de vermelho e amarello ás pennas brancas; e contrafazem as pennas dos papagaios com sangue de rãs arrancando-lhe os verdes, e fazem-lhe nascer outras amarellas: fazem mais estes indios, os que são principaes, redes lavradas de lavores de esteira, e de outros lanços em humas cordas tecidas a que chamão *muçuranas* de algodão, que tem o feitio dos cabos de cabresto, que vem de Fez.

Quando este gentio quer tomar muito peixe nos rios d'agua doce, e nos esteiros d'agua salgada, que atravessão com huma tapajem de varas, e batem o peixe de cima para baixo, onde lhe lançáo muita soma de humas certas hervas pizadas, a que chamão *timbo*, com o que se embebeda o peixe de maneira que se vem a cima de agua como morto, onde tomáo ás mãos muita soma delle.

As mulheres d'este gentio, não cozem, nem lavrão, sómente fião algodão, de que não fazem teas, como podérão, porque não sabem tecer, fazem d'este fiado as redes em que dormem, que não são lavradas, e humas fitas como passamanos, e algumas mais largas comque emmastrão os cabellos. As mulheres já de idade tem cuidado de fazerem a farinha, de que se mantem, e de trazerem a mandioca das roças ás costas para caza, e as que são muito velhas tem cuidado de fazerem vazilhas de barro á mão, como são os potes em que fazem os vinhos, e fazem alguns tamanhos, que levão tanto como huma pipa, em os quaes, e em outros menores fervem os vinhos, que bebem: fazem mais estas velhas panellas, pucaros, e alguidares a seu uzo, em que comem, a farinha, e outros em que a deitão, e em que comem lavrados de tintas de côres, a qual louça cozem em huma cova, que fazem no chão, e lançáo-lhe a lenha por cima; e tem e crem estes indios, que se cozer esta louça outra pessoa, que não seja a que a fez, que ha de arrebentar no fogo; as quaes velhas ajudão tambem a fazer a farinha, que se faz no seu lanço. As femeas d'este gentio são muito afeiçoadas a criar cachorros para os maridos levarem á caça, e quando ellas vão fóra levão-nos ás costas, as quaes tambem folgão de criar gallinhas, e outros passaros em suas cazas, as quaes quando com seu costume, alimpão-

se

se com hum bordão que tem sempre junto de si, que levão na mão quando vão fóra de caza, e não se pejão de se alimparem diante de gente, nem de as verem comer piolhos, o que fazem quando se cátão nas cabeças, e como os encontra, a que os busca, os dá á que os trazia na cabeça, que logo os trinca entre os dentes, o que não fazem pelos comer, mas em vingança de a morderem.

CAPITULO CLX.

Que trata de algumas habilidades, e costumes dos tupinambas.

SÃo os tupinambas grandes flexeiros, assim para as aves, como para a caça dos porcos, veados, e outras alimarias que ha muitas, que matão no mar, e nos rios da agua doce o peixe á flexa, e d'esta maneira matão muito peixe, que outros matão á linha, os quaes não arreceão arremeter grandes cobras que matão, e lagartos que andão na agua tamanhos como elles, que tomão vivos a braços.

Costumão mais estes indios quando vem de caçar, ou pescar, partirem sempre do que trazem com a principal da caza em que vivem, e o mais entregão a suas mulheres, ou a quem tem o cuidado de os agazalhar no seu lanço.

Tem estes indios mais, que são homens enxutos mui ligeiros para saltar e trepar, grandes corredores, e estremados marinheiros, como os metem nos barcos, e navios onde são todo o tempo; ninguem tem as vélas como elles, e são grandes remadores, assim nas suas canoas, que fazem de hum só páo, que remão em pé vinte e trinta indios, com o que as fazem voar: são tambem muito engenhozos para tomarem quanto lhe ensinão os brancos, como não for couza de conta, nem de sentido, porque são para isso muito barbaros; mas para carpinteiros de machado, serradores, oleiros, carreiros, e para todos os officios de engenhos de assucar tem grande destino para fazerem logo isto, e para criarem vaccas tem grande mão e cuidado. Tem estes tupinambas huma condição muito boa para frades franciscanos, que o seu fato, e quanto tem he commum a todos os da sua caza, que querem uzar delle, assim de ferramentas, que he o que mais estimão, como das suas roupas, se as tem, e do seu mantimento,

os quaes quando estão comendo póde comer com elles quem quizer, ainda que seja contrario, sem lho impedirem, nem fazerem por isso carranca.

Tambem as moças d'estes gentios, que se crião e doutrinão com as mulheres portuguezas, tomão muito bem o cozer, e lavrar, e fazer todas as obras de agulha que se lhe ensinão, para o que tem muita habilidade, e para fazerem couzas doces, e fazem-se estremadas cozinheiras, mas são muito namoradas, e amigas de terem amores com os homens brancos. São os tupinambas grandes nadadores, e margulhadores, e quando lhes releva nadão tres e quatro legoas, e são taes, que se de noite não tem comque pescar, se deitão na agua, e como sentem o peixe comsigo o tomão ás mãos de margulho, e da mesma maneira tirão polvos, e lagostins das concavidades do fundo do mar ao longo da costa.

CAPITULO CLXI.

Que trata dos feiticeiros, e dos que comem terra para se matarem.

ENtre este gentio tupinamba ha grandes feiticeiros, que tem este nome entre elles, por lhe metem em cabeça mil mentiras, os quaes feiticeiros vivem em caza apartada cada hum por si, a qual he muito escura, e tem a porta muito pequena, pela qual não ouza ninguem entrar em sua caza, nem delle tocar em couza della, os quaes pela maior parte não sabem nada, e para se fazerem estimar, e temer tomão este officio por entenderem com quanta felicidade se lhe mete em cabeça a esta gente qualquer couza; mas ha alguns, que fallão com os diabos, que os espancão muitas vezes, os quaes os fazem muitas vezes ficar em falta com o que dizem, pelo que não são tão cridos dos indios como temidos. A estes feiticeiros chamão os tupinambas *pages*, os quaes se se escandelizão de algum indio por lhe não dar sua filha, ou outra couza, que lhe pedem lhe dizem, que vai, e has de morrer, ao que chamão lançar a morte, e são tão barbaros, que se vão deitar nas redes pasmados sem quererem comer, e de pasmo se deixão morrer, sem haver quem lhe possa tirar da cabeça, que podem escapar do mandado dos feiticeiros, aos quaes dão alguns indios suas filhas por mulheres com o

me-

medo delles, por se assegurarem suas vidas, muitas vezes acontece aparecer o diabo a este gentio em lugares escuros, e os espanca, de que morrem de pasmo, mas a outros não faz mal, e lhe dá novas de couzas não sabidas.

Tem este gentio outra barbaridade muito grande, que se tomão qualquer desgosto, se anojão de maneira, que determinão de morrer, e põem-se a comer terra cada dia huma pouca atéque vem a difinhar, e inchar do rosto, e olhos, e a morrer disso sem ninguem lhes poder valer, nem dissuadir de se quererem matar, o que ahtmão, que lhe ensinou o diabo, e que lhes apparece, como se determinão a comer a terra.

CAPITULO CLXII.

Que trata das saudades dos tupinambas, e como chorão, e cantão.

COstumão os tupinambas, em vindo qualquer delles de fóra e em entrando pela porta, se vai logo deitar na sua rede, ao qual se vai logo huma velha, ou velhas, e põem-se em cocaras diante delle a chorar em altas vozes, e em planto lhe dizem as saudades, que delle tinhão com sua auzencia, os trabalhos, que huns, e outros passárão, a que os machos respondem chorando em altas vozes, e sem pronunciarem palavra, atéque se enfadão, e mandão ás velhas, que se callem, ao que estas obedecem; e se o chorado vem de longe, o vem chorar d'esta maneira todas as femeas, mulheres daquella caza, e as parentas, que vivem nas outras, e como acabão de chorar, lhe dão as boas vindas, e trazem-lhe de comer em hum alguidar peixe, carne, e farinha tudo junto posto no chão, o que elle assim deitado come, e como acaba de comer lhe vem dar as boas vindas todos os da aldea hum a hum, e lhe perguntão como lhe foi pelas partes; poronde andou; e quando algum principal vem de fóra, aindaque seja da sua roça, o vem chorar todas as mulheres de sua caza, huma a huma, ou de duas em duas, e lhe trazem prezentes para comer, fazendo-lhe as ceremonias a cima ditas. Quando morre algum indio, a mulher, mái, e parentas, o chorão com hum tom mui lastimozo, o que fazem muitos dias, em o qual chôro dizem muitas lastimas, e magoão, a quem as entende bem, mas os machos não cho-

rão, nem se costuma entre elles chorar por ninguem, que lhes morra.

Os tupinambas se prezão de grandes muzicos, e ao seu modo cantão com sofrivel tom, e os muzicos fazem motes de improvizo, e suas voltas, que acabão no consoante do mote, hum só diz a cantiga, e os outros respondem com o fim do mote, os quaes cantão, e bailão juntamente em huma roda, em a qual hum tange hum tamboril, em que não dobrão as pancadas, outros trazem huma matraca na mão, ou hum cabaço, com humas pedrinhas dentro com seu cabo, poronde pegão, e nos seus bailes não fazem mais mudanças, nem mais continencias que bater no chão com hum só pé ao som do tamboril, e assim andão todos juntos á roda, e entrão pelas cazas huns dos outros, onde tem prestes vinho, comque os convidar, e ás vezes andão hum par de moças cantando entre elles, e entre os quaes ha tambem mui grandes muzicas, e por isso mui estimadas.

Entre este gentio são os muzicos mui estimados, e poronde querque váo, são bem agazalhados, e muitos atravessárão já o certão por entre seus contrarios, sem lhe fazerem mal.

CAPITULO CLXIII.

Que trata como os tupinambas agazalhão os hospedes.

QUando entra algum hospede em caza dos tupinambas, dono do lanço da caza, onde elle chega, lhe dá a sua rede, e a mulher lhe póe de comer diante, sem lhe perguntarem quem he, nem donde vem, nem o que quer, e come o hospede, como lhe perguntão pela sua lingoa, vieste já, e elle responde sim, as quaes boas vindas lhe vem dar todos, os que o querem fazer, e depois disso praticão muito de vagar, e quando algum hospede estrangeiro entra em alguma d'estas aldeas vem prégando, e assim anda correndo toda a aldea, atéque dá com a caza do principal, e sem fallar a ninguem deita-se em huma rede, qualquer que acha mais á mão, onde logo lhe póem de comer, e como acaba de comer, lhe manda o principal armar huma rede junto da porta do seu lanço de huma banda, e elle arma a sua da outra banda

da ficando a porta no meio para caminho, a quem quizer entrar, onde os da aldea lhe vem dar as boas vindas, como atraz está declarado, e neste lugar se põem a praticar o principal com o hospede muito de vagar, e ao redor dos quaes se vem assentar os indios da aldea, que querem ouvir novas, onde ninguem responde, nem pergunta couza alguma, atéque o principal acabe de fallar, e como da fim ás suas praticas, lhe diz, que descancem de seu vagar, e depoisque se o principal despede do hospede, vem outros a fallar com elle, para saberem novas daquellas partes, donde o hospede vem; e ao outro dia se ajunta este principal em outra caza, onde se ajuntão os anciãos da aldea, e praticão sobre a vinda do indio, e estangeiro, e sobre as cauzas, que contou, e donde vinha, e lançáo suas contas, se vem de bom destino, ou não, e se he seu contrario; de maravilha escapa, que o não matem, e lhe façáo seu officio com muitas festas e regozijo, ao qual hospede chorão as velhas, tambem antesque comão, como atraz fica declarado.

CAPITULO CLXIV.

Que trata do uzo, que os tupinambas tem em seus concelhos, e das ceremonias, que nestes uzão.

QUando o principal da aldea quer praticar algum negocio de importancia, manda recado aos indios de mais conta, os quaes se ajuntão no meio do terreiro da aldea, onde em estacas, que tem para isso metidas no chão, armão suas redes ao redor da do principal, onde se chegão os que querem ouvir estas praticas, porque entre elles não ha segredo; os quaes se assentão todos em cocoras, e como tudo está quieto, propõe o principal sua pratica, a que todos estão mui atentos, e como acaba sua oração, respondem os mais antigos cada hum por sua vez, e quando hum falla, callão-se todos os outros, atéque vem a concluir no que hão de fazer, sobre o que tem suas alterações muitas vezes, e alguns dos principaes, que estão neste concelho levão algumas cangoeiras de fumo, de que bebem, o que começa de fazer o principal primeiro, e para isso leva hum moço, que lhe dá a cangoeira aceza, e como lhe toma a salva, manda a cangoeira a outro, que a não tem, e assim se revezão todos os que a não

tem com ella, o que estes intes indios fazem por authoridade como os da India comem o betele em semelhantes ajuntamentos, o que não fazem muitos homens brancos, e todos os mamalucos, porque tomão este fumo por mantença, e não podem andar sem elle na boca, aos quaes dana o bafo, e os dentes, e lhe faz mui ruins cores. Esta cangoeira de fumo he hum canudo, que se faz de huma folha de palma sêca, e tem dentro tres, ou quatro folhas sêcas da herva santa, a que os indios chamão *patem*, a qual cangoeira pela banda mais apertada atão com hum fio, donde estão as folhas do patem, e acendem esta cangoeira pela parte das folhas do patem, e como tem braza a metem na boca, e sorvem o fumo, que logo entra pelas cachagens mui grosso, e pelas goelas, e sahe-lhe pelas ventas fóra com muita furia, e como não podem sofrer este fumo, tirão a cangoeira fóra da boca.

CAPITULO CLXV.

Que trata de como se este gentio cura em suas enfermidades.

SÃo os tupinambas mui sogeitos á doença das boubas, que se pegão de huns aos outros maiormente emquanto são meninos, porque se não guardão de nada, e tem para si, que as hão de ter tarde ou cedo, e que o bom he terem-nas emquanto são meninos, aos quaes não fazem outro remedio senão secar, quando lhe sahem para fóra, o que fazem com as tingirem com ginipapo. Quando isto não basta, curão-lhe estas bustellas das boubas com a folha da caraoba, de cuja virtude temos já feito menção, e como se estas bustellas secão tem para si, que estão sãos d'este máo humor, e na verdade não tem dores nas juntas como se lhe ellas secão, em alguns tempos, e lugares mais que outros. São estes indios doentes de terçãs, e quartãs, o que lhe nasce de andarem pela calma sem nada na cabeça, e de quando estão mais suados se banharem com agua fria metendo-se nos rios, e nas fontes muitas vezes ao dia pelo tempo da calma, ou quando trabalhão, que estão cansados e suados, ás quaes febres não fazem nenhuma cura senão comendo huns mingãos, que são huns caldos de farinha de carimá como já fica dito, que são muito leves e sadios; e untão-se com

a agua do genipapo, com o que ficão todos tintos de preto, ao que tem grande devoção. Curão estes indios algumas apostemas, e bexigas com sumo de hervas de virtude, que ha entre elles, comque fazem muitas curas mui notaveis, como já fica dito atraz; e quando se sentem carregados na cabeça sarjão as fontes, e aos meninos sarjão-nos nas pernas, quando tem febre, mas em sêco, o que fazem as velhas com hum dente de cotia, muito agudo, que tem para isso.

Curão grandes feridas, e flexadas com huma herva, que chamão *cimbaiba*, que he milagroza, e com outras hervas, de cujas virtudes fica dito atraz em seu titulo, com as quaes curão o cano, que se lhe enche muitas vezes de cancere; e as flexadas penetrantes, e outras feridas, de que se vêm em perigo curão por estranho modo, fazendo em cima do fogo hum leito de varas largas humas das outras, sobre as quaes deitão os feridos com as feridas para baixo em cima d'este fogo, pelas quaes com a quentura se lhe sahe todo o sangue, que tem dentro, e a humidade, e ficão as feridas sem nenhuma humidade, as quaes depois curão com oleo de balsamo, ou hervas, de que já fizemos menção, com o que tem saude em breves dias, e não ha entre este gentio medicos assinalados, mas são-no muito bons os recochilhados.

CAPITULO CLXVI.

Que trata do grande conhecimento, que os tupinambas tem da terra.

TEm os tupinambas grande conhecimento da terra, poronde andão, pondo o rosto no sol, com que se governão, poronde atinão grandes caminhos pelo dezerto, poronde nunca andárão; como se vio, pelo que aconteceo já na Bahia, donde mandárão dous indios d'estes tupinambas degradados pela justiça por seus delitos para o rio de Janeiro, onde forão levados por mar; os quaes se vierão de lá cada hum por sua vez fugidos afastando-se sempre do povoado por não ser sentidos dos seus contrarios, e vinhão sempre caminhando pelos matos, e d'esta maneira atinárão com a Bahia, e chegárão á sua aldea, donde erão naturaes, a salvamento, sendo caminho mais de trezentas legoas.

Cos-

Costuma este gentio, quando anda pelo mato sem saber novas do lugar povoado, deitar-se no chão, e cheirar o ar para ver se lhe cheira a fogo, o qual conhecem pelo faro a mais de meia legoa, segundo a informação de quem com elles trata mui familiarmente; e como lhe cheira a fogo, se sobem as mais altas arvores, que achão em cima à procurar o fumo, o que alcanção com a vista de muito longe, o qual vão seguindo, se lhes vem bem hir, aonde elle está, e se lhe convem desviar-se delle o fazem antesque sejão sentidos, e por os tupinambas terem este conhecimento da terra, e do fogo, se faz muita conta delles, quando se offerecem hirem os portuguezes á guerra a qualquer parte, onde os tupinambas vão sempre diante correndo a terra por serem de recado, mostrando á mais gente o caminho, poronde hão de caminhar, e o lugar, onde se hão de apozentar cada noite.

CAPITULO CLXVII.

Que trata como os tupinambas se apercebem para hirem á guerra.

COmo os tupinambas são muito belicozos, todos os seus fundamentos são, como farão guerra aos seus contrarios, para o que se ajuntão no terreiro da sua aldea as pessoas mais principaes, e fazem seus concelhos, como fica declarado. Ahi assentão, onde hão de hir á dita guerra, e em que tempo, para o que se notificão a todos, que se fação prestes de arcos, e flexas, e alguns pavezes, que fazem de hum páo molle, e muito leve, e as mulheres entendem em lhes fazerem a farinha, que hão de levar, a que chamão de guerra, porque dura muito, para se fazer a dita guerra, donde tomou o nome, e como todos estão prestes de suas armas e mantimentos, ás noite antes da partida anda o principal prégando ao redor das cazas, e nesta prégação lhe diz, aonde vão, e a obrigação, que tem de hir tomar vingança de seus contrarios; pondo-lhes diante a obrigação, que tem para o fazerem, e para pelejarem valorosamente; prometendo-lhe victoria contra seus inimigos, sem nenhum perigo da sua parte, de que ficará delles memoria para os que atraz delles vierem, e cantarem seus louvores, e que pela manhã comecem de caminhar. Em amanhecendo depois de almoçarem,

toma cada hum seu quinhão de farinha ás costas a rede, em que ha de dormir, seu pavez, e arco, e flexas na mão, e os roncadores levão além disto huma espada de páo a tiracol. Outros levão buzinas, que vão tangendo pelo caminho, com que fazem grande estrondo. Como chegão á vista dos contrarios, e os principaes d'este gentio levão comsigo as mulheres carregadas de mantimentos, e elles não levão mais que a sua rede, e armas ás costas, e arco e flexas na mão, e antesque se abalem, faz o principal capitão da dianteira, que elles tem por grande honra, o qual vai mostrando o caminho, e o lugar, onde hão de dormir cada noite, e a ordenança com que se põem a caminho, he hum adiante do outro, porque não sabem, não sabem andar de outra maneira, e como sahem fóra dos seus limites, e entrão pela terra dos seus contrarios levão ordinariamente suas espias diante, que são sempre mancebos muito ligeiros, que sabem fazer muito bem seu officio, e com muito cuidado, os quaes não caminhão cada dia mais de legoa e meia até duas legoas, que he o que se póde andar até ás nove horas do dia, que he o tempo em que apozentão seu arraial, o que fazem perto d'agua, fazendo suas choupanas, a que chamão *tajupares*, as quaes fazem arruadas deixando hum caminho pelo meio dellas, e d'esta maneira vão fazendo suas jornadas, fazendo fógos nos tapuias.

CAPITULO CLXVIII.

Que trata de como os tupinambas dão a seus contrarios.

TAntoque os tupinambas chegão duas jornadas da aldea de seus contrarios, não fazem fogo de dia por não serem sentidos delles pelos fumos, que se vêm de longe. Ordenão-se de maneira, que possão dar nos contrarios de madrugada, e em conjunção de lua chea para andarem a derradeira jornada de noite pelo luar, e tomarem seus contrarios desapercebidos, e descuidados, e em chegando a aldea, dão todos juntos tamanho urro gritando, que fazem com isso, e suas buzinas, e tambores grande espanto, e d'esta maneira dão o seu salto nos contrarios e do primeiro encontro não perdoão a grande, nem a pequeno, para o que vão apercebidos de huns páos a feição

ção de arrochos, com huma ponta, com o que da primeira vez, que dá a pancada na cabeça ao contrario, a fazem em pedaços. E ha alguns d'estes barbaros, que são tão carniceiros, que cortão aos vencidos depois de mortos suas naturas, assim aos machos, como ás femeas, as quaes levão para darem a suas mulheres, que as guardão depois de mirradas no fogo, para nas suas festas as darem a comer aos maridos por reliquias, o que lhes dura muito tempo; e levão os contrarios, que não marárão na briga, cativos para depois os matarem em terreiro com as festas costumadas.

No despojo d'esta guerra não tem o principal couza certa, e cada hum leva, o que póde mais apanhar, e quando os vencedores se recolhem, põem fogo ás cazas da aldea, em que derão, que são cobertas de palma até o chão. E recolhem-se logo andando todo que lhe resta do dia, e toda a noite com o luar, trazendo o passo mais apressado com as suas espias detraz, por se arrecearem de se ajuntarem muitos dos contrarios, e virem tomar vingança dos acontecidos dos seus vizinhos, como cada dia lhes acontece. E sendo cazo, que os tupinambas achem seus contrarios apercebidos com a sua cerca feita, e elles se não atreverem aos cercar, fazendo-lhe pôr ao redor outra contracerca de rama, e espinhos muito leada com madeira, que metem no chão, que chamão *cazia*, pela qual emquanto verde não ha couza, que os rompa, e ficção com ellas seguros das flexas dos contrarios, a qual cazia fazem bem chegada á cerca dos contrarios, e de noite fazem mil roncarias, e jogão as pulhas de parte a parte, atéque os tupinambas abalroão a cerca, ou a levantão o cerco, se se não atrevem com elle, ou por lhes faltar mantimentos.

CAPITULO CLXIX.

De como os contrarios dos tupinambas dão sobre elle, quando se recolhem.

AContece muitas vezes aos tupinambas, quando se vem recolhendo para suas cazas dos assaltos, que derão a seus contrarios, ajuntar-se grande soma delles, e virem-lhe no alcançe, até lhe não poderem fugir, e ser-lhe necessario espera-los, o que fazem ao longo d'agua, onde

se

se fortificão fazendo a sua cerca de cazia, o que praticão com muita pressa para dormirem alli seguros de seus contrarios, mas com boa vigia, onde muitas vezes são apertados, e cercados dos contrarios, mas os cercados vem por detraz d'esta cerca, que está de fóra, para empregarem todas as suas flexas á vontade, e os de fóra não vêm, quem lhe atira; e se não vem apercebidos para os abalroarem, ou de mantimentos para continuarem com o cerco, se tornão a recolher, por não poderem abalroar com os tupinambas como querião.

E estes assaltos, que os tupinambas vão dar nos tupinaes, e outros contrarios seus, lhes acontece tambem a elles por muitas vezes, do que ficão mal tratados, se não são avizados primeiro, e apercebidos, mas as mais das vezes elles são os que ofendem a seus inimigos, e são prevenidos, quando se vêm nestas afrontas de mandar pedir soccorro a seus vizinhos, e lho vem logo dar com muita presteza.

Quando os tupinambas estão cercados de seus contrarios, as pessoas de mais authoridade d'entre elles lhes anda prégando de noite, que se esforcem, e pelejem como bons cavalleiros, e que não temão seus contrarios, porque muito depressa se verão vingados delles, porque lhes não tardará muito soccorro, e as mesmas prégações costumão fazer: quando elles tem cercado seus contrarios, e os querem abalroar, e antesque dem o assalto estando todos juntos á noite atraz passea o principal de redor dos seus, e lhe diz, em altas vozes, o que hão de fazer, e que os aviza, paraque se apercebão, e estejão á lerta, e as mesmas prégações lhe faz, quando andão fazendos a cercas de cazia, paraque se animem, e fação aquella obra com muita pressa; e quando os tupinambas pelejão no campo, andão saltando de huma banda para a outra sem estarem nunca quedos assobiando, com a m. no peito guardando-se das flexas, que lhe lanção seus contrarios, e lançando-lhe as suas com muita furia.

CAPITULO CLXX.

Em que se declara, como os tupinambas, que matou o contrario tomão logo nome, e as ceremonias, que nisto fazem.

COstumão entre os tupinambas, que todo aquelle que mata o contrario, toma logo o nome entre si, mas não o diz senão a seu tempo, que manda fazer grandes vinhos, e quando estão para se poderem beber, tingem-se á vespera á tarde de genipapo, e começão á tarde a cantar, e toda a noite, e depoisque tem cantado hum grande espaço, anda toda a gente da aldea rogando ao matador, que diga o nome, que tomou, ao que se faz de rogar, e tantoque o diz, se ordenão logo novas cantigas fundadas sobre a morte daquelle, que morreo, e em louvores daquelle que o matou, o qual como se acabão aquellas festas, e vinhos, se recolhe para a sua rede, como anojado por certos dias, e não come nelles certas couzas, que tem por agouro se as comer dentro daquelle tempo.

Todo o tupinamba, que matou na guerra, ou em outra qualquer parte algum contrario, tantoque vem para sua caza, e he nororio aos moradores della da tal morte do contrario costumão, em o matador entrando em caza arremeçarem-se todos ao seu lanço, e tomarem-lhe as armas, e todas as suas alfaias de seu uzo, ao que elle não hade rezistir por nenhum cazo, e ha de deixar levar tudo sem fallar palavra, e como o matador faz estas festas deixa crescer o cabello por alguns dias, e como he grande, ordena outros vinhos para tirar o dó, ao que faz suas vesperas cantadas, e ao dia que se hão de beber os vinhos se tosquia o matador, e tira o dó tornando-se a encher e tingir de genipapo, o qual tambem se risca em algumas partes do corpo com o dente de cotia, em lavores, e dão por estas sarjaduras huma tinta comque ficão vivas, e em quanto o riscado vive, o que tem por grande bizarria, e alguns indios, que tomárão tantos nomes, se riscárão tantas vezes, que não tem parte onde não esteja o corpo riscado.

Costumão tambem as irmãs dos matadores fazerem as mesmas ceremonias, que fizerão seus irmãos, tosquiandose tingindo-se do genipapo, e darem alguns riscos em si,

e

e fazem o mesmo pelos primos, a que tambem chamão irmãos, e fazem tambem suas festas com seus vinhos como elles, e para se não sentir a dôr do riscar, se lavão primeiro muito espaço com agua muito quente com que lhe entéza a carne, e não sentem as sarjaduras; mas muitos ficão dellas tão mal tratados, que se pôem em perigo de morte.

CAPITULO CLXXI.

Que trata do tratamento, que os tupinambas fazem, aos que cativão, e a mulher, que lhe dão.

OS contrarios, que os tubinambas cativão na guerra, ou de outra qualquer maneira metem-nos em prizões, as quaes são cordas de algodão grossas, que para isso tem mui louçãs, a que chamão *mazaraca*, as quaes são tecidas como os cabos dos cabrestos de Africa, e com ellas os atão pela cinta, e pelo pescoço, onde lhe dão bem de comer, e lhe fazem muito bom tratamento, atéque engorda, e estão estes cativos para se poderem comer, que he o fim, paraque os engordão, e como os tupinambas tem estes contrarios quitos, e bem seguros nas prizões, dão a cada hum por mulher a mais formoza moça, que ha na sua caza, com quem se elle agazalha, todas as vezes que quer, a qual moça tem cuidado de o servir, e de lhe dar o necessario, para comer e beber, com o que o cevão cada hora, e lhe fazem muitos regalos, e se esta moça emprenha, do que está prezo, como acontece muitas vezes, como pare, cria a criança até á idade de se poder comer, que offerece para isso ao parente mais chegado, que lho agradece muito, o qual lhe quebra a cabeça em terreiro com as ceremonias, que se adiante seguem, onde toma o nome, e como a criança he morta a comem assada com grande festa, e a mãi he a primeira, que come d'esta carne, o que tem por grande honra, pelo que de maravilha escapa nenhuma criança, que nasce d'estes ajuntamentos, que não matem, e a mãi que não come seu proprio filho, a que estes indios chamão *cunhamumbira*, que quer dizer filho do contrario, tem-na em ruim conta, e em peor, se não o entrega a seus irmãos, ou parentes com muito contentamento. Mas tambem ha algumas, que tomão aos cativos tamanho amor, que as

tomão por mulheres, e dão muito geito para se acolherem, e fugirem das prizões, que elles cortão com alguma ferramenta, que lhe derão ellas às escondidas, e lhe vão pôr no mato antes de fugir mantimentos para o caminho, e estas taes crião seus filhos com muito amor, e não os entregão aos parentes para os matarem, antes os guardão e defendem delles até serem moços grandes, que como chegão a esta idade logo escapão da furia de seus contrarios. Muitas vezes deixão os tupinambas de matar alguns contrarios, que cativão, por serem moços, e se quererem servir delles, aos quaes crião, e fazem tambem tratamento, que andão de maneira, que podem fugir, o que elles não fazem por estarem á sua vontade, mas depoisque este gentio teve comercio com os portuguezes folgão de terem escravos para lhos venderem, e ás vezes depois de os criarem, os matão por fazerem huma festa d'estas.

CAPITULO CLXXII.

Que trata da festa, e apparato, que os tupinambas fazem para matarem em terreiro a seus contrarios.

COmo os tupinambas vêm, que os contrarios, que tem cativos, estão já bons para matar, ordenão de fazer grandes festas a cada hum, para as quaes ha grandes ajuntamentos de parentes, e amigos, que para isso são chamados de trinta, e quarenta legoas, para a vinda dos quaes fazem grandes vinhos, que bebem com grandes festas; mas fazem muito maiores para o dia do sacrificio, do que ha de padecer, com grandes cantares, e a vespera em todo dia cantão e bailão, e ao dia se bebem muitos vinhos pela manhã, com motes que dizem sobre a cabeça, do que ha de padecer, que tambem bebe com elles. Os que cantão fundão nesta festa suas cantigas vituperando o que ha de padecer, e exalçando o matador, dizendo suas proezas, e louvores, e antesque bebão os vinhos, untão o cativo todo com mel de abelhas, e por cima d'este mel o empennão todo com pennas de cores, e pintão-no a lugares de genipapo, e os pés com huma tinta vermelha, e metem-lhe huma espada de páo nas máos paraque se defenda de quem o quer matar com ella, como poder, e como este cativos vem chegada a hora,

ra, em que hão de padecer; começão a prégar grandes louvores de sua pessoa, dizendo, que já está vingado, de quem o ha de matar, contando grandes façanhas suas, e mortes, que deu aos parentes do matador, ao qual ameaça, e a toda a gente da aldea, dizendo, que seus parentes o vingarão. Logo começão a levar este prezo a hum terreiro fóra da aldea, que para esta execução está preparado, e metem-no entre dous maurois, que estão metidos no chão, afastados hum do outro vinte palmos, pouco mais ou menos, os quaes estão furados, e por cada furo metem as pontas das cordas, com que o contrario vem, onde fica prezo como touro de cordas, onde lhe as velhas dizem, que se fartem de ver o sol, pois tem o fim tão chegado; ao que o cativo responde com grande coragem, que pois elle tem a vingança da morte tão certa, que aceita o morrer com muito esforço, e antes de lhe chegar a execução contemos como se prepara o matador.

CAPITULO CLXXIII.

Que trata, de como se enfeita, e apparata o matador.

COstumão os tupinambas primeiro, que o matador saia ao terreiro enfeita-lo muito bem, pintado com lavores de genipapo todo o corpo, e põem-lhe na cabeça huma carapuça de pennas amarellas, e huma diadema, manilhas nos braços, e nas pernas, das mesmas pennas grande ramaes de contas brancas sobraçadas, e seu rabo de pennas de ema nas ancas, e huma espada de páo em ambas as mãos muito pezada marchetada com continhas brancas de buzios, e pintada com cascas de ovos de cores, assentado tudo em lavores ao seu modo sobre cera, o que fica mui igualado, e de bom feitio, e no cabo d'esta espada tem grandes penachos de pennas de passaros feitas em molhos, e dependurados na empunhadura, a que elles chamão embagadura; e como o matador está prestes para receber esta honra, que entre o gentio he a maior, que póde ser, ajuntão-se seus parentes, e amigos, e vão-no buscar a sua caza, donde o vem acompanhando com grandes cantares, e tangeres dos seus buzios, e gaitas e tamboris, chamando-lhe bemaventurado, pois chegou a ganhar tamanha hon-

honra como he vingar a morte de seus antepassados, e de seus irmãos e parentes, e com este estrondo entra no terreiro da execução, onde está o que ha de padecer, que o está esperando com grande coragem com huma espada de páo na mão, diante de quem chega o matador, e lhe diz, que se defenda, porque vem para o matar, a quem responde o prezo, com mil roncarias, mas o solto remete a elle com a sua espada de ambas as mãos, da qual se se quer desviar o prezo para alguma banda, os que tem cuidado das cordas puchão por ellas de feição que o fazem esperar a pancada, e acontece muitas vezes, que o prezo primeiro, que morra, chega com a espada ao matador, e o trata muito mal sem embargo de o não deixarem as cordas chegar a elles. Por mais que o pobre trabalha não lhe aproveita, porque tudo he dilatar-lhe a vida mais dous credos, onde lha rende nas mãos do seu inimigo, que lhe faz a cabeça em pedaços com a sua espada; e como se acaba esta execução, tirão-no das cordas, e levão-no donde se costuma repartir esta carne, e acabado o matador de executar sua ira no cativo; toma logo entre si nome, o qual declara depois com as ceremonias, que ficão ditas atraz, e vai-se do terreiro recolher tira as armas, e petrechos, com que se enfeitou, e a mesma honra ficão recebendo aquelles, que primeiro pegarão nos cativos na guerra, do que tomão tambem novo nome, com as mesmas festas e ceremonias, que ja ficão ditas, o que se não faz com menos alvoroço, que aos proprios matadores.

CAPITULO CLXXIV.

Em que se declara, o que os tupinambas fazem do contrario, que matárão.

ACabado de morrer este prezo, o espedação logo os velhos da aldea, e tirão-lhe as tripas, e forssura, que mal lavadas cozem e assão para comer, e reparte se por todas as cazas da aldea, e pelos hospedes que vierão de fóra a vêr estas festas, e matanças, a qual carne se coze logo para comer nos mesmos dias das festas, e outra assão muito afastada do povo de maneira, que fica muito mirrada, a que este gentio chama *moquem*, a qual se não come por mantimento senão por vingança; mas os homens,

mens, mancebos, e mulheres moças, provão-na sómente, e os velhos e velhas, são os que se metem nesta carne muito, e guardão alguma da assada do moquem, por reliquias para com ella de novo tornarem a fazer festa se senão offerecer tão cedo matarem outro contrario, e os hospedes, que vierão de fóra a vêr esta festa, levão o seu quinhão de carne, que lhe dão do morto assada do moquem, para as suas aldeas, onde como chegão fazem grandes vinhos para com grande festa, segundo a sua gentilidade, o beberem sobre esta carne humana, que levão, a qual repartem por todos os das aldeas, para a provarem, e se alegrarem em vingança de seu contrario, que padece como fica dito.

Aconteceo muitas vezes cativar hum tupinamba a hum contrario na guerra, onde o quiz matar, para o trazer cativo para a sua aldea, alli o a faz engordar com as ceremonias já declaradas para o deixar matar a seu filho, como fica dito com as mesmas ceremonias, mas ata as mãos, ao que ha de padecer, para com isto o filho tomar nome novo, e ficar armado cavalleiro, e ser estimado de todos; e se este moço matador, ou outro algum se não quer arriscar, quando toma novo nome, contenta-se com se tingir de genipapo, e deixar crescer o cabello, e tosquea-lo com as ceremonias atraz declaradas, e os que se riscão, quando tomão nome novo, a cada nome, que tomão fazem sua feição do lavor, que para elles he grande bizarria, paraque se veja, quantos nomes tem.

CAPITULO CLXXV.

Que trata das ceremonias, que os tupinambas fazem quando morre algum, e como o enterrão.

HE costume entre os tupinambas, quando morre algum delles, o levarem-no a enterrar embrulhado na sua rede, em que dormia, e o parente mais chegado lhe ha de fazer a cova, e quando o levão a enterrar vão-no acompanhando mulher, filhas, e parentas, se as tem, as quaes vão pranteando até á cova com os cabellos soltos sobre o rosto, e estão-no pranteando atéque fica debaixo da terra, donde se tornão para sua caza, onde a viuva chora o marido por muitos dias, e se morrem as mulheres d'es-

tes tupinambas he costume, que os maridos lhe fação a cova, e ajudem a levar ás costas a defunta, e se não tem já marido, o irmão, ou parente mais chegado lhe faz a cova, e quando morre algum principal da aldea, em que vive, depois de morto alguns dias, antes de o enterrarem fazem as ceremonias seguintes. Primeiramente o untão com mel todo, e por cima do mel o empennão com pennas de passaros de cores, e põe-lhe huma carapuça de penna na cabeça, com todos os mais enfeites, que elles costumão trazer nas suas festas; e tem-lhe feito na mesma caza, e lanço onde vivia, huma cova muito funda e grande, com sua estacada ao redor, paraque tenha a terra, que não caia sobre o defunto, e armão-lhe sua rede em baixo de maneira, que não toque o morto no chão, em a qual rede o metem assim enfeitado, e põem-lhe junto da rede seu arco e flexas, e sua espada e fazem-lhe fogo ao longo da rede para se aquentar, e põem-lhe de comer em hum alguidar, e a agua em hum cabaço como gallinha, e como esta matalotagem está feita, e lhe põem tambem sua cangoeira na mão lançando-lhe muita soma de madeira igual no andar da rede de maneira, que não tope no corpo, e sobre esta madeira muita soma de terra com rama debaixo, primeiro paraque não caia terra sobre o defunto, e sobre a qual sepultura, vive a mulher como dantes. Quando morre algum moço filho de algum principal, e não tem muita idade, metem-no em cocaras atados os joelhos com a barriga em hum pote, em que elle caiba, e enterrão o pote na mesma caza debaixo do chão, onde tambem a filha e o pai se he morto são chorados muitos dias.

CAPITULO CLXXVI.

Que trata do sucessor ao principal, que morreo, e das ceremonias, que faz sua mulher, e as que se fazem por morte della tambem.

COstumão os tupinambas, quando morre o principal da aldea elegerem entre si, quem succeda em seu lugar, e se o defunto tem filho, que lhe possa succeder, a elle aceitão por sua cabeça, e quando não he para isso, ou se o não tem, aceitão hum seu irmão em seu lugar; e

não

não tendo parentes para isso; elegem hum parente seu delles, se he capaz do tal cargo, e tem as partes atraz declaradas.

He costume entre as mulheres dos principaes tupinambas, ou de outro qualquer indio cortar os cabellos por dó, e tingir-se todas de genipapo. As que chorão seus maridos muitos dias, são vizitadas de suas parentas, e amigas, e todas as vezes que o fazem tornão com a viuva a prantear de novo o defunto, as quaes deixão crescer o cabello, atéque lhe dá pelos olhos, e se não caza com outro, logo faz sua festa com vinhos, e torna-se a tosquear para tirar o dó, e tinge-se de novo do genipapo.

Costumão os indios, quando lhe morrem as mulheres deixarem crescer o cabello, no que não tem tempo cerro, e tingem-se do genipapo por dó, e quando se querem tosquear, se tornão a tingir de preto. A' vespera da festa dos vinhos, que fazem a seu modo cantando toda a noite, para a qual se ajunta muita gente delles para estes cantares, e o viuvo tosquia-se á vespera a tarde, e ao outro dia ha grandes revoltas de cantar, bailar, e beber, e o que neste dia mais bebeo fez maior valentia, aindaque vomite e perca o juizo. Nestas festas se cantão as proezas do defunto, ou defunta, e do que tira o dó, e o mesmo dó tomão os irmãos, filhos, pai, e mái do defunto, e cada hum por si faz sua festa, quando tira o dó aindaque o tragão por huma mesma pessoa; mas este sentimento houverão de ter os vivos dos mortos, quando estavão doentes, mas são tão desamoraveis os tupinambas, que quando algum está doente, e a doença he comprida, logo aborrece a todos os seus, e curão delle muito pouco, e como o doente chega a estar mal, he logo julgado por morto, e não trabalhão os seus mais chegados por lhe dar, a vida, antes o desamparão, dizendo, que pois ha-de morrer, e não tem remedio, que paraque he dar lhe de comer, nem curar delle, e tanto he isto assim, que morrem muitos ao desamparo, e levão a enterrar outros, ainda vivos, porque como chega a perder a falla dáo-no logo por morto, e entre os portuguezes acontece muitas vezes fazerem trazer de junto da cova escravos seus para caza por as mulheres os julgarem por mortos, muitos dos quaes tiverão saude depois muitos annos.

CAPITULO CLXXVII.

Que trata, de como entre os tupinambas há muitos mamelucos, que descendem dos francezes, e de hum indio, que se achou muito alvo.

AIndaque pareça fóra de proposito, o que se contem neste capitulo, pareceo decente escrever aqui, o que nelle se contem para se melhor entender a natureza, e condição dos tupinambas, com os quaes, os francezes alguns annos antes, que se povoa-se a Bahia, tinhão comercio, e quando se hião para França com suas naos carregadas de páo de tinta, algodão, e pimenta, deixavão entre os gentios alguns mancebos para aprenderem a lingoa, e poderem servir na terra, quando tornassem de França, para lhe fazer seus regate. Estes se amancebárão na terra, onde morrêrão sem se quererem tornar para França, e vivêrão como gentios com muitas mulheres, dos quaes, e dos que vinhão todos os annos á Bahia, e do rio Segeripe em náos de França, inçou a terra de mamelucos, que nascêrão, vivêrão, e morrêrão como gentios, dos quaes ha hoje muitos seus descendentes, que são louros, alvos, e sardos, e havidos por indios tupinambas, e são mais barbaros que elles. E não he de espantar serem estes descendentes dos francezes, alvos, e louros, poisque sahem a seus avós, mas he de maravilhar trazerem do certão entre outros tupinambas hum menino de idade de dez annos, para doze no anno de 1586, que era tão alvo, que de o ser muito não podia olhar para a claridade, e tinha os cabellos da cabeça pestanas e sobrancelhas tão alvas como algodão, com o qual vinha seu pai, com quem era tão natural, que toda a pessoa, que o via, o julgava por esse sem o conhecer, e não era muito preto, e a mái, que vinha na companhia, era muito preta, e pelas informações, que então se tomárão dos outros tupinambas da companhia, achou-se que o pai d'este indio não descendia dos francezes, nem elles forão áquellas partes, donde esta gente vinha, nunca, e aindaque este menino era assim branco, era muito feo.

Nesta povoação, onde este indio branco veio ter, que he de Gabriel Soares, aconteceo hum cazo estranho a huma india tupinamba, que havia pouco que viera do certão

cão, a qual hia para huma roça a buscar mandioca levando hum filho de huma ama ás costas, que hia chorando, do qual se enfadou a mái de maneira, que lhe fez huma cova com hum páo no chão, e o enterrou vivo, e foi-se a india com as outras á roça, que seria d'alli distancia de hum tiro de bombarda, e arrancou a mandioca, que hia buscar, e tornou-se com ella para caza, que seria, donde a criança ficava enterrada, outro tiro de bombarda, sobre que as outras indias, que vírão esta crueldade de mái, estando fazendo a farinha se puzerão a praticar maravilhando-se do cazo acontecido, a que unirão outras indias da mesma caza ladinas, e forão-no contar a sua senhora, que logo se informou do cazo como acontecêra, e sabendo a verdade delle mandou a toda a pressa desenterrar a criança, que ainda acharão viva, e por ser pagão a fez batizar logo, a qual viveo depois seis mezes.

CAPITULO CLXXVIII.

Que trata da vida, e costumes dos tupinaes, de quem são os tupinaes, e outras castas de gentio da Bahia, que vive pela terra dentro de seu certão, dos quaes diremos o que podemos alcançar delles: começando logo nos tupinaes.

TUpinaes he huma gente do Brazil semelhante no parecer, vida, e costumes aos tupinambas, e na lingoagem não tem mais diferença, huns dos outros, doque tem os moradores de Lisboa dos de entre Douro e Minho; mas a dos tupinambas he mais pulida e pelo nome tão semelhante d'estas duas castas de gentio parece bem claro, que antigamente foi esta gente toda huma como dizem os indios antigos d'esta nação, Tem-se por tão contrarios huns dos outros, que se comem aos bocados, e não cançáo de se matarem em guerras, que continuamente tem, e não tão sómente são inimigos os tupinaes dos tupinambas, mas são de todas as outras nações do gentio do Brazil, e entre todas ellas lhe chamão *taburas*, que quer dizer contrarios. Os tupinaes no antigo vivêrão ao longo do mar, como fica dito no titulo dos tupinambas, que os lançárão delle para o certão, onde agora vivem, e terão occupado huma corda de terra de mais de duzentas legoas:

partem com os rapuias, com quem tem tambem contínua guerra.

São os tupinaes mais atraiçoados que os tupinambas, e mais amigos de comer carne humana, em tanto, que se lhes não acha nunca escravo dos contrarios, que cativão, porque todos matão, e comem, sem perdoarem a ninguem, e quando as femeas emprenhão dos contrarios em parindo lhe comem logo a criança, a que tambem chamão *cunhamembira*, e a mesma mãi ajuda logo a comer o filho, que pario.

CAPITULO CLXXIX.

Que trata de alguns costumes, e trages dos tupinaes.

COstumão entre os tupinaes trazerem os homens o cabello da cabeça comprido, até lhe cobrir as orelhas, muito aparado sobre ellas, e desafogado por diante, e outros o trazem copado sobre as orelhas como crenchas, e alguns tosqueão a dianteira até ás orelhas sobre pentem, e por detraz o cabello comprido, e a seu modo, de huma maneira, e outra fica muito afeiçoado.

São os tupinaes mais fracos de animo, que os tupinambas, de menos trabalho, de menos fé, e verdade, são muzicos de natureza, e grandes cantores de chacotas quazi pelo modo dos tupinambas, bailão, cação, e pescão como elles, e pelejão em saltos como elles, mas não são pescadores no mar; como se achão nelle pelo não haverem em costume por ser gente do certão, esmorecem e não pescão senão nos rios da agua doce.

Estes tupinaes andárão antigamente correndo toda a costa do Brazil, donde forão lançados sempre do outro gentio, com quem ficavão vizinhando, por suas ruins condições, no que ficárão mui odiados de todas as outras nações do gentio.

Traz este gentio os beiços furados, e pedras nelles, e no rosto, como os tupinambas, e ainda fazem mais furos nelle, e se fazem mais bizarros, e quando se infeitão o fazem na fórma dos tupinambas, e trazem no pescoço colares de dentes dos contrarios como elles, e na guerra uzão dos mesmos tambores, trombetas, buzinas, que costumão trazer os tupinambas, os quaes são muito mais sogeitos ao peccado nefando, doque são os tupi-

pinambas, e os que servem de machos se prezão muito disso, e tratão quando se dizem seus louvores.

Quando este gentio anda algum caminho, ou se acha em parte, onde lhe falta fogo, esfregando hum páo rijo, que para isso trazem com flexas fendidas o fazem acender esfregando muito com as máos, atéque levanta labareda, o qual fogo pega nas flexas, e d'esta maneira se remedeão, do que tambem se aproveitão os tupinambas, quando tem necessidade de fogo.

Estes tupinaes são os fronteiros dos tupinambas, com os quaes forão sempre apertando, atéque os fizerão hir vizinhar com os tapuias, com quem tem sempre guerra sem entenderem em outra couza, da qual sahem como lhe ordena a fortuna. D'este gentio tupinaes ha já muito pouco em comparação do muito que houve, o qual se consumio com fomes e guerras, que levantárão com seus vizinhos de huma parte, e da outra. Costumão estes indios nos seus cantares tangerem com hum canudo de huma cana de seis a sete palmos de comprido, e tão grosso, que cabe hum braço, por grosso que seja, por dentro delle, o qual canudo he aberto pela banda de cima, e quando o tangem vão tocando com o fundo do canudo no chão, e tocando com os seus tambores, de maneira que os elles tangem.

CAPITULO CLXXX.

Em que se declara, quem são os aimores, e onde vivem.

CONvem arrumar aqui os aimores, porque descendem dos tupinambas, e por estarem na fronteira dos tupinaes além do rio de S. Francisco, e passâmos pelos tapuias, que ficão em meio para huma das bandas, e por estarem muito espalhados por toda a terra, de quem temos muito que dizer ao diante, no cabo d'esta historia, da vida e costumes do gentio. Quando os tupinaes vivião ao longo do mar rezidião os tupinambas no certão, onde certas aldeas delles forão fazendo guerra aos tapuias, que tinhão por vizinhos, a quem forão perseguindo por espaço de annos tão rijamente, que entrárão tanto pela terra dentro, que forão vizinhar com o rio de S. Francisco, e neste tempo outros tupinambas fizerão despejar aos tupinaes de junto do mar da Bahia, como já fica dito, os quaes se

metêrão tanto pela terra dentro afastando-se dos tupinambas, que tomárão os caminhos áquelles, que hião seguindo os tapuias, pelo que não podérão tornar para o mar por terem diante os tupinaes, que, como se sentírão desapressados, e souberão dest'outros tupinambas, que seguírão os tapuias, derão-lhe nas costas e apertárão com elles rijamente, que fizerão da sua parte os tapuias fazendo lhe crua guerra, ao que os tupinambas não podião rezistir, e vendo-se tão apertados de seus contrarios, assentarão de se passarem da outra banda do rio de S. Francisco, onde se contentárão da terra, e assentárão alli sua vivenda chamando-se *amoipira*, por o seu principal se chamar Amoipira, onde esta gente multiplica, de maneira, que tem senhoreado ao longo d'este rio de S. Francisco, a que o gentio chama *Opara*, mais de cem legoas, onde agora vivem e ficão-lhe em frontaria dest'outra parte do rio, de hum lado os tupuias, e do outro os tupinaes, que se fazem cruel guerra huns aos outros passando com embarcações ao seu modo a outra banda, dando grandes saltos nos contrarios, os amoipiras aos tapuias, que atravessão o rio em almadias, que fazem da casca de arvores grandes, cujo feitio fica atraz declarado.

CAPITULO CLXXXI.

Que trata da vida, e costumes dos amoipiras.

TEm os amoipiras a mesma linguagem dos tupinambas, e a diferença, que tem, he em alguns nomes proprios, que no mais entendem-se muito bem, e tem os mesmos costumes e gentilidades, mas são mais atraiçoados, e de nenhuma fé, nem verdade.

Na terra, onde este gentio vive, ha muita falta de ferramentas por não terem comercio com os portuguezes, e apertados da necessidade corrão as arvores com humas ferramentas de pedra, que para isso fazem, com o que ainda, e com muito tribalho roção o mato para fazerem suas roças, do que tambem se aproveitava antigamente todo o outro gentio, antesque communicasse com gente branca.

E para plantarem na terra a sua mandioca, e legumes cavão nella com huns páos tostados agudos, que lhes

ser

servem de enxadas. Os amoipiras trazem o cabello da cabeça copado, e aparado ao longo das orelhas, e as mulheres trazem os cabellos compridos como os tupinambas. pesca este gentio com huns espinhos tortos, que lhe servem de anzoes, com que matão muito peixe, e á flexa, para o que são mui destros, e para matarem muita caça.

Trazem os amoipiras os beiços furados, e pedras nelles como os tupinambas, pintão-se de genipapo, e enfeitão-se com elle. Uzão na guerra tambores, que fazem de hum só páo, que cavão por dentro com fogo, tanto até que fica delgado, os quaes toão muito bem, na mesma guerra uzão de tambetas, que fazem de huns buzios grandes furados, ou de cana da perna das alimarias, que matão, a qual lavrão, e engastão em hum páo. Em tudo o mais seguem o costume dos tupinambas, assim na guerra, como na paz, dos quaes fica dito largamente no seu titulo. Estes amoipiras tem por vizinhos no certão de traz de si outro gentio, a que chamão *ubirajaras* com quem tem guerras ordinariamente, e se matão, e comem huns aos outros com muita crueldade, sem perdoarem as vidas, quando se cativão.

CAPITULO CLXXXII.

Que trata brevemente da vivenda dos ubirajaras, e seus costumes.

PElo certão da Bahia além do rio de S. Francisco, partindo com os amoipiras da outra banda do certão, vive huma certa nação de gente barbara, a que chamão *ubirajaras*, que quer dizer senhores dos páos, os quaes se não entendem na lingoagem com outra nação alguma do gentio: tem contínua gerra com os aimoipiras, e cativão-se matão-se, e comem-se huns aos outros sem nenhuma piedade.

Estes ubirajaras não vírão nunca gente branca, nem tem noticia della, e he gente muito barbara, da estatura, e côr do outro gentio, e trazem os cabellos muito compridos, assim os machos como as femeas, e não consentem em seu corpo nenhuns cabellos, que em lhes nacendo o não arranquem.

Fazem estes ubirajaras suas lavouras, como fica dito dos amoipiras, e pescão no rio com os mesmos espinhos,

e com outras armadilhas, que fazem, em que lhe cahem facilmente.

A peleja dos ubirajaras he a mais notavel do mundo, porque a fazem com huns páos tostados muito agudos de comprimento de tres palmos, pouco mais ou menos cada hum, e são agudos de ambas as pontas, com os quaes atirão a seus contrarios como com punhaes, que são tão certeitos com elles, que não errão tiro, com o que tem grande chegada, e d'esta maneira matão tambem a caça, que se lhe espera a tiro, não lhe escapa. Com estas armas se defendem de seus contrarios, tão valorosamente como seus vizinhos com arcos, e flexas, e quando vão á guerra, leva cada hum seu feixe d'estes páos com que peleja, e com estas armas são mui temidos dos amoipiras, com os quaes tem sempre guerra por huma banda, e pela outra, com humas mulheres, que dizem ter huma só teta, que pelejão com arcos e flexas, e se governão e regem sem maridos, como se diz das Amazonas, dos quaes não podemos saber mais informações, nem da vida e costumes d'estas mulheres, de que muito dezejariamos dizer, se o podessemos alcançar.

Como a tenção, com que nos occupamos nestas lembranças, foi para mostrar bem o muito, que ha por dizer da Bahia de todos os Santos, cabeça do estado do Brazil, he necessario, que não fique por declarar a vida e costumes dos tapuias primeiros possuidores d'esta provincia da Bahia, de quem começamos a dizer o que se póde alçançar delles, começando no capitulo, que se segue, e guardaremos a mesma ordem, como atéqui fizemos.

CAPITULO CLXXXIII.

Que trata da terra, que os Tapuias possuirão, e possuem hoje em dia.

ATégora tratâmos de todas as castas de gentio, que vivia ao largo do mar da costa do Brazil, e de algumas nações, que vivem pelo certão de quem tivemos noticia, e deixamos de fallar dos tapuias, que he o mais antigo gentio, que vive nesta costa, do qual ella foi em todo senhoreada da boca do rio da Prata, até o rio das Amazonas, como se vê, do que está hoje povoado, e senhorea-

do

do delles, porque da banda do rio da Prata senhoreão ao longo da costa mais de cento e cincoenta legoas, e da parte do rio das Amazonas senhoreão para contra o sul mais de duzentas legoas, e pelo certão vem povoando por huma corda de terra por cima de todas as nações do gentio nomeadas desde o rio da Prata, até o das Amazonas, e toda a mais costa senhoreárão nos tempos atraz, donde por espaço de tempo forão lançados de seus contrarios, por se elles dividirem, e inimizarem huns com os outros, poronde senão favorecêrão, e os contrarios tiverão forças para poucos a poucos os hirem lançando da ribeira do mar de que elles erão possuidores.

Atraz fica dito como forão lançados os tapuias da Bahia, e seu limite pelos tupinaes, os quaes se forão recolhendo para o certão por espaço de tempo, onde atégora vivem divididos em bandos, não se acomodando huns com outros, antes tem cada dia differenças e brigas, e se matão muitas vezes em campo, poronde se diminuem em poder, para não poderem rezistir a seus contrarios, com as forças necessarias, para se fiarem muito em seu esforço e animo, não entendendo o que está tão entendido, que o esforço dos poucos, não póde rezistir ao poder dos muitos.

CAPITULO CLXXXIV.

Que trata de quem são os tapuias, que são os maraquas.

COmo os tapuias são tantos, e estão tão divididos em bandos, costumes, e lingoagem, para se poder dizer delles muito era necessario de propozito, e de vagar tomar grandes informações de suas devizões, vida, e costumes, mas pois ao prezente não he possivel, trataremos de dizer dos que vizinhão com a Bahia, sobre quem se fundárão todas estas informações de suas devizões, vidas, e costumes, que neste caderno estão relatadas, começando logo, que os mais chegados tapuias aos povoadores da Bahia são huns, que se chamão de alcunha os *maraquas*, os quaes são homens rebustos, e bem acondicionados, trazem o cabello crescido até ás orelhas e copado, e as mulheres, os cabellos compridos atados atraz, o qual gentio falla sempre de papo tremendo com a falla, e não se entende

com outro nenhum gentio, que não seja tapuia. Quando estes tapuias cantão, não pronuncião nada, por ser tudo gargantead, mas a seu modo, e são entoados, e prezão-se de grandes muzicos, a quem o outro gentio folga muito de ouvir cantar. São estes tapuias grandes flexeiros, assim para a caça, como para seus contrarios, e são muito ligeiros, e grandes corredores, e grandes homens de pelejarem em campo, e descoberto, mas pouco amigos de abalroar cercas, e quando dão em seus contrarios se se elles recolhem em alguma cerca não se detem muito em os cercar, antes se recolhem logo para suas cazas, as quaes tem em aldeas ordenadas; como costumão os tupinambas.

Estes tapuias não comem carne humana, e se tomão na guerra alguns contrarios, não os matão, mas servem-se delles como de seus escravos, e por taes os vendem agora aos portuguezes, que com elles tratão, e communicão. São estes tapuias muito folgazões, e não trabalhão nas roças como os tupinambas, nem plantão mandioca, nem comem senão legumes, que as mulheres lhe plantão e grangeão em terra sem mato grande, a que põem fogo para fazerem suas sementeiras: os homens occupão-se em caçar, a que são muito afeiçoados. Costuma este gentio não matar a ninguem dentro de suas cazas, e se seus contrarios fugindo-lhe da briga se recolhem a ellas, não os hão de matar dentro, nem fazer-lhe nenhum aggravo por mais irados, que estejão; e esperão, que saia para fóra, ou se lhe passe a ira, e acceitão-nos por escravos, ao que são mais afeiçoados, que a mata-los, como lhe fazem a elles.

São os tapuias contrarios de todas as outras nações, de todo o gentio por terem guerra com ellas, ao tempo que vivião junto ao mar, donde por força de armas forão lançados: os quaes são homens de grandes forças, andão nus como o mais gentio, e não consentem em si mais cabellos, que os da cabeça, e trazem os beiços furados, e pedras nelles, como os tupinambas.

Estes tapuias são conquistados pela banda do rio de Seregipe dos tupinambas, que vivem por aquellas partes, e por outra parte os vem saltear os tupinaes, que vivem da banda do poente, e vigião-se ordinariamente huns dos outros, e está povoado d'este gentio por esta banda cincoenta, ou sessenta legoas de terra, entre os quaes ha hu-

humas serras, onde ha muito salitre, e pedras verdes, de que elles fazem as que trazem metidas nos beiços por bizarria.

CAPITULO CLXXXV.

Em que se declara o citio em que vivem outros tapuias, e da parte de seus costumes.

PElo certão da mesma Bahia, para a banda do poente oitenta legoas do mar, pouco mais, ou menos, estão humas serras, que se estendem por huma banda, e para a outra, e para o certão mais de duzentas legoas, tudo povoado de tapuias contrarios d'estes de que atégora tratamos, que se dizem os maraquas, mas todos fallão, cantão, e bailão de huma mesma feição, e tem os mesmos costumes no proceder da sua vida, e gentilidades, com muito pouca differença.

Estes tapuias tem guerra por huma banda com os tupinaes, que lhe ficão a hum lado muito vizinhos, e por outra parte a tem com as amoipiras, que lhe ficão em fronteira da outra banda do rio de S. Francisco, e matão-se huns aos outros cruelmente, dos quaes se vigião de continuo, contra quem pelejão, com arcos e flexas, o que sabem tambem manear como todo o gentio do Brazil. São estes tapuias grandes homens de fazer gnerra a seus contrarios, e são mais esforçados, que conquistadores, e mais fieis, que os tupinais.

Vivem estes tapuias em suas aldeas com cazas bem armadas, e tapadas pelas paredes de páo a pique a seu modo, muito fortes, por amor dos contrarios, os não entrarem, e tomarem de subito, em as quaes dormem em redes, como os tupinambas, com fogo á ilharga, como faz todo o gentio d'esta comarca.

Não costuma este gentio plantar mandioca, nem fazer lavouras senão de milho, e outros legumes, por que não tem ferramentas comque roçar o mato, e cavar a terra, e por falta della quebrão o mato pequeno ás mãos, e ás arvores grandes põem fogo ao pé donde está lavrando, atéque as derruba, e cavão a terra com páos agudos, para plantarem suas sementeiras, e o mais do tempo se mantem com frutas silvestres, e com caça, a que são muito afeiçoados.

Costuma este gentio tapuia, trazerem os machos os cabellos da cabeça são compridos, que lhe dão pela cinta, e ás vezes os trazem entrançados, ou emnastrados com firas de fio de algodão, que são como passamanos, mas muito largas; e as femeas andão tosqueadas, e trazem cingidas ao redor de si humas franjas de fio de algodão, que tem os guedilhos tão compridos, que bastão para lhe cobrirem suas vergonhas, o que não trazem nenhumas mulheres do gentio d'estas partes.

CAPITULO CLXXXVI.

Em que se declarão alguns costumes dos tapuias d'estas partes.

ESTes tapuias, que vivem nesta comarca, são muito muzicos, e cantão pela maneira dos primeiros; trazem os beiços debaixo furados, e nelles humas pedras verdes roliças, e compridas, que lavrão de vagar roçando-as com outras pedras tanto, atéque as aperfeiçoão á sua vontade.

Não pescão estes indios nos rios á linha, porque não tem anzoes, mas para matarem peixe colhem huns ramos de humas hervas como vides, mas mui compridos, e brancos, e tecem-nos como rede, os quaes deitão no rio, e tapão-no de huma parte á outra, e huns tem mão nesta rede, e outros batem a agua em cima, donde o peixe foge, e vão-se decendo até dar nella, onde se ajunta, e tomão ás mãos o peixe pequeno, e o grande matão ás flexadas sem errarem hum.

Costumão estes tapuias, para fazerem sal, queimarem huma serra de salitre, que está entre elles, donde tomão aquella cinza, e a terra queimada, e lanção-na na agua do rio em vazilhas a qual fica logo salgada, e põem-na ao fogo, aonde a cozem, e ferve tanto atéque se coalha, e fica feito sal em hum pão, e com este sal temperão seus manjares; mas o salitre torna logo acrescer na terra para cima, mas não he tão alvo como o que foi queimado. Entre estes tapuias ha outros mais chegados ao rio de S. Francisco, que estão com elles dizavindos, que são mais agrestes, e não vivem em cazas, e fazem sua vivenda em furnas, onde se recolhem, e tem huma d'estas serras mui aspera, onde fazem sua habitação, os quaes tem os mesmos costumes, que os de cima.

Cor-

Corre esta corda dos tapuias toda esta terra do Brazil, pelas cabeceiras do outro gentio, e ha entre elles differentes castas, com muito differentes costumes, e são contrarios huns dos outros, entre os quaes ha grandes discordias, poronde se fazem guerra muitas vezes, e se matão sem nenhuma piedade.

D'aqui por diante se declara o grande commodo, que a Bahia tem para se fortificar, e os metaes, que nella se dão.

Não parece desprepozito arrumar á sombra do que está dito da Bahia de todos os santos, os grandes aparelhos, e commodo que tem para se fortificar como convem ao serviço de elRei nosso senhor, e ao bem da terra para se poder resistir a quem a quizer offender, o que começamos a declarar pelo capitulo, que se segue.

CAPITULO CLXXXVII.

Em que se declara a pedra, que tem a Bahia para se fortificar.

A Primeira couza, que convem para se fortificar a Bahia, he que tinha pedra de alvenaria, e cantaria, de que ha em todo o seu circuito muita commodidade, e quantidade grande para se poder fazer grandes muros, fortalezas, e outros edificios, porque ao redor da cidade ha muita pedra preta, assim ao redor do mar, como pela terra, a qual he de pedreiras boas de quebrar, com a qual se fazem paredes muito bem leadas; e pelos limites d'esta cidade ha muita pedra molar, como a de alvenaria de Lisboa, com que se faz boa obra: e ao longo do mar, meia legoa da cidade, e em muitos lugares mais afastados ha muitas lagoas de pedra mole como tufo, de que se fazem cunhaes, em obras de alvenaria, com os quaes se lião os edificios, que na terra se fazem, e se afeiçoão os cunhaes d'estas lages com pouco trabalho, por estarem cortados pela natureza conforme o para que forem necessarios.

Quando se edificou a cidade do Salvador, se aproveitárão os edificadores, e povoadores della de huma pedra cinzenta boa de lavrar, que hião buscar por mar ao porto de Itapitanga, que está sete legoas da cidade da mesma

ma Bahia, da qual fizerão as columnas da sé, portaes, e cunhaes, e outras obras de meio relevo, e muitas campas, e outras obras proveitozas; mas depois se descobrio outra pedreira melhor, que se arranca dos arrecifes, que se cobrem com a preiamar das marés de aguas vivas ao longo do mar, a qual pedra he alva, e dura, que o tempo nunca gasta, mas trabalhoza de lavrar, què gasta as ferramentas muito, de que se fazem obras mui primas e formozas, e campas de sepulturas mui grandes, e parece a quem isto tem attentado, que esta pedra se fez da area congelada, porque ao longo dos mesmos arrecifes, bem chegado a elles, he tudo rochedo de pedra preta, e est'outra he muito branca depois de lavrada, mas não he muito macia, a qual quando a lavrão sempre huma grã areenta, e achão-se muitas vezes no meio d'estas pedras cascas de ostras, e de outro marisco, e huns seixinhos de area, pelo que se tem, que esta pedra se formou de area, e que se congelou com a fraldade da agua do mar, o que he facil de crer, porque se achão por estas praias limos enfarinhados de area, que está congelada, e dura como pedra, e alguns páos de ramos de arvores, tambem cobertos d'esta massa tão dura como se forão de pedra.

CAPITULO CLXXXVIII.

Em que se declara o commodo, que tem a Bahia para se poder fazer muita cal como se faz.

A Mor parte da cal, que se faz na Bahia, he das cascas das ostras, de que ha tanta quantidade, que se faz della muita cal, a qual he alvissima, e liga tambem como a de Alcantara, e fazem-se della guarnições de estuque mui alvas, e primas: e a cal, que se faz das ostras he mais facil de fazer, que de pedras, porque gasta pouca lenha, e com lhe fazerem fogo que dure dez, doze horas, fica mui bem cozida, e he tão forte, que se quer caldeada, e ao caldear ferve em pulo como a cal de pedra de Lisboa. Quanto mais, que quando não houvera este remedio tão facil, na ilha da Taparica, que está defronte da cidade estão tres fórnos de cal, onde se faz muita, que se vende, a cruzado o moio, a qual cal he mui estranha, porque se faz de humas pedras, que se crião no mar no citio d'esta ilha, e em outras partes, as quaes são mui-

muito crespas, e artificiosas para outras curiozidades, e não nascem em pedreiras, mas acháo-se soltas em muita quantidade. Estas pedras são sobre o leve, por serem por dentro organizadas com alfebas. Esta pedra se enfórna em fórnos de arcos, como os em que cozem a louça, com sua abobada fechada por cima, da mesma pedra, mas sobre os arcos. Está o forno todo cheio de pedra, e o fogo mete-se-lhe por baixo dos arcos com lenha grossa, e cozem huma noite, e hum dia, e coze muito bem, cuja cal he muito alva, e liga a obra, que della se faz, como a de Portugal, e caldeão-na da mesma maneira, mas não leva tanta area como a cal que se faz das ostras, e de outro qualquer marisco, de que tambem se faz muito alva e boa, e para todas as obras, quanto mais, que quando não houvera remedio tão facil para se fazer infinidade de cal como o que está dito, com pouco trabalho se podia fazer muita cal, porque na Bahia, no rio de Jagoaripe, e em outras partes ha muita pedra liós, como a de Alcantara, com humas veias vermelhas, a qual pedra he muito dura de que se fará toda a obra prima, quanto mais cal, para o que se tem experimentado já, e cozem muito bem e se se não vale della para fazerem cal, he porque achão est'outro remedio muito perto, e muito facil, e para as mesmas obras, e edificios, que forem necessarios. Tem a Bahia muito barro de que se faz muita, e boa telha, e muito tijolo de toda a sorte, de que ha em cada engenho hum forno de tijollo, e telha, em os quaes se coze tambem muito boa louça, e fórmas, que se fazem do mesmo barro.

CAPITULO CLXXXIX.

Em que se declara os grandes aparelhos, que a Bahia tem para se nella fazerem grandes armadas.

POis sobejão aparelhos á Bahia para se poderem fortificar, entenda-se, que lhe não faltão para poder fazer grandes armadas comque se possa defender, e ofender a quem contra o sabor de S. Magestade se quizer apoderar della, para o que tem tantas, e tão maravilhozas, e formozas madeiras, para se fazerem muitas náos, galeões, e galés, para quem não faltarão remos com que se ellas possão remar muito estremados, como já fica dito atraz, pois

pois para se fazer muito taboado para estas embarcações sobeja commodo para isso, porque ha muitas castas de madeiras, que se serrão muito bem como em seu lugar fica dito, para as quaes, o que falta senão serradores, de que ha tantos na Bahia escravos de diversos senhores, que convindo ao serviço de S. Magestade trabalharem todos a fazerem taboado, ajuntar-se-hão pelo menos quatrocentos serradores escravos mui destros, e duzentos escravos carpinteiros de machado, e ajuntar-se-hão mais quarenta carpinteiros portuguezes da ribeira, e mistiços para ajudarem a fazer as embarcações, os quaes se occupão em fazer navios, que se na terra fazem, caravelões, barcos de engenho, e barcos de toda a sorte, que resta agora de madeira para se fazerem estas náos, e galeões, e mastros, e vergas, e disto ha mais aparelho na Bahia, que nas provincias de Flandes, porque ha muitos mastros inteiros para se emmastrearem náos de toda a sorte, e muitas vergas, o que tudo he mais forte, que os de pinho, e de mais dura, mas são mais pezados, o que tudo se achará á borda da agua: bem sei, que me estão já perguntando pela pregadura para estas armadas, ao que respondo, que na terra ha muito ferro de veas para se poder lavrar, mas que em quanto senão lavra será necessario hir de outra parte, mas se a necessidade for muita ha tantas ferramentas na terra de trabalho, tantas ferragens dos engenhos, que se poderão juntar mais de cem mil quintaes de ferro; e por que tardo já em lhe dar ferreiro, digo que em cada engenho ha hum com sua tenda, e com os mais, que tem tenda na cidade, e em outras partes se póde juntar cincoenta tendas de ferreiros com seus mestres e obreiros.

CAPITULO CXC.

Em que se apontão os mais aparelhos, que ha para se fazerem estas armadas.

PArecerá impossivel achar-se na Bahia aparelho de estopa para se calafetarem as náos, galeões, e galés, que se podem fazer nella, para o que tem facilissimo remedio, por que ha nos matos d'esta provincia infinidade de arvores, que dão invira como temos dito, quando fallámos da propriedade dellas, a qual invira lhe sahe da casca que he tão gros-

grossa como hum dedo como está pizada e muito branda, e d'esta invira se calafetão as náos, que se fazem no Brazil, e todas as embarcações de que ha tanta quantidade, como já dissemos atraz, a qual para debaixo da agua he muito melhor, que estopa, porque não apodrece, e incha muito na agua, e as costuras, que se calafetão com a invira ficão muito mais fixas, que as de estopa, do que ha muita quantidade na terra, e se cuidar quem ler estes apontamentos, que não haverá officiaes, que calafetem estas embarcações, afirmo-lhe que ha estes na Bahia, mais de duas duzias, e achar-se-hão nos navios, que sempre estão no porto dez, ou doze, que são calafates das mesmas náos, e ha muitos escravos tambem na terra, que são calafates por si sós, e á sombra de quem o sabe bem fazer.

Breu para se brearem estas embarcações, não temos na terra, mas he por falta de se não dar remedio a isto, porque ao longo do mar em terras baixas de area, he tudo povoado de humas arvores, que se chama *camasai*, que entre a casca e o amago lança infinidade de rezina branca, grossa como termentina de Beta, a qual he tão pegajoza, que senão tira das máos senão com azeite quente, a qual se houver quem lhe saiba fazer algum cozimento será muito boa para brearem com ella os navios, e far-se-ha tanta quantidade, que poderão carregar náos d'esta rezina, e porque se não podem brear as náos sem se misturar com a rezina graxa, na Bahia se faz muita de tubarões, lixa, e outros peixes comque se alumião os engenhos, e se breão os barcos, que ha na terra, o que he bastante para se adubar o breu para muitas náos, quanto mais, que se á Bahia forem biscainhos, ou outros homens, que saibão armar ás balêas, em nenhuma parte entrão tantas como nella, onde residem seis mezes do anno, e mais, de que se fará tanta graxa, que não hajão embarcações, que a possão trazer á Hespanha.

CAPITULO CXCI.

Em que se apontão os mais aparelhos, que faltão para as embarcações.

POis que temos aparelhos para lançar as embarcações, que se podem fazer na Bahia ao mar, convem que lhe demos os aparelhos com que estas embarcações possão na-

vegar, e demos-lhe primeiro as bombas, que se fazem na terra muito boas de duas peças, que tem estremadas madeiras para ellas; e para navios pequenos ha humas arvores, que a natureza criou furadas por dentro, e servem de bombas nos navios da costa, as quaes são muito boas.

Pois os poleames, se fazem de huma arvore de genipapo, e he muito bom de lavrar, e nunca fende como está sêco, de que se farão de toda a sorte. Ensarcea para as embarcações tem a Bahia em muita abundancia, porque se faz da mesma invira, com que calafetão, antes de se amassar, aberta em febras á mão, a qual se fia tambem como o linho, e he mais duravel, e mais rija, que a de esparto, e tão boa como a do Cairo, e d'esta invira se fazem amarras muito fortes e grossas, e de muita dura; e ha na terra invira em abundancia para se poder fazer muita quantidade de ensarcea, e amarras: e para amarras tem a terra outro remedio das barbas de humas palmeiras brabas, que lhes nascem ao pé de comprimento de quinze, e vinte palmos, de que se fazem amarras mui fortes, e que nunca apodrecem, de que ha muita quantidade pelos matos para se fazerem muitas quando convier, pelo que não falta mais agora para estas armadas, que as véla, para o que ha facilimo remedio, quando o não houver de lonas, e panno de treu, pois em todos os annos se fazem grandes carregações de algodão de que se dá muito na terra, do qual podem fazer grandes teas de panno grosso, e he muito bom para vélas, de muita dura, e muito leves, de que andão veleados os navios, e barcos da costa, e dentro na Bahia trazem muitos barcos vélas de panno de algodão, que se fia na terra, para o que ha muitas tecedeiras, que se occupão em tecer teas de algodão que se gastão em vestidos dos indios, e escravos de Guiné, e outra muita gente branca de trabalho.

CAPITULO CXCII.

Em que se aponta o aparelho, que a Bahia tem para se fazer polvora, e muita picaria, e armas de algodão.

POis temos dito o aparelho, que a Bahia tem para se fortificar, e defender de corsarios, se a forem commeter; saibamos se tem alguns aparelhos naturaes da terra com que

que possa offender seus inimigos, não fallando nos arcos, e flexas do gentio, com o que os escravos de Guiné, mamelucos, e outros muitos homens brabos naturaes da terra sabem pelejar, do que ha tanta quantidade nesta provincia; mas digamos das maravilhosas armas de algodão, que se fazem na Bahia geralmente por todas as cazas dos moradores, as quaes não passão bésta nem flexa nenhuma, do que se os portuguezes querem antes armar, que de casoletes, nem couraças, por que a flexada, que da nestas armas resbala por ella, e faz dano aos companheiros, e deste estofado de algodão armão os portuguezes os corpos, e fazem do mesmo estofado celladas para a cabeça, e muito boas adagas; fazem tambem na Bahia pavezes de rodellas de copaiva, de que fizemos menção, quando fallâmos da natureza d'estas arvores, as quaes rodellas são como as do adargoeiro, e de vantagem por serem mais leves, e estopentas, de que se fazem infinidade dellas grandes, e boas.

Dáo se na Bahia muitas hastes de lanças do comprimento, que quizerem, as quaes são mais pezadas, que as de faia, mas são muito mais fortes, e formozas, e das arvores de que se estas hastes tirão, ha muitas de que se póde fazer muita picaria, e infinidade de dardos de arremeço, que os tupinambas sabem muito bem fazer.

Chegando ao principal, que he a polvora, em todo o mundo senão sabe que haja tão bom aparelho para ella como na Bahia por que tem muitas serras, que não tem outra couza senão salitre, o qual está em pedra alvissima sobre a terra tão fria, que assim péga o fogo delle como de polvora mui refinada, pelo que se póde fazer na Bahia tanta quantidade della, que se possa della trazer tanta para Hespanha, que se guarneção todos os estados de que S. Magestade he rei e senhor, sem esperar, que elle venha de Alemanha, nem de outras partes, donde trazem este salitre, com tanta despeza e trabalho, que se deve fazer muita conta.

CAPITULO CXCIII.

Em que se declara o ferro, aço, e cobre, que tem a Bahia.

BEm por culpa de quem a tem não ha na Bahia muitos engenhos de ferro, pois o ella está mostrando com o dedo em tantas partes, para o que Luiz de Brito levou aparelhos para fazer hum engenho de ferro, por conta de S. Magestade, e officiaes d'este mister, e por que senão fez não serve de nada dizer-se, mas não se deixou de fazer por falta de ribeiras de agua, pois a terra tem tantas e tão capazes para tudo, nem por falta de lenha, e carvão, pois em qualquer parte onde se os engenhos de ferro assentarem ha disto muita abundancia. Tambem na Bahia trinta legoas pela terra dentro ha humas minas descobertas sobre a terra de mais fino aço, que o de Milão, o qual está em pedra sem outra nenhuma mistura de terra nem pedra, e não tem que fazer mais que lavrar-se em vergas para se poder fazer obra com elle, do que ha muita quantidade, por estar perdido sem haver quem ordene de o aproveitar; e d'esta pedra de aço se servem os indios para amolarem as suas ferramentas com ella á mão.

E só sessenta legoas pela terra dentro tem a Bahia huma serra muito grande, e escalvada, que não tem outra couza senão cobre, que está descoberto sobre a terra em pedaços feito em concavidades crespas, que não parece senão que foi já fendido, ou ao menos, que andou fogo por esta serra com que se fez este lavor no cobre, do que ha tanta quantidade, que senão acabará nunca, e nestas serras estiverão por vezes alguns indios tupinambas, e muitos mamelucos, e outros homens, que vinhão do resgate, os quaes trouxerão mostras d'este cobre em pedaços, que se não forão tantas as pessoas, que virão esta serra se não podia crer, senão que o derreterão no caminho de algum pedaço de caldeira, que levavão, mas todos afirmarão estar este cobre daquella maneira descoberto na serra.

CAPITULO CXCIV.

Em que se trata das pedras verdes, e azues, que se achão no certão da Bahia.

DEve-se tambem notar, que se achão tambem no certão da Bahia humas pedras azues escuras, muito duras, e de grande fineza, de que os indios fazem pedras, que metem nos beiços, e fazem-nas muito roliças, e de grande lustro, roçando-as com outras pedras, das quaes se podem fazer peças de muita estima, e grande valor, as quaes se achão muito grandes, e entre ellas ha algumas, que tem humas veas aleonadas, que lhe dão muita graça.

No mesmo certão ha muitas pedreiras de pedras verdes coalhadas, muito rijas, de que tambem o gentio faz pedras para trazerem nos beiços, e compridas, as quaes lavrão como as de cima, com o que ficão muito lustrozas, do que se podem lavrar peças muito ricas, e para se estimarem, entre principes, e grandes senhores, por terem a côr muito formoza, e podem-se tirar da pedreira pedaços de sete, a oito palmos, e estas pedras tem grandes virtudes contra a dôr de colica.

Em muitas partes da Bahia nos concavos, que fazem as invernadas na terra, se achão pedaços de finissimo cristal, e de mistura algumas pontas oitavadas, como diamante, lavradas pela natureza, e tem muita formozura, e resplandor, e não ha dúvida senão, que entrando bem pelo certão d'esta terra ha serras de cristal finissimo, que se parece o resplandor dellas muito longe, e afirmão alguns portuguezes, que as vírão, que parece de longe as serras de Hespanha quando estão cobertas de neve, os quaes, e muitos mamelucos, e indios, que vírão estas serras dizem, que está tambem criado e formozo este cristal em grandeza, que se podem tirar pedaços inteiros de dez, doze palmos de comprido, e de grande largura, e fornimento, do qual cristal póde vir á Hespanha muita quantidade para poderem fazer delle obras mui notaveis.

CAPITULO CXCV.

Em que se declara o nascimento das esmeraldas, e safiras.

EM algumas partes do certão da Bahia, se achão esmeraldas mui limpas, e de honesto tamanho, as quaes nascem dentro em cristal, e como ellas crescem muito, arrebenta o cristal, e os indios quando as achão dentro d'este, põe-lhe o fogo para o fazerem arrebentar, de maneira, que lhe possão tirar as esmeraldas de dentro, com o que ellas perdem a côr, e muita parte do seu lustro, das quaes esmeraldas se servem os indios; mas não as podem lavrar como as pedras ordinarias, que trazem nos beiços, de que já fallâmos, e entende-se que assim como estas esmeraldas, que se achão sobre a terra não finas, que o serão muito, as que se buscarem debaixo della, e de muito preço, por que o que a terra espede de si deve de ser escoria das boas, que ficão debaixo, as quaes senão buscárão atégora por quem lhe fizesse todas as deligencias, nem chegárão a ellas, mais que mamelucos, e indios, que se contentavão de trazerem, as que achavão sobre a terra, e em nenhuma das partes onde se achão estas esmeraldas, que he ao pé de huma serra, onde he de notar muito o seu nascimento, porque ao pé d'esta serra da banda do nascente se achão muitas esmeraldas dentro no cristal solto onde ellas nascem, onde trouxerão huns indios amostras, couza muito para vêr, por que como o cristal he muito transparente, trespassão o cristal com seu resplandor da outra banda, as quaes lhe ficão as pontas da banda de fóra, que parece que as metêrão á mão pelo cristal, e ao pé da mesma serra da banda do poente, se achão outras pedras muito escuras, que tambem nascem no cristal, as quaes mostrão hum roxo côr de purpura muito fino, e tem-se grande presumpção d'estas pedras poderem ser muito finas, e de muita estima; e perto d'esta serra está outra de quem o gentio conta, que cria humas pedras muito vermelhas, pequenas, e de grande resplandor.

Afirmão os indios tupinambas, os tupinaes, tamoios, e tapuias, e os indios, que com elles tratão, que neste certão da Bahia, e no da capitania de S. Vicente, que debaixo da terra se cria huma pedra do tamanho, e redon-

de-

deza de huma bola, a qual arrebenta debaixo da terra, e que dá tamanho estouro como huma espingarda, ao que acodem os indios, e cavão a terra, onde toou este estouro, onde achão aquella bola arrebentada em quartos como romã, e que lhe sahem de dentro muitas pontas cristalinas do tamanho de cerejas, as quaes são de huma banda oitavadas, e lavradas mui sutilmente em ponta como diamante, e da outra banda onde pegavão da bola tinhão huma cabeça tosca, das quaes trouxerão do certão amostra della ao governador Luiz de Brito, que quando as vio teve pensamento, que seriáo diamantes, mas hum diamante de hum anel entrava por ellas, e a casca da bola era de pedra não muito alva, e ruivaça por fóra.

CAPITULO CXCVI.

Em que se declara a muita quantidade de ouro, e prata que ha na comarca da Bahia.

DOs metaes de que o mundo faz mais conta, he o ouro, e prata, fazemos a qui tão pouca, que os guardamos para o remate, e fim d'esta historia, havendo-se de dizer delles primeiro, pois esta terra da Bahia tem delle tanta parte, quanto se póde imaginar, do que póde vir á Hespanha cada anno maiores carregações do que nunca vierão das Indias occidentaes, se S. Magestade for disso servido, o que se póde fazer sem meter nesta empreza muito cabedal de sua fazenda, do que não tratamos miudamente por não haver paraque, nem fazer ao cazo da tenção d'estas lembranças, cujo fundamento he mostrar as grandes qualidades do estado do Brazil, para se haver de fazer muita conta delle, fortificando-lhe os portos principaes, pois tem tanto commodo para isso, como no que toca á Bahia está declarado, o que se devia pôr em effeito com muita instancia, pondo os olhos no perigo em que está de chegar á noticia dos luteranos parte do conteúdo neste trabalho, para fazerem suas armadas, e se hirem povoar esta provincia, onde com pouca gente, que leve bem armada se póde senhorear dos portos principaes, porque não hão de achar nenhuma rezistencia nelles, pois não tem nenhum modo de fortificação, donde os moradores se possão defender, nem offender a quem os quizer entrar, e se Deos o primitir por nossos peccados, que seja isto, acha-

rão

rão todos os commodos, que temos declarados, e muito mais para se fortificarem, porque hão de fazer trabalhar aos moradores nas suas fortificações com as suas pessoas, com seus escravos, barcos, bois, carros, e tudo o mais necessario, e com todos os mantimentos, que tiverem por suas fazendas, o que lhe ha de ser forçado fazer para com isso resgatarem as vidas, e com a força da gente da terra se poderão apoderar, e fortificar de maneira, que não haja poder humano com que se possão tirar do Brazil estes inimigos, donde podem fazer grandes danos a seu salvo em todas as terras maritimas da coroa de Portugal, e Castella, o que Deos não permita, de cuja bondade confiamos, que deixará estar estes inimigos da nossa santa fé catholica com a cegueira, que até-ora tiverão de não chegar á sua noticia o conteúdo neste tratado, para que lhe não facão tantas offensas estes infiéis, como lhe ficarão fazendo se se senhorearem d'esta terra, que Deos deixe crescer em o seu santo serviço, com que o seu santo nome seja exalçado, para que sua Magestade o possa possuir por muitos, e felices annos com grandes contentamentos.

AMEN.

INDICE DOS CAPITULOS

Que contém este livro.

EPistola do autor a D. Christovão de Moura, do conselho de estado. . . . . pag. 1
Declaração, e resolução do que se contem neste caderno. 3
CAPITULO I. Em que se declara quem forão os primeiros descobridores da provincia do Brazil, e como está arrumada. 5
CAP. II. Em que se declara a repartição que fizerão os Reis catholicos de Castella com ElRei D. João II. de Portugal. 7
CAP. III. Em que se declara o principio donde começa a correr a costa do estado do Brazil. 8
CAP. IV. Em que se dão em summa algumas informações, que se tem deste rio das Amazonas. 9
CAP. V. Que declara a costa da ponta do rio das Amazonas até o do Maranhão. 10
CAP. VI. Em que se declara a costa do rio do Maranhão até o rio grande. 12
CAP. VII. Em que se declara a costa do rio grande até o de Tagoarive. . . . . ibid.
CAP. VIII. Em que se declara a costa do rio de Jagoarive até o cabo de S. Roque. 14
CAP. IX. Em que se declara a costa do cabo de S. Roque até o porto do Brazil. 15
CAP. X. Em que se declara a terra e costa do porto dos Buzios até á bahia de Treição, e como João de Barros mandou povoar a sua capitania. 16
CAP. XI. Em que se declara a costa da bahia da Treição até á Paraiba. 17
CAP. XII. Em que se trata de como se tornou a cometer a povoação do rio da Paraiba. 18
CAP. XIII. Que trata da vida e costumes do gentio Pitagoar. 20
CAP. XIV. Em que se declara a costa do rio da Pa-

raiba até Tamaraqua, e quem foi o primeiro capitão. 21
CAP. XV. Que declara a costa do rio de Igarosu até Pernambuco. 22
CAP. XVI. Do tamanho da villa de Olinda, e da grandeza de seu termo, e quem foi o primeiro povoador della. 23
CAP. XVII. Em que se declara a terra e costa, que ha do porto de Olinda, até o cabo de Santo Agostinho. 25
CAP. XVIII. Em que se declara a costa do cabo e rio do Ipojuqua, até o rio de S. Francisco. . . 26
CAP. XIX. Que trata de quem são estes Caites, que forão moradores na costa de Pernambuco. 28
CAP. XX. Que trata da grandeza do rio de S. Francisco e seu nascimento. 30
CAP. XXI. Em que se declara a costa do rio de S. Francisco, até o de Seregipe. 32
CAP. XXII. Em que se declara a costa do rio Seregipe até o rio Real. 34
CAP. XXIII. Que trata do rio Real e de seus merecimentos. . . . . ibid.
CAP. XXIV. Em que se declara a terra que ha do rio Real, até o rio de Tapocuru. 36
CAP. XXV. Em que se declara a terra, que ha do Itapocuru até Tatuapara. 37
CAP. XXVI. Em que se declara a terra, e costa de Tatuapara até o rio do Joanne. 38
CAP. XXVII. Em que se declara a costa do rio de Joanne até á Bahia. 39
CAP. XXVIII. Em que se declara como Francisco Pereira Coutinho foi povoar a Bahia de todos os Santos, e os trabalhos, que nisso teve. 40
CAP. XXIX. Em que se torna a correr a costa, e explicar a terra d'ella da ponta do Padrão até o rio Canami. 42
CAP. XXX. Em que se declara a terra que ha do rio de Camamú até os Ilheos. 43
CAP. XXXI. Em que se contem como se começou de povoar a capitania dos Ilheos por ordem de Jorge de Figueiredo Correa. 45
CAP. XXXII. Em que se declara, quem são os Aimores, e sua vida e costumes. 46
CAP. XXXIII. Em que se declara a costa do rio dos Ilheos,

Ilheos, até o rio Grande. 48
CAP. XXXIV. *Em que se declara a costa do rio Grande até o de Santa Cruz.* 50
CAP. XXXV. *Em que se declara a costa e terra d'ella ao rio de Santa Cruz até o de Porto seguro.* . 51
CAP. XXXVI. *Em que se declara, quem povoou a capitania de Porto seguro.* 52
CAP. XXXVII. *Em que se declara a terra, e costa de Porto seguro, até o rio das Caravelas.* . . . 54
CAP. XXXVIII. *Em que se declara a terra, que ha do rio das Caravelas até Cricare.* 55
CAP. XXXIX. *Em que se declara, quem são os Tupiniquins, e sua vida e costumes.* 56
CAP. XL. *Em que se declara a costa de Cricare até o rio Doce, e do que se descobrio por elle acima, e pelo arrecife.* 57
CAP. XLI. *Em que se declara a costa do rio Doce até o do Espirito Santo.* 59
CAP. XLII. *Em que se declara como el Rei fez mercê da capitania do Espirito Santo a Vasco Fernandes Coutinho, e como a foi povoar em pessoa.* . . . 60
CAP. XLIII. *Em que se vai declarando a costa do Espirito Santo, até o cabo de S. Thomé.* 62
CAP. XLIV. *Em que se trata de como Pedro de Gois foi povoar a sua capitania da Paraiba ou de S. Thomé.* 63
CAP. XLV. *Em que se diz, quem são os Goaizacazes, e de sua vida, e costumes.* 64
CAP. XLVI. *Em que se declara em summa, quem são os Papanazes e seus costumes.* 65
CAP. XLVII. *Em que se torna a dizer, de como corre a costa do cabo de S. Thomé, até o cabo Frio.* 66
CAP. XLVIII. *Em que se explicão os reconcavos do cabo Frio.* 67
CAP. XLIX. *Em que se declara a terra, que ha do cabo Frio até o rio de Janeiro.* 68
CAP. L. *Em que se declara a entrada do rio de Janeiro, e as ilhas, que tem defronte.* 69
CAP. LI. *Em que particularmente se explica a bahia do rio de Janeiro da ponta do pão de assucar para dentro.* . . . . . ibid.
CAP. LII. *Em que se explica a terra da bahia do rio de Janeiro da ponta da cidade para dentro.* . . 71

CAP. LIII. *Que trata de como o governador Mem de Sá foi ao rio de Janeiro.* 73
CAP. LIV. *Que trata, como Mem de Sá foi povoar o rio de Janeiro.* 74
CAP. LV. *Em que se trata de como foi governador do rio de Janeiro Antonio Salema.* 76
CAP. LVI. *Em que se conclue com o rio de Janeiro com a tornada de Salvador Correa.* 77
CAP. LVII. *Em que se declara a costa do rio de Janeiro até S. Vicente.* 78
CAP. LVIII. *Em que se declara, quem he o gentio Tamoyo, de que tanto fallámos.* 79
CAP. LIX. *Em que se declara a barra, e povoações da capitania de S. Vicente.* 80
CAP. LX. *Em que se declara cuja he a capitania de S. Vicente.* 81
CAP. LXI. *Em que se declara a capitania de Santo Amaro, e quem a povoou.* 82
CAP. LXII. *Em que se declara parte da fertilidade da terra de S. Vicente.* 84
CAP. LXIII. *Que trata, de quem são os Goainazes, e de seus costumes.* 85
CAP. LXIV. *Em que se declara a costa do rio de Santo Amaro até á Cananea.* 86
CAP. LXV. *Em que se declara a costa da Cananea até o rio de S. Francisco.* . . . . . ibid.
CAP. LXVI. *Em que se declara a costa do rio de S. Francisco até o de Jumirim ou de Itapocuru.* . . . 87
CAP. LXVII. *Em que se declara a terra, que ha de Itapocuru até o rio dos Patos.* 88
CAP. LXVIII. *Em que se declara parte dos costumes dos Carijos.* 89
CAP. LXIX. *Em que se declara a costa do rio dos Patos até o da Alaguna.* . . . . . ibid.
CAP. LXX. *Em que se declara a costa do porto da Alagoa até o rio de Martim Affonso.* 90
CAP. LXXI. *Em que se declara a costa do rio de Martim Affonso até o porto de S. Pedro.* 91
CAP. LXXII. *Em que se conta, como corre a costa do rio de S. Pedro até o cabo de Santa Maria.* . 92
CAP. LXXIII. *Em que se declara a costa do cabo de Santa Maria até ao rio da Prata.* 93
CAP. LXXIV. *Em que se declara a terra e costa da*

ponta do rio da Prata da banda do sul até além da bahia de S. Mathias. 94
Memorial e declaração, das grandezas da Bahia de todos os Santos, de sua fertilidade, e das notaveis partes que tem. 95

SEGUNDA PARTE.

CAPITULO I. . . . . ibid.
CAP. II. *Em que se contem, quem foi Thomé de Souza, e de suas qualidades.* 96
CAP. III. *Em que se declara, como se edificou a cidade do Salvador.* 97
CAP. IV. *Em que se contem, como elRei mandou outra armada em favor de Thomé de Souza.* 98
CAP. V. *Em que se trata, como D. Duarte da Costa foi governar o Brazil.* 99
CAP. VI. *Em que se declara o clima da Bahia, como cursão os ventos na sua costa, e correm as aguas nas monções.* 101
CAP. VII. *Em que se declara o sitio da cidade do Salvador.* 102
CAP. VIII. *Em que se declara o sitio da cidade, da sé por diante.* 103
CAP. IX. *Em que se declara, como corre a cidade do Salvador da sé por diante.* 104
CAP. X. *Em que se declara, o como corre a cidade por este rumo até o cabo.* 105
CAP. XI. *Em que se declara, como corre a cidade da banda da praça para a banda do sul.* 106
CAP. XII. *Em que se declarão outras partes, que a cidade tem para se notar.* . . . . . ibid.
CAP. XIII. *Em que se declara, o como se tratão os moradores do Salvador, e algumas qualidades suas.* 107
CAP. XIV. *Que trata, de como se pode defender a Bahia com mais facilidade.* 108
CAP. XV. *Em que se declarão as grandes qualidades, que tem a Bahia de todos os Santos.* 109
CAP. XVI. *Em que se declarão as barras, que tem a Bahia de todos os Santos, e como está arrumada a ilha de Taparica, entre huma barra, e a outra.* . 110
CAP. XVII. *Em que se declara, como se navega pela barra de Santo Antonio para entrar na Bahia.* 111

CA-

CAP. XVIII. *Em que se declara o tamanho do mar da Bahia, em que podem andar nãos á vella, e de algumas ilhas.* 112
CAP. XIX. *Em que se declara a terra da Bahia da cidade, até á ponta de Tapagipe, e suas ilhas.* . 113
CAP. XX. *Em que se declarão os engenhos de assucar, que há neste rio de Paraião.* 114
CAP. XXI. *Em que se declara a terra e sitio das fazendas, que ha da barra de Paraião até o rio de Matoim.* 115
CAP. XXII. *Em que se declara o tamanho do rio de Matoim e os engenhos, que tem.* 116
CAP. XXIII. *Em que se declara a feição da terra da boca de Matoim, até o esteiro de Metaripe, e os engenhos, que tem em si.* 117
CAP. XXIV. *Em que se declara o sitio da terra da boca do esteiro de Mataripe até á ponta de Mairape, e dos engenhos que em si tem.* 119
CAP. XXV. *Em que se declara o rio de Serigipe, e terra delle á boca do Paragoaçu.* 120
CAP. XXVI. *Em que se declara a grandeza do rio Paragoaçu, e os seus engenhos na terra d'elRei.* . . 122
CAP. XXVII. *Em que se declara a terra do rio de Paragoaçu, tocante á capitania de D. Alvaro.* . 124
CAP. XXVIII. *Em que se declara, o como corre a terra do rio de Paragoaçu ao longo do mar da Bahia, até á boca de Jagoaripe, e por este rio acima.* 125
CAP. XXIX. *Em que se explica o tamanho, e formosura do rio Irayaba, e seus reconcavos.* 126
CAP. XXX. *Em que se declara a terra, que ha da boca da barra de Jagoaripe, até Juquirijape, e dahi até o rio de Una.* 128
CAP. XXXI. *Em que se explica a terra do rio Una até Tinhare, e da ilha de Japarica com outras ilhas.* 129
CAP. XXXII. *Em que se contem quantas igrejas, e engenhos, e embarcações tem a Bahia.* 131
CAP. XXXIII. *Em que se começa a tratar a fertilidade da Bahia, e como se nella dá o gado da Hespanha.* 132
CAP. XXXIV. *Em que se declara as arvores de Hespanha, que se dão na Bahia, e como se crião nella.* 134
CAP. XXXV. *Em que se contão dos outros frutos estrangei-*

geiros, *que se dão na Bahia.* 138
CAP. XXXVI. *Em que se diz das sementes de Hespanha, que se dão na Bahia, e como se procede com ellas.* 139
CAP. XXXVII. *Em que se declara, que couza he mandioca.* 141
CAP. XXXVIII. *Em que trata das raizes da mandioca, e do paraque servem.* 143
CAP. XXXIX. *Em que se declara, quão terrivel he a agua da mandioca.* 144
CAP. XL. *Que trata da farinha fresca, que se faz da mandioca.* 145
CAP. XLI. *Que trata do muito, para que prestão as raizes do carimá.* 146
CAP. XLII. *Em que se declara, que couza he farinha de guerra, como se faz da carimá, e outras couzas.* 147
CAP. XLIII. *Em que se declara a qualidade dos aipinis.* 148
CAP. XLIV. *Em que se apontão alguns mantimentos de raizes, que se crião debaixo da terra na Bahia.* 149
CAP. XLV. *Em que se contem o milho, que se dá na Bahia, e o para que serve.* 151
CAP. XLVI. *Em que se apontão os legumes, que se dão na Bahia.* 152
CAP. XLVII. *Em que se declara a natureza dos amendões, e o para que serve.* 153
CAP. XLVIII. *Em que se declara, quantas castas de pimenta ha na Bahia.* 154
CAP. XLIX. *Em que se trata das arvores, e suas qualidades.* 155
CAP. L. *Em que se declara a natureza das pocobeiras, e bananeiras.* 157
CAP. LI. *Em que se diz, que fruto he o que chamão mamões, e sacarateas.* 159
CAP. LII. *Em que se diz de algumas arvores de fruto, que se dão na visinhança do mar da Bahia.* . 160
CAP. LIII. *Que trata da arvore dos embus, que se dá pelo certão da Bahia.* 163
CAP. LIV. *Em que se diz de algumas arvores de fruto afastadas do mar.* 164
CAP. LV. *Em que se contem muitas castas de palmeiras, que dão fruto pela terra da Bahia no certão, e algumas junto do mar.* 167

CA-

CAP. LVI. *Em que se declarão as hervas, que dão fruto na Bahia, que não são arvores.* 169
CAP. LVII. *Em que se declara a propriedade dos ananazes tão nomeados.* 170
CAP. LVIII. *Em que se trata das arvores, e hervas de virtude, que ha na Bahia.* 172
CAP. LIX. *Em que trata da virtude da embaiba, e caraobacu, e carobamerim.* 173
CAP. LX. *Que trata da arvore da almecega, e de outras arvores de virtude.* 174
CAP. LXI. *Em que se relata as qualidades das hervas de virtudes, que se crião na Bahia.* 176
CAP. LXII. *Em que se declara o modo, como se cria o algodão, e de sua virtude, e de outras hervas, que fazem arvore.* 176
CAP. LXIII. *Em que se declara a virtude de outras hervas menores.* 180
CAP. LXIV. *Que trata de vinhatico, e sedro, e arvores, raizes, e para o que servem.* 182
CAP. LXV. *Que trata das qualidades do pequihi, e de outras madeiras reaes.* 183
CAP. LXVI. *Em que se acaba de concluir a informação das arvores reaes, que se crião na Bahia.* . 184
CAP. LXVII. *Em que se trata das madeiras meãs.* . 186
CAP. LXVIII. *Que trata das arvores, que dão a envira de que se fazem cordas, e estopa para calafetar navios.* 187
CAP. LXIX. *Que trata de algumas arvores muito duras.* 188
CAP. LXX. *Que trata das arvores, que se dão ao longo do mar.* 189
CAP. LXXI. *Em que se trata de algumas arvores moles.* 190
CAP. LXXII. *Em que se apontão algumas arvores de cheiro.* 191
CAP. LXXIII. *Em que se trata de arvores de que se fazem remos, e hastes de lanças.* 192
CAP. LXXIV. *Em que se trata de algumas arvores, que tem ruim cheiro.* 193
CAP. LXXV. *Em que se apontão algumas arvores, que dão frutos silvestres, que se não comem.* . . 194
CAP. LXXVI. *Que trata dos cipós, e para o que servem.* 195

CA-

CAP. LXXVII. *Que trata de algumas folhas proveitosas, que se crião no mato.* 196
Summario das aves, que se crião na terra da Bahia de todos os santos do estado do Brazil. 197
CAP. LXXVIII. . . . . ibid.
CAP. LXXIX. *Em que se declara a propriedade do macucagea, motum, e das gallinhas do mato.* . . . 198
CAP. LXXX. *Em que se declara a natureza dos caninde, araras, tucanos.* 199
CAP. LXXXI. *Em que se diz das aves, que se crião nos rios, e lagôas da agua doce.* 200
CAP. LXXXII. *Das aves, que se parecem com perdizes, rolas, e pombas.* 201
CAP. LXXXIII. *Em que se relata a diversidade de papagaios que ha.* 202
CAP. LXXXIV. *Em que se conta a natureza de algumas aves da agua salgada.* 203
CAP. LXXXV. *Em que trata de algumas aves de rapina, que se crião na Bahia.* 204
CAP. LXXXVI. *Em que se contem a natureza de algumas aves noturnas.* 206
CAP. LXXXVII. *Em que se declara de alguns passaros de diversas cores, e costumes.* 207
CAP. LXXXVIII. *Em que se trata de alguns passarinhos, que cantão.* 208
CAP. LXXXIX. *Em que trata de outros passaros diversos.* 209
CAP. XC. *Que trata de alguns bichos menores, que tem azas, e tem alguma semelhança de aves.* . . . 210
CAP. XCI. *Em que conta a propriedade das abelhas da Bahia.* 211
CAP. XCII. *Que trata das vespas, e moscas.* 213
CAP. XCIII. *Que trata dos mosquitos, grillos, bizouros, broca, que ha na Bahia.* 214
CAP. XCIV. *Em que se declara a natureza das antas do Brazil, e das alimarias, que se crião na Bahia, e da condição, e natureza dellas.* 215
CAP. XCV. *Em que se trata de huma alimaria, que se chama jaguarete.* 216
CAP. XCVI. *Que trata de outra casta de tigres, e alimarias daninhas.* 217
CAP. XCVII. *Em que se declarão as castas dos veados, que esta terra cria.* 218

CAP. XCVIII. *Em que se trata de algumas alimarias, que se mantem de rapina.* 219
CAP. XCIX. *Que trata da natureza, e estranheza do jaguarecaqua.* 220
CAP. C. *Em que se declara a natureza dos porcos do mato, que ha na Bahia.* 221
CAP. CI. *Dos porcos, e outros bichos, que se crião na agua doce.* 222
CAP. CII. *De huns animaes, a que chamão jatuasu.* 223
CAP. CIII. *Em que se relata a propriedade dos paquás, e cotias.* 224
CAP. CIV. *Que trata das castas dos bogios e suas condições.* 225
CAP. CV. *Que trata da diversidade dos ratos, que se comem, e coelhos, e outros ratos de caça.* . . . 226
CAP. CVI. *Que trata dos cágados da Bahia.* 227
CAP. CVII. *Em que se declara, que bicho he o que se chama preguiça.* 228
CAP. CVIII. *Que trata de outros animaes diversos.* 229
CAP. CIX. *Em que se declara a qualidade das cobras, lagartos, e outros bichos.* 230
CAP. CX. *Que trata de algumas cobras grandes, que se crião nos rios da Bahia.* 231
CAP. CXI. *Que trata das cobras de coral, e das geraças.* 232
CAP. CXII. *Em que se declara, que cobras são as de cascavel, e as dos formigueiros, e as que chamão boiopoitia.* 233
CAP. CXIII. *Em que se declara a natureza de cobras diversas.* 234
CAP. CXIV. *Que trata dos lagartos, e dos camelliões.* 235
CAP. CXV. *Que trata da diversidade das rãs, e sapos, que ha no Brazil.* 236
CAP. CXVI. *Que trata das lagartas, que se crião na Bahia.* 238
CAP. CXVII. *Que trata das lucernas, e de outro bicho estranho.* 239
CAP. CXVIII. *Que trata da diversidade, e estranheza das aranhas, e dos lacráos.* 240
CAP. CXIX. *Que trata das formigas, que mais damno fazem, que se chamão usaubao.* 241
CAP. CXX. *Em que se trata da natureza das formigas de passagem.* 242

CA-

CAP. CXXI. *Que trata da natureza das de certas formigas grandes.* 243
CAP. CXXII. *Que trata de diversas castas de formigas.* 244
CAP. CXXIII. *Em que se trata, que couza he o copi, que ha na Bahia, e dos carrapatos.* . . . 245
CAP. CXXIV. *Que trata das pulgas, e piolhos, e dos bichos, que se crião nos pés.* 246
CAP. CXXV. *Que trata das balêas, que entrão na Bahia.* 247
CAP. CXXVI. *Que trata do espadarte, e de outro peixe não conhecido, que deu á costa.* 248
CAP. CXXVII. *Que trata dos homens marinhos.* . . 249
CAP. CXXVIII. *Que trata do peixe serra, tubarões, tuninhas, e lixas.* 250
CAP. CXXIX. *Que trata da propriedade do peixe boi.* 251
CAP. CXXX. *Que trata dos peixes pezados e grandes.* 252
CAP. CXXXI. *Que trata das propriedades dos meros, cavallas, pescadas, e carcos.* 253
CAP. CXXXII. *Em que se trata dos peixes de couro, que ha na Bahia.* 254
CAP. CXXXIII. *Que trata da natureza das albocoras, bonitos, douradas, curvinas, e outros.* . . . 255
CAP. CXXXIV. *Em que se contem diversas castas de peixes, que se tomão em redes.* 257
CAP. CXXXV. *Que trata de algumas castas de peixe medicinal.* 258
CAP. CXXXVI. *Que trata de natu, e de alguns peixes, que se crião na lama, e andão sempre no fundo.* 259
CAP. CXXXVII. *Que trata da qualidade de alguns peixinhos, e dos comarões.* 260
CAP. CXXXVIII. *Que trata da natureza dos lagostins, e usas.* 261
CAP. CXXXIX. *Que trata de diversas castas de caranguejos.* 262
CAP. CXL. *Que trata das qualidades das ostras, que ha na Bahia.* 263
CAP. CXLI. *Que trata de outros mariscos, que ha na Bahia.* 264
CAP. CXLII. *Que trata da diversidade de buzios, que se crião na Bahia.* 265
CAP. CXLIII. *Em que contem algumas estranhezas, que o mar cria na Bahia.* 267
CAP. CXLIV. *Que trata da natureza, e feições do*

peixe de agua doce. 268
CAP. CXLV. *Que trata do marisco, que se cria na agua doce.* 269
CAP. CXLVI. *Em que se declara a natureza dos caranguejos do mato.* 271
CAP. CXLVII. *Que trata de quaes forão os primeiros povoadores da Bahia.* 272
CAP. CXLVIII. *Em que se declara a proporção, e feição do tupinambas, e como se dividirão logo.* . 273
CAP. CXLIX. *Que trata como se dividirão os tupinambas, e se passárão á ilha de Taparica, e della a Jaguaripe.* 274
CAP. CL. *Em que se declara o modo da lingoagem dos tupinambas.* 275
CAP. CLI. *Em que trata do citio, e arrumação das aldeas, e as qualidades dos principaes dellas.* . . 276
CAP. CLII. *Que trata da maneira dos cazamentos dos tupinambas, e seus amores.* 277
CAP. CLIII. *Que trata dos infeites deste gentio.* . . 278
CAP. CLIV. *Que trata da criação, que os tupinambas dão aos filhos, e o que fazem quando lhes nascem.* 279
CAP. CLV. *Em que se declara o comque os tupinambas se fazem bizarros.* 280
CAP. CLVI. *Que trata da luxuria d'estes barbaros.* . 281
CAP. CLVII. *Que trata das ceremonias, que uzão os tupinambas nos seus parentescos.* 283
CAP. CLVIII. *Que trata do modo de comer, e do beber dos tupinambas.* 284
CAP. CLIX. *Em que se declara o modo da grangearia dos tupinambas, e de suas habilidades.* . . . 285
CAP. CLX. *Que trata de algumas habilidades, e costumes dos tupinambas.* 287
CAP. CLXI. *Que trata dos feiticeiros, e dos que comem terra para se matarem.* 288
CAP. CLXII. *Que trata das saudades dos tupinambas, e como chorão, e cantão.* 289
CAP. CLXIII. *Que trata como os tupinambas agazalhão os hospedes.* 290
CAP. CLXIV. *Que trata do uzo, que os tupinambas tem em seus concelhos, e das ceremonias, que nestes uzão.* 291
CAP. CLXV. *Que trata de como se este gentio cura em suas enfermidades.* 292

CA-

CAP. CLXVI. *Que trata do grande conhecimento, que os tupinambas tem da terra.* 293
CAP. CLXVII. *Que trata como os tupinambas se apercebem para hirem á guerra.* 294
CAP. CLXVIII. *Que trata de como os tupinambas dão a seus contrarios.* 295
CAP. CLXIX. *De como os contrarios dos tupinambas dão sobre elle, quando se recolhem.* 296
CAP. CLXX. *Em que se declara, como os tupinambas, que matou o contrario tomão logo nome, e as ceremonias, que nisto fazem.* 298
CAP. CLXXI. *Que trata do tratamento, que os tupinambas fazem, aos que cativão, e a mulher, que lhe dão.* 299
CAP. CLXXII. *Que trata da festa, e apparato, que os tupinambas fazem para matarem em terreiro a seus contrarios.* 300
CAP. CLXXIII. *Que trata, de como se enfeita, e apparata o matador.* 301
CAP. CLXXIV. *Em que se declara, o que os tupinambas fazem do contrario, que matárão.* . . . 302
CAP. CLXXV. *Que trata das ceremonias, que os tupinambas fazem quando morre algum, e como o enterrão.* 303
CAP. CLXXVI. *Que trata do sucessor ao principal, que morreo, e das ceremonias, que faz sua mulher, e as que se fazem por morte della tambem.* . . . 304
CAP. CLXXVII. *Que trata, de como entre os tupinambas ha muitos mamelucos, que descendem dos francezes, e de hum indio, que se achou muito alvo.* . 306
CAP. CLXXVIII. *Que trata da vida, e costumes dos tupinaes, de quem são os tupinaes, e outras castas de gentio da Bahia, que vive pela terra dentro de seu certão, dos quaes diremos o que podemos alcançar delles: começando logo nos tupinaes.* 307
CAP. CLXXIX. *Que trata de alguns costumes, e trages dos tupinaes.* 308
CAP. CLXXX. *Em que se declara, quem são os aimores, e onde vivem.* 309
CAP. CLXXXI. *Que trata da vida, e costumes dos amoipiras.* 310
CAP. CLXXXII. *Que trata brevemente da vivenda dos ubirajaras, e seus costumes.* 311

CA-

CAP. CLXXXIII. *Que trata da terra, que os Tapuias possuirão, e possuem hoje em dia.* 312
CAP. CLXXXIV. *Que trata de quem são os tapuias, que são os maraquas.* 313
CAP. CLXXXV. *Em que se declara o citio em que vivem outros tapuias, e da parte de seus costumes.* 315
CAP. CLXXXVI. *Em que se declarão alguns costumes dos tapuias d'estas partes.* 316
CAP. CLXXXVII. *Em que se declara a pedra, que tem a Bahia para se fortificar.* 317
CAP. CLXXXVIII. *Em que se declara o commodo, que tem a Bahia para se poder fazer muita cal como se faz.* 318
CAP. CLXXXIX. *Em que se declara os grandes aparelhos, que a Bahia tem para se nella fazerem grandes armadas.* 319
CAP. CXC. *Em que se apontão os mais apareihos, que ha para se fazerem estas armadas.* 320
CAP. CXCI. *Em que se apontão os mais aparelhos, que faltão para as embarcações.* 321
CAP. CXCII. *Em que se aponta o apareiho, que a Bahia tem para se fazer polvora, e muita picaria, e armas de algodão.* 322
CAP. CXCIII. *Em que se declara o ferro, aço, e cobre, que tem a Bahia.* 324
CAP. CXCIV. *Em que se trata das pedras verdes, e azues, que se achão no certão da Bahia.* 325
CAP. CXCV. *Em que se declara o nascimento das esmeraldas, e safiras.* 326
CAP. CXCVI. *Em que se declara a muita quantidade de ouro, e prata que ha na comarca da Bahia.* 327